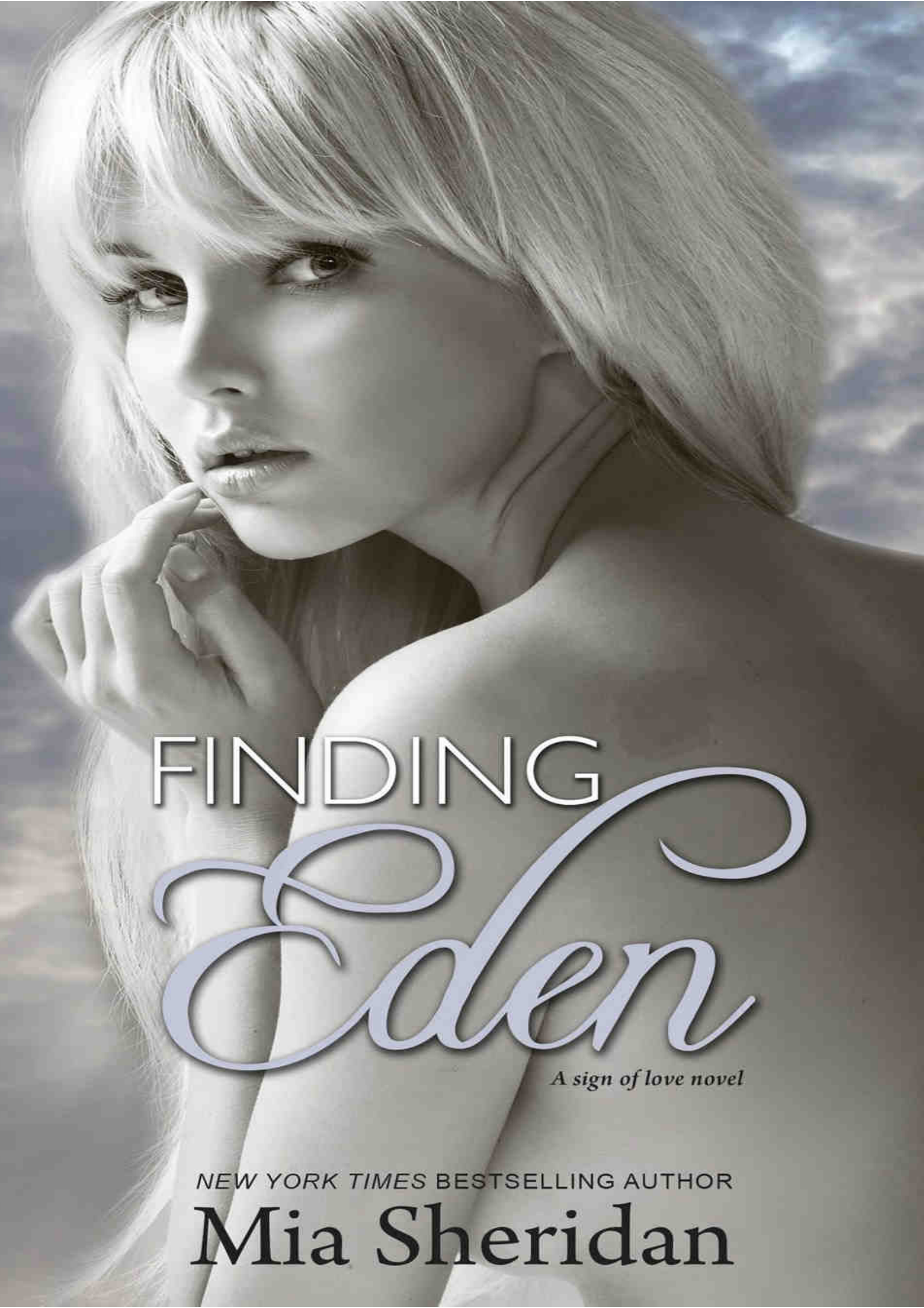
FINDING
Eden
A sign of love novel
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
Mia Sheridan

*Finding Eden*

*A Sign of Love Novel*

*Mia Sheridan*

Dedicatória

Este livro é dedicado a Joanna, que foi a primeira a me ensinar sobre a misericórdia e a compaixão.



*A lenda de Aquário*

*A lenda grega conta a história de Ganymede, excepcionalmente belo e o jovem rapaz de Troy. Ele foi descoberto por Zeus, que imediatamente decidiu que daria um perfeito copeiro. Zeus, disfarçado como uma águia, raptou-o ainda jovem e levou-o para a casa dos deuses para servir como seu escravo.*

*Eventualmente, Ganymede teve o bastante, e em um ato de rebeldia, ele derramou todo o vinho, ambrosia e água dos deuses, recusando-se a continuar copeiro de Zeus por mais tempo. Toda a água caiu para a Terra, causando chuvas que inundaram dias e dias, o que criou uma inundação enorme que deixou todo o mundo submerso.*

*Com o tempo, Ganymede foi glorificado como Aquarius, Deus da Chuva e colocado entre as estrelas.*

# *PRÓLOGO*

*"Prometo que farei tudo o que você pedir. Mas se aproxime. Vamos dar-nos ao sofrimento, mesmo que brevemente, nos braços um do outro."*

*Homero, A Ilíada*

**Eden**

Acordei debaixo de cobertores pesados, abrindo meus olhos, quando olhei o quarto ao meu redor. Não me movi, só ouvia, tentando entender onde eu estava. Foi então que ouvi passos andando na minha direção e o homem mais velho, o joalheiro, apareceu, de pé do meu lado. Tudo voltou... Quebrando o vaso, pagando por isso com o medalhão, o abrigo, desmaio. Pisquei para ele, meu instinto de luta ou fuga retrocedendo em mim, enquanto meus olhos corriam ao redor do quarto.

— Está tudo bem, você desmaiou. Meu motorista me ajudou a colocá-la no carro. Você está em minha residência urbana.

Sentei-me, puxando as cobertas até o meu peito. Eu ainda tinha todas as minhas roupas, mas alguém tinha retirado os sapatos.

Abri minha boca para dizer algo, mas não tinha certeza exatamente o quê, quando a porta se abriu novamente e uma mulher entrou com uma bandeja nas mãos.

*Comida*. Meu estômago embrulhou e imediatamente comecei a salivar com o cheiro flutuando do que quer que fosse vindo em minha direção.

A mulher colocou a bandeja sobre meu colo e eu olhei para ela com avidez - algum tipo de sopa e vários pães com pouco de manteiga derretendo em cima. Meu corpo assumiu. Eu iria sair daqui depois de comer. Eu tinha que comer. Nesse momento, a fome me dominou e era demais para resistir. Não me importava onde estava, ou por que ou com quem. A comida era a única coisa que importava. Peguei a colher com as mãos trêmulas e comecei comer, olhando

para o joalheiro e a mulher com um uniforme de empregada que simplesmente ficou ao seu lado. Ambos me olhavam com olhos tristes e curiosos.

A mulher deu um passo em minha direção. — Devagar, pequena. Você não come há algum tempo. Vai passar mal se comer muito rápido. Obrigue-se a diminuir o ritmo — Então ela colocou uma mão nas minhas costas e moveu em círculos lentos, enquanto eu desacelerei o movimento da colher de sopa para minha boca. Por vários minutos, o único som na sala era o eu mergulhando a colher na boca de forma não feminina e a minha própria mastigação soando quando peguei cada pão e comi em três mordidas cada. Os círculos suaves da mulher nas minhas costas nunca pararam, acalmando-me, lembrando-me de comer tão lentamente quanto poderia. Algumas vezes parecia que a comida iria voltar, mas isso não aconteceu e quando eu estava acabando, peguei o guardanapo e limpei minhas mãos e rosto, em seguida, coloquei-o para baixo, com vergonha de olhar para eles. Minha dignidade escorreu de volta, agora que a minha fome tinha sido satisfeita.

— Bem, assim é melhor — Disse a mulher, e olhei para seu rosto simpático. Parecia tanto tempo desde que alguém foi gentil comigo. Lágrimas encheram meus olhos, mas desviei o olhar antes que eles pudessem ver meu rosto. Ela tirou sua mão de cima de mim, levantou a bandeja, inclinou-se para o homem e disse algo baixinho e depois saiu do quarto.

Passei minhas pernas para o lado da cama, mas o homem colocou a mão no meu ombro e disse: — Por favor, você é bem-vinda para ficar aqui esta noite. Há um banheiro ali — Ele inclinou a cabeça para a esquerda e eu olhei para a porta fechada que ele estava indicando. — E este quarto não é usado por mais ninguém. Por favor, fique. É o mínimo que posso fazer depois de... Hoje.

Lambi meus lábios ressecados, olhei ao redor, tentando decidir o que fazer. Eu queria desesperadamente ficar aqui neste lugar quente onde poderia dormir em uma cama de verdade, mas não entendia por que esse homem tinha me levado.

— Eu quebrei uma coisa de sua propriedade hoje — Eu finalmente disse.

Ele franziu os lábios. — Sim, e você pagou por ela. E isso poderia ter sido tratado de forma diferente. Sinto muito por não intervir.

Não sabia o que dizer sobre isso e então permaneci em silêncio, olhando para ele.

— Por favor. Deixe-me abrigá-la esta noite. Nós podemos fazer outro... Arranjo amanhã. Sim?

Olhei para baixo, mexendo com as minhas mãos no colo. Era dizer sim ou voltar para a rua fria. Mas não sabia o que seria seu “arranjo” e isso me preocupava. Balancei a cabeça e quando olhei para ele, ele parecia satisfeito.

— Bom. Tome um banho. Durma um pouco. Vejo você pela manhã — E com isso, ele se virou e saiu rapidamente do quarto.

Depois que ele saiu, corri até a porta e tranquei-a. Inclinando-me contra a porta, levei um tempo para realmente olhar o quarto pela primeira vez. Era lindo. Havia uma espécie de tecido floral nas paredes e caminhei até uma e passei a mão sobre a superfície macia, levemente texturizada. Tentei reunir um pouco de gratidão pelo ambiente encantador, mas só havia dormente observância. Virei-me e olhei para a cama novamente. A luxuosa cama de seda e veludo era rica em vários tons de creme e lilás. Convidativa. Caminhei de volta para ela, a chamada para dormir era muito grande para resistir, agora que minha barriga estava cheia. Eu tomaria banho pela manhã.

Subi de volta entre os lençóis, ainda totalmente vestida. O sono me tomou sob sua asa escura, me arrasando em abençoado esquecimento.

Sonhei com glórias da manhã, *sonhei com ele, meu amor*, imagens distorcidas que giravam e a água arrastava uma onda tão grande que eu estava sendo esmagada para baixo. Não havia ar em meu pulmão suficiente para eu chamar o seu nome, para sussurrar as palavras que eu precisava que ele soubesse no final - que o amava, que sempre o amaria, que ele era a minha força e a minha fraqueza, minha infinita alegria e minha maior tristeza.

Acordei chorando, sem fôlego, mas em silêncio.

Eu fui para o banheiro e tirei minha roupa melancolicamente e fiquei na frente do espelho, por um momento, correndo a mão sobre minha barriga lisa e voltando a engolir um soluço. Dei um passo sob o jato quente e inclinei a cabeça para trás, molhando meu cabelo. Baixei a cabeça para a frente e soltei o que eu tinha mantido com tanta força no meu interior na semana passada. Afundei até o chão do chuveiro, me encostei contra a parede e finalmente me permiti chorar com o som da água corrente disfarçando meus gritos.



Saí para um grande corredor, de banho tomado, vestida e aliviada de uma pequena parte do peso da minha tristeza, pelo menos naquele momento.

Os sons de barulho de pratos chamaram a minha atenção e eu olhei para uma grande cozinha, onde o joalheiro estava sentado na frente de um prato de comida com uma revista aberta sobre a mesa ao lado dele.

— Bom dia — Ele disse, levantando-se. — Você parece revigorada. Dormiu bem?

Balancei a cabeça. — Sim, muito obrigada — Olhei para a comida em cima da mesa - um prato de bacon e ovos e um prato de frutas.

O joalheiro seguiu os meus olhos e acenou para mim. — Por favor, sente-se. Coma. Podemos discutir o arranjo que mencionei ontem à noite.

Balancei a cabeça, mordendo o lábio, e me sentei à mesa enquanto ele colocou os alimentos no prato e depois à minha frente.

Dei algumas mordidas antes de olhar para cima e reunir minha decisão. Eu queria ficar aqui. O homem era bom ou assim parecia. Mas, eu não tinha certeza o que o seu "arranjo" incluía, e acho que não seria possível para mim - não conseguia entender isso. Não depois do que eu tinha passado. Gostaria de voltar para a rua - poderia morrer lá - mas a morte não me assustava, não mais.

*Estarei esperando por você, na nascente. Venha me encontrar, estarei lá.*

Limpei a garganta. — Não posso aceitar o arranjo que você propõe — Eu disse, abaixando os olhos.

Ele franziu a testa com sua xícara de café parada no meio do caminho para sua boca. Ele inclinou a cabeça. — Não propus nada ainda.

O calor subiu em meu pescoço e olhei para baixo. — Eu entendo o que você quer — Eu disse suavemente.

O joalheiro me observou por um minuto e, em seguida, baixou a xícara de café, fazendo com que chacoalhasse de volta no pires. Eu o olhei quando ele olhou para mim, parecendo... Com raiva? Triste? Não tinha certeza. — Isso não é o que eu quero.

Olhei para ele em confusão. — Você disse que tinha um arranjo que poderíamos discutir.

Ele respirou fundo e olhou para mim por alguns instantes. — Primeiro de tudo, eu não acho que nós já nos conhecemos corretamente. Meu nome é Felix Grant. Por favor, me chame de Felix. Sim?

Balancei a cabeça, esperando que ele continuasse.

— Ok, bom. Agora, qual é o seu nome?

— Eden — Eu disse suavemente.

— E o seu sobrenome?

Olhei para baixo e limpei minha garganta. — Eu não sei.

— Você não sabe o seu sobrenome? — Ele perguntou incrédulo.

Assenti. — Não, sei que já tive uma vez, mas depois que minha família morreu e fui morar com outra pessoa, e... Não me lembro.

Ele ficou em silêncio por alguns minutos. — Como isso é possível? Como você foi para a escola sem um sobrenome?

— Eu nunca fui para a escola — Eu disse baixinho, mais cor subindo no meu rosto.

— Quantos anos você tem?

— Tenho dezoito anos — Eu disse. Felix olhou para mim como se não acreditasse em mim.

Mais silêncio e, em seguida: — Eden, eu preciso chamar a polícia? O que aconteceu com você?

Meus olhos voaram para os seus com a palavra *polícia*. — Não, por favor, não. Eu... Ninguém está me procurando. Não sou fugitiva, nem nada. Eu só... Não tenho mais ninguém. Eles estão todos... Já se foram. Por favor, sem polícia — Minha voz se quebrou na última palavra e eu olhei para ele suplicante, pronta para correr se ele fosse para o telefone.

Felix me olhou pensativo por vários minutos antes que finalmente dissesse: — O que você sabe fazer, Eden? Você cozinha? Limpa?

Eu neguei com a minha cabeça. — Eu não tinha permissão para fazer nada disso. Sei tocar piano — Eu disse, esperançosa. Era praticamente a única coisa que poderia fazer.

Felix ergueu as sobrancelhas. — É isso mesmo? Bem, acontece que tenho uma neta que tem me pedido aulas de piano. Você é boa o suficiente para ensiná-la?

Balancei a cabeça lentamente. — Sim. Sim, eu poderia ensinar piano.

Felix assentiu. — Ok, então. Este é o arranjo que proponho - você está contratada. Pensão completa está incluída em seu salário. E seu trabalho não inclui nada mais do que ensinar piano a minha neta, Sophia. Está claro, Eden?

Eu concordei com a cabeça, sentindo algo como um pouco de esperança. Eu ia ficar segura, quente e alimentada. Poderia pelo menos ter isso.

— Bom. Então isso está resolvido. Estou supondo que por causa dos acontecimentos da noite passada que não tem nada além do que está com você?

Sacudi a minha cabeça, olhando para as roupas que pendiam no meu corpo. — Eu sinto muito. Uma vez que trabalhar um pouco, serei capaz de pagar por algumas roupas diferentes... Aquelas que pareçam mais bonitas... — Eu parei envergonhada, mas Felix acenou com a mão no ar.

— Vou adiantar um dinheiro para roupas novas. Marissa e você vão sair hoje e comprar algumas coisas. Você conheceu Marissa na noite passada.

Eu concordei e depois estudei Felix por um minuto. Ele era velho, provavelmente na casa dos sessenta, eu achava, mas ainda era um homem de boa aparência, com olhos azuis brilhantes e uma cabeça cheia de cabelos grisalhos. — Felix, eu não entendo. Porque você está fazendo isso por mim? — Finalmente perguntei a ele.

Ele olhou para mim e depois para vários frascos de comprimidos que eu não tinha notado antes que estavam colocados ao lado da mesa. Ele pegou um frasco na mão e tirou a tampa, jogando uma pílula para trás antes de me responder. Não pude deixar de notar que suas mãos tremiam. Ele estava doente? — Porque fiz a escolha errada ontem, quando vi o que aconteceu em minha loja — Ele ficou pensativo por um minuto. — Quando a vi de novo na rua deixando a fila do abrigo, vi isso como uma segunda chance para fazer a coisa certa. Fiz a escolha errada uma vez, também, Eden, e nunca tive uma segunda chance para corrigir isso. Isso faz sentido?

— Acho que sim — Eu disse calmamente.

Ele acenou com a cabeça. — Ok, bom, então está resolvido. Você tem um lugar para ficar e eu tenho uma nova professora de piano. Falando nisso, vou ter que mandar afiná-lo. Ele não foi tocado há anos — Tristeza apareceu em seus olhos por um breve segundo e depois desapareceu, enquanto se levantava. — E você, descanse hoje. Amanhã, vai conhecer Sophia. Marissa está aqui o dia todo, se precisar de alguma coisa.

Eu assenti enquanto ele passava por mim. — Obrigada — Disse suavemente, gratidão e alívio enchendo meu peito e me fazendo sugar uma respiração. Seus passos desaceleraram enquanto passava pela minha cadeira, mas ele não disse nada e, alguns minutos depois ouvi uma porta se fechar no final do corredor.

Passei a manhã no meu quarto novo, lendo os livros que encontrei na mesa de cabeceira com a fuga que eles trouxeram, e me enrolando em uma bola e chorando quando não conseguia segurar as lágrimas.

Na hora do almoço, ouvi Felix chegar em casa. Logo depois, ouvi a campainha tocar e, em seguida, ouvi durante a próxima hora o som do piano ser afinado.

Quando bateram na minha porta, abri e Marissa estava lá com um sorriso no rosto.

— O almoço está quase pronto, querida, e o piano está afinado, se você quiser experimentá-lo.

— Obrigada, Marissa. Você não tem que fazer comida para mim. Posso ir para a cozinha.

Marissa acenou com a mão, enquanto se afastava. — Não há problema.

Balancei a cabeça, mas, em seguida, gritei. — Marissa?

Ela virou-se. — Sim, querida?

Limpei a garganta. — Felix... Hum, ele deixa... Permite que você saia?

Marissa inclinou a cabeça, franzindo as sobrancelhas. — Sair? Quer dizer, sair da casa?

Senti a cor subir nas minhas bochechas. — Sim. Quer dizer, se você quiser. Será que ele permite isso?

— Sim, é claro. Estou livre para fazer o que gosto, assim como você — Sua expressão se transformou em uma preocupada.

— Ok — Eu disse suavemente.

Marissa apenas ficou olhando para mim por um segundo antes de acenar com a cabeça e virar-se.

Caminhei pelo corredor até a sala onde eu tinha visto o grande piano de cauda mais cedo e me sentei no banco, dando uma respiração funda antes de colocar minhas mãos sobre as teclas. Quando comecei a tocar, parecia que estava lá, no pavilhão principal, tocando para o conselho, sendo exibida na frente deles. Fechei os olhos, as lágrimas escapando dos cantos e fazendo o caminho lentamente pelo meu rosto.

Ouvi alguém falando e abri os olhos, ouvindo a conversa em outra sala. Apesar do som do piano, eu podia ouvi-los claramente, a acústica no teto trazia as vozes direto para os meus ouvidos.

— Ela está bem — Ouvi Felix dizer baixinho.

— Ela é mais do que boa, Felix. De onde é que ela vem? — Outro homem perguntou, o que tinha afinado o piano, eu supunha.

— Eu não sei. Ela não me disse. Apesar de tudo, ela parece muito triste.

Houve uma pausa antes que o outro homem dissesse: — Eu conhecia outro pianista que trazia esse mesma característica para a música que ela tocou.

— A tristeza? — Perguntou Felix.

— Mais do que isso. Um coração partido — Disse o outro homem muito baixinho.

E então, nada mais foi dito enquanto a música derramava ao meu redor, vinda de meus dedos, meu coração, o anseio em minha alma, de todos os lugares quebrados dentro de mim. E cada nota ecoou o mesmo nome... *Calder, Calder, Calder.*



**Calder**

A rua, dez andares para baixo, oscilava com a promessa de um beijo duro no concreto e, em seguida, abençoei o esquecimento que me chamava tão docemente. Eu não queria resistir. Esperava que registrasse pelo menos alguns segundos de dor inimaginável antes de flutuar para longe. Eu merecia. Não queria uma morte que não incluía miséria. *Ela tinha sofrido? Teria ela chamado meu nome no escuro, quando a água cobriu-a e, em seguida, encheu seus pulmões com ardência, sufocando o terror?* Um soluço, uma respiração forte de ar, escapou da minha garganta e eu tomei outro gole da garrafa meio vazia na minha mão. Isso deslizou pela minha garganta lentamente pegando fogo. *Fogo.*

— Calder — Ouvi a voz de Xander atrás de mim, baixa e cheia de medo. — Irmão, me dê sua mão.

Balancei a cabeça de um lado para o outro rapidamente e oscilava precariamente na borda onde estava sentado. Apenas uma pequena inclinação para a frente, até mesmo a intenção de uma inclinação, e eu ia mergulhar para a morte abaixo. *Para ela.*

— Não, Xander — Eu disse com as minhas palavras enrolando um pouco. Eu estava bêbado, mas não muito bêbado que não conseguia pensar com clareza suficiente. Ou eu pensava assim, de qualquer maneira.

— O que você está fazendo, Calder? — Xander perguntou, sentando na borda um pouco para baixo de onde eu estava. Olhei para ele e apertei os olhos. Sua voz era a mesma, mas seus olhos estavam cheios de medo.

— Eu odeio fazer isso com você, irmão. Mas dói demais caramba. Foi minha culpa. Eu não mereço viver — Eu disse.

— Então por que você está vivo? — Xander perguntou com sua voz suave e gentil, como uma canção de ninar. Minha mãe costumava cantar canções de ninar quando eu era criança e não conseguia dormir. Claro, minha mãe também tinha ficado parada enquanto meu pai tentava me incendiar. Mas eu não pensaria nisso. Não podia. Meus ombros caíram e senti a umidade no meu rosto quando uma brisa soprou.

— Sabe o que eu acho? Acho que você está vivo porque você *tem* que *estar* vivo. Por alguma razão, você está destinado a *estar* aqui. Você é a única pessoa que conseguiu sair da Acadia naquele dia. O *único*. E por um lado, me recuso a acreditar que não há um propósito para isso. Eu me recuso a acreditar que você não atravessou aquele horrível acidente de destruição coberto de água para que eu pudesse retirá-lo de lá. E quero ajudá-lo a descobrir qual a razão disso, Calder. Pegue minha mão novamente. Pegue minha mão e deixe-me ajudá-lo.

Olhei para ele, a tristeza varrendo-me ainda mais rapidamente. Tomei outro gole ardente do álcool.

— Você me carregou por 30 quilômetros nas suas costas uma vez — Ele disse, sua voz quebrando no final. — Trinta quilômetros. E se você não o tivesse feito, eu estaria em Acadia naquele dia horrível, também. Provavelmente estaria morto agora. Gostaria de ter me deixado naquele dia? Será que você me deixou lá naquele dia?

Fiz uma careta para ele. — Não — Eu disse. — Nunca.

— Então pegue minha mão. Deixe-me carregá-lo. É a minha vez. Não me negue isso. Tudo o que for preciso...

— Eu sei — Coloquei pra fora. Baixei a cabeça para frente e entreguei-me à angústia, meus ombros tremendo em soluços silenciosos que assolaram o meu corpo. Quando uma parte disso já havia passado, sussurrei miserável. — Porra — Limpei meu rosto com a manga da blusa e joguei a garrafa para o lado. Eu deveria ter ficado mais bêbado, mas não tinha um gosto por essa merda. — Esta vida é tão maldita — Eu disse depois de um minuto.

— Isso é porque você está sofrendo, e parece que nunca vai ficar melhor.

— Isso *não fica* melhor. Nunca vai ficar melhor.

— Vai. Você tem que tentar. Calder, você tem que tentar.

— Eu tenho tentado! Durante quatro meses, tenho tentado.

— Vai demorar mais do que quatro meses. Simplesmente assim.

Deixei escapar um suspiro profundo e olhei para além do céu. Estava cheio de raiva, sombrio com nuvens de tempestade se aproximando. Logo todo o céu se romperia, exatamente como eu, a chuva cairia.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, minha cabeça flutuando. — Alguma notícia sobre a identificação dos outros corpos?

— Não — Disse Xander. — Você sabe que te aviso quando isso acontecer — Xander assistia ao noticiário, ouvia os relatos sobre Acadia. Eu não conseguia.

Balancei a cabeça.

— Eles ainda não mencionaram se alguém se salvou? — Minha voz falhou na última palavra.

Xander balançou a cabeça com sua expressão cheia de simpatia.

— Os passos que você viu na lama...

— Não, meu irmão. E que poderia ter sido... Só, não sei. Por favor, Calder. Pegue minha mão.

Eu me virei, olhando de volta para o céu.

Xander me olhou por alguns minutos e depois voltou a olhar para a garrafa de uísque, agora quebrada, que eu tinha jogado. — Você não pode continuar se entorpecendo se quiser seguir em frente.

Arrumei minha coluna lentamente. — Eu não bebo para entorpecer as coisas — Eu disse, encontrando seus olhos. Eu sabia que os meus estavam semicerrados e inchados. — Eu bebo porque me faz *sentir* tudo mais profundamente. Bebo para sofrer.

Xander olhou para mim. — Deuses do céu — Ele murmurou, balançando a cabeça. — Então, isso é ainda mais um motivo para parar. Você não merece isso.

— Sim — Eu sufoquei. — Eu mereço.

— Não foi culpa sua, Calder. Nada disso foi culpa sua.

Balancei a cabeça de um lado para o outro, não sendo capaz de formar as palavras em meu coração. A culpa foi *minha*. Ela não estava aqui, porque não fui capaz de salvá-la. Eu tinha falhado com ela. E ansiava por ela tão

desesperadamente alguns dias, que não conseguia nem me mexer. Parecia que a dor estava me esmagando e a única saída que eu conseguia pensar era na morte. Mas e se...

— E se tirar minha própria vida e acabar em algum lugar diferente de onde ela está? — Perguntei com a minha voz quase elevando acima do vento.

Xander ficou em silêncio por um minuto. — Eu não sei se é assim que funciona. Quero dizer a você que é assim que funciona para você sair dessa borda, mas sabe que nunca menti para você, certo? A verdade é que eu simplesmente não sei — Ele abaixou a cabeça, mas manteve os olhos voltados para cima, colados aos meus. Desviei o olhar, de volta para o céu.

— Calder, não vou dizer que sei o que você está sentindo, mas estou sentindo falta das pessoas também. Eden era minha amiga, também.

Deixei escapar um suspiro áspero e balancei a cabeça. Xander tinha perdido seus pais, sua irmã, seu cunhado, seus amigos... — Eu sei.

— Deixe-me ajudá-lo. E por favor, não me deixe totalmente sozinho. Não estou dizendo isso para acumular mais culpa. Só estou dizendo isso porque é a pura verdade dos deuses. Eu sentiria falta de você pra caralho e ficaria sozinho. Por favor, não faça isso comigo.

Olhei para ele, o cara que sempre foi uma constante na minha vida, desde quando eu me lembrava. Eu soltei um suspiro longo e trêmulo e estendi minha mão para ele. Ele se mexeu lentamente, mas me agarrou com tanta força que, naquele momento, sabia que se eu me lançasse para baixo, ele viria comigo. Ele não ia me deixar ir. Senti as lágrimas começando a fluir novamente e ficamos assim por um minuto, com a minha cabeça pendurada. Finalmente, comecei a girar quando larguei a mão de Xander e balancei as pernas ao redor, meus pés pousando no telhado sólido agora na minha frente. Pingos de chuva suaves atingiram meu rosto, tão suaves como uma carícia.

Cruzei os braços sobre os joelhos, deixando minha cabeça cair neles. Então chorei. Xander se aproximou e manteve sua mão no meu ombro, mas ele não disse uma palavra. A chuva continuou a cair, molhando a parte de trás da minha camiseta, escorrendo pelo meu pescoço e misturando com as minhas lágrimas. Depois de um tempo, minhas lágrimas secaram e a chuva se tornou nada mais do que uma leve névoa no ar. Eu me sentei. Olhei sem ver a porta que levava as escadas para o nosso pequeno apartamento sujo por um tempo, e depois soltei um suspiro trêmulo. Estava tão cansado. O álcool misturado com a dor dentro de mim me fez querer dormir. E talvez hoje à noite eu pudesse fazê-lo sem os sonhos assombrosos.

— Sabe o que vou fazer amanhã? — Perguntou Xander.

Balancei minha cabeça. — Com você, é impossível saber — Eu disse, passando o braço no meu rosto molhado.

Xander riu. — Esse é o meu garoto — Ele disse, e eu podia ouvir o amor em sua voz.

— Eu vou parar em uma loja de artigos de arte que eu passo todos os dias e comprar alguns materiais. Pintar talvez ajude. O que você acha?

Passei minha mão para trás pelo meu cabelo molhado. — Não sei se poderia — Eu disse honestamente. — Isso pode doer — Fiz uma pausa. — Então, novamente, tudo dói.

— Vou pegar os materiais e deixar você decidir, está bem? — Ele disse, apertando meu ombro novamente.

— Não podemos pagar por materiais de arte — Eu disse.

— Claro que podemos. Tenho pensado em perder alguns quilos, de qualquer maneira.

Deixei escapar o que poderia ter sido uma imitação de uma risada e balancei a cabeça.

— Vamos lá — Disse Xander. — Temos duas daquelas latas de feijão que você ama tanto.

— Oh, Deus — Eu disse, fazendo uma careta, mas então ele se levantou, assim como eu, seguindo-o para dentro, longe da borda, longe de Eden, mas nunca longe da dor que morava em minha alma para sempre, sempre moraria.

## LIVRO DOIS

### *Cincinnati, Ohio*

*"Nenhum homem ou mulher nascido... Podem evitar seu destino."*

*Homer, A Ilíada*

# CAPÍTULO UM

***Três anos mais tarde***

**Eden**

— Eden? Uh, Senhorita... Sinto muito, não tenho o seu sobrenome anotado aqui — O advogado, Sr. Sutherland, folheou os papéis à sua frente na mesa.

— Sim, qual é seu sobrenome mesmo? — Claire, a filha de Felix, perguntou bruscamente. Ela se inclinou para a frente em sua cadeira para olhar ao redor de Marissa, para onde eu estava sentada. — Eu acho que nunca ouvi.

Eu pisquei e voltei ao presente. Eu tinha me desligado por um minuto, minha mente evocando as muitas vezes que tentei envolver Claire e seu irmão Charles em uma pequena conversa ao longo dos anos, mesmo com a minha angústia, apesar da tristeza esmagadora que eu estava tentando lidar no dia a dia, aparentemente interminável. Só foram algumas vezes e eram com desdém. E agora que Felix se foi, lá estávamos nós, sentados juntos no escritório do seu advogado, onde fomos chamados para recolher as últimas coisas que ele estava trabalhando doente em sua cama. Meus olhos dispararam para Marissa com a pergunta do meu sobrenome. Marissa olhou para o relógio em seu pulso. — Senhor Sutherland, detesto apressá-lo aqui, mas sei que Eden tem uma aula e eu tenho outro compromisso esta tarde.

Sr. Sutherland pigarreou. — Sim, é claro. Basicamente estamos conversando aqui. Sra. Forester, só preciso que você assine aqui e minha secretária vai enviar uma cópia dos documentos pelo correio.

Marissa se inclinou para a frente e assinou os papéis que ele deslizou na frente dela e, em seguida, deixou cair a caneta em sua bolsa.

Eu deslizei para a borda da minha cadeira, segurando o envelope grande que o advogado de Felix tinha me dado, aquele com o meu nome escrito na frente com a letra de Felix, a caligrafia em negrito que fez meu coração apertar com dor e perda. *Oh Felix, eu não acredito que você se foi.*

— Agora, espere um minuto — Charles, sentado à direita de sua irmã, disse. — O que exatamente ela está recebendo nesse envelope? Precisamos interromper...

— Não é nada mais do que uma carta pessoal — Disse Sr. Sutherland impaciente. — Eu lhe asseguro Charles. A mesma coisa que está em cada um dos seus envelopes — Ele acenou para os grandes envelopes que Claire e Charles estavam segurando em seus colos.

— Mesmo assim, se pudéssemos inspecionar... — Charles começou.

Sr. Sutherland parecia irritado. — Tenho certeza que a senhorita — Ele olhou para mim e depois para Charles. — Tenho certeza que *Eden* gentilmente o apaziguaria mostrar-lhe o conteúdo, se isso significaria encerrar esta reunião.

Soltei um suspiro, e olhei para o advogado, meu coração acelerando no peito. Esta carta era tudo que eu tinha de Felix, não iria deixá-los levá-la. Nem queria que eles a vasculhassem. Era minha. Marissa colocou uma mão no meu joelho.

Como um sussurro, isso veio, como às vezes fazia. *Seja forte, Glória da Manhã.*

Levantei-me, segurando o envelope para mim como um colete salva-vidas. — Não, você não pode inspecioná-la — Eu disse um pouco trêmula. — Se você estivesse tão interessado nos assuntos pessoais do seu pai, deveria ter perguntado a ele enquanto ainda estava *vivo*. Deveria ter aparecido até mesmo num daqueles jantares de domingo quando ele o convidou, ligasse para ele de vez em quando ou passaria mais do que três minutos pegando Sophia após a aula — Eu olhei diretamente para Claire. — Tentei conhece-la. Queria ser sua amiga — A mágoa me superou e fiz uma pausa. — Mas você *não* estava interessada. E isso é bom, eu acho. Mas agora, você não queira inspecionar este envelope, porque embora não acredite, eu amei Felix — Parei novamente, engolindo a dor que brotava em minha garganta, vendo suas expressões chocadas. Nunca havia falado com eles dessa maneira. Respirei fundo e suavizei a minha voz, mas fiz com que ela fosse forte e clara. — Felix foi um pai para mim. Você não sabe nada sobre mim porque nunca se importou em saber, mas seu pai era a pessoa que me ajudou quando mais precisei. Vocês não têm ideia do quanto isso significou para mim, nenhuma ideia — Olhei de um lado para outro entre os seus olhos semicerrados e respirei fundo. — A resposta é não, vocês não podem inspecionar este envelope — Eu repeti.

O advogado disse que nele continha uma carta pessoal. Para outra pessoa, isso poderia não ter sido muito, mas era tudo o que eu teria de Felix. Eu não tinha muita coisa, mas tinha isso, e duas pessoas que não gostavam de mim, que escolheram uma e outra vez para não me mostrar um pingo de bondade, não iriam tirar isso de mim. Abracei isso para mim com mais força.

— Agora espere um minuto — Disse Claire, levantando-se e apontando o dedo para mim. — Você não sabe nada sobre nós também. Você não pode ficar ai e nos julgar, sua pequena interesseira.

— Claire, Charles... — Marissa começou.

— Interesseira? — Eu repeti, interrompendo Marissa com a descrença rolando sobre mim. — Nunca aceitei um centavo do seu pai pelo qual eu não tenha trabalhado. Nem um centavo.

Sr. Sutherland se levantou da sua mesa. — Todos, por favor, essas coisas podem ficar acaloradas, eu entendo, mas realmente, vamos lembrar que é sobre os últimos desejos de Felix. Ele dividiu todos os seus bens entre vocês — Ele acenou para Claire e Charles.

Claire e Charles olharam para ele e depois voltaram seus olhos desconfiados para mim. — Tudo bem — Disse Claire. — Leve o seu envelope. É tudo o que você vai ter. E queremos que você saia da casa do nosso pai em duas semanas. Se pretender continuar a tutoria de Sophia no piano, vai fazer isso em outro lugar.

Mágoa se lançou através de mim e fiz o meu melhor para empurrar isso. Eu tinha percorrido um longo caminho nos últimos três anos. Não era mais a menina inábil, mansa que tinha chegado quebrada e com fome na porta de Felix. Aprendi que possuía mais força do que eu jamais imaginei, e tinha conseguido dois amigos em Felix e Marissa. Mas de alguma forma, acabei sozinha. Mais uma vez.

Pressionei meus lábios juntos, não disposta a complicar ainda mais as coisas. Eu gostava muito de Sophia e não queria afastá-la, mesmo que só a via duas vezes por semana. Consolei-me com o conhecimento de que, embora eles não gostassem de mim, sabiam que eu era uma boa professora de piano. Os resultados de Sophia falavam por si.

Além disso, eu precisava desesperadamente do dinheiro.

— Bem, então — Disse Sutherland, dando a volta em sua mesa, aparentemente, detectando uma boa abertura para nos tirar do seu escritório. Quem poderia culpá-lo? — Obrigado a todos por terem vindo. Felix não era apenas um bom cliente, mas um bom amigo. Ele vai fazer falta.

Marissa se levantou, baixou os olhos e assentiu. — Sim, vai — Ela disse, pegando a minha mão e apertando-a, então dei-lhe um pequeno sorriso. Seguimos atrás de Claire e Charles.

Sr. Sutherland mostrou-nos à porta e fizemos nossos agradecimentos a ele mais uma vez, ignorando os outros. Pouco antes de ele fechar a porta atrás

de nós, eu me virei e ele fez uma pausa. — Raynes — Disse suavemente. — Meu sobrenome é Raynes.

Sr. Sutherland me olhou com curiosidade, e depois sorriu, acenando com a cabeça uma vez. — Bom dia, senhorita Raynes.

Balancei a cabeça para ele e virei para Marissa, pegando sua mão na minha. Claire e Charles já estavam no meio do corredor, na nossa frente.



Uma vez que estava de volta na casa de Felix, no meu quarto e na cama em que eu tinha acordado três anos antes, com fome e abatida, abri o envelope com meus dedos tremendo um pouco.

Dentro havia uma pasta de papel pardo com uma carta grampeada na frente. Ela tinha a data de um mês antes, antes de ficar tão doente quando ficava lúcido parte do tempo.

*Eden,*

*Se você está lendo isso então fui embora. Espero sinceramente que escrever isso seja apenas uma medida de segurança. Espero ser capaz de lhe dar esta informação eu mesmo, mas com a minha saúde, tenho que tomar precauções. Eu tenho que ter certeza de que você não ficou sem nada. Não posso suportar a ideia de deixá-la aqui com tantas perguntas como chegou. Eu não sou um homem que acha fácil expressar minhas emoções, mas quero que você saiba o quanto aprendi a amar e cuidar de você ao longo destes últimos três anos. E gosto de pensar que você pensa em mim como uma figura paterna e que você chegou para cuidar de mim também. Esta é a minha tentativa de cuidar de você quando não estiver mais aqui. Acredito que os nomes dos seus pais são Carolyn Everson e Bennett.*

Engoli em seco e deixei cair a pasta na minha cama. Os cantos de duas fotografias oito por dez brilhantes deslizaram para fora e olhei para elas por um segundo antes de chegar à frente e puxá-las por todo o caminho. Meu coração parou por um milésimo de segundo e, em seguida, retornou com o que parecia ser uma batida irregular em meu peito. Levantei a foto e olhei para ela. Era da minha mãe. Eu sabia que era. Imagens enevoadas dançaram pela minha mente - os sons de risos, o cheiro das flores. *Esse rosto*. Era como o meu rosto, só que mais velho. *Ela está viva? Minha mãe está viva? Como?* Antes de olhar para a

segunda foto, peguei a carta de Felix de volta com as mãos trêmulas para ler o restante.

*Acredito que você tenha sido sequestrada, Eden. E tenho perguntas que só você pode responder do por que não sabia disso. Espero que possa fazê-las assim que acabar de reunir todas as informações que puder para você. Mas enquanto escrevo esta carta, isso é tudo que tenho. Se eu for embora, espero que seja o suficiente.*

*Comecei esta investigação há alguns meses e, quando me deparei com a foto de Eden Everson no banco de dados das crianças desaparecidas, suspeitei de imediato que era você.*

*Seus pais relataram seu desaparecimento há 14 anos. Estavam em todos os noticiários por meses, especialmente sensacionalistas, porque seu pai era um suspeito no caso. Ele foi envolvido em um escândalo financeiro no início do ano, e especulou-se que ele havia se envolvido em algo que levou ao seu desaparecimento. Ele negou veementemente até o dia da sua morte. Ele tirou a própria vida com uma carta explicando sua inocência e sua dor. Depois do suicídio de seu pai, sua mãe passou a se esconder. Só posso imaginar que depois de tudo que ela tinha sofrido, estar aos olhos do público era demais para suportar.*

*Meu investigador encontrou e descobriu que, nos últimos anos, ela se casou novamente e seu nome é agora Carolyn Collins. Seu segundo marido faleceu no ano passado. Ela nunca teve outros filhos. Seu endereço está no envelope.*

*Com a ajuda de um bom amigo que é dono do Cincinnati Savings and Loan, também abri uma conta em nome de Eden Everson. Sei que você poupou todo o dinheiro que ganhou, então você vai ficar bem até que possa conseguir uma identidade com seu nome verdadeiro e acessar o dinheiro que deixei para você. Foi a única maneira que considerei que não envolveria Claire e Charles.*

*Eu gostaria de ter começado a investigação mais cedo, mas você, a sua música, o sorriso que você colocou no rosto de Sophia - no meu rosto - você trouxe tanta luz para minha casa e fui egoísta. Queria oferecer conforto e cura - espero que tenha feito pelo menos um pouco disso. Espero que eu tenha sido um abrigo temporário em uma tempestade. E agora, minha cara Eden, é hora de você continuar sua jornada. É hora de você dar aquele passo corajoso e encontrar a sua família, encontrar a sua vida, seu destino. Eu sei, em meu coração, que vai ser lindo.*

*Todo o meu amor, Felix*

Tristeza, choque e esperança guerreavam dentro de mim. As lágrimas escorreram pelo meu rosto e engoli o nó da minha garganta. *Felix. Você me salvou – muitas vezes e de tantas maneiras que não posso nem contar,* eu disse em minha mente, o pensamento da menina assustada, emocionalmente quebrada que saiu do ônibus aqui em Cincinnati três anos antes. De certa forma, eu ainda era aquela garota, mas também tinha aprendido a tirar partido da força que Calder tinha visto em mim. Gostava de pensar que de alguma forma ele sabia e estava orgulhoso. Em algum lugar ele estava olhando para baixo e me chamando de sua glória da manhã corajosa.

Felix me salvou, me deu uma casa, um propósito e um lugar seguro para me lamentar. Eu nunca tinha divulgado a ele ou a Marissa de onde vinha, nem mesmo quando vi a cobertura das notícias sobre Acadia, onde ninguém tinha saído vivo. Mas eles sabiam que eu estava emocionalmente danificada e me deram o espaço que eu precisava para trabalhar com um pouco disso na minha mente, no meu tempo. E embora, grande parte dos últimos três anos se passou em um deslumbramento de dor e saudade, e por causa de Felix e Marissa, havia conforto, também.

E ele me deu de volta a minha música e o orgulho pela minha aluna agora amar o piano, tanto quanto eu. Ela me ajudou a agarrar a esperança que ainda poderia encontrar pequenos pedaços de felicidade nesta vida. Não eram muitos, talvez. E eram fugazes. Mas eles estavam lá - e me ajudaram a sobreviver.

Uma vez que controlei as minhas lágrimas, puxei a segunda imagem para fora da pasta e olhei para o bonito homem loiro. Inclinei a cabeça, tentando me lembrar do rosto dele, e embora tenha havido uma pequena faísca de reconhecimento, não tinha nem de longe a resposta emocional que senti quando olhei para a foto da minha mãe.

Eu a coloquei para baixo e comecei a procurar pelo resto da papelada. Tudo confirmou o que Felix havia escrito em sua carta, embora o escândalo em que meu pai tinha sido envolvido não foi citado.

Na parte inferior da pilha, estava a foto do banco de dados das crianças desaparecidas. Olhei para ela por longos minutos com meu coração acelerado. Era eu, sem dúvida. Eden Everson. Meu nome era Eden Everson. É Eden Everson. — Meu nome é Eden Everson — Eu sussurrei. O nome parecia estranho na minha língua.

Eu era uma criança desaparecida. Eu fui roubada. Choque e dor me atingiram no peito. *Hector tinha mentido para mim. Hector tinha me sequestrado. Todos esses anos... Tudo mentira.* Fiquei parada ali por um minuto, simplesmente olhando para a parede e absorvendo a verdade.

Finalmente, olhei de volta para a pasta na minha cama. A última página na parte de trás era um endereço da região do Hyde Park, Cincinnati. Dobrei e peguei minha bolsa, colocando-o lá dentro.

Quando fui para colocar todos os papéis de volta no envelope, senti algo duro no fundo, eu o abri e virei de cabeça para baixo. O medalhão que eu levei para a loja de Felix há três anos caiu. Deixei escapar um pequeno suspiro e trouxe-o para o meu peito, segurando-o com força contra mim. *Oh, Felix. Vou sentir sua falta para sempre.*

Assustei-me quando houve uma batida na minha porta. — Entre — A porta se abriu e Marissa colocou a cabeça para dentro.

— Só queria que você soubesse que estou em casa, querida.

— Obrigada, Marissa — Lambi meus lábios secos. — Marissa, posso te perguntar uma coisa?

Marissa entrou e sentou-se no final da minha cama. — Você estava chorando? — Ela perguntou suavemente.

Balancei a cabeça. — Sim, um pouco. Estou bem. Felix, ele me escreveu uma carta e ele... Você sabia que ele estava investigando o meu passado, de onde eu vim?

Marissa pareceu surpresa. — Não — Ela balançou a cabeça. — Você que pediu para ele?

— Não... Eu... Não estou chateada com isso, na verdade, ele encontrou os meus pais.

A expressão de surpresa surgiu no rosto de Marissa. — Seus pais? Achei que você tivesse dito que seus pais estavam mortos.

Balancei a cabeça, franzindo a testa ligeiramente. — Eu pensei que eles estivessem. Mas não estão. Ou, pelo menos, a minha mãe não está — Olhei para a pasta novamente.

— O que você vai fazer?

— Eu acho que vou vê-la — Eu disse. *Eu acho*.

Marissa me estudou por alguns segundos, mas não fez mais perguntas. Esse era o seu jeito. Sabia que ela nunca iria se meter, a menos que indicasse que eu estava pronta para falar mais sobre um assunto. — Você sabe que eu gostaria de oferecer para que você ficasse aqui... — Seu rosto se encheu de pesar.

— Eu sei — Eu interrompi. — Eu tenho um pouco de dinheiro agora para alugar um quarto para mim — Encontrei seus olhos bondosos. — Eu sei que

você me deixaria ficar aqui se dependesse de você — Agarrei a mão dela na minha e apertei.

Seus olhos se encheram de tristeza. Sabia que ela sentiria minha falta tanto quanto eu sentiria dela. — Você já encontrou um apartamento?

— Verifiquei alguns. Só preciso me decidir — Todos eram pequenos e degradados. Eu não podia pagar muito, mas seria meu.

Marissa assentiu. — Você me avisa quando estiver pronta.

— Eu vou — Marissa ia alugar a minha nova casa em seu nome, já que eu não tinha identificação. *Ainda não, de qualquer maneira*. Um mundo de possibilidades transbordou na frente dos meus olhos e eu não conseguia colocá-los todos em ordem. *Eu tinha um nome*.

Marissa olhou para mim com preocupação. — Eden... — Ela juntou os lábios juntos, piscando as lágrimas dos seus olhos. — Três anos atrás, quando você chegou aqui me perguntou se Felix iria deixá-la sair, se quisesse.

Respirei fundo e estudei minhas unhas. Quando encontrei seus olhos, eu disse: — Sim. Eu lembro.

Ela assentiu com a cabeça. — Felix nunca teria lhe impedido de fazer qualquer coisa que quisesse fazer. Mas parece... Bem, parece que você se manteve *sozinha* em cativeiro aqui, desde então, raramente sai, ficando em seu quarto a maior parte do tempo — Seus olhos estavam cheios de compaixão. — Só espero que você veja essa mudança não apenas tingida com tristeza, mas como uma oportunidade para começar a viver, realmente viver. Tenho tanta fé em você. *Felix* tinha muita fé em você.

Meu coração se apertou com força. Eu me perguntava se estava preparada para isso. Eu me perguntava se já estava pronta para isso. Concordei com Marissa, e sorri para ela. — Eu vou tentar — Eu disse.

Ela acenou de volta para mim, oferecendo um pequeno sorriso triste.

Inclinei a cabeça. — Você vai me contar sobre ele? — Eu perguntei. Sempre quis saber o que fazia os olhos de Félix se encherem com tristeza longínqua que ele permitia aparecer quando pensava que ninguém estava notando. Perguntava-me o que tinha acontecido entre ele e seus filhos.

Marissa me estudou por um minuto. — Você me lembra dela em alguns aspectos. Só que você tem uma força que ela nunca teve.

— Ela? — Perguntei, encontrando seus olhos.

Marissa olhou para fora da janela com os olhos tristes. — Lillian, a esposa de Felix.

Inclinei a cabeça. Tinha visto a foto dela na casa, mas ninguém nunca tinha falado sobre ela.

Ela ficou em silêncio por alguns minutos e pensei que ela poderia não responder. Mas, em seguida ela disse: — Os pais de Felix eram imigrantes. Eles enraizaram nele uma ética de trabalho muito forte. Trabalho vinha primeiro. Apoiar a sua família vinha depois — Ela parou por um segundo, obviamente se lembrando. — Quando ele se casou com Lillian, de imediato, notei que ela era uma menina delicada, doce, mas sempre precisando de segurança. Ela iluminava sob a atenção de Felix. Ela esmaecia quando ele não estava por perto. E muitas vezes ele... Não estava ao redor — Ela apertou os lábios e fez uma pausa.

— Lillian deixou Felix saber que se sentia ignorada, eu suponho. Ouvia suas discussões, suas lágrimas. Mas, para Felix, no momento, o trabalho vinha primeiro. Seu negócio foi crescendo, um grande sucesso e isso o nutria. Isso era do que ele se alimentava. Lillian perdeu o vigor. Muitas vezes eu estava perto quando ela olhava para fora da janela quando ele tinha prometido estar em casa para o jantar... No aniversário dela, no aniversário dele. Seus filhos cresceram e começaram a ter suas próprias vidas, bem e Lillian, a solidão dela cresceu também. Então o diagnóstico veio. Ela tinha câncer. Quando o encontraram, ela não tinha muito tempo. Aparentemente, ela estava aqui em um minuto e depois sumiu — Ela balançou a cabeça com lágrimas brotando em seus olhos.

— Oh, não — Eu sussurrei. — Eu não sabia.

— Ele nunca falou sobre isso — Ela se virou para mim. — A coisa é, depois disso, ele mudou. Trabalho não era o seu foco com tanta frequência. Ele dedicava o tempo para sua família — Ela encolheu os ombros. — É claro que algumas coisas aconteceram tarde demais. Seus filhos nutriam ressentimento. Eles não estavam dispostos a perdoar. Felix... Ele nunca se perdoou também — Ela segurou minhas mãos nas dela. — Quando você chegou, ele viu isso como uma segunda chance de alimentar um coração ferido — Ela balançou a cabeça. — É claro que ele nunca disse isso, mas eu... Eu vi isso. Você o salvou, também, Eden.

Limpei uma lágrima que estava fazendo o seu caminho lentamente pelo meu rosto. — Ele era um bom homem — Eu disse suavemente.

Marissa assentiu. — Sim — Ela olhou para o espaço e em seguida soprou um pequeno sorriso. — Não é engraçado como todos nós estamos apenas saltando ao redor neste mundo louco, nossas histórias, nossas próprias dores, tudo se entrelaçando, mudando os resultados, às vezes bom, às vezes ruim? Bem — Ela deu um tapinha no meu joelho. — Eu gostaria de pensar que sua história e

a de Felix se reuniram por uma razão e que cada um se curou um pouco por causa do outro.

Balancei a cabeça. — Sim — Eu disse, tentando não engasgar. — Eu não sei onde estaria sem ele. Não sei onde estaria sem *você* — Sorri para Marissa e limpei a última das minhas lágrimas.

Marissa sorriu calorosamente para mim e depois me abraçou apertado e se levantou. Depois que ela fechou a porta atrás dela, caí de costas na cama, pensando no que ela havia dito sobre as nossas várias histórias e como nós estávamos afetando sempre outras vidas - cada momento de cada dia – pretendendo ou não. Fechei os olhos e as pessoas das fotos caminhando com uma luz branca por trás, algumas daquelas luzes se encontraram, enredaram, trocando as cores quando se juntaram. E mesmo na minha mente, isso era belíssimo.

# CAPÍTULO DOIS

**Eden**

Eu estava na frente da ornamentada porta preta, puxando o ar em meus pulmões e soltando lentamente. Eu estava tremendo um pouco com meus punhos cerrados ao lado. *E se Felix estivesse errado? E se ele estivesse certo, mas ela me rejeitasse? E se?* Eu não tinha contado a Marissa os meus planos para esse dia. Tinha pegado o ônibus e caminhado o resto do caminho para o endereço que Felix tinha deixado para mim. Senti que precisava fazer isso sozinha e se mudasse de ideia, só eu saberia.

Fiquei ali, olhando para a aldrava de bronze em forma de uma cabeça de leão, tentando me convencer a usá-la. Parecia intimidar por si só, não importava o fato de que eu já estava tremendo como uma folha com o medo pulsando em meu sangue. Respirei fundo e usei a aldrava para bater duas vezes. Enquanto esperava, olhei por cima do meu ombro para a longa série de escadas que levava para a rua. Esta área de Cincinnati era repleta de casas elegantes, mais antigas, com jardins exuberantes, as árvores enormes e antigas, todas com histórias para serem contadas. Respirei fundo e meus ombros ficaram tensos quando ouvi passos vindo em direção à porta.

Ela se abriu e ela estava lá, minha mãe. Soube que era ela imediatamente. Não porque não reconheci algo precisamente em seu rosto, bem, exceto o meu, mas porque a *sensação* que tomou conta de mim era a mesma que sentia quando eu tentei me lembrar dela durante os últimos 14 anos.

Comecei a tremer mais ainda. *Uma vez eu pertenci a alguém. Uma vez pertenci a ela.*

Pisquei para ela, somente a apreciando. Ela era um pouco mais alta do que eu, provavelmente, um metro e sessenta e sete ou mais, e seu cabelo loiro era cortado reto na altura do queixo. Ela estava vestindo uma calça jeans escura com um suéter branco. *Ela era real. Ela estava viva* - em pé bem na minha frente. Emoções me atingiram, muito para investigar.

Ela inclinou a cabeça com uma pequena careta em seu rosto. Sua boca se abriu e fechou quando ela me perguntou. — Desculpe-me... Como posso...? — Ela fez uma pausa e piscou para mim. — Eu te *conheço*?

— Eu sou Eden — Eu disse, tão baixinho que não tinha certeza se tinha realmente falado. — Acho que sou sua filha — Eu falei.

Os olhos da mulher, *os olhos da minha mãe*, se arregalaram e ela deu um passo para trás, levando a mão ao peito. — Molly — Ela chamou com a voz embargada, virando a cabeça um pouco para alguém que deveria estar lá dentro. — Oh, Molly... — E então ela cambaleou quando uma mulher jovem, loira correu atrás dela, pegando-a em seus braços quando a minha mãe caiu para trás.

— Oh meu Deus — A garota chamada Molly gritou. — Carolyn!

Corri para dentro e ajudei Molly levar Carolyn para o sofá da grande sala de estar à direita do foyer.

— Sinto muito — Murmurei, levando os pés de Carolyn para o sofá. — Não fiz isso de uma maneira muito sensível. Deus! Tão estúpida, Eden. Eu estava tão... Eu não pensei — Eu tinha me preparado para isso, pelo menos tanto quanto poderia. Ela não teve qualquer aviso.

Eu me endireitei e olhei preocupada para Carolyn, que estava deitada no sofá. Seus olhos agora abertos quando olhou para mim com choque no rosto.

— Puta merda — A menina bonita ao meu lado murmurou. Olhei para ela para vê-la olhando para mim. — Você não pode ser — Disse ela, e então balançou a cabeça de leve, como se estivesse tentando acordar. — O que está acontecendo aqui?

Respirei fundo. — Devemos colocar um pano úmido ou algo assim? — Eu perguntei, apontando para baixo, para Carolyn.

Molly piscou e, em seguida, olhou para baixo, como se estivesse se lembrando de que Carolyn estava lá. — Oh, bem, hum, com certeza. Eu já volto.

Uma vez que Molly tinha saído da sala, sentei-me no sofá ao lado de Carolyn e peguei suas mãos na minha. Ela ainda estava olhando para mim com seus olhos grandes e azuis arregalados, sua boca se abriu em choque. Respirei fundo. — Sinto muito — Eu sussurrei.

Suas mãos agarraram as minhas e uma lágrima rolou lentamente pelo seu rosto. Seu peito subia e descia em inalações rápidas e sua boca se abria e fechava, mas as palavras não vinham. — Eu sei — Eu disse suavemente, apertando as mãos para trás. — Está tudo bem, eu sei.

— Como? Onde? — Ela chiou. Antes que eu pudesse responder, Molly voltou correndo para a sala e se ajoelhou no chão colocando um pano branco úmido, na testa de Carolyn.

Os olhos de Molly olharam para os meus. — Você realmente é *ela*? — Ela perguntou. — Como, como? *Meu Deus*! Será que precisamos ligar para alguém? Qual é o protocolo aqui? Jesus!

— Desculpe-me — Ofereci-lhe um pequeno sorriso. — Nem perguntei. Você é minha meia-irmã? — Lembrei-me da carta de Felix me dizendo que a minha mãe nunca mais teve filhos, mas talvez o seu segundo marido tivesse. Meu cérebro estava agitado.

Molly balançou a cabeça. — Não, sou sua prima — Seus olhos se arregalaram. — Oh meu Deus! Minha prima está viva — Ela colocou a mão no peito e respirou fundo, recompondo-se. Ela balançou a cabeça para trás e para frente, quase como se ela estivesse tentando se lembrar de quem ela era. — Hum, eu tenho morado com Carolyn desde que minha mãe, sua irmã Casey, faleceu há cinco anos.

— Oh, eu sinto muito — Fiz uma careta. — É tão bom te conhecer — *A sensação era surreal.* Molly olhou para mim como se estivesse pensando a mesma coisa.

Olhei de novo para Carolyn quando a cabeça dela balançou de um lado para o outro e puxou minha mão para que eu a ajudasse a sentar-se. Ela se aproximou lentamente, expirando e recostando-se no sofá quando o pano caiu em suas mãos e ela entregou a Molly. Nós duas a observávamos atentamente. Ela segurou minha calça jeans, quase arranhando-me, embora eu quisesse me soltar de suas mãos. Seus olhos percorreram meu rosto, meu corpo, e voltaram para o meu rosto. — Eden — Ela suspirou. — Minha menina.

Balancei a cabeça. — Sim.

— Você é tão linda — Ela falou com sua mão subindo para o meu rosto enquanto ela me tocava timidamente, e depois retirava a mão.

Os olhos dela se moveram para o medalhão que eu usava em volta do meu pescoço e ela disse ofegante. — O medalhão! — Ela gritou. Seus olhos voaram de volta para os meus. — Seu pai e eu demos pelo seu sexto aniversário. — Lágrimas corriam pelo seu rosto e suas mãos tremeram quando ela avançou para tocar o pequeno pedaço redondo de joia.

Balancei a cabeça com as lágrimas vindo aos meus olhos, também. Sabia que era meu na hora que o vi.

Molly, que tinha se levantado, voltou com um copo pequeno com um líquido âmbar do bar do outro lado da sala. Ela entregou a Carolyn que enxugou o rosto, olhou rapidamente para o copo e depois bebeu de um só gole, expirando e relaxando suas costas no sofá novamente com seus olhos voltando para mim.

Olhei de volta para Molly que estava bebendo uma dose também. Seus olhos ficaram grandes e ela acenou com a cabeça para a garrafa perguntando se eu queria uma. Balancei a cabeça e voltei a atenção para Carolyn - *a minha mãe*.

— Como? Onde? — Carolyn perguntou de novo, só que desta vez sua voz era mais forte, mais calma. — Eden — Ela suspirou. Seu rosto franziu. — Será que alguém te machucou? — Ela me pegou e eu agarrei suas mãos. — Por favor, diga-me que ninguém te machucou. Esteve segura? Por favor, diga-me que você esteve a salvo — Sua voz parecia aflita, desesperada.

Se eu fui machucada? *Sim*. Se eu estava segura? *Não, de forma alguma*. Mas eu não disse isso, porque a explicação de ambas as respostas eram complicadas e exigiam mais do que tinha em mim para dar certo no momento. Em vez disso eu disse simplesmente: — Hector, eu estava com Hector.

Carolyn apertou os olhos já fechados por alguns segundos e depois os abriu. — Você escapou de Acadia — Ela sussurrou.

Eu suspirei. — Você viu as notícias? Você viu Hector?

Ela assentiu. — Nunca houve imagens de Hector Bias, que tenho certeza que você conheceu, e eu não o conhecia pelo nome de Hector. Mas reconheci a *descrição* de Acadia. Notifiquei a polícia sobre o seu caso, mas eles disseram — Ela moveu a cabeça de um lado para o outro novamente. — Havia tantos corpos... Muitos deles não identificados — Seus olhos voaram até os meus. — Então você escapou antes...

— Não — Eu disse. — Eu estava lá.

Os olhos de Carolyn ficaram enormes com o choque. — Você foi... Mas *como*? Como você sobreviveu àquilo? E como você me achou?

— Eu vou lhe dizer tudo, tudo o que conseguir me lembrar, de qualquer maneira — Pegando sua mão e apreciando o fato de que eu estava tocando a minha mãe, continuei: — Eu quero saber o que você sabe também e tenho muitas perguntas — Eu esperava que Molly realmente não visse a necessidade de chamar ninguém, especialmente a polícia. Não estava preparada para esse procedimento ainda. Precisava de tempo para me preparar.

Carolyn agarrou minha mão e acenou com a cabeça. — Sim, Eden, tudo o que você precisar. Eden... Minha filha... — Ela começou a chorar e quando olhou para mim, seu choro se tornaram soluços. Molly se sentou no sofá e se inclinou para a frente, para abraçar Carolyn. Eu as observei por um momento e então ambas agarraram minha camisa e me puxaram em direção a elas. Ficamos chorando e nos abraçando como se o mundo, de alguma forma, continuasse a girar em nossa volta.



O crepúsculo desceu sobre Cincinnati quando nos sentamos no pátio ao lado da piscina. Ao meu redor, vasos de flores perfumavam o ar e a água brilhava com a luz do sol cada vez menor. Logo a cortina da noite seria fechada. Virei-me para a minha mãe e Molly. — E é onde tenho vivido nos últimos três anos, com Felix e Marissa. Venho ensinando piano. Tenho mais alguns alunos, eu ganho algum dinheiro... — Parei quando capturei suas expressões em estado de choque.

Foi a primeira vez que eu tinha dito uma palavra sobre Acadia desde que fui para longe dela naquele dia... Embora eu tivesse transmitido tudo em uma voz incolor com as minhas emoções cuidadosamente escondidas, para mim, era outra pequena sobrevivência. Deixei escapar um grande suspiro.

— *Meu Deus*! — Molly disse. — Isso é... — Ela virou os olhos para Carolyn. — Ela viveu a dez minutos de nós nos últimos três anos.

A declaração de Molly me atingiu na barriga e poderia dizer que afetou Carolyn da mesma maneira. Não tinha certeza de como me sentia. Por um lado o conhecimento que estive tão perto e não nos encontramos trouxe uma tristeza com isso, mas por outro lado, se tivesse encontrado a minha mãe imediatamente, *de alguma forma*, teria perdido a minha chance de conhecer Felix. E não poderia querer que Felix se afastasse, não poderia.

Carolyn agarrou minha mão de novo e apertou-a. — Oh, minha doce menina, você viveu um inferno, Eden. Na verdade, você sobreviveu do inferno — Sofrimento passou por seu rosto, mas ela respirou fundo, fez uma pausa e continuou. — Como eu disse, fui até a polícia quando soube o que aconteceu em Acadia, mas é claro, o seu corpo não foi encontrado lá... Sabia, porém, *sabia* que Hector Bias era o homem que tinha levado você, mesmo que eles nunca o identificaram para mostrar seu rosto no noticiário. Eu achei que meus medos mais profundos tinham se tornado realidade, que ele a havia assassinado em algum momento — Seus olhos se fecharam com força por algum tempo antes de abri-los. — Tudo sobre Acadia soava tão familiar. Inferno, realmente o inferno. — Seus olhos se encheram de lágrimas pela centésima vez desde que eu tinha começado a minha história.

Baixei os olhos. — Nem tudo foi um inferno — Eu disse. — Às vezes ficava com medo, e eu era muito solitária... Durante algum tempo. Mas — Levantei os olhos para olhar para ela. — Algumas coisas eu não desistiria por nada no mundo.

O rosto de Carolyn caiu e ela balançou a cabeça vigorosamente. — Não, nada disso deveria ter acontecido. Nada. Foi minha culpa que Hector a levou. Tudo isso.

— Carolyn — Molly disse. — Todos já dissemos que não é verdade.

Ela continuou sacudindo a cabeça. — Não, é verdade. É.

— Carolyn... — Eu disse.

— Mãe — Ela interrompeu. — Por favor, me chame de mãe. Você sempre me chamou de mãe.

Senti as palavras fluírem em meu interior como uma brisa fresca de verão me acalmando, me deixando à vontade. — Tudo bem, mãe — Emoção tomou conta de mim quando a palavra saiu dos meus lábios. *Eu ainda era amada. Eu pertencia a alguém novamente. Talvez não ficasse sozinha depois de tudo*. Respirei e sorri, tentando controlar a minhas emoções. — Mãe, você vai me dizer o que aconteceu? — Eu perguntei. — Como Hector...

— Sim. Vou lhe contar tudo. Mas Molly, pegue uma garrafa de vinho branco na geladeira? Acho que isso exige. Eden, gostaria de algo para beber? Água? Soda? Suco de maçã! Você sempre gostou de suco de maçã — Havia quase uma súplica em sua expressão.

Balancei a cabeça, mantendo a confusão que sentia dentro do meu rosto. Será que os adultos bebem suco de maçã? — Uh, claro. Isso soa... Bem.

— Oh, e que falta de educação. Nem sequer lhe ofereci jantar.

— Não — Eu disse. — Apenas o suco, por favor. Comi antes de vir aqui — Molly se levantou e caminhou em direção às portas francesas saindo do pátio.

— Tudo bem — Disse Carolyn. — Bem, se você mudar de ideia, é claro, esta é a sua casa, também — Ela estendeu a mão e pegou a minha. — Você vai passar hoje à noite aqui, é claro.

— Oh... Eu, bem. Falaremos sobre isso...

Ela balançou a cabeça com veemência. — Não, Eden, por favor. Não posso suportar isso. Não vou ser capaz de dormir mais uma noite se você não estiver sob o mesmo teto — Ela começou a chorar em silêncio novamente. — Agora que tenho você de volta, vou morrer se você não ficar.

— Carolyn... Mãe. — Eu disse. — Eu não vou a lugar nenhum — Eu sorri para ela. — Estou de volta, e nunca vou embora de novo.

— Prometa-me — Disse ela com a voz embargada.

— Eu prometo — Sorri para Molly quando ela me entregou um copo de suco de maçã e colocou um copo de vinho na frente de Carolyn.

Carolyn tomou um grande gole de vinho e recostou-se. Ela olhou para longe de mim, para a piscina. — Seu pai ajudou a construir uma empresa de investimento a partir do zero. Ele foi muito bem sucedido. De repente, vivíamos um estilo de vida que nunca tínhamos sonhado... Carros, casas, férias... — Ela acenou com a mão no ar. — No final, aprendemos que todas as coisas materiais não significavam nada. Mas claro que, no momento, parecia que era tudo o que sempre sonhamos — Ela ficou em silêncio por um minuto, parecendo perdida em pensamentos. — De qualquer forma — Ela olhou para mim. — Um dos colegas de trabalho de seu pai foi pego roubando dinheiro que ele deveria estar investindo. Ocorreram casos de maior visibilidade semelhando no noticiário nos últimos anos, e todo mundo ouviu falar disso, mas naquela época, eu mal entendia.

— Então, meu pai não estava roubando? — Eu perguntei.

Ela balançou a cabeça. — Não, mas pareceu o contrário. Ele sabia o que estava acontecendo e sua omissão permitiu que ele continuasse. Sua falha em relatar o que sabia, resultou em centenas de pessoas perdendo suas economias. No final, toda a empresa, todos eles, foram desonrados — Ela acenou com a mão no ar novamente. — Os detalhes não importam tanto, Eden, confie em mim, eu conhecia todos eles e ainda não me ajudaram a dar sentido a isso, além de dizer que ele caiu pela cobiça – em certo nível, mas sim, tudo pela ganância no final — Um breve olhar de dor passou em suas feições, como se estivesse vivendo lá por apenas um momento.

Olhei para baixo.

— Seu pai ficou mal. Não só com a perda de seu trabalho, todas as *coisas*, mas também a vergonha. A vergonha o comeu como um câncer. E foi aí que Hector apareceu.

Meus olhos voaram para os dela.

— Ele veio até nós como um homem que tinha perdido tudo e entendia onde estávamos. No início, ficamos céticos, naturalmente, mas... Quanto mais ele falava... Contou a Ben, seu pai, que não era dele a falha, que a ganância da sociedade tinha escoado em sua alma... Bem, isso soa ridículo agora. Mas, na época, e quão longe tínhamos caído, acho que nós estávamos procurando por algo, *qualquer coisa*...

— Eu entendo, mãe. Eu entendo.

Ela olhou para mim com tristeza. — Claro que sim. Sinto muito por isso.

Balancei minha cabeça. — Por favor, vá em frente — Eu disse.

Ela suspirou. — Bem, seu pai, tornou-se quase obcecado com Hector, embora, na época, nós o *conhecemos* como Damon Abas. Seu pai ficou intrigado com esta sociedade que Damon... *Hector* tinha começado naquele lugar onde não existia a ganância e o pecado, nem a dor ou competição. Esta comunidade tinha começado alguns anos antes, mas Hector tinha passado esse tempo na construção dos edifícios e encontrando as primeiras pessoas para ali viverem e trabalharem. Hector e seu pai falavam sem parar sobre como seria comandar... As coisas que as pessoas precisariam depois, o que estava funcionando, o que não estava — Ela balançou a cabeça novamente. — Mesmo com a conversa dos deuses, e as visões e outras coisas que eram difíceis de acreditar... Isso curou algo em seu pai por um tempo, deu-lhe algo para se agarrar, um propósito, uma fuga, e então, por isso fiquei muito grata. Ignorei minhas suspeitas sobre Hector... Fiz apenas o que seu pai tinha feito. Olhei para o outro lado porque estava me beneficiando com isso — Lágrimas brotaram nos olhos dela novamente. — Eu acho que se você optou por confiar em uma cobra, você merece o seu veneno.

— Carolyn... — Molly disse, mas Carolyn balançou a cabeça e enxugou os olhos.

— De qualquer forma, Hector procurou seu pai especificamente porque teve essa ideia de um conselho. Agora sei pelas notícias sobre Acadia o que veio a ser, do jeito que foi, mas quando falou pela primeira vez sobre isso, ele falou de um grupo de homens que entendiam o que era cair na “grande sociedade” como ele chamava - um grupo de homens que tiveram conhecimento pessoal sobre os males da nossa cultura - homens que poderiam orientar e moldar esta “terra da abundância”.

Eu pensei sobre o que tinha aprendido com os relatórios de notícias sobre o conselho de Acadia – as coisas que eu não entendia quando morava lá. Hector tinha ido a todo o país reunindo um grupo de homens que estavam em desgraça, de uma forma ou de outra, e estavam desesperadamente à procura de um lugar para encontrar respeito novamente, para recuperar o respeito que uma vez tiveram. E, claro, havia o ganho financeiro. Hector estava pagando-lhes um salário anual - muito mais do que qualquer um deles vinha fazendo em seus trabalhos anteriores. A polícia procurou o rastro do dinheiro, mas, aparentemente, Hector sabia como esconder isso. A propriedade foi paga em dinheiro e colocado em seu nome falso também. Eles nunca encontraram uma coisa que deixou pista para a verdadeira identidade de Hector.

E, claro, o conselho foi escolhido para beneficiar Hector em uma infinidade de maneiras também... Um juiz... *Um policial*... Deixei isso de lado.

A tristeza brotou dentro de mim enquanto ela discutia sobre Acadia, mesmo a ideia disso. Lá foi a minha casa. Foi onde me apaixonei profundamente. E em algum lugar dentro de mim, apenas falar sobre isso,

despertou uma saudade tão intensa, que me chocou, por ter sido também o lugar onde a vida acabou. Claro, não era um lugar que eu ansiava, mas uma pessoa. E para mim, era onde ele sempre estaria. Engoli pesadamente.

— O que aconteceu para fazer com que meu pai visse Hector quem ele realmente era?

— Você — Minha mãe disse calmamente. Ela olhou para além de mim, como se estivesse se lembrando de algo específico. — Ele conhecia você, mas no dia que você correu enquanto seu pai, Hector e eu estávamos conversando, e você estava com um vestido de verão. Hector viu a marca de nascença em seu ombro e encarou aquilo — Ela estremeceu. — O olhar em seus olhos... Era... *Fome* — Ela parou por um minuto. — As coisas mudaram depois daquele dia. Seu pai viu a forma como Hector olhou para você, a forma como Hector tornou-se obcecado por você. Ele estava obcecado com a ideia de que *você* era a chave para essa viagem para a outra vida que os deuses haviam planejado para as pessoas que viveriam na sociedade utópica perfeita dele — Ela balançou a cabeça. — Depois disso, seu pai começou a se distanciar de Hector... Inventou desculpas quando Hector pedia para vir à nossa casa. Eu esperava que seu pai estivesse caminhando para ser o homem que era. Mas um dia, nós viemos para casa de uma audiência sobre a antiga empresa do seu pai, e... Você sumiu. A babá que tínhamos deixado com você pensou que você estava brincando no seu quarto — Lágrimas brotaram em seus olhos novamente. — Simples assim, você se foi. E então — Ela suspirou. — Seu pai também.

Eu deslizei da minha cadeira, me levantei e inclinei para abraçar minha mãe enquanto ela chorava em meus braços. Enxuguei as lágrimas do seu rosto e, em seguida, abracei-a novamente. Depois de um minuto, voltei para a minha cadeira. — Sinto muito — Eu sussurrei. — Tudo o que você passou... Sinto muito — Eu sabia que quando uma dor inimaginável chegava, o melhor que alguém poderia fazer era reconhecer e admitir a sua dor.

Minha mãe fungou e assentiu. — Seu pai, Eden. Ele não era um homem perfeito. Ele havia cometido um erro terrível. Mas ele a amava mais do que tudo neste mundo. Ele se quebrou ao perdê-la. Ele simplesmente não conseguia juntar os pedaços novamente.

Concordei, imaginando o homem na foto que Felix havia me dado, o homem de quem eu me lembrava muito pouco. Nós ficamos em silêncio, minha mãe e Molly tomando vinho, e eu pensando em tudo o que tinha o que foi dito na última hora. Levaria muito tempo para organizar todas as peças. Depois de um minuto, eu perguntei. — Então, Hector disse que seu nome era Damon?

— Sim. Damon Abas. Outro nome falso.

Balancei a cabeça. Gostaria de saber se a polícia *nunca* iria determinar a verdadeira identidade de Hector. Agora que sabia mais sobre ele, era quase

como se ele tivesse simplesmente se materializado na casa dos meus pais naquele dia tanto tempo atrás.

— Será que a polícia procurou por um lugar como Damon Abas havia descrito quando me levaram?

— Oh, sim. Damon... *Hector* tinha indicado que Acadia estava aqui no Centro-Oeste, em algum lugar por perto — Ela balançou a cabeça. — Ele nunca revelou a localização e não tivemos nenhuma razão para insistir no assunto no momento. Nós achávamos que tínhamos que conseguir mais informações quando começássemos a planejar nossa mudança. Os policiais vasculharam toda a comunidade por perto que tinham as descrições que Hector tinha nos dado. Elas estavam vazias. Nunca percebi quantas sociedades alternativas existiam por aí, a maioria delas completamente fora do radar. Era como procurar uma agulha num palheiro — Ela olhou atrás de mim por um minuto. — Vejo isso claramente agora que eu sei sobre Acadia, e imagino que a polícia o faz, também. Quanto aos porquês e os como, há tantas coisas para entender. Uma metade minha quer e a outra quer limpar as minhas mãos disso e agradecer a Deus por você estar de volta onde pertence.

Eu balancei a cabeça e ofereci um pequeno sorriso, sentindo alegria na palavra, "pertence". *Finalmente*, a coisa que eu estava procurando por toda a minha vida.

Nós conversamos por horas. Minha mãe tinha muitas perguntas sobre como eu fui tratada em Acadia. Disse a ela da minha solidão e confusão. Falei da Mãe Hailey e senti uma pressão no meu peito. Não falei especificamente de Calder ou Xander. Eu não podia - não ainda. Mas lhe disse que houve felicidade para mim lá também e que eu fiz amigos. E a enchia de hesitação mais do que horror pelo que eu havia experimentado por fim, a maior parte disso, pelo menos. Minha mãe chorou mais um pouco e assim o fez Molly.

Nós falamos uma para a outra de como nossas vidas eram agora, sobre como foi para mim entrar em uma sociedade nova e diferente, sobre Felix, e as coisas que a minha mãe tinha feito para manter minhas lembranças vivas todos os anos que estive fora.

Finalmente, quando a noite ficou mais escura, cobri minha boca para abafar um bocejo. Estava emocionalmente exausta. — Sinto muito — Eu disse balançando a cabeça. — Foi um longo dia. Eu deveria ir. Você acha que poderia me dar uma carona?

— Você não vai fazer isso — Disse minha mãe, colocando sua taça de vinho sobre a mesa. — Por favor, Eden, eu quis dizer aquilo. Por favor, fique aqui. Por favor.

— Sério, Eden, ela tem quartos de sobra no andar de cima. E você disse que estava procurando um lugar...

— Tudo bem. Seria maravilhoso, na verdade. Deixe-me ligar para Marissa e dizer a ela. Ela vai ficar feliz. Realmente, mal posso esperar para que você possa encontrá-la.

— Encontrá-la? Eu vou apertá-la com muita força. Ela está cuidando do meu bebê!

Eu suspirei. — Obrigada, mãe — Olhei para Molly. — Obrigada, Molly. Você tornou o dia de hoje muito melhor do que eu jamais poderia ter sonhado.

Nós todas nos levantamos e nos abraçamos, e minha mãe derramou mais algumas lágrimas, e depois Molly mostrou-me o meu novo quarto, na minha nova casa e me levou algumas das suas coisas para emprestar até que pudesse pegar as próprias no dia seguinte.

Quando me deitei na cama, minha mãe entrou e sentou-se ao meu lado no colchão, olhando para mim com admiração e passando a mão sobre o meu cabelo. — A minha menina — Ela disse suavemente. Ela cantarolou para mim por alguns minutos com um olhar de alegria cheio de admiração em sua expressão.

— Minha linda Eden — Ela sussurrou. — Nunca pensei que iria vê-la novamente.

— Eu te amo, mãe — Eu disse, piscando para ela, tentando não chorar. — Nunca me esqueci de você.

Ela acariciou minha bochecha e uma lágrima escapou dos seus olhos. Isso rolou lentamente pelo seu rosto quando ela disse: — Oh, minha querida, eu também te amo. Nunca pensei que iria ter a oportunidade de lhe dizer mais uma vez nesta vida. Temos muito tempo perdido para compensar — Ela limpou a lágrima e cantarolou novamente por alguns minutos.

Fiquei ali deitada, depois que ela fechou a porta, olhando ao redor na penumbra da lua lá fora, pensando em como a vida pode mudar em um instante.

Toda a minha vida sonhei com minha mãe, mantive a convicção de que fui amada antes. E agora eu a tinha de volta. Disse um silencioso agradecimento ao Deus da Misericórdia, na esperança de que estando de volta nos braços da minha mãe ajudaria a curar outro pedaço do meu coração partido.

# CAPÍTULO TRÊS

**Eden**

No dia em que tropecei para longe de Acadia, no dia em que perdi o amor da minha vida, pensei que nunca sentiria a felicidade novamente. Eu pensei que não me importava com nada. Nada importava e tudo que pude fazer era sentir dor. Somente respirar era o suficiente.

Eu tinha ouvido dizer que a única forma de superar a dor era sofrendo. Às vezes me sentia como se tivesse feito um trabalho digno, e outras vezes, via alguma coisa ou me lembrava de algo, ou do *cheiro* de algo e a dor me atingia tão forte, que me sentia como se quase dobrasse com o golpe.

Estava vivendo na casa da minha mãe por um mês e como eu esperava, a estabilidade e o amor que tinha encontrado ali foi um bálsamo para o meu coração. Não que eu não tivesse encontrado nem um pouco de paz com Felix, mas não era a mesma coisa. Eu não *pertencia* a ele. No primeiro ano que estive lá, a única coisa que fui capaz de fazer era sofrer. Durante os dois anos que minha mente pode se concentrar em *outra* coisa que não a minha dor, tinha focado em ganhar e poupar dinheiro, tentando construir algo que me permitisse sentir segura. Eu não imaginava que teria mais do que alguns momentos fugazes de felicidade, mas eu ansiava por segurança, e era nessa direção que eu seguia. Eu sabia que Felix estava doente no dia em que cheguei a sua casa, e perdê-lo foi uma preocupação constante para mim, por mais razões do que apenas o fato de que eu o amava cada dia mais.

Todas as manhãs durante as primeiras semanas na casa da minha mãe, eu acordei na minha cama de solteiro, com babados rosa - cobertor ainda preservado do meu quarto de infância. Parecia mais uma vez, que tinha acordado para uma história totalmente nova e eu era um personagem principal diferente, tropeçando nisso e tentando entender o meu novo papel.

Eu esperava não ter que me preocupar constantemente com a forma como eu cuidaria de mim e como sobreviveria por conta própria, se isso viesse para me ajudar a curar ainda mais. Mas, na verdade, não ter permitido que a ansiedade na minha mente passasse muito tempo sondando em áreas que eu tinha negligenciado com um pouco sucesso até então, como contornar as bordas de uma contusão desaparecendo apenas para descobrir que a dor permanecia. Isso *doía*. Parecia que doía o tempo todo no primeiro mês na casa da minha mãe. Eu *ainda* não tinha dito a minha mãe ou Molly sobre Calder, porque

simplesmente não sabia se era forte o suficiente para falar sobre ele com alguém. Era mais um passo que eu teria que me sentir preparada para assumir – eu supunha que saberia quando chegasse a hora. Mas minha mãe não parecia querer discutir muito sobre Acadia, de qualquer maneira. Nós conversamos sobre isso no primeiro dia, mas sempre que eu fazia qualquer referência a isso agora, ela mudava de assunto. Não tinha certeza se ela estava tentando me proteger da tristeza que pensou que me trazia em discutir, ou se ela mesma preferia não pensar nisso. Eu suspeitava que fosse o último.

Minha mãe tinha um piano na sala de estar e então comecei a voltar a dar algumas aulas. E se eu não tivesse aula, tocava de qualquer maneira. Alguns dias ajudavam mais do que outros.

Quando não estava tocando piano, ocupava o meu tempo andando pelo bairro da minha mãe admirando as velhas casas, navegando pelas lojas sem intenção de comprar nada – me familiarizando com o mundo exterior em porções controladas. Visitei Marissa, finalmente dizendo a ela de onde eu vinha, e procurava para as coisas on-line que ainda não entendia. Em poucas palavras, eu *existia*. Era essa a vida que eu estava destinada a viver? *Este era o meu destino*... Atravessar todos os meus dias sentindo um profundo vazio interior constante, uma constante ânsia? Se estivesse em movimento quando a pergunta surgia em minha mente, eu parava e fazia uma pausa com o pequeno sussurro de uma sensação me dizendo que não era. *O quê então?*

Embora minha mãe parecesse não querer discutir temas adultos comigo, parecia que ela estava constantemente onde eu estava, constantemente chegando a me tocar, olhando para mim com os olhos quase com medo, como se eu pudesse evaporar no ar a qualquer momento. Eu entendia e uma parte minha apreciava sua maternidade contínua. Afinal, tinha vivido sem por tanto tempo. Eu tinha sonhado com o amor de uma mãe pelo que pareceu uma eternidade. Mas outra parte minha, finalmente, tinha um pouco de liberdade e queria tentar descobrir o que poderia fazer sozinha. Eu queria ser tratada como a mulher de vinte e um anos de idade que era e não a criança que muitas vezes ela parecia ainda querer que eu fosse. Nós duas estávamos lutando com a dinâmica entre nós. Imaginei que levaria apenas tempo.

De muitas maneiras, senti como se tivesse sempre num cativeiro, mesmo que de formas muito diferentes, a primeira com Hector, em seguida, pelo medo que Clive Richter criou, em seguida a minha e agora por minha mãe. Sentia como se eu nunca fosse livre para ser eu mesma. Eu nunca experimentei isso com Calder, e faria isso sozinha. Com esse pensamento, o desespero tomou conta de mim.

Uma bela manhã de outono, acordei logo após o amanhecer e levei meu café para o pátio. O ar estava frio, então peguei uma coberta que estava na beira do sofá e levei comigo. Enrolei meus ombros e bebi o líquido forte e quente

enquanto admirava o crisântemo e hedera enchendo os vasos. Eu poderia dizer que o jardim era a terapia da minha mãe. Poderia dizer que ela nutria como se fosse seu próprio coração - algo tangível para manter amada e bem cuidada, bonita. Supunha que todos nós precisávamos de algo assim. Para mim, era a minha música. Era para onde eu ia me preencher e me sentir viva.

Quando terminei a metade da minha xícara de café, Molly veio tropeçando em uma calça de yoga e uma camiseta de mangas compridas.

— Oi — Molly murmurou.

— Bom dia. Levantou-se cedo.

— E você também. Pensei que poderia ir para a aula de Zumba na academia. Começa às sete. Você vem?

— Zumba? — Levantei uma sobrancelha.

— Sim, é aquele exercício de dança com base latina. É muito divertido. Deveria vir.

— Não estou para diversão às sete da manhã.

Molly bufou. — Talvez você esteja certa — Ela me olhou sobre o seu próprio café.

— Então, você está bem com a festa no jardim que Carolyn planejou?

Minha mãe estava planejando o que chamou de uma pequena festa no jardim para alguns de seus amigos mais próximos, mais confiáveis. Ela havia concordado em não falar a polícia ainda, mas estava ansiosa para contar aqueles que ela amava que eu estava de volta. Não podia negar isso a ela. Mordi meu lábio por um minuto. — Isso me deixa um pouco nervosa — Eu disse. — Mas confio em Carolyn.

Molly balançou a cabeça, tomando um gole do seu café.

— Acho que vai dar tudo certo — Disse ela. Ela fez uma pausa. — A parte da festa, de qualquer maneira. Convém que você fique ciente que Carolyn tem planos de alguns arranjos — Ela ergueu as sobrancelhas.

— Planos?

Molly assentiu. — Ela tem um grande plano em fazer você se apaixonar pelo filho do nosso vizinho, *Bentley*.

Eu levantei uma sobrancelha. — Bentley?

Ela assentiu, pegando a xícara de café novamente e franzindo a testa. — Sim, Bentley Von Dorn - isso é complicado, certo? — Ela bufou. — Ele é

realmente muito bonito, mas é completamente insuportável — Ela desviou o olhar, mas antes que ela fizesse isso, pensei ter visto algum tipo de possessividade em sua expressão.

Eu levantei uma sobrancelha. — Minha mãe quer me arrumar alguém *insuportável*? Bem, isso é bom.

Ela olhou para mim e acenou com a mão em seu rosto. — Oh, bem, insuportável pode ser um exagero. Desagradável é provavelmente uma palavra melhor. E tenho certeza que Carolyn não tem ideia — Ela olhou para suas unhas como estudando-as. — De qualquer forma, cuidado. Eu ficaria longe — Mantive meus olhos sobre ela por um minuto, mas não disse nada. Tinha a sensação de que havia muito mais para Molly dizer de Bentley do que ela estava fazendo e que talvez Molly não o achasse realmente insuportável.

Enquanto estávamos ali sentadas no pátio coberto, pingos de chuva suaves começaram a cair. Eu senti a tristeza se aproximando lentamente, como um amigo hesitante. Apenas falar de um arranjo, encontro, o tema do amor em geral me deixava melancólica. *Eu nunca teria isso de novo*. Nunca. Nem mesmo queria. Calder foi o meu único e verdadeiro amor, a outra metade do meu coração. Ele tinha ido embora e assim foi essa parte da minha vida.

*Há uma nascente. Eu vou esperar por você.*

Senti os olhos de Molly em mim enquanto eu olhava para as ondulações provocadas pelos pingos de chuva na superfície da piscina de água cristalina.

— Gostaria que você compartilhasse tudo com a gente, Eden. Talvez ajudasse. Você já está aqui há um mês, e espero que saiba que te amo muito.

Olhei para ela, surpresa que ela tinha lido o meu estado de espírito tão bem e acenei com a cabeça. — Eu sei — Disse calmamente. — E eu amo vocês. E só de estar aqui, *com vocês,* me ajudou muito. Não sei nem mesmo como dizer isso — Encontrei seus olhos, oferecendo-lhe um pequeno sorriso. Tomei um gole de meu café e coloquei em cima da mesa na minha frente.

— Eu sei, querida, mas não é isso que quis dizer. Significa que eu gostaria que você me deixasse ajudá-la com a sua tristeza. Talvez...

— Ninguém pode ajudar com isso — Eu disse suavemente. — Gostaria que você pudesse.

Olhei de volta para a chuva. — Sei que Felix encontrou minha mãe para mim — Eu disse calmamente. — Mas gosto de pensar que *ele* me guiou para vocês — Fiz uma pausa. — Se esse tipo de coisa for possível.

— Ele quem? — Molly perguntou, pegando minha mão na dela.

Olhei para ela, sem responder a sua pergunta, apenas deixando as palavras finalmente fluir. — Às vezes imagino que a chuva é ele — Eu ri baixinho. — Se estou sozinha, viro meu rosto para isso — Eu mostrei como, levantando meu rosto para o céu. — E posso *senti-lo* — Fechei os olhos. — Eu nunca vou ter um lugar onde possa visitá-lo, por isso estou com ele na chuva — Olhei para Molly novamente. — Mas, então, isso me traz de volta pra lá, também. Nunca sei o que eu vou conseguir.

Ela olhou para as nossas mãos e em seguida, em meus olhos. — Acadia — Ela sussurrou.

Eu olhei para além da piscina novamente e balancei a cabeça. — Ouvi um convite para um culto várias vezes no noticiário. E acho que já se realizou — Mordi o lábio por um minuto com o pensamento de todo o horror que havia ocorrido ali naqueles dias finais. — Para mim, estava em casa. Eu amava as pessoas de lá. E essa é a parte mais difícil.

— Havia um garoto — Disse Molly. Não era uma pergunta.

— Sim.

— E ele...

— Sim. — Eu disse.

Molly olhou para baixo, mordendo o próprio lábio. — Oh, Eden. Não é de se admirar. Estava apaixonada. Oh, eu sinto muito, muito mesmo.

Balancei a cabeça quando uma lágrima escapou dos meus olhos.

Molly se inclinou para a frente. — Existe alguma chance de que ele tenha escapado, também? Quero dizer, você não foi à polícia...

Balancei minha cabeça, limpando a umidade do meu rosto. — Todo o local foi arrasado. Debaixo d'água. Eu sei que você provavelmente viu no noticiário, mas estar lá... — Tremi, passando os braços em volta de mim. — A água e, em seguida, a queda. Não.

— Oh Deus — Ela se levantou e se inclinou para me abraçar, me apertando com força contra ela. Quando ela voltou para sua cadeira, havia lágrimas em seus olhos, também.

Nós duas enxugamos nossas lágrimas, assim que a minha mãe atravessou as portas para o pátio. — Bom dia, meninas — Ela cantarolou. Estava completamente vestida, penteada e parecendo que tinha acordado havia horas. Ela veio e me deu um beijo na minha bochecha, trazendo seu rosto perto do meu e olhando para mim com um sorriso no rosto por uns bons dez segundos. Seu aroma floral flutuava ao meu redor. Não pude deixar de sorrir de volta para ela

com meu humor levantando um pouco. — O quê? — Eu perguntei.

— Você! — Ela disse, apertando minha bochecha. — Você traz alegria para o meu dia. E é tão linda, mesmo com esse cabelo de quem acabou de acordar — Ela sorriu.

Molly bufou. — Bem, caramba, o que eu sou? Um zero a esquerda aqui?

— Oh — Minha mãe disse, em pé e batendo palmas. — Você está linda, também. Estou apenas acostumada com você — Ela aproximou-se e beijou Molly e beliscou a sua bochecha também. Ela se sentou em uma cadeira ao meu lado e disse: — Tenho tanta coisa para fazer antes da festa.

Mordi o lábio. — Você realmente acha que seus amigos vão ser discretos? — Eu perguntei. — Quero dizer, essas pessoas podem definitivamente ser confiáveis para não irem à polícia, certo? Até que estejamos prontas?

Os olhos da minha mãe se arregalaram. — Ah, sim. Fiz todos jurarem que isso ficaria em sigilo por enquanto. Eles sabem exatamente o quanto sofri, e agora, o quanto você sofreu, também. Eles nunca fariam isso — Ela fez uma pausa, parecendo preocupada. — Mas Eden, nós vamos ter que dizer à polícia que você está de volta em algum momento, minha querida. Eles vão querer encerrar o caso, investigar e o que quer que eles façam em situações como esta.

Franzi minha testa, balançando a cabeça. — Você não pode ficar em apuros por não lhes dizer logo de cara, não é?

Molly interrompeu. — Não consigo pensar em qualquer lei que você esteja quebrando, não, e duvido que eles fizessem qualquer coisa sobre isso, de qualquer maneira. O que isso pareceria? Qualquer pessoa em sã consciência vai entender — Ela olhou para Carolyn que estava balançando a cabeça. — Ainda assim, você não pode viver com isso pairando sobre sua cabeça. Quanto mais cedo você começar todo o rebuliço, mais cedo pode seguir em frente com sua vida.

Franzi minha testa de novo, balançando a cabeça. — Rebuliço — Eu sussurrei.

— Ah, sim, vai ser um circo da mídia. Você tem que estar preparada para isso — Carolyn franziu ligeiramente a testa. Enquanto estudei seu rosto, a simpatia me inundou. Se alguém estava familiarizado com um circo da mídia, era ela que eu imaginava.

Balancei a cabeça de novo, ainda mais determinada agora de ir à polícia. *Polícia*. Como sempre, só a palavra sozinha fazia o medo deslizar pela minha espinha. *Um prisioneiro com medo*.

— Bem de qualquer maneira — Disse Carolyn animadamente. — Podemos falar sobre tudo isso depois da festa. Vamos tomar uma decisão em conjunto.

Sorri, mas eu ainda estava um pouco preocupada. — Tudo bem. Então falando da festa, pensei que você disse que era um grupo muito pequeno de amigos íntimos?

— Ah, são apenas vinte. Mas minhas festas no jardim são famosas, então tenho uma reputação a defender — Ela piscou. — Além disso, uma vez que vai estar frio, não há muito que fazer. Lâmpadas para aquecimento, luzes pisca piscas... Vai ficar lindo. Será como compensar todas as festas de aniversário que não consegui fazer para você.

Eu ri baixinho. — Ok — Comecei a ficar de pé e Molly e minha mãe também. — Vou entrar e tomar um banho — Eu disse.

— Tudo bem. Coloquei sua roupa em cima da sua cama — Minha mãe disse enquanto eu me afastava. Eu me virei novamente.

— Roupa?

— Para a festa.

Ouvi Molly gemer e meus olhos correram para ela. Ela arregalou os olhos ligeiramente, como se dissesse que Carolyn havia realmente perdido a cabeça. O que poderia realmente doer? Voltei-me para a minha mãe e sorri. — Obrigada, isso é bom — Eu disse.

Sua expressão se iluminou e ela sorriu, batendo palmas.

— Eden — Molly falou. — Foi muito bom falar com você — Ela sorriu calorosamente um pouco triste.

Dei-lhe um pequeno sorriso de volta. — Pra mim também, Molly — Eu disse.

Subi as escadas para o meu quarto tentando o meu melhor para não ofegar em horrorizado choque quando vi o vestido sem mangas, rosa claro e com uma enorme flor no decote. Segurei o cabide para cima e meus olhos se abriram quando a flor parecia crescer diante dos meus olhos. Caramba.

Coloquei de volta na minha cama quando um sentimento de revolta percorreu meu corpo. *Isso não é igual*, eu me lembrei, imaginando, o vestido de renda branco. *Isso não é igual*. Pendurei o vestido no meu armário e fechei a porta firmemente atrás de mim.

# CAPÍTULO QUATRO

**Eden**

Eu rolava através da página de Internet na minha frente, tomando algumas notas aqui e ali quando algo parecia importante, mas principalmente lendo o conteúdo e parando quando precisava entender algo. As informações encheram minha mente, bloqueando tudo e trazendo consigo uma paz que eu desejava, pelo menos nesse momento.

Bateram na minha porta, me assustando um pouco. Fechei meu laptop. Ninguém entenderia isso - certamente não minha mãe. Molly espiou e sorriu para mim, fechando a porta atrás dela.

— Sabe do que você precisa? — Ela perguntou.

Dei uma risada quando coloquei meu laptop de lado. — Tantas coisas, nem sei por onde começar.

Ela deu um riso suave, também. — Não, de verdade. Você precisa de uma noite fora.

Balancei a cabeça, recostando-me nos travesseiros atrás de mim onde estava sentada na minha cama. — Oh não, não. Eu não vou a bares. E nem sequer tenho uma identidade, de qualquer maneira.

— Eu não vou para um bar. Vou me encontrar com alguns amigos da faculdade e vamos ver um artista local que está fazendo muito barulho por aqui.

Peguei meu laptop e levantei para colocá-lo na minha mesa sob a janela. — Um artista? — Molly era uma caloura no The Art Institute e estudava Marketing da Moda e tinha planos com seus colegas muitas vezes.

Ela concordou, estatelando-se na minha cama. — Sim. É a noite de abertura, mas a minha amiga Ava conseguiu acesso na abertura para os alunos e me deu dois bilhetes para esta noite. Ela disse que ele é quente como o pecado, também — Seu rosto ficou sério. — Não que você estivesse a fim de olhar para caras ou qualquer coisa, mas, você sabe.

Dei um riso silencioso. — Está tudo bem, Molly.

Fui até o espelho onde suspirei com a minha aparência. Meu cabelo estava uma bagunça e não tinha colocado nenhuma maquiagem. Peguei uma

escova e tentei domar minha franja, pelo menos. Molly veio atrás de mim e pegou meu cabelo e começou a enrolá-lo em um coque frouxo. Joguei a escova para baixo, grata pela ajuda.

— Acho que isso pode ser uma coisa segura a fazer, sabe, praticar para ser sociável — Ela me olhou no espelho um pouco nervosa.

Olhei para ela por um minuto, agradecida por ter encontrado uma amiga da minha idade. Ela entendia muito mais sobre a vida do que eu. — Acho que é óbvio que eu preciso de prática — Olhei para baixo.

Molly pegou um enfeite e colocou no meu cabelo. Ela sorriu gentilmente para mim. — Isso é natural, Eden. E depois do que você passou... Bem, isso vai ser um processo, sabe? E entendo completamente que você precisa começar a sair lentamente. Estive procurando por uma oportunidade para ajudá-la a sair e acho que essa é perfeita — Ela colocou outro enfeite no meu cabelo.

Não pude deixar de apreciar a reflexão de Molly. Nunca tinha tido um amiga antes e acho que eu ainda precisava de prática a esse respeito, também. Eu estava tão grata que Molly facilitou as coisas. Ela começou a puxar alguns fios soltos em volta do meu rosto. — Pronto. Perfeito. Coloque algo que faça você se sentir bonita e me encontre lá embaixo em meia hora.

— Eu não sei. Estou meio que querendo me enrolar com meu laptop esta noite. Além disso, Carolyn tem aquela grande festa no jardim planejada para amanhã. Acho que terá muita prática social ali.

— Mas eles não são seus amigos, são amigas da sua mãe. Não é o mesmo — Ela colocou as mãos nos quadris. — E enrolar-se com seu laptop? — Ela franziu a testa. — Agora isso é triste. E não foi isso que você fez o dia todo? — Ela encontrou meus olhos no espelho. — O que você faz ali, de qualquer maneira? — Ela levantou uma sobrancelha.

— Oh, apenas, sabe, tentando me atualizar. Tudo é tão diferente no mundo exterior.

Molly me estudou com um olhar solidário suavizando sua expressão. — Posso imaginar. Você não tem que atravessar por isso sozinha, Eden. Posso ajudá-la.

O calor encheu meu peito e eu sorri para ela. — Obrigada, Molly — Fui até minha mesa e comecei a organizar os papéis que imprimi mais cedo naquele dia.

— Então — Ela continuou. — Eu não vou aceitar um não como resposta esta noite. Você precisa ver o cara da nascente no deserto. Suas pinturas estão repletas de luz! E isso é apenas do folheto.

Virei-me para ela, dando um sorriso confuso e enrugando a testa. — Nascente no deserto? — Claro, eu nunca tinha dito a ela ou alguém sobre Calder e minha nascente. Inclinei a cabeça, um pouco abalada pela descrição depois que tinha *acabado* de falar sobre Calder. — O quê? — Eu perguntei.

Molly assentiu. — Sim. Ele pinta umas imagens de uma nascente perfeita com imponentes rochas por todos os lados. Parece algum tipo de paraíso, ou o Jardim de Éden, e uma garota - apenas a parte de trás dela, mais e mais, mas — Ela me encarou com ar sonhador. — Elas são tão reais e tão românticas. Ele é realmente talentoso, estou lhe dizendo.

Um artista... *Um artista*?

Meu sangue gelou e tudo dentro de mim avançou ao mesmo tempo. Ouvi minha voz como se isso estivesse vindo de fora de mim. — Uma menina? — Engoli pesadamente. — Fale-me mais — Exigi.

O sorriso de Molly vacilou um pouco quando ela inclinou a cabeça e me estudou.

— Qual é o nome dele? — Eu praticamente gritei com os lábios trêmulos. *Não podia ser. De jeito nenhum. Não podia ser. Pare de pensar isso, Eden. O pensamento só vai destruir você. Há muitos artistas no mundo... Certamente mais do que algumas pinturas de nascentes. Mas nascentes no deserto? E uma menina...?*

— Eden, o que há de errado? — Molly perguntou com um olhar de preocupação aparecendo em seu rosto.

Agarrei seus braços e apertei ligeiramente. — Qual o *nome* dele? — Exigi novamente.

A cara feia de Molly se aprofundou. — Storm. Ele se chama Storm. Só isso. Um nome inventado, eu tenho certeza, e isso meio que soa como um stripper — Ela riu nervosamente. — Mas não me importaria que ele tirasse um pouco das suas roupas.

— Onde está o folheto? — Eu perguntei. — Eu preciso ver o folheto.

— Eden... — Molly franziu a testa.

Eu respirei, acalmando-me. — Por favor, Molly, apenas me mostre o folheto.

— Me desculpe, eu não tenho aqui. Olhei o de Ava na escola, mas não trouxe comigo.

Meu corpo estremeceu e tirei o roupão que estava usando durante todo o dia. Peguei um jeans do final da minha cama e vesti. Todo o meu corpo tremia e senti como se estivesse em risco de ter um ataque de algum tipo.

Enfiei a mão no meu armário e peguei a primeira blusa que coloquei os olhos, algo azul marinho ou preto. Escuro de qualquer maneira. Levaram algumas tentativas de colocar a minha cabeça no buraco no pescoço e comecei a chorar com a emoção avassaladora juntamente com a frustração de tentar me vestir. Em segundo plano, Molly estava dizendo alguma coisa e quando finalmente eu puxei a blusa sobre a minha cabeça, suas palavras foram registradas.

— Você está me assustando. Que está acontecendo? É o cara? Storm? Eu...

Puxando a blusa sobre a minha cabeça fez meu cabelo cair do coque que Molly tinha acabado de fazer e então corri minhas mãos por ele rapidamente e tudo desmoronou nas minhas costas. Respirei fundo várias vezes, mas a agitação continuou. — Eu preciso que me leve para a galeria — Eu disse com uma voz trêmula. — Preciso que você me leve até lá neste minuto.

O rosto de Molly era uma mistura de confusão e preocupação. — Tudo bem, o que precisar. Vamos lá.

Assenti e deslizei em uma sandália de dedo. Estava muito frio lá fora para sandálias de dedo, mas não me importei. *Não pense. Simplesmente não pense até chegar lá. Você pode ficar louca. Se ficar, está tudo bem. Está tudo bem. Você vai ficar bem.*

Eu praticamente corri para baixo pela grande escadaria e abri a porta da frente. Ouvi a voz da minha mãe atrás de nós enquanto corria para a porta. — Estamos indo para aquela mostra de arte! — Molly gritou de volta para ela.

— Oh, bem, bem. Traga-a de volta... — A voz de Carolyn foi cortada quando Molly fechou a porta atrás de nós.

Corri descendo o curto lance de escadas para a garagem ao lado da casa e esperei do lado do passageiro até Molly clicar.

Uma vez que Molly entrou no carro e saiu para a rua, ela se virou para mim. — Você quer falar sobre...

— Não, Molly, sinto muito. Farei quando chegarmos lá. Mas agora sinto que vou vomitar. Por favor, eu só preciso estar aqui — Era como se meu coração capotasse no meu peito.

Molly balançou a cabeça e virou-se para a estrada.

Quinze minutos depois, estávamos no centro. Quando dirigimos passando a galeria, onde a exibição seria, virei-me, vendo a enorme fila formada do lado de fora. Vi um flash verde nas pinturas da janela e apertei os olhos para focalizá-las, mas estávamos muito longe, e as pessoas que estavam na fila estavam bloqueando minha visão.

— Deve ter um estacionamento em uma garagem ao virar a esquina — Disse Molly.

— Deixe-me sair daqui, por favor. Eu preciso sair daqui — Coloquei minha mão na porta.

— Uau. Nenhum salto para fora do carro enquanto ele está em movimento! Quero ir com você, de qualquer maneira, Eden. Estou preocupada com você.

Balancei minha cabeça, tentando conseguir controlar a minha respiração. Parecia que toda a superfície da minha pele estava quente e irritadiça e não conseguia sentir minhas extremidades. — Eu estou bem, juro. Eu realmente preciso sair daqui. Por favor. No próximo sinal vermelho, vou sair.

Molly franziu os lábios. — Tudo bem, tudo bem. Mas vou estar cerca de cinco minutos atrás de você, ok?

Balancei a cabeça. — Ok, muito obrigada — Soltei outro grande suspiro, apertando minhas mãos no colo para parar de tremer. Engoli a bile tentando fazer o seu caminho até a minha garganta e treinei a respiração que tinha ficado muito boa logo depois que tinha saído de Acadia e precisava controlar minhas emoções o suficiente para funcionar.

O carro de Molly parou devagar no sinal vermelho, várias quadras da galeria, estendi a mão e apertei seu ombro. Pulei para fora do carro, caminhando para o outro lado da calçada.

E então deveria ter corrido, embora não me lembrava. De repente, estava no final da fila de pessoas esperando que a mostra da galeria começasse e eu estava quente e respirando com dificuldade.

*Oh Deus, oh Deus, oh Deus.*

*Não podia ser. Não podia ser. Era tudo uma estranha coincidência. Tinha que ser.*

Comecei a passar as pessoas que esperavam, alguns me atirando olhares reprovadores, outros me dizendo para voltar para o final. Ignorei-os. Precisava chegar até a janela da frente.

*Eu tinha que ver. Oh, Deus, tinha que ver.*

Várias pessoas estavam recostadas contra o vidro da janela da frente e eu fiquei na ponta dos pés para ver por cima delas, mas eu não era alta o suficiente. — Com licença, sinto muito, preciso ver ali dentro — Eu disse com a minha voz trêmula. As quatro pessoas me olharam com curiosidade, mas todos começaram a se mover para fora do caminho, como uma abertura de cortina.

Prendi a respiração e minhas mãos se apertaram em punhos.

E lá estava. *Nossa nascente*. Em vibrantes. Vivas. Cores.

Engoli em seco, escapando um soluço alto e cambaleei, minhas mãos chegando à minha boca e lágrimas brotando nos meus olhos. O mundo ficou luminoso ao meu redor e a adrenalina explodiu pelo meu corpo.

Sim, era a nossa nascente. Reconheci cada pedra, cada arbusto, cada folha de grama.

*E me reconheci.*

Eu estava de pé alta e orgulhosa, *poderosa* e segura na frente de uma enorme serpente ameaçadora dominando a nossa rocha. Minha cabeça estava erguida, meus ombros para trás, meu cabelo em cascata pelas minhas costas e cobrindo minha nudez, apenas com a parte de trás dos meus ombros e pernas à mostra. Meu rosto não era visível, mas era eu.

Meus olhos se mudaram para a pequena placa debaixo dela, para o título da pintura. “The Snake Wrangler”. Eu ri um soluço estrangulado e, em seguida, trouxe as duas mãos até minha boca e simplesmente fiquei chorando por alguns minutos até que tinha o controle suficiente para me afastar da janela e andar através das pessoas para a frente da fila.

Ninguém tentou me parar, ninguém me disse para ir para o final da fila. Eles só se separavam e me deixavam passar, disparando olhares confusos e surpresos. Eu estava chorando abertamente, nem mesmo tentando esconder as lágrimas.

Não conseguiria se tivesse tentado.

*Ele está aqui. Eu posso senti-lo.*

*Oh Deus, oh Deus, oh Deus.*

Quando fui para a frente da fila, um cara de terno preto olhou para mim com os olhos arregalados, seu olhar descendo pelo meu corpo vestido de jeans. — Preciso chegar lá — Eu disse, enxugando minhas lágrimas rapidamente com a manga da minha blusa com a minha voz ainda vindo de algum lugar fora de mim. Achei que soava forte, porém, inabalável.

— Eu sinto muito. Você precisa de um bilhete. Todas essas pessoas têm bilhetes — Ele virou a cabeça para a fila formada atrás de nós.

— Aqui está — Disse Molly, de repente, aparecendo ao meu lado e segurando algo na direção do homem. — Dois bilhetes estudantes — Ele os pegou, seus olhos se movendo de um lado ao outro entre nós. Ele olhou para os bilhetes de forma rápida e acenou com a cabeça em direção à galeria.

Corri para a porta de vidro e abri, examinando os arredores. Quando olhei para as artes penduradas em cada centímetro quadrado das paredes da galeria - nossa nascente, as glórias da manhã e eu - e mais e mais, em todos os lugares, sempre as minhas costas ou um ligeiro perfil, mas sempre *eu*. Excitação, medo, adrenalina e ansiedade extrema correram através de mim. Mas, principalmente, reverência. Senti como se meu coração estivesse batendo fora do meu peito. Eu olhava ao redor descontroladamente.

*Onde ele estava? Onde ele estava?*

A mão de Molly apertou o meu braço e eu agradeci, me inclinando para ela como apoio. — Vamos lá — Disse ela em voz baixa. — Ele tem que estar por perto.

— Sim — Eu guinchei com a minha pressão arterial subindo rapidamente.

*Ele tinha que estar perto. Há uma nascente. Eu vou esperar por você. Eu estarei lá.*

Nós andamos ao redor de uma parede de arte e quando saímos do outro lado, lá estava ele. O mundo inteiro desapareceu e era só ele. *Calder. Meu Calder.*

Ele estava vivo. Ele estava *vivo*.

Senti as lágrimas correndo pelo meu rosto de novo e tudo que eu podia fazer por um minuto inteiro era olhar, apreciá-lo, permitir que a minha mente tentasse dar sentido à realidade bem na minha frente.

Ele estava em pé conversando com um pequeno grupo de pessoas e quando virou a cabeça para mim, com um pequeno sorriso em seus lábios, seus olhos se arregalaram e piscaram com seu rosto perdendo toda a cor. Uma taça que ele estava segurando em sua mão caiu no chão quando as pessoas ao seu redor engasgaram. Sua expressão era uma mistura de confusão, choque e descrença. De repente, seu rosto ficou sonhador e ele inclinou a cabeça, com os olhos fixos no meu rosto. Ele começou a caminhar em minha direção, as pessoas ao redor dele tropeçando para fora do caminho enquanto ele apenas colidia de lado com o seu movimento, seus pés esmagando o vidro no chão. Eu não conseguia me mover. Estava presa ao chão.

Ouvi Molly expirar: — Oh meu Deus — Ao meu lado, mas não me virei em sua direção. Meus olhos estavam presos com os de Calder.

Quando ele chegou até a mim, esticou timidamente a mão e a senti no meu rosto, um dos seus polegares limpando uma lágrima. Ele tirou a sua mão e olhou para ela em confusão, e depois de novo para o meu rosto. Sua boca se abriu e fechou. Sua expressão parecia clara quando ele pegou meu rosto em suas mãos e deixou escapar um suspiro torturado com seus olhos enlouquecidos. — Como? — Ele resmungou. — Como, como, como? — Ele balançou a cabeça de um lado para o outro e as mãos apertando com tanta força meu rosto que eu gritei.

Levei minhas mãos para cima e coloquei sobre as dele e nós dois afundamos até o chão. Os olhos de Calder percorriam meu rosto descontroladamente e sua respiração saía em rajadas cortantes. — Você é real — Ele continuou dizendo mais e mais. Nós dois estávamos de joelhos no chão da galeria, as mãos de Calder passando pelos meus ombros, braços, me apertando suavemente. Eu apertei minhas mãos em seus ombros largos também, me convencendo que ele estava realmente ali. Era real, realmente vivo.

— Eden, Eden, eu não entendo — Ele engasgou. — Como, como?

De repente, as pessoas estavam nos puxando para algum lugar. Tropecei como Calder também fez, mas nossos olhos nunca deixando o outro enquanto fomos guiados e uma porta foi fechada. Eu podia sentir o cheiro de café e algo doce, ouvi as vozes das pessoas que tinham ido para a sala com a gente. Mas eu não conseguia desviar o olhar.

— Você sobreviveu — Disse Calder. — Deus, você sobreviveu. Como, Eden? Como?

— Eu flutuei — Eu disse simplesmente com lágrimas correndo pelo meu rosto. — Assim como você me ensinou. Flutuei.

As lágrimas inundaram seus olhos, também. — Não havia nenhum ar. Ninguém sobreviveu. Não havia nenhum ar.

Fechei os olhos com força e balancei a cabeça, incapaz de formar as palavras, minha cabeça não era clara o suficiente para pensar em outra coisa que não ele... Aqui, bem na minha frente.

Em vez disso, agarrei as mãos de Calder nas minhas novamente. Nós dois estávamos tremendo como folhas com a adrenalina drenando nossos corpos. Atrás de mim, ouvi muitas vozes baixas. — Eu sei, há tanta coisa, muito e sua arte — Comecei a chorar baixinho novamente. — Sua arte, oh meu Deus, Calder. É tão linda — Dei um pequeno soluço. — Você é um artista.

— Onde você está vivendo, Eden? Eden — Ele balançou a cabeça como se as palavras que saíram de sua boca não parecessem reais para ele.

— Com a minha mãe e minha prima, Molly — Eu disse.

Seus olhos se arregalaram. — Sua *mãe*? Eden...

— Ei, o que está acontecendo aqui? As pessoas lá fora estão... — Virei-me em direção a voz de Xander na mesma hora que ele cambaleou para trás contra a parede. — Puta merda — Ele suspirou, e depois: — Puta merda! — Ele correu em nossa direção e começou a me chacoalhar um pouco. — Puta merda. Puta merda — Ele jogou os braços em volta de nós e ficamos ali chorando e apertando um ao outro até que Xander se afastou e limpou seus olhos com a manga da sua camisa. — Como Eden? — Ele finalmente conseguiu dizer com seus olhos vagando sobre o meu rosto com um olhar de admiração.

Abri minha boca para falar, quando a voz de mulher veio atrás de nós. — Talvez todos nós pudéssemos tomar um café depois da mostra e passar pelos detalhes? — Ela disse com muita calma. Nós nos viramos e eu limpei meus olhos e tentei controlar a minha respiração enquanto eu a observava. Ela era linda, com cabelo marrom escuro e brilhante que pairava suavemente sobre seus ombros e grandes olhos verdes.

— Madison, cancelarei a mostra de hoje à noite — Disse Calder, olhando de novo para mim com os olhos explorando o meu rosto novamente, como se ele ainda não pudesse acreditar que eu era real.

Madison colocou as mãos nos quadris. — Calder, essa mostra poderia significar tudo para a sua carreira. Não faça isso. São só três horas. Três horas que você nunca terá de volta.

— Eden — Disse Molly suavemente atrás de mim. — Deixe-me levá-la para casa, querida, e você pode ligara para, uh, *Storm*, depois da sua mostra. Logo após a mostra, está bem?

— Calder — Eu disse ainda olhando para o rosto dele. — O nome dele é Calder — Ele estava ainda mais bonito do que me lembrava; seu cabelo escuro e sedoso estava mais comprido, sua estrutura óssea mais definida, uma ligeira barba por fazer em seu maxilar e seus olhos escuros e profundos inundados de alegria enquanto ele olhava para mim.

A mulher chamada Madison soltou um suspiro alto. — Bem, isso soa como uma boa ideia. Isto é um grande choque. Ambas podem se juntar a nós e podemos ter um pequeno e agradável reencontro depois que Calder emocionar a multidão e fazer um grande nome para si.

Nós? Olhei para Madison e estendi minha mão. — Eu sou Eden — Eu disse suavemente.

Madison olhou para minha mão ainda tremendo e, em seguida, pegou-a. Ela olhou para mim por vários segundos. Ela disse que isso deve ser um choque - *ela deve saber quem eu sou. Será que ela sabe que sou a garota em todas as pinturas de Calder?* Finalmente, ela disse: — Eu sou Madison, a namorada de Calder e proprietária desta galeria.

Meu sangue gelou e eu engoli fortemente e meus olhos voaram para Calder. Ele abriu e fechou a boca brevemente como se fosse falar com a cor sumindo do seu rosto novamente, seus olhos estavam agonizantes e cheios de remorso. — Eden... — Foi tudo o que ele conseguiu.

Respirei fundo, olhando para Xander, que tinha um olhar em seu rosto que foi de igualmente incrédulo e para dor. Xander olhou para Calder. — Tudo o que você quiser — Ele disse simplesmente.

— Eu quero cancelar isso — Disse Calder, olhando para mim. — Madison eu preciso falar com Eden. Agora.

Balancei a cabeça, dando uma grande respiração. — Não. São somente três horas. Falaremos mais tarde, tudo bem? — Eu consegui dar um sorriso soltando outra grande respiração instável. — Nós, eu e você, podemos esperar três horas. Esta mostra não vai esperar — Eu sorri para ele. Pareceu-me totalmente ridículo que faríamos qualquer coisa senão segurar um ao outro pelo resto da vida agora, mas mesmo em minha mente confusa, chocada e alegre, reconheci que ele tinha uma vida, e que eu não era mais parte dela. Uma terrível sensação de tristeza tomou conta de mim ao saber que ele tinha uma namorada, mas respirei fundo e foquei nele, que estava bem na minha frente. *Ele estava vivo*.

— Você vai ficar aqui e esperar por mim? — Ele perguntou.

Olhei para Madison que tinha um olhar preocupado em seu rosto e seus lábios estavam franzidos. Eu não conseguia suportar estar em uma sala ou mesmo em um edifício, com a namorada de Calder por três horas. Isso ia me matar. — Não. Vou deixar Molly me levar para casa e vou tomar um banho, e voltar em algumas horas, ok? — Levei a minha mão de volta para o rosto de Calder e ele se inclinou para ela. Madison limpou a garganta e eu a puxei para trás, mas não olhei para ela.

— Não, Eden, não. Eu só... Eu preciso... Não posso deixar você sair daqui. Não.

— Calder — Madison interrompeu. — Eu tenho que *insistir* para que você fique aqui por pelo menos algumas horas. Nós *contratamos* todas essas pessoas. Estão todos dependendo de você. E você tem um contrato com a galeria. Apenas algumas horas, isso é tudo — Ela terminou com sua voz segurando uma nota de ansiedade.

— Vou levá-la — Disse Xander, olhando entre nós. — Eu ficarei com ela. Vou mantê-la segura, irmão. Ok, Calder, tudo bem? — Ele olhou preocupado para Calder.

Calder suspirou e depois balançou a cabeça, parecendo meio atordoado e meio miserável.

Xander assentiu. — Tudo bem. Eu estarei com ela. Confie em mim? Vou enviar o seu número e endereço por mensagem de texto e enviar o seu para o telefone dela também. Eu estou com ela.

Calder levou a mão à cabeça e agarrou seu cabelo, deixando seus lábios em uma linha fina.

Dei uma respiração profunda e calma. Eu ainda estava tremendo um pouco e meu cérebro parecia estar cheio com todo o tipo de ruído. — Poucas horas — Eu sussurrei.

Calder simplesmente ficou ali - com uma expressão de angústia - sua mão tremendo enquanto ele estendeu a mão para me tocar uma última vez e depois deixou a mão cair.

— Tudo bem. Felizmente apenas algumas pessoas da galeria viram, então não temos muito controle de danos para fazer. Lori, você vai abrir as portas novamente e explicar isso... — A porta se fechou atrás de mim, abafando a voz de Madison. Saí da galeria com as pernas bambas. As pessoas estavam fluindo através das portas agora e notei somente alguns olhares curiosos na minha direção. Xander me segurava de um lado e Molly do outro.

Do lado de fora, começou a cair uma chuva e as pessoas na fila estavam encostadas contra a parede e a janela da galeria, estando cobertos por uma pequena saliência.

— Bem, isso veio do nada — Disse Molly, recuando sob a proteção da porta.

Houve uma breve discussão sobre qual carro eu iria, mas nada disso foi registrado quando Xander pegou meu braço e me puxou para perto e eu deixei. Nós dois corremos pela chuva.

Ele me ajudou a subir em uma caminhonete vermelha opaca e amassada, inclinei-me para trás do banco quando ele entrou no outro lado e ligou o motor. Corri minhas mãos rapidamente sobre o meu cabelo parcialmente molhado e, em seguida, passei as palmas das mãos sobre as coxas vestidas de jeans. Minha mente e meu corpo estavam fracos, com os danos das emoções batendo em mim tão rápido e furioso que eu mal podia dar sentido para todas elas. *Calder estava vivo*. Calder estava aqui em Cincinnati. Calder está vendendo sua arte. Calder tem uma *namorada*. Fechei os olhos.

— Não mencionei a sua amiga que não tenho uma licença — Disse Xander, correndo sua mão pelo cabelo molhado e, em seguida, descendo por sua camisa. — Não sabia se ela deixaria você ir comigo. Toda a coisa de identidade tende realmente a ficar no caminho — Ele parou de falar, olhando para mim com um olhar de incredulidade ainda em seu rosto. Então ele se virou para o para-brisa. Meu coração assumiu o mesmo ritmo do barulho do limpador tirando a água do vidro.

Dei-lhe um pequeno sorriso. — Eu sei. E Molly, ela é minha prima.

Ele olhou para mim interrogativamente quando virou para o tráfego.

— Encontrei a minha mãe — Eu disse em resposta.

Os olhos de Xander se arregalaram em choque quando ele olhou para mim. — O quê? Como? Eu... — Ele parou, balançando a cabeça em admiração. — Meu Deus, Eden, *como*? Como você sobreviveu? Puta merda — Ele repetiu.

— Eu vou te dizer tudo isso, Xander, quando chegarmos a minha casa. Acho que preciso de algumas doses ou algo assim.

Xander olhou para mim por alguns segundos e, em seguida, olhou de volta pra a estrada, deixando escapar uma pequena risada e balançando a cabeça. — Sim, você e eu.

— Não posso acreditar que estou me afastando dele — Eu disse quase para mim mesma.

Xander me deu um olhar de simpatia. — Eu sei que parece provavelmente que está tudo errado, mas essa mostra, Eden, poderia ser sua grande oportunidade. São apenas três horas e isso vai dar à você a chance de conseguir algum equilíbrio de volta.

Concordei, olhando para ele e colocando a mão em seu ombro. — Eu procurei por você — Eu disse calmamente. — Depois de Acadia... Quando cheguei em Cincinnati. Procurei por Kristi e por você. Ainda hoje estava procurando Kristi — Eu suspirei, balançando a cabeça.

Xander olhou para mim chocado. — Ela foi para a faculdade. Lembra-se que ela estava indo...

Balancei a cabeça. — Eu sei. Eu consegui seu sobrenome no Posto Florestal quando finalmente arranjei coragem para telefonar. Pensei que a força policial pudesse... Eu nem sabia, mas de qualquer maneira, ela já tinha ido embora, obviamente, mas eles me deram seu sobrenome. É tudo o que eles me deram. Smith. Seu último nome é Smith — Balancei minha cabeça e Xander riu baixinho.

— Sim, não é o nome mais incomum.

— Não. Você sabe quantas Kristi Smith existem pelas faculdades de todo o país? Algumas nem mesmo estão na lista — Eu suspirei. — Eu sabia, Xander, eu sabia que ela não iria deixá-lo vagando sozinho pelo mundo. Eu sabia que ela deveria tê-lo ajudado. Nunca parei de procurar por você.

Xander olhou para mim com os olhos cheios de carinho. Ele olhou de volta para a estrada e fez uma careta. — Na verdade, perdi o contato com ela. Nós não tivemos telefone por muito tempo e quando nos mudamos de apartamento, eu não consegui encontrar o número dela. Procurei em todos os lugares — Ele olhou para mim com um olhar de pesar. — Você não teria sorte mesmo que a tivesse encontrado. Ela não saberia como chegar até mim.

— Porém eu saberia que Calder estava vivo — Eu disse. — E ficaria sabendo que ambos estavam em Cincinnati — Deixei esse peso sair de cima de mim por um segundo e, em seguida, olhei para Xander.

Xander estendeu a mão e agarrou a minha. — Obrigado por me procurar.

— Eu estava tão preocupada com você — Eu disse com tristeza. — Eu sabia que você tinha ouvido falar sobre Acadia e podia imaginar como você estava se sentindo... E pensei que você estivesse sozinho.

Xander olhou para mim com tristeza. — Só que eu não estava.

Deixei escapar uma pequena meia risada, meio soluço. — Não, você não estava. Oh, meu Deus — Lágrimas caíram pelo meu rosto e eu enxuguei.

— Ele deveria me encontrar na estação de ônibus em seu aniversário — Disse Xander calmamente. — Nós tínhamos falado em pegar um ônibus para Cincinnati em seu décimo oitavo aniversário. Era a única ligação que qualquer um dos três teria para qualquer lugar e sabíamos que precisávamos deixar a cidade. Ele provavelmente nem sequer teve tempo para dizer-lhe sobre o plano.

Balancei a cabeça, olhando para o seu perfil bonito, tão familiar e ainda assim diferente - mais velho, mais viril. Xander ficou olhando para a estrada onde o carro de Molly estava à frente da sua caminhonete. A chuva continuava a cair. Ela não estava diminuindo.

— Vocês não apareceram — Disse Xander, enrijecendo o maxilar com um olhar de dor em seu rosto. — Voltei no dia seguinte, também e fiquei lá e esperei por vocês. Pensei que vocês tivessem levado um pouco de tempo extra e não queria me perder de vocês. Mas quando percebi que talvez vocês não tivessem conseguido sair de lá, sabia que algo tinha dado errado. Eu só não tinha ideia... — Ele balançou a cabeça lentamente, como se negando suas próprias memórias. Quando ele olhou para mim, não havia angústia em sua expressão. — Esperei por Kristi e ela me levou lá pela manhã – eu não sabia, não tinha ideia. Sinto muito — Sua voz falhou na última palavra e sua expressão estava cheia com tanta dor e arrependimento.

— Xander — Eu disse, estendendo a mão para ele. Ele segurou minha mão na sua, apertando-a com força. — Nenhum de nós sabia o quão louco Hector ficou — Balancei minha cabeça. — Você não poderia saber. E honestamente, se tivesse aparecido mais cedo, você poderia muito bem estar entre todas aquelas pessoas. Você apareceu para salvar Calder. Isso é o que importa agora.

Ele olhou para mim de novo com tanta agonia em sua expressão. Eu podia ver em seus olhos que ele carregava o peso de cada cenário "e se" imaginável nas costas. E ninguém era forte o suficiente para suportar esse tipo de peso. Xander tinha quebrado um pouco. Mas Acadia tinha quebrado todos nós de formas grandes e pequenas.

*Eu o havia deixado lá*. Eu não poderia sequer deixar-me ir para lá na minha mente. Pelo menos não naquele momento.

— Como? — Respirei fundo. — Como ele sobreviveu? — Perguntei em voz baixa, a última palavra em um rangido e fazendo Xander olhar para mim, preocupado antes de voltar a olhar para a estrada.

— Ele estava na cela. Sei que você nunca esteve lá, e eu também não, mas Calder descreveu para mim como uma pequena caixa de cimento, sólida. Um pouco de água inundou, mas havia um dreno no chão e que manteve a água baixa - felizmente - porque ele estava a maior parte do tempo desmaiado. Ele não se lembra de muita coisa. E, claro, se odeia por isso. Não há muito pelo que Calder não se odeie.

Xander ficou em silêncio por um minuto e outra lágrima escorreu pelo meu rosto.

— A coisa toda desabou, Eden, você sabe disso. Desabou. Quando cheguei lá, a água tinha diminuído, mas havia parte do corpo que estavam em cima dos entulhos e só... — Ele fez uma careta. — Parecia com as profundezas do inferno — Ele terminou em voz baixa. Lembrei-me dos corpos inchados, sem vida flutuando no porão. As imagens tinham me assombrado por três longos anos. E tinha certeza de que nunca iria embora.

— Foi — Eu disse. — Foi exatamente assim.

Ele apertou minha mão novamente, mas não parava de olhar para a frente. — Parecia impossível. Mas então ouvi um barulho batendo muito baixo e segui o som. Puxei tantos entulhos quanto pude e lá estava ele, meio morto, baleado, sangrando, inchado, espancado, em estado de choque, mas *vivo*, sentado no canto onde estava o dreno, um espaço apenas suficientemente grande para seu corpo. Era como a porra de um milagre. Ele estava batendo um pequeno pedaço de concreto contra o chão, uma e outra vez. Ele estava na maior parte fora do ar, resmungando sobre nascente e Elysium, você e Mãe Willa.

Ele ficou em silêncio quando chegamos na minha rua.

— Nós o pegamos de lá e voltamos para a casa da amiga de Kristi. Kristi até mesmo atrasou a sua mudança para nos ajudar e ter certeza de que estava tudo bem — Ele fez uma pausa, olhando para trás. — Estava com tanto medo da polícia. Depois de Clive... Mas agora, se os tivesse chamado... Se você tivesse visto Calder na TV, isso teria sido diferente — Ele balançou a cabeça. — Kristi tentou me convencer, mas eu não quis ouvir e Calder nos implorou para não fazer isso também, uma vez que ele estava coerente. Havia tanta coisa que não entendia, depois, tanto que nos aterrorizava.

— Xander, eu não falei com a polícia também. Ainda não chamei a polícia, mesmo que a minha mãe... Bem, isso é outra história, mas, eu sei. Eu sei.

Ele balançou a cabeça e estacionou atrás do carro de Molly na garagem da minha mãe.

— Ele ainda está aí fora — Ele disse.

Mordi o lábio. — Eu sei — Abri minha boca para continuar, mas a minha mãe começou a abrir a minha porta e me ofereceu a mão, colocando um guarda-chuva sobre nós e praticamente me puxando para fora de lá. Parecia que ela estava esperando que voltássemos para casa. Molly deve ter ligado para ela do carro.

Corremos da chuva para dentro da casa e depois que tínhamos nos secado com uma toalha, Xander e eu nos sentamos na sala de estar bebendo chá quente em vez das doses que tínhamos falado. De repente, eu estava gelada até os ossos. Senti como se nunca conseguiria me aquecer. Mas em algum lugar sob o choque e a tristeza que as nossas vidas eram tão diferentes agora, havia uma corrente de alegria selvagem que passava pelo meu sangue.

*Ele estava vivo.*

Minha mãe se apresentou para Xander, mas então Molly, felizmente, afastou-a de modo que Xander e eu pudéssemos falar.

Eu disse para Xander tudo o que tinha passado desde que entramos no carro da polícia de Clive naquele dia fatídico. Xander levantou-se e abraçou-me várias vezes e minha mãe entrava e saía da sala preocupada. Molly puxou-a para fora de novo algumas vezes, mas balancei a cabeça para que ela soubesse que estava tudo bem. Podia ver o quanto ela precisava sentir-se útil para mim, até da menor das maneiras e talvez ela precisasse ouvir isso também.

Xander me disse que ele e Calder vinham fazendo principalmente trabalhos de construção - qualquer coisa que pudessem receber. Tinham ficado bons nisso e até agora não tinham ficado desempregados por muito tempo. Isso

pagava as suas contas. E tinha que admitir que um orgulho feroz fluiu em mim enquanto ouvia como eles sobreviveram.

— Eu trabalhei e nos mantive no primeiro ano — Disse Xander, os olhos correndo para os meus e depois para longe. — Calder, ele... Ele não fazia muito mais do que ficar por aí com aquela expressão vazia no rosto — Ele passou a mão pelo cabelo. Era um pouco maior agora, também e lhe convinha. Ele ficou em silêncio por um minuto, parecendo estar perdido no passado recente. — Eu pensei que ele estivesse em choque, sabe, e, obviamente, sofrendo profundamente. Eu estava também — Ele disse calmamente, deixando escapar um suspiro forte. — Depois que seus ferimentos foram curados, fiz o que pude por ele, que na época não era muito mais do que mantê-lo alimentado e hidratado — Ele parou de novo, tanto tempo que pensei que não iria continuar. A dor pulsava em mim, e um nó se formou em minha garganta, mas segurei as lágrimas. Eu senti como se já tivesse chorado um rio.

— Um dia, cheguei em casa do trabalho e ele não estava lá — Ele balançou a cabeça ligeiramente. — Olhei em todos os lugares e tudo que encontrei foi um recibo de uma garrafa de uísque que ele tinha ido até a loja e comprado, tentando se automedicar, supus. Finalmente encontrei-o em cima do telhado, na borda limite, balançando e chorando — A tristeza inundou a expressão de Xander. — Falei com ele e arrastei-o para dentro, até ele se acalmar. Mais alguns minutos, muito embora, Eden, e... — Ele parou e eu estendi a mão e a coloquei em seu joelho, apertando-o. — Se ele não tivesse pulado, teria caído.

— Eu conheço essa dor — Eu disse. — Eu conheço. Graças a Deus que você estava lá.

Xander me estudou por um minuto e depois assentiu. — Deveria ser ele aqui — Disse ele.

Eu balancei minha cabeça. — Não, odiei deixá-lo, mas depois de tudo, nunca me perdoaria se ele não tivesse essa oportunidade novamente. Sua arte. *Seu destino* — Terminei em um sussurro.

Xander apertou os lábios. — Ele me salvou uma vez, sabe — Ele olhou por cima do meu ombro novamente. — Depois daquele dia no telhado, eu não sabia mais o que fazer. Fui a uma loja de artigos de arte e gastei o dinheiro que realmente não tínhamos e comprei todas as coisas que eu conseguia pensar. Trouxe para casa e ele não demonstrou nenhum interesse, mas no dia seguinte cheguei em casa e ele tinha pintado algo. Reconheci aquilo como parte da nascente, onde vocês dois sempre se encontraram.

Lágrimas encheram meus olhos neste momento. Não pude evitar.

Xander suspirou. — Cada dia que chegava em casa, ele tinha pintado um pouco mais. Depois de um tempo, era tudo o que ele fazia. Você. Mais e mais e

mais. Era como se fosse a única coisa que o trouxe de volta, pelo menos de alguma forma.

*Mas ele nunca pintou meu rosto*, pensei, me perguntando o por quê. *Será que ele foi incapaz disso?*

Xander respirou fundo. — Fui eu que o encorajou a participar das aulas de arte no colégio. A professora viu o seu talento e chamou sua amiga, Madison, que é dona da galeria que ele está hoje à noite — Xander olhou para mim com ar de culpa. — Ela estava obviamente interessada nele, desde o início. Quer dizer, mais do que apenas na sua arte. Encorajei-o, Eden. Encorajei-o a tentar encontrar alguma felicidade com ela. Eu o encorajei a dar a Madison uma chance. Verdade seja dita, eu praticamente o empurrei para ela — Ele fez uma careta e olhou para baixo.

— Você não poderia saber — Eu disse suavemente com meu coração doendo. — Você é amigo dele. Você o ama. Você só estava tentando ajudá-lo a seguir em frente — Hoje à noite foi a sua abertura na galeria de Madison. Se estivesse fazendo as contas corretamente, isso significa que eles estão juntos há alguns meses? Meio ano? Eu não perguntei a Xander. Não achei que queria saber.

Xander passou a mão pelo rosto. — Sim. E agora? Deus, isso tudo é incrivelmente inacreditável.

Eu ri baixinho e levantei a minha xícara de chá no ar, franzindo a testa do ridículo e da tragédia de tudo isso. Se eu não risse, ia chorar mais lágrimas que não achei que tinha.

— Calder, ele é... O mesmo, mas está diferente. É como se ele tivesse sido terrivelmente destruído recentemente. Ele comprou uma moto caindo aos pedaços e dirige sem capacete, muito rápido. Ele é voluntário para fazer o telhado em nossos locais de trabalho, não porque gosta do que faz, mas porque é a parte mais perigosa — Ele trouxe os olhos para mim. — É quase como se ele realmente não quisesse tirar sua própria vida, mas não teme a morte também. Ele tenta o destino em cada turno tendo estes riscos loucos — Ele soltou um suspiro profundo e eu pude ver o quanto isso o afetou. Eu não podia culpá-lo. Calder era tudo que ele tinha.

— Xander — Eu disse e suspirei tristemente não sabendo mais o que dizer.

Seu telefone de repente apitou, indicando uma mensagem. Xander balançou a cabeça como se quisesse trazer-se para o aqui e agora, e olhou para baixo. — Ele está em casa — Disse ele.

— Já? — Perguntei, olhando para o relógio acima da lareira da minha mãe. Passaram somente duas horas desde que tínhamos deixado a galeria.

— Estou surpreso que durou tanto tempo — Disse Xander, em pé. — Vamos lá, eu te levo — Ele me pegou em um abraço e disse baixinho: — Estou tão feliz por ter você de volta, Eden — Sua voz estava embargada pela emoção. Abracei-o de volta com força.

Apesar da ansiedade da minha mãe, voltei para a caminhonete de Xander e abracei-o novamente quando ele me deixou na frente do prédio de Calder, esperando até que ele me viu entrar pelas portas principais. Esperei o elevador por um minuto com a minha mente cambaleando. Não sabia se Calder estava fora dos limites por causa de Madison, mas eu precisava desesperadamente estar em seus braços. Eu precisava *dele*. Mas e se ele tivesse encontrado uma maneira de fazer o que Xander incentivou? Ele teria seguido em frente? Quando o elevador não veio de imediato, corri todos os quinze andares de escada.

# CAPÍTULO CINCO

**Calder**

O apartamento estava escuro. Sentei-me na única cadeira que tinha no local, uma pequena de madeira que havia sido deixada em um armário pelo inquilino anterior. Havia um zumbido selvagem no meu sangue e meus punhos se cerravam e relaxavam em minhas coxas. Tinha conseguido controlar minhas emoções o suficiente para atravessar as duas horas do evento na galeria, a cada minuto era um exercício de pura mente sobre a matéria. Meu corpo estava tenso para correr por toda a cidade para Eden. *Ela estava viva. Minha linda glória da manhã estava viva.* Meus pensamentos giravam ao meu redor. Dei um suspiro forte quando uma mistura de espanto e euforia me atingiu pela centésima vez nas últimas duas horas. Minha pele estava úmida e não conseguia recuperar o fôlego. Eu pensei que poderia estar em um pequeno estado de choque.

Uma leve batida veio à minha porta e pulei da cadeira e a abri. Suspirei em desespero quando puxei Eden em meus braços e ficamos ali juntos na minha porta abraçados novamente e apenas respirando, a dela dura e rápida, como se ela tivesse acabado de correr até aqui. Nem sei quanto tempo ficamos ali, mas depois de um tempo, Eden se afastou e deu um pequeno sorriso triste para mim com sua respiração voltando ao normal.

— A sua mostra. Foi tudo bem?

Balancei a cabeça e levei-a para dentro, fechando a porta atrás de nós. Ela deixou cair sua bolsa no chão ao lado da porta. — Na verdade, não, não realmente — Eu arranhei a parte de trás do meu pescoço — Ver você se afastar de mim... Isso foi ridículo, Eden. Eu deveria ter cancelado. Realmente — Deixei escapar uma pequena risada sem graça. — Isso foi ridículo.

Ela suspirou e balançou a cabeça. — O momento foi apenas... — Ela balançou a cabeça novamente.

— Sim, eu sei — Minhas palavras saíram com pressa.

Ficamos ali no brilho fraco das luzes da cidade entrando através das grandes janelas, apenas olhando um para o outro. Ela era incrivelmente linda.

— Você não tem luz? — Ela perguntou depois de um minuto inclinando a cabeça e olhando ao redor da sala mal iluminada.

Eu balancei minha cabeça — Não, ainda não. Eu consegui negociar o aluguel desse lugar de um cara com quem trabalho. Estive consertando as coisas por aqui em troca do valor baixo e sem o processo legal... Toda essa coisa de identificação — Eu massageava a parte de trás do meu pescoço — Ainda não tenho pronta a parte elétrica.

Ela assentiu com seus olhos se movendo ao redor do grande piso aberto.

— Não perguntei para Xander onde ele mora.

— Ele vive cerca de dez minutos daqui em seu apartamento. Pedi para ele compartilhar este lugar, mas ele achou que era hora de conseguir algum espaço.

Ela assentiu novamente. Nós dois ficamos em silêncio por um minuto.

— Eden...

Ela lambeu os lábios e os abriu como se fosse dizer alguma coisa, mas então os fechou, franzindo a testa. Em seguida, com o rosto franzido ela soltou uma grande respiração instável. — Isto é... — Ela soltou um pequeno soluço. — Estranho, e dói. É como se nós... E você tem uma... Você tem uma... — Seus ombros tremeram em soluços silenciosos.

Ao ver as lágrimas, a dor me atingiu no estômago, tão intenso que era realmente física e me sacudiu um pouco, dei um passo em sua direção e puxei seu corpo no meu. — Eu sinto muito. Sinto muito — Eu repetia.

Senti sua cabeça balançar no meu peito. — Não, não, você pensou que eu estava morta, eu sei. Estava tentando seguir em frente com sua vida, entendo.

— Não — Eu disse em voz alta e, em seguida, fechei os olhos por alguns instantes. — Não — Repeti. — Eu não tinha seguido em frente, Eden. Nunca segui em frente. Nunca. Eu só... Não sei. Eu não estava tentando seguir em frente, estava apenas tentando sobreviver. Estou tão arrependido.

Ficamos ali no escuro, abraçados, deslizando as mãos um no corpo do outro, como se estivéssemos tentando nos convencer que era real, não apenas um fantasma ou uma aparição de um sonho, uma invenção da nossa imaginação cheia de sofrimento.

Escutei sua respiração calma e apertei meus olhos já fechados. — Você ainda cheira a flores de maçã — Eu sussurrei, inalando seu amado perfume, aquele que eu nunca, nunca pensei que iria sentir de novo - não nesta vida.

Ela deixou escapar um pequeno suspiro e senti seus lábios sorrirem na minha camiseta. Sua mão apertou o tecido ao lado de onde o rosto descansava.

— Você tem um cheiro diferente — Ela murmurou. — Como sabão em pó.

Balancei a cabeça e sorri. Isso. Era. Incrível. Segurando minha glória da manhã. Eu me sentia como se estivesse vivendo um sonho. Ficamos em silêncio por vários minutos. — Temos muito que conversar.

— Eu sei — Mas nenhum de nós se afastou, e nenhum de nós fez qualquer pergunta. Senti sua pulsação contra mim, firme e segura, e a minha própria acelerou. Sua suavidade pressionava em mim e ela era real, sólida e *viva*.

Então algo mudou, as moléculas do ar giravam mais rápido ao nosso redor. Eden levantou a cabeça e olhou nos meus olhos e, em seguida, antes mesmo de decidir o que fazer, meus lábios estavam nos dela e nós dois gememos, um som misto de desespero e alívio. Minha língua entrou em sua boca quente, molhada e ela pressionou seu corpo ao meu, nós provamos um ao outro, nos familiarizando novamente.

Começamos agarrando as roupas um do outro rapidamente, trêmulos, desesperados, sem sutileza alguma. Fui andando para trás até que ela bateu contra a parede, um som de assobio vindo de sua garganta. Eu o sorvi, pressionando-a severamente. Ela se apertou contra mim, agarrando um punhado de meu cabelo e puxou.

Eu me afastei e levantei a camisa do meu corpo em um movimento rápido e, em seguida, levantei a de Eden por cima da cabeça, também. Ela ofegou.

Desabotoei minha calça jeans e deixei cair, e Eden tropeçou em seus próprios pés quando se curvou para remover seu próprio jeans. Peguei-a, e abaixei para o lado no chão de madeira. Nós caímos com um baque e resmungamos em desconforto. Em outras circunstâncias, poderia ter sido cômico, mas para mim, naquele momento, só havia o medo e dor, a necessidade agarrando. Era quase como se nós dois quiséssemos abrir a pele um do outro e rastejar para dentro, enterrar-nos tão profundamente que seria impossível nos separar novamente.

Quando estávamos completamente sem roupa, pele na pele, nós suspiramos de novo e nossos beijos ficaram mais lentos, mais profundos com um pouco da necessidade desesperada saciada, pelo menos neste momento.

Segurei seu rosto delicadamente em minhas mãos, um cotovelo me segurando no chão quando me inclinei sobre ela. Ela levou a mão para baixo e agarrou minha ereção em seu punho e eu gemi e me pressionei em sua mão. Fazia muito tempo desde que tinha me sentido assim - isso ainda era o mesmo. Eden ainda trazia a mesma necessidade ardente em mim que me fazia sentir como se chamas estivessem lambendo o interior da minha pele.

Ela me puxou para cima dela um pouco mais e enrolou as pernas em volta dos meus quadris. Nós dois estávamos tremendo, fazendo pequenos sons,

arfando declarações pela nossa alegria, ou angústia, ou necessidade dolorida. Eu não sabia - talvez tudo junto e ainda mais.

Todas as coisas que tínhamos passado juntos giravam no perímetro da minha mente, acelerando meu sangue, meu medo, o meu anseio. Em seguida, toda a angústia insuportável dos últimos três anos sem ela, invadiu meus pensamentos. Nossas lágrimas se misturavam enquanto nos beijávamos, deixando um sabor doce e salgado.

Meu desespero para empurrar para dentro do corpo dela me girou de dentro para fora. Mas respirei fundo.

*Iria protegê-la desta vez.*

Quebrei o nosso beijo e estendi a mão para o meu jeans de onde tirei minha carteira e com os dedos trêmulos, peguei um preservativo. Eu olhei para ela e rasguei com os dentes. Seus olhos registraram o que eu estava fazendo e ficaram grandes com pesar. Seu rosto franziu e seus ombros começaram a tremer um pouco quando mais lágrimas caíram. — Sinto muito — Eu sussurrei com a minha voz embargada. — Sinto muito — Não sei se foi porque o preservativo era um reconhecimento da agonia que ela tinha sofrido, porque não sabíamos o suficiente para nos cuidar pela primeira vez, ou se foi simplesmente o fato de que eu tinha um, eu não tinha certeza. Eu só podia imaginar que era provavelmente uma mistura de ambos.

Ela balançou sua cabeça. — Eu sei, eu sei — Ela sussurrou. Era como se Eden ouvisse meus pensamentos internos e estava respondendo ambas preocupações. Como se ela ainda conhecesse o meu coração o suficiente, e me perdoou pelas formas que eu tinha falhado com ela. Minha glória da manhã. Uma vez que tinha rolado a camisinha, ela me puxou para baixo com ela novamente e beijou-me profundamente. Quando mergulhei dentro dela, ela se separou da minha boca e inclinou a cabeça para trás, ofegando. *Oh Deus, oh Deus*. A sensação era primorosa, incrivelmente linda. *Ela* era primorosa. Minha visão ficou embaçada, estrelas explodiram diante de meus olhos. Eu grunhi e comecei a me mover, o prazer era tão intenso que arrepios eclodiram em todo o meu corpo.

— Eden, Eden, eu estava morto sem você. Oh Deus, tenho andado por aí como um fantasma - metade neste mundo, e metade no outro. Eden... — Eu gemia as palavras, todas elas fluindo juntas de forma que eu nem estava mesmo completamente certo se eu havia dito em voz alta ou se elas estavam apenas voando pela minha mente em uma explosão de fogos.

Eden me puxou para mais perto, apertando suas pernas em volta de mim mais forte e gemeu. — Sim, sim — Eu não sabia se ela estava respondendo a mim ou apenas gemendo de prazer. Eu lambia o pescoço dela, o sabor doce e salgado da sua pele explodindo na minha língua. Eu queria devorá-la. Gemia e

bombeava dentro dela mais e mais rápido, a nossa pele batendo em conjunto e suas costas fazendo um barulho alto pelo contato com a madeira embaixo dela. Ela agarrou um punhado do meu cabelo, puxando enquanto ofegava.

E então éramos nada além de um emaranhado, ofegante, gemendo uma confusão de pele e calor e bocas, empurrando prazer. Tudo era surreal. Em algum lugar longe, à distância, meu cérebro registrou a estranha aspereza de como estávamos fazendo isso, mas eu sentia isso tão necessário para minha existência que não investiguei o pensamento. Não *poderia* investigar o pensamento. Eu tinha a minha garota em meus braços. Nada mais importava. Deixei o alívio me inundar com a nossa união trazendo uma calma que precisava desesperadamente, e eu era animalesco em minha busca por isso.

Eu senti Eden tensa debaixo de mim quando ela arqueou a cabeça para trás e gritou seu clímax. As mãos dela foram para minhas costas e ela raspou as unhas pela minha pele, tinha certeza que ela tinha tirado sangue. Por alguma razão, isso me inflamou ainda mais e eu cresci ainda mais dentro dela. Seus sons de prazer diminuindo que foram provocados por mim fez a felicidade girar no meu abdômen, movendo-se para baixo até que estiquei e empurrei dentro dela, gemendo na doçura do seu pescoço.

Nós dois permanecemos assim durante vários minutos, nossa respiração diminuindo, nossos batimentos cardíacos ocupando um ritmo ainda constante. Inclinei-me e olhei para o rosto dela. Sua expressão era suave, mas ainda triste. Alisei o cabelo longe do seu rosto e me inclinei beijando-a novamente. Deslizei para fora dela e rolei de costas, trazendo-a comigo.

Eu respirei fundo. Mais uma vez, deitamos juntos por alguns minutos, minhas mãos correndo para cima e para baixo em seus braços enquanto ela segurava em cima de mim com força. Quando eu registrei que ainda estava usando a camisinha, eu disse suavemente. — Deixe-me livrar disto rapidinho — Balancei a cabeça para baixo e me sentei.

Depois que eu tinha me limpado e enrolado uma toalha em volta da minha cintura, encostei-me à parede do banheiro, apenas tentando conseguir o controle do meu coração acelerado, massageando meu peito, como se algo dentro tivesse quebrado. Ou talvez fosse colocado novamente junto.

Quando voltei do banheiro, Eden tinha colocado suas roupas de volta e estava em pé na frente das janelas do chão ao teto, olhando para a noite. Parei e fiquei ali por um minuto olhando para ela, banhada pelo luar e pelas luzes da cidade, o meu coração se apertou no peito.

— É como eu sempre mais a amei — Eu disse.

Ela se virou, inclinando a cabeça para o lado em questão.

— Sob o luar — Eu disse, andando em direção a ela.

Ela sorriu suavemente.

— Por um minuto ali de pé, eu pensei que você fosse uma visão e eu fiz isso tudo em minha mente. Será que eu vou parar de pensar isso?

Ela se virou para mim e balançou a cabeça. — Eu não sei. Não sei como isso funciona. Nunca imaginei...

— Você nunca achou que eu poderia estar vivo? Nem por um minuto?

Ela balançou a cabeça. — Eu vi os destroços, Calder. Vi tudo desabar. Vi os corpos, a água ainda cobrindo tudo. Eu... — Ela deu uma grande respiração instável. — Aquele foi o momento em que morri por dentro — Seus olhos se arregalaram de horror, como se estivesse imaginando, sentindo as emoções daquele momento novamente. O instinto fez-me chegar a ela e pegar suas mãos. — Não havia nenhuma maneira... — Ela sufocou um pequeno soluço. — Eu deixei você lá — Ela sussurrou com a angústia em seu rosto. — Oh Deus, Calder — Ela levou a mão até a boca e depois deixou cair. — Eu te deixei lá — Ela balançou a cabeça de um lado para o outro como se estivesse em negação. — Eu nunca, nunca vou me perdoar. Enquanto viver, nunca vou...

Eu a puxei para mim e segurei-a contra o meu peito. — Shh — Eu disse, esfregando minha mão sobre o seu cabelo — Não havia nenhuma maneira que você pudesse saber. Vi os destroços no noticiário. Não teria qualquer esperança também. Eu juro a você, não a culpo por assumir que ninguém poderia ter sobrevivido àquilo — Ela acenou com a cabeça, mas ainda parecia infeliz quando se afastou. — Vamos nos sentar — Eu disse, levando-a para a parede à direita das janelas. — Me desculpe, não tenho nenhuma mobília.

Ela sentou-se no chão, encostada na parede. Eu deixei cair a toalha e coloquei minha calça jeans e fui me sentar ao lado dela, puxando-a contra mim. Quando minhas costas bateram na parede, podia sentir a dor das feridas que ela havia causado com as unhas. Eu queria suspirar de uma forma maravilhosa pela sensação da dor, prova que ela existia. Percebi naquele momento que era o mesmo com a dor emocional. Todos esses anos, algo em mim tinha se *agarrado* nisso, nunca querendo deixar isso ir. Na verdade, uma grande parte minha queria *mergulhar* na angústia e me afogar nela. Eu queria me *torturar*, me enterrar vivo. Uma parte minha adorou, porque era tudo que eu tinha dela.

Ela envolveu os braços em volta da minha cintura e se inclinou para o meu corpo. Levei um minuto para deixar minha alma alegrar-se, fechando os olhos e respirando o cheiro do cabelo dela.

— Xander me contou como você saiu — Disse ela em um sussurro.

Concordei com a cabeça, puxando-a para mais perto, me permitindo lembrar. — Quando fui arrastado para a cela, eu estava quase inconsciente. Eu... Bem, você viu o estado em que eu estava. Tinha levado um tiro também. Eu não

tinha percebido, até que tentei ficar de pé — Ela olhou para mim com tristeza, mas não disse nada. Depois de um segundo, ela deitou a cabeça de volta no meu ombro. — Eu perdi muito sangue, mas só tenho uma cicatriz para mostrar agora — Suspirei, ficando em silêncio por um minuto. Eden esperou.

— Eu pensei que ia morrer. Achei que era uma coisa certa. E quase senti como certo... Aceitação. Cheguei aqui e ali e ouvi os gritos. Eu só ficava pensando que você estava lá fora em algum lugar entre eles, e isso me rasgou por dentro, Eden. Nem quero voltar lá na minha mente para descrever isso.

Ela apertou minha cintura e disse bem baixinho. — Está tudo bem, você não precisa. Eu sei.

Concordei, sentindo a tristeza estabilizar em mim. — Eu sinto muito. O que você passou. E eu não estava lá.

Ela olhou para mim novamente e colocou os dedos em meus lábios.

— Não havia, literalmente, nada que você pudesse ter feito. Você lutou com toda sua força, com tudo o que tinha em você. Você acha que eu não sei disso?

— E não foi o suficiente! — Eu soltei.

Ela soltou minha cintura, virou-se para mim e colocou a testa na minha e nós apenas respiramos juntos por um minuto. — Foi o suficiente. Nós dois estamos aqui. Você vê isso agora? Foi o suficiente. Tudo o que fizemos, acabou sendo o suficiente. Nós já perdoamos o outro. Talvez possamos conseguir perdoar a nós mesmos agora, também.

Lágrimas corriam pelo rosto de Eden novamente e ela limpou. — Hector colocou-nos nos dois lugares naquele inferno onde havia ar suficiente para sobrevivermos. Os deuses se esqueceram de mencionar esse pequeno detalhe de informação para ele — Ela soltou uma pequena risada sem humor. Olhei para ela e depois dei um riso pequeno, também.

Ficamos em silêncio por um minuto. — O desmoronamento — Ela finalmente disse. — Você estava consciente, então?

— Não. Depois da gritaria, não me lembro de nada até que ouvi a voz de Xander acima de mim. Ele disse que eu estava batendo algo e foi assim que ele soube onde me procurar no meio dos escombros, mas não me lembro disso. A próxima coisa que sei, é que estava acordando na amiga de Kristi — Ele fez uma careta. — Nem sequer queria estar vivo. Fiquei tão puto que eu estava vivo. Acho que eu ainda estava, até cerca de duas horas atrás.

Eden suspirou, balançando a cabeça e levando a mão ao meu rosto novamente por um segundo antes de afastá-la. — Eu sei sobre isso também — Ela sussurrou.

Estávamos em silêncio, apenas olhando nos olhos um do outro por alguns momentos. — Diga-me o resto — Ela finalmente disse.

— Ex-colega de quarto da Kristi era estudante de medicina. Ela contou-lhe uma história sobre eu estar em uma gangue. Enfim — Suspirei, correndo a mão pelo meu cabelo. — Ela cuidou de mim o melhor que podia e, uma semana depois, Xander e eu pegamos um ônibus e viemos para cá.

Um olhar de tristeza passou sobre o rosto de Eden e ela balançou a cabeça lentamente. — Três anos, e vocês estavam na mesma cidade o tempo todo.

Eu senti a mesma dor e lamento preencher meu peito. — Sim — Foi tudo o que consegui colocar para fora.

Nós dois estávamos em silêncio por mais um minuto. — Eden... — Olhei em seus olhos — Você sabe que foi o meu sistema de água que causou a inundação, certo? — Imaginei que ela deveria saber. A reconstituição do que a polícia achou que aconteceu naquele dia tinha saído no noticiário uma e outra vez. Era claro que eles não estavam lá. Nós estávamos. E só eu sabia que algumas coisas tinham dado errado.

A expressão de Eden se suavizou. — Foi *Hector* que causou a inundação. Ele só passou a usar o seu sistema de água para... Fazer a água do rio passar por cima do porão, para que quando a chuva viesse... — Ela parou de falar, não terminando o pensamento.

Abaixei minha cabeça e massageei a minha nuca. — Eu *construí* aquele sistema — Eu olhei para ela. — E Eden, Hector não o construiu. Fui eu quem o chutou aquilo pra cima. Não foi Hector, fui eu. Chutei-o em um acesso de raiva.

Eden piscou para mim — Oh, Calder — Ela sussurrou.

— Esta vendo, a culpa foi minha. Se eu não tivesse feito isso, todas aquelas pessoas...

— Pare — Disse ela, levantando a voz. — Você não fez isso de propósito, não tinha como saber o que iria acontecer. O fardo não é seu para carregar — Ela levou os dedos ao meu queixo e levantou meu rosto para que eu pudesse estar olhando diretamente para o rosto dela novamente. — Aquele sistema era seu anseio por mais Calder. Aquele sistema era bonito, apesar do que aconteceu. Eu nunca vou acreditar em qualquer coisa diferente.

Culpa e amor passaram por mim ao mesmo tempo - culpa pela minha parte na tragédia naquele dia e amor por quem ela era e o que estava brilhando em seus olhos. — Continua sendo a minha glória da manhã — Murmurei.

Seus olhos moveram para o meu rosto, cheios de ternura. Após uma breve pausa, ela continuou. — E a única coisa que não estava no noticiário? A coisa que só eu sei é que Hector engoliu a chave do porão. *Ele engoliu*. Ele não só trancou a porta, engoliu a chave — Ela soltou uma risadinha, revoltada e então seu rosto ficou muito sério. — Ele nunca ia deixar aquelas pessoas saírem, elas querendo ou não. E Calder, a maioria delas, mesmo no final, não queriam. *Elas acreditavam*. Isso não foi culpa sua.

Eu pisquei para Eden. Não sabia o que sentir sobre essa parte da informação de que Hector tinha engolido a chave. Por um lado, isso me encheu de horror, e por outro lado, me trouxe um pouco de paz sobre a minha própria parte na tragédia. Xander tinha me dito repetidas vezes que não era minha culpa, mas vendo a mesma coisa brilhando pela expressão de Eden, feroz e honesta, me trouxe uma paz que eu estava esperando. Minha corajosa, glória da manhã.

— Diga-me como você saiu — Eu finalmente disse.

Eden suspirou e olhou para fora das janelas e uma expressão que tive dificuldade em ler surgiu em seu rosto. — Olhando para trás, não parece real — Ela disse. E então ela me contou tudo o que tinha passado naquela noite, flutuando na escuridão, como os gritos e pedidos de socorro cessaram em murmúrios e mortes do outro lado da parede. Meu coração sangrou e um caroço apareceu na minha garganta tão grande que pensei que poderia sufocar-me. Eu me senti horrorizado, doente - meu interior foi arrancado - e ainda tinha o meu orgulho. Eu estava tão *orgulhoso* dela. E não só porque ela tinha sobrevivido, mas tinha feito isso usando o conhecimento que eu lhe dei. De alguma forma, uma parte de mim estava ali naquele quarto com ela. O pensamento me acalmou, trazendo-me um pouco de paz.

Ela me contou como ela tinha vindo aqui, sobre Felix e Marissa, sobre o ensino de piano, descobrindo sobre sua mãe e indo até a porta dela e eu ouvia tudo, incrédulo e admirado com a sua força, com admiração por sua resistência. No entanto, ela parecia tão triste. Eu podia ver que ela ainda se sentia sozinha.

Quando ela terminou sua história, inclinou a cabeça e estudou-me por um minuto. Devo ter ficado em estado de choque.

— Eu pensei que você fosse forte — Eu disse. — Mas não sabia da missa a metade.

Ela sorriu e então olhou em volta do meu apartamento. — Xander disse que vocês têm feito trabalhos de construção. Foi lá que você aprendeu a fazer o que fez por aqui? — Ela acenou com o braço, indicando o espaço à nossa volta.

Limpei a garganta, tomando nota de que ela estava mudando de assunto. Talvez ambos precisássemos. Era muito para processar. Poderia levar uma vida inteira para processar. — Sim. Faço mais telhados agora, na verdade.

Uma expressão preocupada passou em seu rosto. — Sim, Xander mencionou, também — Ela parou por um minuto. — Mas agora sua Arte...

— Ainda não fiz um centavo com a minha arte.

— Mas você vai — Ela disse com sua voz cheia de convicção.

Olhamos um para o outro novamente por um minuto.

Meu celular, jogado no chão ao nosso lado tocou e acendeu e eu olhei para ele e vi o nome de Madison aparecer e a mensagem: *Estou preocupada. Venha para casa,* na tela. Estendi a mão rapidamente e desliguei, mas quando olhei de volta para o Eden, seus olhos estavam no telefone e eu podia dizer que ela tinha visto. Seus olhos moveram lentamente para os meus, cheios de dor e eu queria jogar o maldito do telefone através de uma das minhas janelas.

— Eden...

— Casa? Você tem vivido com ela? — Ela perguntou em voz baixa.

Eu balancei minha cabeça. — Não, quero dizer — Balancei a cabeça de novo. — Merda. Fui ficar com ela enquanto estava terminando este lugar - apenas temporariamente. Como você pode ver — Acenei minha mão ao redor do apartamento escuro. — Não está exatamente habitável.

Eden mordeu os lábios com os olhos inundados de tristeza. — Você a ama? — Ela perguntou tão baixinho que quase não consegui entender suas palavras.

— Não, não. Eu... — Deuses, *Deus*, isso era horrível, horrível em todos os sentidos possíveis. Eu queria gritar e quebrar alguma coisa. Respirei fundo. — Eu amo *você*. Nunca mais vou amar ninguém além de você.

— Mas você está com ela — Ela disse. Não era uma pergunta, apenas uma declaração, e ela disse isso com naturalidade. Ela olhou atrás de mim por um minuto e, em seguida, de volta para o meu rosto. — Você pensou que eu estivesse morta, Calder. Eu entendo.

— Não, não quero que você entenda. Não é compreensível. Eu não entendo isso.

Eden suspirou e começou a se levantar, esticando as pernas, uma vez que ela o fez. Eu me levantei, também. Eden veio em minha direção e colocou a mão na minha bochecha. — Nós temos muito mais para falar — Ela sorriu tristemente. — Poderíamos falar por dias e ainda não teríamos dito um ao outro cada pedacinho do que passamos — Ela mordeu o lábio por um minuto. — Mas Calder, agora, nós dois precisamos dormir um pouco — Ela caminhou até a bolsa e tirou um telefone e mandou uma mensagem a alguém, para a garota que estava com ela na galeria, supunha.

— Durma aqui — Deixei escapar, me movendo em sua direção e segurando seus braços enquanto ela se virava. Não havia nenhuma maneira de que eu poderia vê-la sair pela minha porta. O simples pensamento me encheu de terror, tal como tinha acontecido anteriormente na galeria. — Fique comigo. Não vá embora.

Ela balançou a cabeça, olhando ao redor. — Eu não vou deixar você. Só não vou me esgueirar ao redor de você. Você tem uma vida — Ela mordeu o lábio, olhando para baixo. — Eu não te culpo por isso. Mas...

— Eu sei — Disse, sentindo como se meu coração estivesse quebrando no meu peito. — Nós merecemos mais do que isso.

— Sim — Ela disse.

Meu telefone tocou novamente e fechei os olhos com força e depois abri. Eden olhou para o telefone e, em seguida, de volta para mim. — Você precisa ir para *casa*, também — Ela disse calmamente. Sua voz tinha um obstáculo com a palavra casa e isso parecia como uma farpa no meu coração.

— Eu quero você, Eden. Nunca quis ninguém além de você — Eu disse calmamente. — Estou tão triste por esta situação.

Eden respirou fundo e me deu um pequeno sorriso triste. — Minha mãe está dando uma pequena festa no jardim amanhã para mim — Ela balançou a cabeça. — Apenas alguns amigos muito próximos que podem ser discreto sobre o meu retorno. Enfim, eu terei terminado isso às seis horas mais ou menos. Talvez possamos nos encontrar? — Ela perguntou, passando a língua sobre seu lábio inferior.

— Sim, claro — Eu disse. — Quero dizer, qualquer coisa, é só me dizer. Diga-me o que fazer — Eu disse, notando o desespero em minha própria voz. — Eu não sei o que fazer aqui.

Ela me estudou por um minuto e, em seguida, balançou a cabeça. — Eu te ligo quando acabar.

— Ok. — Meu telefone tocou novamente e quase fui até lá e esmaguei debaixo do meu pé.

Eden deve ter visto a raiva no meu rosto porque ela disse baixinho: — Ela é inocente nesta situação, também — Olhei para ela. *Ainda é minha garota compassiva.*

Soltei um suspiro forte e passei a mão pelo meu cabelo e disse: — Sim.

Eden se inclinou e me beijou suavemente e levou tudo de mim para que eu não a agarrasse pelos ombros e forçasse a ficar no meu apartamento. Eu me sentia desesperado e infeliz e alegre, tudo ao mesmo tempo.

Depois de alguns minutos, o telefone de Eden tocou e ela olhou para ele. — É Molly — Ela disse. Tudo o que eu consegui fazer foi acenar. Ela deu um pequeno sorriso para mim e então nos movemos juntos, envolvendo nossos braços em volta um do outro e ficamos em pé assim durante o que pareceu um longo tempo, mas não o suficiente. Quando ela finalmente se afastou, me deu um último sorriso triste e, em seguida, a porta fechou-se atrás dela.

Caminhei através do meu apartamento, finalmente afundando no chão contra a mesma parede que sentamos juntos. Estiquei minhas pernas na minha frente e apenas respirei. Eu não conseguia pensar em mais nada a fazer.

Depois de um tempo alcancei o meu telefone e mandei uma mensagem para Madison, dizendo-lhe que ficaria no meu apartamento. Então desliguei. Sentei-me para trás, pressionando minhas costas machucada contra a parede, fechando os olhos com alívio pelo pequeno lampejo de dor. Foi onde eu finalmente adormeci perto de amanhecer.



Acordei com uma rigidez no pescoço e uma batida na minha porta. Sentei-me devagar e percebi que o barulho estava realmente vindo da minha porta da frente. Levantei para uma posição reta e massageei meu pescoço enquanto caminhava em direção ao barulho. — Espere — Gritei, minha voz embargada como costumava ser na primeira hora da manhã. Limpei a garganta e abri a porta. Madison.

Ela andou em linha reta através da porta, olhando ao redor, então se virou e me encarou. — Ela está aqui?

— Não — Eu disse suavemente, caminhando em direção à cozinha, onde tinha uma cafeteira pequena que funcionava a bateria e um pouco de café. Eu fui preparar meu café enquanto Madison estava no balcão me olhando. Ela não disse uma palavra. Uma vez que isso ficou pronto e o cheiro de café começou a

encher a cozinha, encostei-me ao balcão de frente para Madison. — Sinto muito — Eu disse.

A dor passou em suas feições e ela balançou a cabeça, olhando para baixo. Eu andei até ela e peguei-a em meus braços, abraçando-a. — Sinto muito — Repeti. Eu não sabia mais o que dizer.

Ficamos ali por um tempo assim até que suas mãos começaram a passar pelas minhas costas, massageando os músculos e seus lábios vieram para o meu pescoço com beijos suaves ao longo da pele. Eu me afastei. — Mad...

Ela baixou as mãos para os lados, deixando-os soltos ali. — O quê? Eu não posso te tocar mais?

Passei a mão pelo meu cabelo e respirei fundo, e então encontrei seus olhos. — Não, eu sinto muito, não.

— Por quê? — Ela perguntou com sua expressão de dor. Eu me sentia como o maior idiota na face da terra.

— Porque se você me tocar agora, estou traindo-a. E nunca iria traí-la — Fiz uma careta. Era a verdade, mas eu odiava ferir Madison. Ela foi boa para mim. Eu me importava com ela.

Ela parecia incrédula. — Traindo-*a*? — Sua boca estava aberta — Você está me traindo! Transou com ela?

Meu maxilar ficou tenso. — Pare, Madison.

— Parar? Seu imbecil! O que devo parar? Devo parar de querer você? Devo parar de lutar para tê-lo? Será que você quer apenas que eu me esgueire da sua vida, assim é mais conveniente para você ficar com *ela*? — Ela balançou a cabeça, colocando as mãos nos quadris.

— Eu quis dizer pare de fazer isto pior do que já é! Você não acha que eu sei que é uma situação *fodida*? Você não acha que eu sei o idiota que sou? O que eu devo fazer aqui? Pelo amor fodido dos deuses! *Deus*! Porra! — Virei-me e caminhei de volta ao redor do balcão, colocando minhas mãos em sua superfície e inclinando para a frente, pendendo a cabeça.

— Você deveria ficar comigo. Deveria ver que ela é o seu passado e eu sou o seu futuro. Você deveria perceber que tudo o que vocês dois vão fazer é arrastar um ao outro *lá* para trás, de volta para o inferno. É isso o que você quer? Alguém que você olhe a cada dia e se lembre somente da tragédia e trauma? Cujo *rosto* você nem mesmo consegue pintar, porque não pode suportar olhar para ele?

Ergui a cabeça e estudei seu rosto. Ela era linda, não havia dúvida, mas seu rosto não fazia o meu coração apertar com amor feroz. Apenas um rosto

fazia isso. Apenas um rosto que sempre fez, desde o tempo que eu tinha dez anos de idade. Apenas um rosto sempre faria.

— Eu pinto o rosto dela, Madison. Só não compartilho.

A expressão de Madison caiu e outra pontada de culpa me atingiu. Ela respirou fundo. — Ainda assim, tudo o que ela vai fazer é lembrá-lo do pior dia de sua vida.

— Isso não seria assim, Mad — Mas no fundo, suas palavras me afetaram. E como seria? Se não fosse por mim, por *ela*? Será que *ela* merecia seguir em frente? Explorar sua vida sem mim e sem a dor que ela estava carregando? Ela compartilhou um pouco de como sua vida foi, mas parecia que ela tinha pouco propósito, pouco sentido. Ela era capaz de seguir em frente? Será que ela merecia uma chance de descobrir isso?

Madison soltou um som de frustração. — Você não acha que é agora, mas é exatamente como será — Ela franziu a testa. — Pelo menos leva algum tempo. Você não tem que se sentir no dever de estar com ela. Você não *deve* nada a ela, Calder. Podem ainda ser amigos, mas venha para casa comigo. Por favor. Tire algum tempo.

Olhei para ela, sem dizer nada, sem saber o que dizer.

Ela olhou para baixo. — Sinto muito — Eu repeti. Movi-me para a frente e peguei suas mãos nas minhas do outro lado do balcão. Balancei minha cabeça, tentando conseguir as palavras certas. — Eu sei que Eden e eu, nós atravessamos o inferno juntos. Mas... Isso não foi tudo. Na verdade, não era nem a maior parte disso — Eu balancei minha cabeça novamente, e puxei as minhas mãos, passando-as pelo meu cabelo. — Eu nem sei se poderia explicar a alguém que não estava lá, o que era para nós.

Tinha falado para Madison sobre Acadia, mas não tudo. Ela sabia o que eu tinha passado, e apreciei o fato de que fui capaz de falar sobre algumas coisas com alguém além de Xander. Eu confiava nela. Mas como poderia dizer a ela o que tinha experimentado com Eden? Não seria certo, e não seria gentil, e em algum lugar lá no fundo, eu queria manter isso somente para mim de qualquer maneira. Era *nosso* - de Eden e meu. Era sagrado.

— Você não precisa explicar isso para mim. Vejo sua arte. Todos os dias, eu vejo sua arte — Disse ela. — Você acha que eu não sei como preso à ela você está... Eram, sei lá. Eu só... Por favor, leve algum tempo para pensar sobre isso. Tire algum tempo para considerar as coisas uma vez que as suas emoções se estabelecerem. Por favor, baby — Uma lágrima correu pelo seu rosto e eu limpei com o polegar. Ela sorriu suavemente para mim.

Respirei fundo com a confusão girando em mim. Eu sabia que ela via a minha arte, ou parte dela, pelo menos. Mas será que ela realmente *me* via? Ela

via como doía? Como me sentia incompleto? Vazio? Virei-me para pegar duas xícaras do meu armário, servi o café e entreguei um a ela.

— Não planejei nada disso — Eu disse. — É apenas...

Madison respirou fundo e depois ficou em silêncio por um minuto. — Eu sei — Ela finalmente disse, olhando para seu café antes de trazer de volta os seus olhos para os meus. — Eu estou aqui para ajudar, ok?

Não sabia exatamente o que ela quis dizer com isso, mas concordei.

— Obrigado.

Madison suspirou e pegou a xícara de café, tomando um gole. Ela olhou para longe de mim, para fora das janelas. — Você vendeu todas as peças ontem à noite — Ela finalmente disse baixinho, ainda sem olhar para mim.

Dei um passo para trás. — Eu vendi todas as peças? Quê?

Madison olhou para mim e soltou um pequeno sorriso. — Sim, Todas. Esgotado. Você saiu após a venda da primeira, mas o resto foi logo depois. E sua partida foi na verdade uma jogada brilhante. Você é "inatingível" agora, um "artista sensível" que não suporta multidões. Brilhante. Parece que planejei isso — Mas dor tomou conta do seu rosto. Eu sabia que não tinha terminado de uma maneira que ela teria planejado.

— Mad...

Madison balançou a cabeça e acenou com a mão na frente dela. — Eu estou indo agora. Ligue mais tarde, ok? — Ela me olhou cuidadosamente, alisando a saia para baixo de suas coxas. Ela deu a volta no balcão e me beijou na bochecha, em seguida, respirou fundo e se virou.

— Espere, Madison — Eu disse, colocando minha xícara para baixo e andando rapidamente ao redor do balcão. Ela se virou com o olhar em seu rosto ao mesmo tempo ferido e calmo. — Por favor, saiba que eu nunca, nunca quis te machucar — Eu disse sem muita convicção. — Você tem sido tão boa para mim em todos os sentidos. Eu nunca vou parar de apreciar todas as maneiras que você me ajudou e não me refiro apenas com a minha arte.

Ela fechou os olhos e parecia precisar do momento de trabalhar a sua resposta. Ela, então, olhou para o chão. Quando ela olhou para cima, havia lágrimas em seus olhos e ela concordou com a cabeça. — Falo com você em breve — Depois se virou e saiu pela minha porta.

Fiquei olhando para a porta fechada, tentando solucionar meus pensamentos. Madison estava certa? *Será que Eden e eu tínhamos um futuro*? Eu tinha falhado com ela uma vez. Eu não faria isso novamente. Esfreguei

minhas mãos pelo meu rosto e voltei para a cozinha para terminar o meu café e entender a minha vida.

# CAPÍTULO SEIS

**Eden**

Entrei no chuveiro quente com a minha mente focada em Calder o tempo todo. Eu não sabia o que pensar sobre a noite anterior. Minha cabeça estava uma bagunça e eu me sentia à beira de lágrimas desde que tinha saído da galeria no dia anterior, não totalmente de tristeza ou desespero, mas apenas pelo bombardeio de emoções que me batia a cada minuto. Foi impressionante e desgastante e fiquei na cama até poucos minutos antes. Já passava do meio-dia.

Eu tinha colocado o meu telefone na mesa de cabeceira, esperando Calder me mandar uma mensagem quando ele acordasse. Mas ele não tinha mandado. Não sabia o que pensar sobre isso.

Tivemos relações sexuais. Fiz uma pausa no processo de ensaboar meu cabelo e mordi meu lábio quando a água caía sobre mim. Ele traiu a sua namorada comigo. Algo nesse pensamento me fez gritar por dentro. Como na terra dos deuses poderia ele e eu sermos classificados como traidores? Mas, tecnicamente... Eu gemi e voltei a ensaboar meu cabelo. Não tinha sequer parecido sexo exatamente. Ou, pelo menos, não parecia como se fosse satisfação sexual. Aquilo pareceu uma necessidade *desesperada,* precisámos nos unir de qualquer maneira possível. A angústia tomou conta de mim quando considerei o fato de que isso poderia ter sido a última vez que nos tocamos intimamente.

Eu me sequei e fiquei na frente do espelho só de calcinha e sutiã, liguei o secador de cabelo e comecei a secar meu cabelo comprido. Olhei nos meus próprios olhos no espelho. — Ele está vivo — Eu disse baixinho para mim mesma. — E isso terá que ser suficiente — Sufoquei um soluço.

Ele seguindo em frente com a sua vida. E se estava feliz, poderia realmente pedir-lhe para jogar tudo fora por mim? Tínhamos amado um ao outro uma vez, desesperadamente. Não duvido disso. E para mim, ele sempre seria o amor da minha vida. Mas nós éramos pessoas diferentes agora. O destino nos separou. Poderíamos dar a volta por cima de onde paramos? Era mesmo possível? Tristeza me atingiu tão intensamente que perdi a minha respiração por um minuto, abaixei o secador de cabelo e me inclinei sobre a pia, apenas para recuperar a respiração depois da próxima.

Uma vez que tinha acalmado as minhas emoções, puxei o meu cabelo e fiz um rabo de cavalo elegante e ajeitei minha franja. Essa flor enorme no vestido

que minha mãe tinha comprado não ia permitir que eu usasse o cabelo solto, não se eu quisesse que meu cabelo não fosse devorado por ela.

Ouvi uma batida e chamada. — Entre.

Molly abriu a porta em um belo vestido sem alças azul escuro com seu cabelo ondulado e solto. A inveja bateu por sua beleza simples e elegante. Eu não ficaria muito elegante com o vestido de menininha que minha mãe tinha escolhido. Mas não conseguia reunir a raiva necessária com isso quando meu coração estava cheio de confusão.

Molly me abraçou, segurando-me longe dela por um minuto. — Você está bem? — Ela perguntou, observando-me preocupada.

Eu respirei, mas depois meu rosto franziu e eu balancei minha cabeça negando.

— Oh Eden — Disse Molly me abraçando de novo. — Eu não posso nem imaginar o que você está passando. É inacreditável — Ela se afastou, segurando meus braços. — Mas ele está vivo — Ela sussurrou com seus olhos ficando grandes em seu rosto. — Você estava me contando sobre ele, e agora descobriu que ele está vivo.

Concordei, fungando. — Eu sei, eu sei — Eu disse. — E é isso que tenho que focar. O resto...

Molly se afastou. — Sim... O resto — Ela mordeu o lábio. — Essa vai ser a parte mais difícil.

Balancei a cabeça, respirando fundo e soltando o ar.

— Você acha que vai ficar bem em uma festa hoje? — Ela franziu a testa. — Eu disse para Carolyn que deveria cancelar, mas ela acha que vai te fazer bem — Ela balançou a cabeça e revirou os olhos. — Carolyn tem uma tendência a ver as coisas do jeito que quer, às vezes. Ela tem boas intenções... Principalmente. Falei sobre o que eu sabia de Calder.

— Obrigada — Inclinei-me para trás na minha cama e cruzei os braços sobre o peito. — Talvez a distração da festa vá me fazer bem. A outra opção é *ficar* na cama o dia todo. Minhas emoções estão muito confusas. Nem sei mesmo o que eu estou pensando de um minuto para o outro.

Molly suspirou. — Sim — Ela franziu a testa. — Você acha que você vai falar com ele hoje? O que decidiram ontem à noite?

Molly me pegou no apartamento de Calder, mas eu estava muito cansada até mesmo para falar. Tinha ido direto para o meu quarto e caído na cama. Eu queria a fuga do sono.

— Eu lhe disse que iria ligar para ele depois da festa — Fiz uma careta, tentando não chorar. — Pensei que ele teria pelo menos me contatado até agora — Senti as lágrimas arderem em meus olhos. — É complicado, eu acho. Ele tem uma namorada. Ele praticamente mora com ela.

O rosto de Molly caiu. — Deus, Eden, eu sinto muito. Eu ouvi a parte namorada. Não sabia que ele morava com ela. Ainda bem que, obviamente, ele escolheu *você*, certo?

Mordi o lábio, pensando em sua pergunta. — Eu não sei. Quero dizer... Acho que talvez, mas como é que saberei com certeza que sou a pessoa que ele realmente quer? Quer dizer, ele diz que não a ama, mas e se ele se sente na obrigação de estar comigo? Nós dois somos pessoas diferentes agora. Deus, eu ainda estou tentando convencer minha mente do fato de que ele está vivo, que ele conseguiu.

Molly assentiu, me estudando. — É uma história inacreditável — Ela disse — De cair o queixo, na verdade. E nem sequer conheço todos os detalhes.

Eu abri minha boca para falar quando Carolyn entrou no quarto.

— Bom dia, Eden querida — Ela disse, vindo até mim e me abraçando com força. — Você está bem? — Seus olhos moviam sobre o meu rosto como se estivesse procurando por danos.

Eu encolhi os ombros. — Não muito, mãe. Mas acho que vou ficar.

— Bem, é claro que você vai ficar — Seus olhos eram cheios de simpatia. — Esta festa vai ser a coisa perfeita para esquecer aquele rapaz.

Eu fiz uma careta. — Não quero tirá-lo da minha cabeça.

Ela acenou com a mão ao redor. — Bem, você sabe o que quero dizer, é claro. Tão maravilhoso saber que seus amigos sobreviveram àquela terrível inundação — Ela tremeu. — E ele está envolvido com outra mulher e seguiu em frente com sua vida. — Ela franziu a testa. — Isso deve ser terrivelmente decepcionante. Mas, querida Eden, você tem toda a sua vida pela frente. É melhor que você siga também, não acha? Encontrar um bom rapaz que não lembre constantemente daquele terrível lugar?

— Quer dizer, que não faça você se lembrar daquele terrível lugar? — Molly perguntou bruscamente por trás dela.

Carolyn olhou para ela, magoada registrando sua expressão. — Eu acho que é melhor para todos nós olhar para o futuro, não para a tragédia do passado — Ela disse.

Molly soltou um suspiro. — Eu não quero ser rude, Carolyn — Ela disse franzindo a testa e olhando para mim. — Eu só acho que precisamos deixar

*Eden* decidir o que é melhor para sua vida. Precisamos deixar Eden decidir que está pronta para seguir em frente e quando.

Deixei escapar um suspiro, sentindo-me grata por Molly. Em um curto período de tempo, ela se tornou não apenas uma prima, mais como uma querida irmã. Algo que eu nunca tive. De alguma forma ela me conhecia bem, mesmo que não nos conhecêssemos até um mês atrás. Eu sabia que ela estava do meu lado e isso me ajudava a ser mais paciente com Carolyn.

Minha mãe olhou para mim. — Bem, é claro — Ela inclinou a cabeça e sorriu. — Espero que você deixe sua mãe ajudar e orientá-la também, minha querida menina. Gosto de pensar que vim com alguma sabedoria para esta minha longa vida útil. E eu senti falta de ser sua mãe. Por favor, tenha isso em seu coração para me deixar ser um pouco mãe agora.

Deixei escapar um suspiro. — É claro que sim. Obrigada, mãe — Eu a abracei de novo e, em seguida, virei para o meu armário, onde pretendia pegar a meia calça que minha mãe tinha comprado.

Minha mãe e Molly ofegaram e virei de volta para elas, assustada. — O quê? — Perguntei bruscamente.

— O que aconteceu com você? — Minha mãe gritou.

— Huh?

Minha mãe me levou para o espelho e me virou. Olhei por cima do meu ombro e meu estômago caiu. Havia hematomas e marcas de dedos nas minhas costas, minhas coxas e meus ombros. — Oh, uh...

Molly começou a rir baixinho e quando olhei para ela pelo espelho, ela tapou a boca com a mão.

Meu rosto estava quente quando eu me virei para a minha mãe. O dela estava branco como um fantasma. — Podemos fingir que não vimos isso? — Eu perguntei.

Seus lábios se tornaram uma linha fina. — Ele machucou você?

— Não! — Balancei a cabeça com veemência. — Ele nunca iria me machucar. Mãe... As coisas ficaram... Hum, entusiasmadas. Havia um monte de emoções envolvidas no nosso... Reencontro. Deus — Coloquei minha cabeça em minhas mãos. — Será que podemos apenas deixar isso de lado. Fisicamente, estou bem. Juro.

Ela olhou para mim por um minuto e, em seguida, deixou escapar o que soou como um suspiro resignado. — Enquanto ele não a machucar intencionalmente — Disse ela.

— Não, prometo a você. Nunca.

Minha mãe parecia considerar algo por um minuto e sua expressão se suavizou. — Eden, querida — Ela pegou a minha mão na dela. — Você e eu deveríamos ter uma conversa agradável de mãe para filha — Ela abriu um grande sorriso. — Os meninos vão querer coisas de você, querida, e...

Eu gemi. — Mãe — Respirei fundo e dei um sorriso. — Estou ciente do que se passa entre homens e mulheres quando estão apaixonados.

A decepção nublou a expressão da minha mãe. — Oh. Está bem. Vamos conversar sobre isso um pouco mais outra vez. Se vista e me encontre lá embaixo. Os convidados devem chegar daqui a algumas horas, e tenho algumas coisas para fazer e estava esperando que vocês me ajudassem, meninas.

Molly me deu um último olhar simpático e saiu do quarto, também. Chequei meu telefone e meu coração caiu ao ver que ainda não tinha quaisquer mensagens. Será que Calder se arrependeu da noite anterior? Tinha começado a questionar seus sentimentos por mim? Se ele tivesse reconsiderado o que disse sobre sempre me amar? A angústia tomou conta do meu coração.

Peguei a roupa que minha mãe tinha escolhido e comecei a me vestir. Vesti primeiro a meia-calça - até onde eu sabia, só as menininhas e as bailarinas usavam meia-calça. Então, novamente, eu não estava exatamente em dia com o que estava na última moda. Na verdade, Marissa tinha comprado cada peça de roupa que eu tinha. Fiz uma careta e puxei a meia-calça branca até as minhas pernas, fazendo uma dancinha até levá-las o mais alto possível.

Então puxei o vestido e fechei o zíper lateral. A flor ficou bem debaixo do meu queixo e eu bati nela com as duas mãos, uma vez que fez cócegas no meu pescoço e queixo. Eu juro que a ouvi rosnar.

Coloquei meus saltos rosa claro que estavam perto da minha cama. Eles eram realmente bonitos, e não tão altos, mas desequilibrei um pouco quando entrei neles. Minha mãe provavelmente não tinha considerado o fato de que este era o meu primeiro par de sapatos de salto. Eu pratiquei caminhando no meu quarto por alguns minutos e quando me senti segura o suficiente de que não iria cair nas escadas, desci para a cozinha, onde ouvi vozes da minha mãe e Molly.

Quando entrei, as duas olharam para mim, minha mãe ofegou em um sorriso e uniu as mãos e Molly ofegou de uma forma diferente e trouxe a mão sobre sua boca.

— Oh, Eden, você está linda — Disse minha mãe.

Eu sorri. — Obrigada, mãe. Obrigada pelo vestido.

Minha mãe veio e pegou minhas mãos nas dela e então eu me virei. — Está perfeita — Ela suspirou. Ela mexeu com a flor, franzindo a testa um pouco e, em seguida, sorriu quando conseguiu colocar do jeito que queria.

— O que é isso? — Molly perguntou, aproximando-se de mim.

Ela mexeu com a flor de tecido, golpeando-a como eu tinha feito quando ela saltou para fora em qualquer posição que tentava colocar.

Inclinei-me para ela. — Não irrite a flor — Sussurrei, levantando as sobrancelhas para ela e, em seguida, olhando para baixo, para a flor, fingindo medo com olhos arregalados.

Ela bufou e minha mãe colocou as mãos nos quadris. — Oh pare com isso, vocês duas. Essa flor é perfeitamente adorável. É elegante e feminina. Ela faz uma declaração.

— Sim, ela diz "Eu sou *louuuuuuu-ca*" — Molly levantou a voz e cantou a última palavra em um alto-soprano.

Comecei a rir, apertando minha barriga. Molly começou a rir também, e Carolyn franziu os lábios para nós.

— Ah tudo bem então, se você não gosta do vestido — Ela disse, desviando o olhar. — É que você teve um parecido quando tinha quatro anos e era o seu favorito. Você usava o tempo todo. Apenas pensei...

Controlei o meu riso me sentindo culpada, e coloquei minha mão em seu braço. Não gostei do vestido, mas suas intenções não eram ruins... De qualquer maneira. E eu esperava que fosse só uma fase - ela ainda estava aprendendo quem eu era *agora*. Fui duramente pressionada a rejeitar afeição maternal, mesmo quando me sentia um pouco equivocada. — Oh, não, não, realmente, é muito... Bonito. Não estou acostumada a vestir-me assim. Vou me acostumar com ele em algum momento — Sorri para ela. — De verdade.

Ela me puxou para ela, abraçando-me com força. — Obrigada — Ela recuou, trazendo as mãos. — Tudo bem, estamos prontas mais cedo, mas há tanta coisa para fazer. A florista entregou as flores e estão na geladeira da garagem. Você acha que você e Molly poderiam começar a montar os arranjos da mesa?

— Sim, nós adoraríamos — Eu disse olhando para Molly. Seus olhos ainda estavam na flor no meu queixo. Limpei a garganta e ela estalou os olhos para os meus.

— Ah, sim. Certo. Nós três, quero dizer, uh, nós *duas* ficaríamos felizes.

Apertei meus lábios para não rir e, em seguida, puxei Molly comigo em direção à garagem, minha mãe gritou atrás de nós. — Os vasos estão no armário de baixo, ao lado da geladeira.

Molly e eu montamos os arranjos centrais enquanto eu falava um pouco mais sobre o que tinha acontecido com Calder na noite anterior, e sobre um pouco da nossa história, como era para nós em Acadia. Falar sobre isso agora não doía tanto. *Ele estava vivo*! Chequei meu telefone várias vezes durante o dia, mas não havia nenhuma chamada ou uma mensagem dele. Era tão surreal pensar em receber uma mensagem de texto de Calder. Eu pensei em como ele ainda não tinha sequer conhecido como usar um telefone há três anos. Queria falar com ele sobre todas as experiências e do choque cultural depois de deixar Acadia. Queria compartilhar com ele todas as que eu tive também. Pensando no garoto que eu tinha conhecido e que me apaixonei causou um tipo estranho de tristeza que se moveu lentamente através do meu corpo. Calder estava de volta, ele estava vivo, e ainda... Ele nunca, jamais voltaria a ser aquele garoto. Querendo ou não ele nunca seria meu de novo, eu tinha perdido aquela versão dele para sempre e isso *doía*.

Claro que eu não era a mesma. Tinha mudado, também.

Fui interrompida dos meus pensamentos pela campainha. A empresa que iria montar as mesas, cadeiras e lâmpadas para aquecimento havia chegado. Ajudei direcionando e arrumando as coisas e logo o bufê chegou. As próximas horas se passaram em um borrão de atividade.

Subi rapidamente para refrescar-me e verificar o meu telefone novamente. Havia um texto e prendi a respiração enquanto deslizava minha tela abrindo-a.

***Xander: O que você está fazendo hoje? Só enviei esse texto porque eu posso. Ainda é surreal. :)***

Eu sorri e escrevi de volta rapidamente.

***Eu: Muito bem. Surreal da minha parte também. Eu mal posso acreditar.***

Quando estava colocando meu telefone para longe, ele apitou e o peguei de volta.

***Xander: Você ouviu falar dele hoje?***

Eu fiz uma careta quando digitei de volta.

***Eu: Não***

Esperei um segundo e então...

***Xander: Você vai***

***Eu: Espero que sim. Eu vou te enviar mensagem mais tarde.***

***Xander: Parece ótimo***

Eu fiquei ali por um minuto mordendo meu lábio e me perguntando se gostaria de ter notícias de Calder.

Levei o meu telefone para o andar de baixo e deixei-o em cima do balcão da cozinha para que pudesse verificar aqui e ali.

Em seguida, os convidados foram chegando e eu estava sendo apresentada para as amigas da minha mãe que me bajulavam e abraçavam, a maioria com lágrimas nos olhos.

Marissa trouxe Sophia com ela e tivemos uma pequena festa do abraço no hall de entrada, mesmo que eu tivesse visto as duas recentemente. Minha mãe que conhecera Marissa quando me mudei pela primeira vez, abraçou e chorou como ela fez quando a viu.

Fomos todos para o jardim, que estava lindamente decorado com mesas em toalhas brancas, e os vasos que tínhamos montado cheios de lírios alaranjados, laranjas em tom mais escuro e rosas amarelas, salpicados com uma planta com bagas verdes que eu não sabia o nome.

Luzes foram penduradas nas árvores e brilhavam no sol da tarde. O céu estaria ficando escuro em breve e as lâmpadas de aquecimento seriam ligadas. Todo o jardim transmitia uma sensação mágica por isso, mas sentia-me vazia por dentro. Ansiava por Calder por tanto tempo, acreditando que nunca iria vê-lo novamente nesta vida, mas de repente eu *podia*, e ainda estava com saudades dele. Desespero rodou em minha barriga. Ele estava com *ela* agora? Ele estava decidindo que não a deixaria? Será que ele tinha me superado e era melhor para nós dois seguirmos em frente? *Será*? Ele nunca vivenciara com qualquer outra pessoa além de mim, bem antes dela, de qualquer maneira. Talvez fosse egoísta não deixá-lo descobrir o que queria agora que havia mais opções do que apenas uma garota ingênua em uma nascente que adorava o chão que ele pisava. Estávamos no mundo agora - na grande sociedade – e havia mulheres como Madison nela. Peguei uma taça de champanhe de uma bandeja nas proximidades e tomei um gole, puxando a flor idiota do meu queixo.

— Parece que você está prestes a fugir daqui — Eu ouvi ao meu lado e virei para um homem loiro, alto e de boa aparência. Ele estava sorrindo para mim.

Eu sorri de volta, expirando. — É tão óbvio? — Tomei outro gole de champanhe e fiz uma leve careta.

— Não acho que alguém tenha notado — Ele disse, olhando em volta para as mulheres em pequenos grupos rindo e conversando, minha mãe no meio de um. Ela olhou para mim e deu um pequeno aceno, sorrindo. Seus olhos não ficaram em mim por muito tempo. Sorri de volta. O homem e eu olhamos um para o outro e rimos baixinho.

— Eu não vi sua mãe parecer tão feliz em, bem, desde que a conheço — Ele virou-se mais para mim. — A propósito, eu tenho a vantagem aqui. Sei o seu nome. Eu sou Bentley Von Dorn.

— Oh. Sim, minha prima Molly mencionou que é nosso vizinho. Prazer em conhecê-lo — Estendi minha mão e ele agarrou-a com força.

Seus lábios apertaram. — Oh, Molly, sim. Posso imaginar o que ela tenha dito — Ele parou por um minuto, seus olhos examinando a multidão, por ela, eu presumi. Muito interessante. Ele balançou a cabeça de leve e sorriu. — É uma honra conhecê-la, Eden. Você é ainda mais bonita do que a sua mãe disse. E acredite em mim, ela falou muito.

Eu sorri. — Obrigada, Bentley. É muito gentil da sua parte.

— Bem, sei que é verdade, pois só posso ver um quarto do seu rosto por trás dessa flor, e ainda posso dizer que você é linda.

Olhei para ele e ele piscou. Comecei a rir. — É ridícula, não é? — Finalmente consegui dizer.

Bentley estendeu a mão e moveu-a um pouco e ela pulou de volta para sua posição original. — Ai — Ele disse retirando o dedo e franzindo a testa. — Acho que ela acabou de me morder.

Eu ri mais, um pouco da tensão e da solidão saindo pelo menos a um nível administrável.

Conversei com Bentley, observando que uma vez que seus olhos encontravam Molly, eles raramente se moviam, e então conversei com vários amigos da minha mãe. Finalmente relaxei um pouco, apesar do mesmo zumbido baixo que sentia no fundo do meu sangue desde que eu tinha visto Calder ontem, nunca foi embora. Todo mundo foi agradável e acolhedor, e todos nós apreciamos o jantar quando o início da noite se estabeleceu ao nosso redor, as luzes ficando mais brilhante e as lâmpadas de aquecimento esquentando o ar frio. Sentei-me entre Bentley e Molly, fingindo ouvir suas brincadeiras, mas a minha mente estava realmente focada em Calder. Era uma bela noite e eu queria passar com ele.

Entrei e verifiquei meu telefone, mas ainda não havia chamada. Era perto das seis, mas decidi esperar para ligar para ele até que a festa terminasse e eu

estivesse livre para sair se ele me pedisse. *Talvez não, Eden, você tem que se preparar para isso*.

Quando o jantar terminou e a sobremesa estava sendo servida, minha mãe fez seu caminho até a área sombreada, onde a pequena orquestra de três peças estava tocando desde o início da festa. Uns caras da empresa de restauração criaram uma tela branca atrás dela enquanto ela se virava para todas as mesas. Todo mundo ficou em silêncio, virando-se para dar-lhe atenção.

— Obrigada a todos vocês por terem vindo hoje — Ela disse sorrindo.

— Este último mês foi — Ela levou um lenço de papel para seus olhos. — O mês mais feliz da minha vida. Eu me sinto quase como quando a trouxe para casa do hospital — Ela riu baixinho, olhando na minha direção. Sorri suavemente de volta para ela. — Eu não consigo parar de olhar para você, maravilhada com sua beleza, o milagre que você está em meus braços, que você é real — Ela fungou, levando o lenço ao seu nariz. — Eu não poderia passar mais um minuto sem apresentá-la a vocês, como eu fiz, a todos aqueles que amo, meus amigos mais próximos — Ela sorriu para todos sentados nas mesas.

— Na semana passada comecei a olhar para os meus álbuns antigos de fotos — Ela balançou a cabeça ligeiramente. — Não conseguia fazer isso. Todos esses anos e não conseguia fazer — Ela enxugou os olhos novamente. — Mas, olhá-los me trouxe tanta felicidade. Lembrou-me que, apesar de não conseguir montá-los *todos* os anos, tenho alguns deles e eram bonitos, assim como você. Não sei como você era quando você tinha dez anos, ou quatorze anos, ou dezesseis anos — Ela fungou. — Mas eu sei o que você é com vinte e um anos, e nunca, nunca pensei que eu faria — Ela fungou novamente e limpou o nariz com um olhar de adoração em seu rosto quando olhou para mim. Peguei um guardanapo e limpei os olhos. — E agora temos o resto das nossas vidas para compensar o tempo que nos foi tirado — Ela levantou-se mais e levou os ombros para trás e sorriu.

Ela olhou por cima do ombro e, em seguida, moveu-se para o lado da grande tela branca, quando uma imagem minha de quando era bebê veio por trás dela. Eu ri baixinho, enxugando os olhos quando o meu próprio sorriso olhava para mim. Mais fotos surgiram: eu quando era uma criança com dois dentes inferiores a mostra enquanto sorria, um pedaço de bolo de aniversário escorrendo para fora do meu punho gordinho. Eu ri e funguei. Não me lembrava de ter olhado para estas fotos - não pensei que voltaria a ver fotos minha quando era uma criança. Certamente nunca haveria de Acadia. Meu peito se apertou.

Mais fotos passaram: o primeiro dia de aula com meu rabo de cavalo amarrado com fitas de linho cor de rosa, Natais, sentada em um pônei em algum tipo de feira, tanto a minha mãe *como* o meu pai em muitas dela com os braços em volta de mim. Eu não tinha nenhuma lembrança clara desses eventos, mas

apenas ver isso, sei que tive uma infância feliz, aqueceu-me e trouxe uma gratidão por eu estar no lugar certo naquele minuto, apesar de tudo o que tinha perdido.

Eu fui amada. Eu fui amada o tempo todo. Por minha mãe e apesar de todos os seus erros, por meu pai. E por *Calder*. Toda a minha vida, alguém me amou. Nem todo mundo poderia dizer isso. Uma paz profunda estabeleceu em mim e sabia que de *alguma forma*, tudo estaria bem. Eu não sabia como, não sabia por que, os detalhes eram um mistério como sempre foram, mas ali, naquele jardim festivo perfumado e brilhante, transbordando de amor, eu soube. Poderia falar sobre isso mais tarde mas, naquele momento, ouvi o sussurro, e sabia.

E então ele estava ali.

Na beira do jardim, quase como se fosse um sonho que tinha acabado de se materializar, ele estava usando calça cinza escura e uma camisa branca de botão com uma gravata mais escura. Olhei e meus lábios se separaram em surpresa quando o vi, um encontro suave de borboletas entre o meu estômago. Suas mãos estavam nos bolsos e ele se aproximou quando o show de slide terminou. Todos ao meu redor começaram a bater palmas, muitos deles enxugando os olhos e sorrindo para mim. Olhei em volta e sorri e depois voltei a atenção para Calder.

— Eu sei como ela era aos dez — Ele disse, olhando para a minha mãe um pouco tímido. Minha mãe franziu a testa um pouco, mas os lábios deram um pequeno sorriso, assim que ela inclinou a cabeça e o observou. Eu nunca o tinha visto parecer tão bonito como estava naquele momento. *Calder Raynes estava na minha frente vestindo roupas*. O momento era de sonho, irreal. Eu estava enraizada na minha cadeira, segurando com força enquanto observava para ver o que ele faria em seguida.

— Ela era muito corajosa, um pouco sonhadora, que tinha um espírito inquebrável — Ele deu um passo mais perto. — Ela era poderosa o suficiente para arrebatar meu coração do meu peito — Ele chegou mais perto, ao lado de minha mãe agora, mas seus olhos estavam em mim. Eu pisquei com a minha boca ainda aberta. Em algum lugar perto de mim, eu ouvi várias mulheres murmurar: “Oh *meu*” e “Bom”.

Calder olhou para minha mãe, pedindo em silencio permissão para continuar. Ela assentiu com a cabeça.

— Quatorze foi quando ela realmente começou a brilhar e, de repente, não conseguia desviar o olhar. E eu gostaria de desviar. Porque de onde viemos, era uma coisa perigosa para se deixar notar — Ele fez uma pausa. Cada pessoa naquele jardim pendurada em cada palavra, parecendo inclinar-se coletivamente para a frente na expectativa do que ele iria dizer a seguir. —

Sempre que ela estava no lugar, era como se todo o lugar estivesse banhado com seu calor — Ele inclinou a cabeça, parecendo pensativo por um segundo. — Será que isso soa como um exagero? Talvez excessivamente dramático, palavras poéticas de um rapaz que a amou a vida inteira? — Ele balançou a cabeça. — Não são. É simplesmente a verdade. Eden transformou-se em uma mulher diante dos meus olhos, e embora não houvesse ninguém lá para ajudá-la a fazer isso, ela fez isso com graça completamente sozinha. É a sua força, sua inabalável coragem, a única coisa que faz dela mais bela aos meus olhos — Seu rosto permaneceu sério.

Minha mãe estava olhando para ele agora também, uma cautela delicada em seus olhos. Calder caminhou em minha direção, alegria inundava meu coração e as lágrimas ardiam em meus olhos enquanto ele andava através das mesas.

— Quando ela tinha dezesseis anos, ela tinha o poder de tirar o meu fôlego. E ela fez isso muitas vezes. Ela me fez infeliz, feliz e tudo mais — Ele se moveu ao redor de algumas mesas na minha frente.

— Eu não sabia muito sobre o mundo no momento. E, como se vê, eu sabia ainda menos do que pensava. Levava uma vida simples. Tomei banho em um rio até os 18 anos de idade.

Houve um suspiro coletivo das mulheres ao meu redor e virei a minha cabeça, olhando-as e ampliando meus olhos. — Bem, isso não é uma visão indesejável — Uma mulher mais velha ao meu lado disse um pouco alto demais. Mordi o lábio com os olhos agora voltados para Calder.

— Mas o que eu sabia era que amava uma menina. E sabia que eu a amava de uma maneira que nunca, nunca me recuperaria. Sabia que eu a amava do fundo da minha alma. E sabia que ela me amava de volta.

Ele parou e olhou para a minha mãe. — Eu também sei como se sente ao perdê-la. Sei o que se sente ao ter um pedaço de seu coração faltando — Sua voz baixou e ele limpou a garganta quando ficou mais rouca. Meu coração inchou e as lágrimas corriam pelo meu rosto. — Eu sei o que se sente quando a pessoa que é a sua vida é roubada de você e todo dia fica sangrando até o próximo em um borrão de miséria e anseio.

Minha mãe limpou os olhos e abraçou o corpo dela enquanto olhava para Calder. Calder se virou para mim.

— E eu sei o que se sente quando sua vida é inesperadamente, *milagrosamente* devolvida a você — Ele fez uma pausa. — Vivemos coisas tão horríveis e insondáveis que a maior parte do tempo não consigo nem mesmo recontar para mim — Um breve olhar de tristeza passou sobre seu rosto. — Mas no que eu estive pensando sobre o dia de hoje foi na beleza que vivemos, o

amor. Precisava muito apenas me sentar com isso, porque de alguma forma no meio da imensa dor, eu tinha bloqueado toda a luz, e não havia muito dela, não estava lá?

Ele chegou ao meu lado e ajoelhou-se onde eu estava. Deixei escapar um pequeno soluço, acenando que sim e sorrindo através das lágrimas, levei minha mão para sua bochecha. Ele se inclinou para ela, fechando os olhos. Alguém me entregou um guardanapo e limpei meus olhos quando Calder sorriu para mim. Enquanto ele estava ajoelhado na minha frente, respirei fundo. Ele estava vivo. E ele estava aqui. A profundidade da sua gentileza e cordialidade eram algumas das razões pelas quais eu tinha me apaixonado por ele. Ele ainda era o mesmo Calder.

— Sinto muito por interromper a festa — Ele disse. — E o que eu realmente gostaria de perguntar — Seus olhos estavam em meu rosto. — É se você quer ir jogar boliche comigo?

Eu pisquei. — Boliche? — Perguntei, franzindo o rosto em confusão.

— Sim, é um jogo onde você derruba pinos...

— Sim, eu sei o que é boliche — Interrompi, rindo baixinho. — Eu entendi.

Ele sorriu. — Eu pensei, sabe, nunca tive a chance de levá-la em um encontro adequado e tive a sensação de que você gostaria de jogar.

Eu ri, inclinando-me para a frente e colocando minha testa na dele. Depois de um minuto, me afastei um pouco e sussurrei. — Madison?

Calder balançou a cabeça. — Será que você ainda acha que isso foi uma escolha, Eden? — Ele sussurrou de volta. — Para mim não. Eu... — Olhando em seus olhos eu vi vulnerabilidade, como se ele não tivesse certeza do que sinto por ele - *como poderia ser isso*? Ele suspirou, mordeu o lábio e continuou: — Eu quero ter certeza de que também não é para você.

Abri a boca, mas as palavras ficaram presas lá. Balancei a cabeça de um lado para o outro.

Mais lágrimas corriam pelo meu rosto. Alívio preencheu a expressão de Calder, antes que ele se inclinasse e beijasse.

— E isso, é realmente uma grande flor — Ele acenou com a cabeça em direção a ela com os olhos arregalados.

Eu ri baixinho. — Shh, finalmente ela dormiu. Não acorde.

Levantamos e continuamos nos abraçando, beijando e enxugando as lágrimas quando todos ao nosso redor começaram a aplaudir e assobiar. Eu ri para o rosto bonito de Calder e ele sorriu carinhosamente para o meu.

Eu vi minha mãe se aproximando de nós em minha visão periférica e me afastei de Calder. Ela veio até nós e estendeu a mão dizendo: — Eu sou Carolyn — Sua voz era instável.

— Eu sou Calder — Calder estendeu a mão para ela e apertou a dela. Houve um momento estranho quando suas mãos soltaram porque estavam ambos olhando para mim e depois Calder foi para abraçá-la e minha mãe se virou para mim e nós meio que colidimos. Rindo, nós finalmente envolvemos os braços em volta dele, ali de pé em um abraço de grupo quando minha mãe e eu fungamos nossas lágrimas.

Quando nos separamos, Calder disse: — Eu estava me perguntando se poderia levar a sua filha para sair hoje à noite? — Ele sorriu para ela e depois olhou para mim.

Minha mãe parecia confusa. — Bem... — Ela olhou ao redor, todas as pessoas olhando ansiosamente para nós, esperando que ela respondesse. Ela deu um sorriso triste para mim e depois olhou para Calder. — Sim. Mas por favor, traga-a de volta, ok? E, você vai tomar conta dela?

Calder assentiu — Eu prometo.

Minha mãe apertou minha mão e beijou minha bochecha. Peguei a mão de Calder quando ele me levou para fora do jardim. Quando cheguei à borda, virei-me e acenei para todos. — Obrigada a todos vocês — E então entramos no interior da casa ao som do grupo gritando suas despedidas.

# CAPÍTULO SETE

**Calder**

A mão de Eden estava quente na minha quando entramos na cozinha vazia saindo do jardim.

— Eu deveria me trocar primeiro — Ela disse virando-se e olhando para mim.

Por alguns segundos eu me permiti ficar perdido em seus olhos, aquelas piscinas azuis profundas que nunca pensei que olharia outra vez. Deixei o momento acalmar meu coração ferido e maltratado. Finalmente concordei.

— Quer que espere, ou...

— Não, venha comigo — Ela disse, mas nenhum de nós se mexeu. Ficamos ali agarrando um ao outro firmemente por vários minutos antes que ela me puxasse pela mão pela grande cozinha.

Subimos as escadas e Eden me levou pelo grande corredor até seu quarto. Ela fechou a porta atrás de nós e imediatamente começou a abrir o zíper da lateral do vestido. Ela deixou o vestido cair amontoado ao redor de seus pés, murmurando um "graças a Deus" quando a flor gigantesca caiu longe de seu queixo. Ri baixinho e depois movi meus olhos lentamente para cima de seu corpo. Não tive tempo adequado para olhá-la na noite anterior. Ela ainda estava magra, mas parecia mais mulher agora de alguma forma, seus quadris um pouco mais redondos, sua cintura ainda menor, e seus pequenos seios redondos e firmes no sutiã sem alças branco que ela usava. Meu corpo explodiu para a vida, pressionando desconfortavelmente contra minha calça nova, a que tinha comprado apenas uma hora antes para que eu pudesse aparecer apropriadamente na festa da sua mãe.

Passei o dia como eu lhe disse, revivendo a beleza que tínhamos experimentado juntos. Não tive isso em minha mente nos últimos três anos, e eu precisava disso. Precisava passar um tempo com o que aconteceu, a fim de me sentir pronto para avançar em direção ao *nosso* futuro. Eu fui até Madison e contei a ela. Não foi fácil, mas eu devia honestidade a ela. Nunca tinha imaginado um futuro com ela. Eu nunca consegui. Eu deveria ter lhe dado tudo ou nada. E nunca tive em mim dar-lhe tudo. Eu tenho que viver com o remorso que sentia por magoá-la.

Eden rolou a meia-calça pelas pernas e jogou-as de lado e, em seguida, olhou para mim e fez uma pausa, seu rosto mudando de cor. — É estranho que eu me sinta constrangida na sua frente? — Ela perguntou, a tristeza passando em sua expressão.

Andei até ela, pegando suas mãos e balançando a cabeça. — Nós temos um monte de coisa para nos familiarizar novamente, Glória da Manhã. Não há manual para isso. Duvido que haja pelo menos um livro de autoajuda que possa tocar no que nós passamos. Estamos sozinhos aqui.

Eden balançou a cabeça e olhou para baixo por um segundo antes de encontrar meus olhos de novo. — Nós vamos ficar bem, Calder? Será que ainda temos uma chance?

Pensei sobre isso por um segundo. Havia prometido à ela muito antes, prometi que eu iria protegê-la, que estaríamos bem... E tinha falhado. Eu respirei profundamente para forçar a culpa sair dos meus pulmões, a raiva, a perda e ódio de mim mesmo. Sim, na maior parte. — Nós vamos tentar o melhor, Eden. Isso é tudo que posso te dar. É tudo o que posso prometer.

Ela lambeu os lábios e parecia considerar minhas palavras. Por fim, ela concordou. — Isso é o suficiente — Ela disse, encontrando meus olhos com os dela gentis e dispostos. A confiança brilhando em seu rosto me chocou e quase me tirou o fôlego. Depois de tudo... Ela poderia ainda me olhar assim? *Como? Por quê*? Abri minha boca para perguntar, mas ela se inclinou e me beijou. Seus lábios estavam macios e doces, como sempre foram nos meus sonhos. E embora ela tivesse sido roubada da sua família, isolada da amizades de outras crianças, defender-se em grande parte de si mesma em uma cidade estranha ainda se recuperando da morte cruel e brutal do nosso bebê e minha... Apesar de tudo que ela sofreu em sua vida, apesar da minha ausência de estar lá para ela quando precisava de mim, ela ainda oferecia-se abnegadamente e sem hesitação. Aceitei isso como presente, abrindo minha boca e deslizando minha língua contra a dela. Nós nos beijamos profundamente, Eden inclinou a cabeça e gemeu suavemente em minha boca. Sentia-me desesperado para sentir sua pele contra a minha. Mas nós estávamos na casa da sua mãe com uma festa ainda acontecendo lá embaixo. Eu queria levá-la de volta para a minha casa onde eu poderia levar meu tempo com ela. Merecíamos isso. Se é que merecíamos alguma coisa, era isso.

Eu quebrei o beijo e me afastei com pesar. Olhei em seus olhos e vi o mesmo desejo refletido de volta para mim. *Minha linda garota.* Eu a queria muito, mas precisávamos de tempo juntos neste novo mundo. Senti a necessidade de experimentar uma nova normalidade juntos.

— Então — Disse ela se afastando e pegando uma calça jeans que estava no final da sua cama. — Essa coisa de boliche... Quão bom você é?

— Oh — Eu disse, sentando-me em sua cama. — Eu nunca joguei. Xander e eu costumávamos ir a esta pista de boliche nas noites de segunda-feira há alguns anos atrás — Fiz uma pausa, lembrando a casca de uma pessoa que eu era, ali sentado, sem expressão, observando as pessoas gritarem e rirem, tomando cerveja de jarros. — Nós éramos muito pobres — Eu disse, balançando a cabeça. — Eles tinham aquele bar do tipo coma-todos-os-nachos-que-você-puder — Fiz um movimento de engasgo. — Juro que se eu nunca vir outro pote de queijo laranja, enquanto viver, será cedo demais.

Eden soltou uma pequena risada, mas havia tristeza em seus olhos. Ela abriu a gaveta da cômoda para pegar uma regata e puxou-a sobre sua cabeça. Inclinei-me para trás em seus travesseiros, virando meu rosto para o lado e inalando o perfume de flor de maçã do tecido. Se eu tivesse alguma coisa a dizer sobre isso, meus próprios lençóis iam cheirar assim amanhã e todos os dias para o resto da minha vida.

Ela fechou a gaveta. — Sem nachos para você, artista famoso — Ela disse. Ela caminhou até o armário e abriu a porta apenas uma fresta e enfiou a mão lá dentro.

Dei uma pequena risada. — Quase famoso — Eu disse, sentindo-me um pouco embaraçado por algum motivo.

Ela virou a cabeça e me olhou por alguns instantes. — Mas você será — Ela disse isso como se fosse uma certeza.

— Eu... — Sentei-me, minhas palavras travaram e meu sangue correu frio. — Eden, o que é isso?

Eden pegou uma camisa e fechou a porta rapidamente. — Nada — Ela disse. Nervosa, ela mordeu o lábio e segurou a camisa na mão contra seus seios. — Apenas, algumas pesquisas que venho fazendo.

Eu me levantei e fui até ela, colocando a mão na maçaneta da porta do armário.

— Calder... — Eden começou, pegando minha mão. Parei, mas sua mão saiu da minha e ela deu um passo para trás, soltando um suspiro conformada.

Abri a porta do armário e lá na parte de trás, cobrindo cada centímetro de espaço, notícias de Acadia estavam fixadas, fotos dos membros do conselho que tinham encontrado e identificado. Havia uma foto de Clive Richter - que tinha inicialmente chamado minha atenção quando tive um vislumbre da cama - que ela deveria ter imprimido de algum lugar online, um esboço do que eu estava achando que era suposto ser Hector, e inúmeras pequenas notas escritas com a letra de Eden. No meio, havia algo que parecia uma linha do tempo. Os meus olhos moveram-se para um lado do quadro de cortiça que tinha colado na parte

de trás da porta e todos os artigos fixados a ele e em seguida para outro. Ia praticamente até o chão.

— O que você está fazendo, Eden? — Eu perguntei com a minha voz soando sem emoção.

A cor manchou suas bochechas e ela desviou o olhar. — Você não tem que fazer soar como se eu fosse uma louca. Eu estou apenas... Pesquisando. Eu estou... — Ela fez um pequeno som de frustração. — Estou reunindo conhecimento. Isso ajuda a me fazer sentir no controle. Isso me ajuda a sentir menos medo, eu acho. Menos... — Suas últimas palavras saíram baixinho e depois sumiram.

Eu estudei-a. — Glória da Manhã — Eu finalmente disse, pegando-a em meus braços novamente e apertando-a contra mim. — O que você está tentando encontrar aqui?

Ela balançou a cabeça contra o meu peito, com os braços presos entre nossos corpos, onde ela ainda mantinha sua camisa. Ela recuou um passo muito pequeno e olhou para mim. Então suspirou e puxou a camisa preta sobre a cabeça. — Eles não conseguiram identificar Hector — Ela disse em voz baixa. Ela recuou e soltou o cabelo do rabo de cavalo e correu os dedos por ele, que caíram sobre os ombros em uma bela cascata como uma manhã ensolarada. Respirei o cheiro doce do seu xampu que encheu o ar. — Eu só pensei que, se pudesse descobrir quem ele era, de onde veio, sabe, isso iria me ajudar a vê-lo mais como um homem e não um...

— Monstro? — Terminei.

Seus olhos voaram para os meus e ela puxou seu lábio inferior na boca. Finalmente, ela disse. — Sim.

Deixei escapar um suspiro alto e franzi a testa. — Eu entendo isso. Você sabe mais do que ninguém no planeta terra, que entendo. Mas isso — Acenei com a minha mão para o armário com toda a sua pesquisa presa a ele. — Isso pode não ser bom para você - passar tanto tempo com eles, pode não ser saudável.

Ela cruzou os braços na sua frente e olhou para o quadro, parecendo considerar. — Pensei que poderia me ajudar a descobrir quem eram seus pais — Ela disse com a tristeza piscando em seus olhos. — Eles ainda não estão nem perto de identificar todos os corpos.

Peguei suas mãos e as segurei na minha entre nós. — Você não precisa fazer isso agora — Eu disse suavemente. — Estou aqui.

Ela assentiu. — Mas você ainda não sabe quem é — Disse ela. — Se você pudesse descobrir onde seus pais moravam antes de Acadia, poderia ter avós em algum lugar... Tias, tios, *família*.

Olhei para fora atrás dela, fazendo uma pausa. — Acho que não nasci em Acadia, de qualquer maneira.

Ela inclinou a cabeça, parecendo confusa. — O que você quer dizer?

Eu disse a ela hesitante o que a Mãe Willa me disse anos atrás, que Maya nasceu em Acadia, mas que eu. E então a lembrei das coisas que Hector havia dito no final, que ele tinha me *levado* para Acadia. Presumia-se que ele era muito mais do que louco, mas... — Meu tom de pele era muito diferente das dos meus pais e minha irmã — Uma dor maçante pulsava em meu peito enquanto eu mencionava Maya, mas empurrei isso de lado por enquanto. — E saber que você foi sequestrada deixa isso ainda mais plausível também. É evidente que o sequestro era outra coisa que Hector não tinha moral para não fazer.

Eden estava estudando-me, mordendo o lábio novamente. — Bem, então isso é ainda mais razão para investigar...

— Não há nenhum jeito de descobrir isso — Eu disse balançando a cabeça. — Sinto muito, é apenas, eu não posso... Eu não posso voltar para lá, nem mesmo na minha mente, tudo bem? Eu não posso. Ainda não.

Ela olhou para mim com tanta tristeza, compreensão, que algo dentro de mim se apertou e senti a beira de romper. Respirei fundo e voltei minha atenção para o quadro. — Eu vou ajudar a levar isso para baixo.

Ela balançou a cabeça. — Não. Ainda não. Eu vou fazer isso no meu tempo, mas ainda não — Ela fez sinal para a parte de baixo do quadro. — Mas posso considerar tudo isso. Foi minha tentativa de localizar Kristi para que eu pudesse encontrar Xander.

Olhei para as listas, alguns itens riscados, observações ao lado de outras. Parecia que eram nomes de faculdades impressos da Internet. Meu coração se apertou com tanta força que quase levei a minha mão ao meu peito, como se eu fosse ter algum tipo de ataque cardíaco. Não sabia se ria ou chorava. Em vez disso, peguei Eden e apertei de novo, colocando o amor esmagadoramente feroz naquele abraço. *Glória da Manhã. Glória da Manhã.*

Ela me apertou de volta e depois de alguns minutos, os nossos braços ficaram mais solto e Eden olhou para mim. Adorava quando ela olhava para mim assim. Isso me fazia sentir *digno*. Ela fechou a porta do armário. — Eu vou cuidar disso mais tarde. Por agora, me leve em um encontro, Calder Raynes — Ela inclinou a cabeça e sorriu para mim. — Vai ser o meu primeiro, sabe.

— Eu sou todas as suas primeiras vezes — Sussurrei. — E todas as suas últimas.

Ela sorriu. — E eu sou todas as suas primeiras — Ela sussurrou de volta.

Eu sorri de volta para ela, sentindo uma pontada de dor pelo fato de que ela não era mais todas as minhas primeiras vezes. Outra coisa que eu tinha que aprender a me perdoar. E eu só esperava que ela fosse capaz também.

— Vamos — Eu disse pegando sua mão. — Pegue algumas meias — Ela obedeceu e então colocou seus sapatos na porta.

Nós calmamente descemos as escadas. As vozes ainda vinham do jardim. Eu emprestei a caminhonete de Xander, então não teria que levar Eden na minha moto. Além disso, nem sequer possuía um capacete, muito menos dois, e de maneira nenhuma que eu arriscaria a segurança de Eden. Como uma pequena questão de fato, de repente eu estava um pouco mais preocupado comigo mesmo. Apertei a mão de Eden enquanto eu a ajudei entrar na caminhonete quando a sensação de descrença tomou conta de mim, pela milionésima vez em um dia e meio. Então me inclinei e inalei o cheiro dela, lembrando-me que de fato, era real. Sua expressão relaxada e doce me fez achar que ela sabia exatamente o que eu estava pensando. E ela provavelmente sabia. Dei a volta na caminhonete e subi no banco do motorista, ligando a ignição.

— Então, você aprendeu a usar computador, Eden? — Eu perguntei, querendo saber como ela tinha feito a pesquisa detalhada sobre Acadia. Liguei meus faróis e virei para a rua.

— Sim. Economizei e comprei um notebook cerca de seis meses atrás. Percebi que se eu iria tentar achar Xander, precisava de um. Ligando para todos os lugares não estava conseguindo nada.

— Você ligou para o Posto Florestal? — Eu olhei para ela, que acenou com a cabeça na cabine escura.

— Sim. Foi assim que eu consegui o sobrenome de Kristi. Mas eles não me disseram para que faculdade ela foi - se é que eles sabiam - mas percebi que sim — Ela mordeu o lábio por um segundo e encolheu os ombros. — Tudo que eles sabiam, era que eu era uma maluca — Ela parou por um segundo. — Eu liguei para lá de um telefone no saguão do prédio do Felix. Eu estava tão paranoica — Ela balançou a cabeça de novo e olhou para suas mãos no colo. — É tão difícil não saber como as coisas funcionam... O que é seguro e o que não é. Estava paralisada de medo a maior parte do tempo — Ela terminou em um sussurro. — O computador parecia mais seguro, mais anônimo.

Eu balancei a cabeça, pegando sua mão.

— De qualquer forma — Continuou ela. — Eu pesquiso outras coisas, também. Estive procurando política, religiões - tentando entender o que as pessoas acreditam, o que parece certo para mim.

Eu fiz um pequeno som de ronco. — Como você pode acreditar em alguma coisa?

Ela ficou em silêncio por um minuto e eu senti o peso dos seus olhos em mim, no interior escuro. — Às vezes eu não sei — Ela olhou para a frente novamente. — Eu ainda estou trabalhando nisso.

— O que mais você pesquisa? — Eu perguntei para mudar de assunto.

— Hum, todos os tipos de coisas. Só estou tentando entender a grande... Eu quero dizer, o mundo. Você sabe.

Sorri para ela. — Sim, eu sei. Xander continua tentando me convencer a comprar um computador - e abrir uma conta no Facebook. Ele me fala sobre isso. É claro que ele usa uma paródia em seu nome.

— Clive Richter — Ela sussurrou. Balancei a cabeça, franzindo a testa. Parecia que o pensamento de Clive Richter era nosso companheiro constante ao longo dos últimos anos, ditando o que fazíamos e não fazíamos.

Olhei para a frente e fiquei em silêncio por um minuto. — Xander parecia chateado que ele nunca poderia participar daquela coisa de "Throw Back Thursday" onde você posta fotos do passado, porque ele não tem nenhuma — Eu ri baixinho, mas tinha um tom de tristeza. Xander realmente parecia incomodado com isso.

— *Você* se importa com isso, afinal? — Eden perguntou, inclinando a cabeça. — Quero dizer, para si mesmo?

Eu pensei sobre isso por um segundo enquanto virava para o estacionamento da pista de boliche. Desliguei o motor e me recostei no banco. — Acho que não.

Ela ficou me olhando por alguns segundos e depois assentiu. — E quem são, exatamente, os amigos do Facebook de Xander? — Ela perguntou, levantando uma sobrancelha.

Eu ri. — Eu não sei, gente que trabalha com ele talvez? As mulheres que ele vê. Há definitivamente pessoas suficientes — Olhei à frente. Xander tinha sua própria maneira de lidar com os demônios que o perseguiam, e a solidão que eu sabia que ele lutava.

Senti os olhos de Eden estudando meu perfil por um minuto antes que ela dissesse: — Eu fui ali procurar Kristi, na verdade, mas não deu certo. Pensei em abrir uma conta, mas depois imaginei que seria apenas "Eden Sem

Sobrenome" e minha atualização de status seria sempre a mesma - a vida é uma droga - se sentindo suicida. Eu acho que não teria um monte de pedidos de amizade.

Soltei uma gargalhada e depois tentei prender isso de volta. Senti-me extremamente inapropriado. Mas quando olhei para ela, ela tinha um pequeno sorriso divertido no rosto e então eu sorri, e depois ri mais ainda.

Ela riu, também, até que nós dois estávamos rindo tanto que havia lágrimas em meus olhos e ela estava inclinada para a frente.

O riso trouxe uma enorme onda de emoção inesperada e isso me atingiu como um maremoto.

Eu me inclinei para a frente no volante e continuei rindo até que percebi que havia lágrimas escorrendo pelo meu rosto e meu riso se transformou em agitação.

— Venha aqui — Eden disse e eu podia ouvir as lágrimas em sua voz, também.

Aproximei-me do banco dela, e a agarrei com tanta força que ela respirou fundo.

— Eu senti tanto sua falta. Então, foda-se — Eu coloquei pra fora. — Oh Deus, Eden, minha Eden. Oh meu Deus, eu queria morrer sem você — Tentei segurar as lágrimas, mas algo havia assumido - talvez a realidade de ela estar de volta me quebrou, talvez o riso quebrou a barragem de emoção que mal estava contida. Eu não sabia. Mas estava impotente para deter isso e então apenas segurei-a para mim, inalei seu aroma reconfortante e chorei como um maldito bebê em seu peito enquanto ela acariciava minhas costas. Senti suas lágrimas caírem na parte de trás do meu pescoço. Foi a primeira vez que eu chorei desde que Xander me arrastou para fora do telhado.

Nos agarramos um ao outro pelo que pareceu muito tempo, e quando o meu coração desacelerou para um ritmo constante e eu escutava com admiração e gratidão o som dela sob meu ouvido, que estava molhado de lágrimas.

— Só para constar — Eu finalmente murmurei. — Não é assim que os primeiros encontros devem ser.

Eden riu baixinho e depois fungou, beijando o topo da minha cabeça. — Não, em circunstâncias normais, este não seria um bom começo.

Eu ri também, e, em seguida me sentei. Eden se inclinou e beijou meu rosto, esfregando seu rosto contra o meu para que nossas lágrimas se misturassem. Ela sorriu contra a minha boca e depois me beijou de leve. Nós nos beijamos suavemente por alguns minutos, chupando seu lábio inferior entre

os meus e mordiscando sua boca. Era lento, suave e calmante para a minha alma.

Depois de alguns minutos, meu sangue começou a aquecer a um ponto que não seria confortável ficar na caminhonete de Xander em um estacionamento público. Então, me afastei e voltei para o meu lado da caminhonete. Olhei para o Eden, que estava limpando a última das suas lágrimas.

— Vai demorar algum tempo antes que isso pareça realidade — Eu disse. — Vai levar um tempo antes de eu ter controle sobre minhas malditas emoções. — Eu ri, autoconsciente, e olhei para ela.

— Você não tem que explicar isso para mim, Calder — Ela disse gentilmente.

Eu balancei a cabeça, olhando para fora do para-brisa. Eu mal podia explicar o alívio que percorreu meu corpo em saber que eu era perfeitamente compreendido. Sempre tive Xander, que era mais do que a maioria das pessoas poderiam ter. Mas ele também não tinha perdido o amor da sua vida no mesmo dia que perdeu todo o resto. *Mas agora você a tem de novo. O amor da sua vida está sentada ao seu lado.*

Estendi a minha mão e agarrei a dela com a mesma alegria trêmula que tinha sentido na festa da sua mãe enchendo meu coração. Deuses, eu não conseguia controlar minhas próprias emoções de um segundo para o outro.

Olhei para ela e levantei minhas sobrancelhas. — Pronta para fazer algumas lembranças de boliche?

Ela levantou uma sobrancelha. — Haverá nachos?

Eu ri. — Claro que não.

Ela riu e saiu da caminhonete, então entramos na pista de boliche juntos.

Quinze minutos mais tarde, estávamos com sapatos de boliche e fomos direcionados para a nossa pista.

Enquanto eu digitava a nossa informação no computador, Eden foi encontrar uma bola de boliche. Quando terminei, eu parei, procurando por Eden em volta. Eu não a vi imediatamente e pânico subiu no meu peito, fazendo meu coração acelerar e meu sangue bombear mais rápido. Girei minha cabeça para todos os lugares com o pânico crescendo dentro de mim. — Eden! — Chamei. Várias pessoas me olharam com curiosidade. Levantei-me em uma das cadeiras para conseguir uma melhor visão acima das cabeças das pessoas e chamei o nome de Eden novamente.

Um cara na pista à direita me disse: — Você perdeu uma criança?

Eu balancei minha cabeça. — Não, minha... — Minhas palavras sumiram quando uma cabeça loira apareceu, Eden estava virando de um corredor de uma prateleira de bolas de boliche e caminhando de volta para mim. O sorriso em seu rosto vacilou quando ela me viu em pé na cadeira, provavelmente, parecendo em pânico. Eu pulei e corri em direção a ela, exalando e puxando-a para mim, a bola de boliche que ela segurava, colidiu com meu estômago. Eu não me importei. Segurei-a por um minuto, permitindo que a minha frequência cardíaca voltasse ao normal.

— Uau — Ela sussurrou. — Você está bem?

Balancei a cabeça e forcei um pequeno sorriso. — Sim, desculpe. É só que, eu me virei e você não estava lá, e...

— Eu entendo — Ela interrompeu, sorrindo para mim. — Desculpe. Eu simplesmente não conseguia encontrar uma bola que eu conseguia levantar. Então entrei naquele corredor — Suas sobrancelhas franziram. — Isso vai melhorar para nós — Ela olhou para mim de forma encorajadora.

Balancei a cabeça e sorri de novo, levando-a de volta para a nossa pista. Deus, eu esperava que ficasse melhor. Será que eu nunca seria capaz de deixá-la sair da minha presença sem uma sensação de medo tomando conta do meu corpo?

Eden se sentou e eu inclinei-me e beijei seus lábios, sorrindo e tentando aliviar o clima. Quando me levantei, o cara na pista ao meu lado estava olhando para mim com uma pequena cara feia em seu rosto. Sim, eu provavelmente parecia um maluco em pânico, porque a minha namorada entrou em um corredor. Oh, bem, ele não sabia da missa a metade. Será que algum de nós sabia da missa a metade quando se tratava de outras pessoas? Não era provável.

Eu andei até a pista e alinhei minha jogada como tinha visto inúmeras pessoas fazerem quando Xander e eu ficávamos sentados com os nachos gratuitos em nossos corpos famintos. Se alguém tivesse me dito, que seria eu a jogar boliche *com Eden* alguns anos mais tarde, eu teria dado um soco na cara deles por tentar fazer uma brincadeira cruel.

Dei um passo para a frente e deixei a bola ir. Ela deslizou na pista, fazendo uma curva acentuada no final e derrubando um pino do lado esquerdo. Bem, isso não era bom. Ainda assim, me virei e disse: — Sim! — Andando de volta para Eden.

Ela riu. — Eu acho que isso realmente não é muito bom. Você acertou um pino.

Eu pisquei para ela, determinado a fazer deste um primeiro encontro decente. — Sim — Inclinei e beijei-a rapidamente em sua boca sorrindo. — Mas as coisas só podem melhorar daqui.

Ela levantou uma sobrancelha. — Ou você pode jogar a bola na canaleta.

Eu ri baixinho. — Muito pessimista. Eu não vou.

Ela cruzou os braços na frente do peito. — Como você pode ter tanta certeza?

Eu sorri. — Porque aprendo com os meus erros.

Então caminhei até a pista e alinhei meu pino. Só que desta vez, joguei a bola bem do lado direito da pista para que, quando ela fizesse a curva acentuada no final, batesse no pino central e todos eles saíram voando. *Spare*!

Ouvi Eden gritar atrás de mim e me virei para ela sorrindo e batendo palmas. Eu ri e caminhei de volta até ela. Eu a peguei e girei-a uma vez e, em seguida, beijei com força.

— Dança comigo — Eu murmurei em seu cabelo depois que interrompi o beijo e abracei-a.

Ela olhou para mim e, em seguida, parecia ouvir a música que vinha do sistema de som. As letras falavam de perda e algo sobre todas as estrelas, que parecia conveniente.

— Desde quando você sabe dançar? — Ela perguntou provocando. Abri minha boca para falar, mas depois fechei, não querendo falar de Madison. Seu rosto caiu um pouco e ela disse: — Oh — Seus olhos olhando para longe dos meus.

Eu levantei meus dedos e coloquei sob seu queixo, virando o rosto para o meu. — Eu nunca dancei com *você*. Quero mudar isso. Dança comigo.

Ela lambeu os lábios. — Eu provavelmente vou pisar no seu pé.

— Tudo bem — Eu disse, levando-a em meus braços e puxando-a para perto.

Nossos corpos começaram a balançar com a música com o ruído turbulento da pista de boliche desaparecendo para mim quando a canção parecia aumentar o volume e era só eu e ela, nossos corpos em movimento como um, sua doce suavidade maciez pressionada contra mim.

— Vem comigo para casa, Eden — Sussurrei em seu cabelo.

Ela soltou uma respiração cortante e recostou-se com seus grandes olhos azuis profundos olhando para mim com amor e ternura. Ela assentiu com a cabeça, sim, mas não disse nada. A alegria pulsou pelo meu corpo. Nós continuamos dançando até a música terminar e, em seguida, voltamos ao nosso jogo. Rimos e nos divertimos com as próximas nove jogadas. Eden era uma boa

jogadora depois que pegou o jeito da coisa. Na maior parte, porém, eu só gostava de me encostar e observá-la se divertir. Diferente daquele jogo de derrubar a lata de muito tempo atrás, quando nunca tive o privilégio de assistir Eden *jogar*. Eu daria tanto disso a ela quanto fosse possível. Esse seria o objetivo da minha vida, para compensar tudo o que ela tinha perdido.

Quando estávamos nos preparando para sair e trocar de sapatos, uma menina de mais ou menos três ou quatro anos correu, rindo e sendo perseguida por sua mãe, que também estava rindo e chamando: — Volte aqui, você! — Sorri e olhei de volta para Eden, que olhou para mim com tristeza em seus olhos. Ela pareceu se recuperar e sua expressão se iluminou, e ela olhou para baixo, ajustando a parte de trás do sapato que ela tinha acabado de colocar.

— Eden — Eu disse baixinho, indo até ela e me sentando ao seu lado. Ela se virou para mim com tristeza em seus olhos. — Eu sei. Eles me disseram sobre o bebê. Alguém me mandou um bilhete enquanto estava na cela em Acadia.

Ela piscou para mim e mordeu o lábio. Lágrimas surgiram em seus olhos e eles ficaram maiores. Ela balançou a cabeça lentamente. — Eu não ia dizer nada — Disse ela. — Não queria que você carregasse isso também.

Eu vi sua expressão de dor, com a tristeza enchendo meu peito ao perceber que ela carregaria esse fardo sozinha, para me salvar da dor. — Minha Glória da Manhã — Eu sussurrei. — Estou tão, tão triste que você tenha suportado isso. Me matou imaginar pelo o que você deve ter passado — Deixei escapar um suspiro, tentando me recompor, ser forte por ela. — Vamos lembrar-nos daquela pequena vida juntos, e um dia, quando estivermos prontos, vamos fazer outra.

Ela franziu a testa e olhou para mim com olhos tristes. — Calder — Ela começou, meu nome parecendo travar no peito dela. Ela parou e mordeu seu lábio inferior cheio.

— O que é? — Perguntei, meus olhos se movendo sobre a sua expressão triste.

Eden respirou fundo. — Quando cheguei a Cincinnati, tinha muitas dores e Marissa me levou a um médico e... Ele me disse que tenho cicatrizes do aborto. Hector me deu algum tipo de chá e... — Ela balançou a cabeça novamente, franzindo a testa. — O médico achava que eu não teria muita chance de engravidar novamente — Ela terminou suavemente. — Eu não posso ter mais filhos.

A dor me atingiu diretamente no interior como um golpe. — Não — Eu engasguei.

— Sinto muito — Disse ela. — Eu não deveria ter dito a você agora. É só...

— Shh — Eu disse, puxando-a para o meu corpo e segurando a parte de trás da sua cabeça com uma mão. Tristeza pulsava em mim em ondas. Afastei-me e esfreguei o nariz ao longo do dela e, em seguida, coloquei a minha testa contra a dela. — Nós vamos ter uma segunda opinião quando estivermos prontos, ou vamos adotar, ou... — Balancei minha cabeça. — O que você quiser.

Eden deixou escapar um pequeno suspiro. — Ok.

— Minha doce Glória da Manhã. Você tem carregado isso todo esse tempo, também?

Ela soltou um suspiro trêmulo. — Eu tinha aceitado isso — Disse ela baixinho. — Antes de... — Ela parou de falar.

Tirei uma mecha de cabelo de sua bochecha e sorri, com o que parecia ser um sorriso triste para ela. — É por isso que você chorou ontem à noite? — Eu perguntei. — Quando coloquei o...

— Em parte — Disse ela. — Principalmente.

— Entendo — Minha voz soava rouca.

Ela assentiu, olhando para longe por um segundo e, em seguida, de volta para os meus olhos. — Esse encontro é realmente uma confusão, não é? — Ela perguntou com uma pequena risada.

— Nós poderemos ser assim por um tempo.

— Nós — Ela disse em voz baixa com uma luz aparecendo em seus olhos que não estava ali momentos antes.

— Sim. Nós — Eu repeti, sorrindo. Peguei a mão dela e puxei-a para cima. — Agora vamos voltar para casa.

Ela concordou e saímos da pista de boliche para o ar fresco da noite. Puxei-a para perto de mim enquanto atravessávamos o estacionamento e, em seguida, ajudei a subir na caminhonete.

Nós fizemos o caminho até meu apartamento maior parte em silêncio com o rádio tocando suavemente ao fundo. A distância era de somente dez minutos.

Quando entramos no meu apartamento, as luzes da cidade brilhavam lá fora e todo o lugar estava banhado em luz suave. Realmente amava este lugar, apesar do fato de que ainda não havia eletricidade. Amava a sensação de espaço dele, a vista, mas acima de tudo, eu tinha orgulho no fato de que eu tinha feito o trabalho duro para consertá-lo sozinho. Eu o tinha feito meu, escolhendo e instalando a madeira para o chão, escolhendo as bancadas que mais gostava, e

aprendendo a pendurar os armários. Realmente não era o dono, mas era a primeira coisa que foi minha.

Eden colocou sua bolsa para baixo e olhou para mim quase timidamente. Um flash dela em pé sob o luar apareceu para mim da mesma forma que deslizou pela minha mente, isso trazendo não tristeza como teve nos últimos anos, mas a felicidade quente e um sentimento de profunda gratidão.

# CAPÍTULO OITO

**Eden**

— Eu tenho algo para lhe mostrar — Disse Calder, pegando a minha mão.

Eu levantei minha cabeça e olhei com curiosidade, mas ele apenas sorriu e me levou para o corredor. Calder me puxou para um quarto e olhei em volta para o quarto um pouco pequeno, a única mobília era uma grande cama contra a parede com um edredom cinza e branco listrado e alguns travesseiros. Olhei para Calder e ele estava olhando para mim com expectativa.

— O que estou olhando? — Perguntei.

— Isso — Disse ele, apontando para a cama. — Comprei-a para nós hoje. Toda a roupa de cama, também — Ele soltou minha mão e caminhou até ela, puxando o edredom para revelar flores cinza clara e roxa no outro lado. — É reversível — Disse ele. — Você pode colocá-la do lado que gostar mais.

— Calder — Eu disse, andando até ele e pegando a mão que segurava o edredom e ele o abaixou de volta para a cama. — Esta é a sua casa. Você deve escolher o que gosta.

— Eu quero que seja a sua casa, também — Ele disse em voz baixa, a vulnerabilidade se movendo sobre sua expressão. — Eu quero que a minha casa seja a sua, a minha cama seja a sua. Eu quero o seu calor à noite perto de mim.

Meu coração deslizou até parar e, em seguida, retomou em uma batida irregular, enquanto eu fiz um pequeno som de asfixia com a emoção subindo pela minha garganta. — Nossas cartas — Eu disse.

Ele sorriu ternamente para mim. — Por favor, se mude para cá. More comigo. Deixe-me te proteger. Não apenas por essa noite, mas para sempre.

Eu mordi meu lábio por um segundo, a incerteza enchendo meu peito. — Eu quero. Eu vou. Eu não nunca quero estar longe de você de novo. É só... Você estava morando na casa de outra mulher ontem e eu me preocupo... Eu me preocupo que avançando muito rápido estaremos reagindo por desespero — Eu olhei em seus olhos castanhos profundos. — Eu quero ter certeza de que estamos começando bem. Eu tenho que ter certeza sobre a forma como você se sente — Eu terminei.

— Então me pergunte — Disse ele com a emoção enchendo sua voz, tornando-a mais rouca do que o habitual. — Apenas me pergunte. Tudo o que você sempre tem que fazer é perguntar-me.

Lágrimas ardiam em meus olhos enquanto eu olhava para sua expressão intensa, seu corpo perfeitamente imóvel. Eu suguei uma respiração instável. — Você ainda me ama, Calder? Eu sou a única mulher que você quer?

— Deus, sim — Disse ele antes de eu sequer conseguir falar totalmente a última palavra.

Eu respirei e então funguei. — Eu também te amo.

Calor encheu seus olhos. — Eu nunca deixei de te amar. Eu nunca farei isso. Nunca.

Meus ombros relaxaram e eu limpei as lágrimas dos meus olhos. — Você acha que está cometendo um erro fazendo isso muito rápido? Nós dois mudamos... Temos problemas.

Ele me estudou por um minuto. — Foi porque eu chorei no nosso primeiro encontro, não é?

Deixei escapar uma risada trêmula e depois ri mais ainda quando ele deu um sorriso torto. Deus, ele era adorável- magnífico- ridiculamente bonito. Olhei para a cama novamente. Ele tinha comprado como um presente para mim, hoje mesmo. Meu coração se apertou.

— Veja — Calder disse, sério. — A coisa é, estamos desesperados... Porém magoados, provavelmente carentes — Ele fez uma pausa. — *Não definitivamente* necessitados — Ele respirou fundo. — Eu estava morto ontem, Eden — Ele passou a mão pelos cabelos, pensando. — Eu estava tentando viver, eu estava. Mas, agora, você está de volta, e estou *vivo* de novo — Seus olhos se encheram de algo que parecia fascinação. — Eu não quero perder tempo "descobrindo as coisas" ou "dando um tempo" - eu não preciso de tempo. Eu preciso de você. Você é tudo que eu sempre precisei.

Eu abri minha boca para falar, mas Calder me cortou. — E antes que você diga qualquer coisa, há algo que deve saber sobre esta cama. Não é apenas uma cama comum — Eu levantei uma sobrancelha e Calder balançou a cabeça. — Não, isso aqui é... Uh — Ele sorriu de repente, como se algo tivesse acabado de lhe ocorrer "A Cama de Cura" — Ele fez uma pausa, seus olhos eram quentes. — Esta cama aqui tem o poder de curar a mágoa, a dor, e todo o desespero dentro de nós. Mas vamos precisar permanecer nela por um bom tempo, até que possamos sentir que podemos deixar a presença um do outro sem esse doente sentimento de medo. Vamos precisar permanecer nela até que recuperemos, pelo menos um pouco do tempo que perdemos. E uma vez feito isso, nós dois

estaremos mais equilibrados, então você pode decidir se ou não você vai morar comigo.

Eu ri baixinho, balançando a cabeça e levantando as sobrancelhas. — A Cama de Cura?

Calder balançou a cabeça novamente, com o rosto sério.

Olhei para a cama e, em seguida, de volta para ele, levantando uma sobrancelha. — Quero dizer, vale a pena uma tentativa, eu acho. Nós poderíamos precisar de alguma cura.

Calder soltou um suspiro. — Você está dizendo que eu posso levá-la para a cama agora?

Eu balancei a cabeça lentamente.

Seus olhos se aqueceram e moveram-se sobre o meu rosto.

Ele afastou a minha franja longe dos meus olhos e disse: — Você está ciente de que poderia estar trabalhando aqui por algum tempo através das nossas... Questões. Você precisa limpar a sua agenda?

Eu balancei minha cabeça. — Não. Eu não tenho um cronograma. Mas eu deveria enviar uma mensagem de texto para minha mãe para que ela não se preocupe.

— Ok.

Nos entreolhamos por alguns momentos, meus olhos se lançando para seus lábios e, em seguida, de volta para seus olhos. O ar entre os nossos corpos parecia espesso e carregado. Tivemos relações sexuais na noite anterior, mas isso era diferente. Isso *seria* diferente. Nós levaríamos o nosso tempo. Tínhamos uma *cama*. *A nossa cama*. A emoção correu ao longo de cada terminação nervosa, e um bando de borboletas voou em meu peito.

Eu me virei e caminhei para fora do seu quarto com as pernas parecendo borracha, olhando atrás de mim uma vez para vê-lo me olhando com olhos escuros.

Corri para a minha bolsa e rapidamente mandei uma mensagem a minha mãe. Eu me sentia como uma garotinha sendo checada, mas era apenas educado, e eu não queria lhe causar mais nenhum minuto de dor pelo que ela já tinha experimentado em sua vida. Ela merecia saber que eu estava segura.

Quando voltei para o quarto de Calder, ouvi-o no banheiro principal. Sentei-me na cama e esperei, sentindo-me subitamente muito nervosa.

Calder saiu sem camisa e esfregando uma toalha no pescoço. Meus olhos se moviam lentamente sobre seu peito musculoso e braços, até seu estômago sulcado e descendo aquele rastro escasso de pelo. Eu sabia exatamente onde aquilo levava. Engoli forte com meu corpo em alerta, vivo. A última vez que eu tinha realmente olhado para ele nu, ele mal era um homem. Ele tinha vinte e dois anos e agora ele era preenchido de maneiras que faziam meu estômago se apertar e um alvoroço constante começar entre as minhas pernas.

— Você quer usar o banheiro? Eu tenho uma vela lá dentro. Desculpe, ainda não terminei a parte elétrica.

Limpei a garganta. — Bem, você estava comprando Cama de Cura hoje — Eu disse baixinho com meus olhos ainda em seu peito. Quando eu finalmente arrastei meus olhos para os dele, ele estava dando um sorriso de conhecimento.

Deixei escapar um suspiro envergonhado. Levantei-me e me movi dando a volta nele e indo para o banheiro, quase saltando para longe dele quando senti o calor do seu corpo tão perto do meu. *Se recomponha, Eden. Esse é Calder. Não um estranho*. Apesar que, em alguns aspectos, isso era exatamente o que ele era.

Fechei a porta do banheiro e permaneci de pé contra ela por um minuto, respirando profundamente. Uma única vela estava acesa em cima do balcão, lançando no banheiro um brilho ofuscante. Fiquei ali observando a chama tremular.

Calder estava certo; nós não tínhamos que decidir nada agora. Será que não devíamos isso a nós mesmos, para tentar superar a sensação de carência desesperada e surrealismo que eu, pelo menos, não fui capaz de me livrar desde que entrei naquela galeria? Tinha se passado apenas um dia desde que descobrimos que estávamos vivos, mas havia realmente uma boa razão para nos forçar a ficarmos separados? Eu o queria e ele ainda me queria. Precisava ser mais complicado do que isso?

Eu usei o banheiro e me refresquei, usando sua pasta de dentes no meu dedo para escovar e então apaguei a vela, respirei fundo, e caminhei de volta para o quarto.

Calder estava sentado na cama e a luz do quarto estava tremulando com luz de velas agora, já que ele tinha fechado as cortinas, a luz da cidade lá fora não estava resplandecendo.

Caminhei lentamente até ele e quando me aproximei de onde estava sentado, me movi para perto e ele me puxou para ele, apoiando a cabeça na minha barriga. Corri minhas mãos pelo seu cabelo, me familiarizando com a sensação dos seus fios mais longos. Era grosso e sedoso e quase preto no quarto à luz de velas. Calder virou o rosto para a minha barriga e respirou, passando as

mãos por cima da minha bunda e, em seguida, descendo novamente. Ele olhou para mim e levou as mãos para a frente, colocando-as sob a minha camisa, as palmas das mãos quentes roçando na pele sensível do meu seio. Ele levantou a bainha ligeiramente com seus olhos procurando os meus, os seus preenchidos com algo que me fez recuperar o fôlego, uma mistura de alívio, desejo e *amor*. Agarrei a bainha dos seus dedos e levantei minha camisa o resto do caminho e atirei-a no chão.

Suas mãos retornaram para a minha pele e ele agarrou minha cintura e, em seguida, levou uma de suas mãos nas minhas costas, correndo os dedos pela minha espinha, pressionando suavemente em cada vértebra como se convencendo a si mesmo que era real, como se essas pequenas partes fossem a prova da minha existência. Ternura cresceu no meu coração e eu inalei uma respiração rápida.

Os olhos de Calder dispararam para os meus e ele ficou de pé, chegando à sua altura máxima, o calor da sua pele nua tocando a minha. Ele levou as mãos até meus braços, deixando arrepios em seu rastro e eu tremi um pouco.

— Você está com frio? — Ele sussurrou.

Eu balancei minha cabeça, não.

Se a noite anterior foi sobre como testar a solidez - a realidade dos nossos corpos - esta noite seria para absorver os detalhes, investigando cada vale e cada curva - o milagre na ponta dos dedos, quadris e ombros, a beleza dos lábios, a curva de uma orelha, a cavidade na base do pescoço. Explorarmos cada lugar lentamente e reverentemente com as mãos, lábios e línguas, até que eu estivesse tonta de desejo e cheia de amor e gratidão.

Gratidão subiu pelo meu corpo. *Oh Deus, eu tinha sentido falta disso*. Ele pressionou seus lábios nos meus com firmeza e eu os abri para ele para que pudesse deslizar a língua para dentro. Nós nos beijamos lenta e profundamente, encontrando nosso ritmo novamente.

O sangue bombeava rapidamente em minhas veias e um latejar de necessidade atingiu entre as minhas pernas. Eu me pressionei no calor de Calder e gemi em sua boca. Ele se afastou de mim, parecendo boquiaberto e drogado, então esticou o braço em volta e retirou meu sutiã. Caiu no chão e Calder levou as mãos aos meus seios, meus mamilos já duros. Engoli em seco quando ele arrastou os polegares sobre eles circulando os sensíveis e doloridos brotos. Parecia celestial e inclinei a cabeça para trás enquanto o latejar no meu sexo aumentou.

De repente, o calor de Calder se afastou de mim quando eu levantei a minha cabeça e o vi chutando os sapatos de lado e retirando sua calça jeans. Ele estava vestindo cueca branca, o contorno de sua ereção pressionando contra o

algodão fino. Encarei a protuberância coberta. A aparência do material completo, pesadamente estirado fez alguma coisa para os meus hormônios e meu desejo por ele aumentou a outro patamar. Eu olhei de volta para seus olhos.

— Eu gosto de você de cueca — Eu disse e ele riu baixinho.

Eu olhei de volta para baixo por alguns segundos e, em seguida, levei meus polegares e os enganchei na lateral do tecido e os puxei para baixo. Ele saltou livre e eu engoli pesadamente.

Tirei meus sapatos, então desabotoei minha calça jeans e puxei-a juntamente com a calcinha. Nós estávamos os dois em pé diante do outro, completamente nus.

— Você é primorosa, Eden — Calder sussurrou. — Você é tudo o que eu sempre quis.

Ele pegou minha mão e nós caminhamos para o lado onde ele puxou para trás o edredom e lençol de cima e nós dois chegamos juntos na cama. Nossos corpos se encontraram sob os cobertores e Calder moveu sua boca para a minha novamente.

Nossas mãos vagavam quando nossas línguas se encontraram e meus dedos tocaram o estômago de Calder, arrastando sobre os firmes músculos sulcados. Eles ficaram tensos e contraídos sob o meu toque e ele gemeu em minha boca.

A sensação da sua pele quente e nua contra a minha era deliciosa e eu me pressionei contra ele, querendo sentir cada parte do seu corpo ao mesmo tempo.

Sua mão se moveu para baixo até que pairava sobre o local onde eu precisava que ele me tocasse, o ponto pulsante de desejo. Quando ele não moveu imediatamente a mão, me empurrei para cima, para ele e o senti sorrir contra a minha boca. — Provocador — Eu sussurrei, levantando os meus lábios dos dele, e em seguida. — Oooh — Quando ele mergulhou o dedo dentro de mim e usou seu polegar para massagear o pequeno feixe de nervos sensíveis. A sensação dele me tocando lá enquanto sua boca estava na minha e seu grande corpo firme estava sobre mim, era quase suficiente para me fazer culminar ali mesmo, mas eu empurrei isso para baixo. Eu gemi.

Ele sorriu e então se inclinou e beijou-me profundamente por longos minutos, nossos corpos aquecendo ainda mais quando ele circulou seus quadris, esfregando sua ereção contra o meu osso púbico. Ele segurou-o em sua mão e usou a cabeça de seu pênis para circular contra mim e nós dois gememos na boca um do outro. Seu peito estava esfregando contra meus mamilos e meu corpo estava deliciosamente dolorido, formigando e muito necessitado. Porque necessidade *poderia* ser uma coisa muito bonita se você soubesse que outra

pessoa queria muito satisfazê-las. Eu sorri contra a boca de Calder e envolvi minhas pernas ao redor dos seus quadris.

Eu precisava que ele estivesse dentro de mim. Eu precisava estar conectada a ele em todos os sentidos possíveis. Abaixei-me para guiá-lo para a minha abertura, mas ele chegou antes de mim, alinhando-se e explodindo para dentro. A sensação era de imediata *plenitude* e tão intenso que eu gritei, arqueando para trás. — Sim — Eu suspirei. Era como voltar para casa.

Calder começou a se mover muito lentamente, gemendo meu nome enquanto eu esfregava minhas mãos para cima e para baixo em seu corpo, saboreando a sensação da sua pele quente, seu tamanho, sua masculinidade perfeita movendo-se sobre e dentro de mim. O meu corpo derretia sob o seu e meu coração pulsava entre minhas pernas, onde ele estava pressionando dentro e fora de mim no ritmo perfeito. Minha respiração saiu em suspiros curtos quando o prazer brilhante pulsava em meu núcleo e eu gozei em um clarão ofuscante de felicidade. *Oh Deus, oh Deus, oh Deus.*

— Eden, Eden — Calder estava gemendo enquanto suas estocadas ficaram mais rápidas, mais poderosas. — Eu amo você. Oh Deus, eu te amo tanto — Ele bombeou dentro de mim por mais algumas vezes e, em seguida, congelou e sua expressão se contorceu em um prazer tão intenso que era quase doloroso. Eu o observava, fascinada. Seus lábios se separaram e sua expressão relaxou quando ele circulou seus quadris lentamente, abrindo os olhos. Ele era absolutamente lindo.

— Você foi feito para mim — Eu disse calmamente, nem mesmo fazia sentido o pensamento que saiu pela minha boca.

Calder sorriu suavemente, rolando para o lado. — Sim — Disse ele. — Eu fui. E você foi feita para mim — Ele me puxou mais próxima dele e acariciou meu braço.

Passamos o resto da noite agarrados um ao outro, passando as mãos sobre o corpo do outro, familiarizando e memorizando cada parte, descobrindo as muitas maneiras em que ainda nos encaixávamos tão perfeitamente.

Nós sussurramos palavras de amor e devoção que ainda sentíamos, asseguramos ao outro que isso era real e verdadeiro, e que nunca mais nos separaríamos. Nossas almas se abraçavam tanto quanto nossos corpos. E sim, ali estávamos nos curando.

Em algum momento no meio da noite, ouvi Calder gritar durante o sono e percebi que tínhamos nos separado na cama. Eu deslizei até ele e passei a mão sobre seu cabelo, sussurrando seu nome baixinho. Nós tínhamos apagado a vela para que o quarto estivesse escuro, mas eu ainda podia ver a expressão tensa em seu rosto. Seus olhos se abriram e ele olhou em volta, confuso por apenas um

segundo. Então seus olhos pousaram em mim e alívio encheu-os quando se aproximou de mim e me apertou contra ele. — Eles vivem atrás dos meus olhos, Eden — Ele sussurrou baixinho. — Cada um deles. Eu os vejo, eu os ouço, sinto seus medos e seus terrores. Eu *sinto isso*. Todas as noites.

— O que deixa isso melhor? — Perguntei na escuridão.

Ele suspirou e agarrou seu cabelo. — Dormir no chão ajuda às vezes. Talvez porque era assim que eu dormia quando criança. Me conforta, eu acho.

— Então, vamos passar para o chão.

Ele olhou para mim. — Eu não quero que você durma no chão.

— Eu não quero que você sofra.

Calder me apertou a ele com mais força. — Você está aqui. Eu vou ficar bem, porque você está aqui. E esta noite não vou me fazer imaginar cada um deles, um por um. Eu não vou me torturar.

— Por que você faria isso? — Eu perguntei com meu coração apertando firmemente.

— Todos esses anos, eu senti como se merecesse isso. Eu sentia assim, já que consegui viver, então era meu dever continuar sofrendo por eles.

— E por mim? — Eu perguntei suavemente.

Ele balançou a cabeça na escuridão. — Não. Era diferente com você. Com você, meu maior medo era que eu começaria a esquecê-la... Os seus detalhes. Isso me torturava. Isso me *torturou* — Ele disse asperamente.

Ele se virou para mim e eu o encarei, seus olhos se moveram sobre o meu rosto na quase escuridão do quarto.

— E então você me pintou? — Eu sussurrei.

— Sim — Ele sussurrou de volta. — Eu pintei você.

Eu me inclinei para a frente e o beijei duramente em sua linda boca, meu amor por ele estourando para fora de mim e parecendo encher o quarto. — Eu te amo, eu te amo — Eu cantarolava entre beijos. — Eu nunca vou parar de amar você, meu lindo homem torturado. Eu sei da bondade em você, Calder. Eu sei disso, mais do que ninguém. Conheço a ternura do seu coração, e sei tudo o que foi tirado de você. Eu sei da tristeza terrível dentro de você. Eu vivo isso, também. Eu sei. Eu sei. Mas também acredito que vamos ficar bem - vamos amar tanto e com tanta intensidade, que vai derreter toda a dor. E se agora e novamente, a dor voltar para nos assombrar, então vamos voltar aqui, à Cama De Cura. E nós passaremos tanto tempo quanto precisarmos apenas fugindo do

mundo. Esse é nosso plano, porque eu juro para você, meu lindo, doce amor, todo mundo merece uma história de amor que não machuque.

Calder soltou um suspiro alto e encostou a testa na minha. — Até mesmo nós?

Eu pressionei meu corpo mais firme contra o dele. — Sim. Eu prometo a você. Até mesmo nós.

E foi assim que adormecemos, envoltos um no outro, o amor enchendo o quarto e Calder não acordando novamente até a manhã seguinte, quando eu o senti pressionando contra mim, seu calor da manhã bem próximo.



Passamos quatro dias na cama. Quatro dias dizendo um ao outro sobre o tempo que passamos separados, quatro dias falando sobre nossos muitos medos e mágoas e as coisas que eram as mais difíceis de superar. Nós criamos nosso próprio mundinho, com nada além de corpos e corações, sussurros e verdades.

Tínhamos passado tanto tempo sofrendo um pelo outro, que não tivemos tempo para lamentar por nós mesmos - pelo o que tínhamos sofrido naquele dia, pelos horrores que tínhamos visto, pela culpa que cada um carregava. E assim, naquela cama, exorcizamos aqueles demônios ainda em nossos corações, falando deles e os libertando.

Eu beijei suas pernas, as cicatrizes ainda visíveis da tortura que Hector tinha infligido a ele. Esfreguei meus lábios sobre a cicatriz maior na lateral da coxa, onde ele foi baleado. A mágoa se movia através de mim, mas como eu tinha prometido há tantos anos, eu sentia orgulho por isso. Meu homem corajoso.

Nossa inocência havia sido destruída naquele terrível dia. Nossas esperanças foram arrancadas. Mas nenhum de nós tinha visto como o rescaldo era em outra pessoa. E havia tristeza na descoberta, tão certa como havia orgulho na prova da nossa sobrevivência. Uma parte minha se alegrou, e uma parte lamentou, e eu pensei que era como deveria ser.

Movi-me para cima do seu corpo e ambos nos esquecemos das cicatrizes e feridas, e sentimos somente o prazer - somente a união dos nossos corpos - e todas as formas que ainda estávamos muito inteiros e muito vivos. Ambos percebemos que apenas estávamos meramente sobrevivendo nestes últimos três

anos. Ambos desprovidos da conclusão, que apenas estando na vida um do outro poderia trazer.

Nós somente levantamos para ir ao banheiro, escovar os dentes, e para mandar uma mensagem de texto à minha mãe e Molly, para que elas soubessem que eu ainda estava com Calder. Mas mesmo depois daqueles poucos minutos, uma pequena sensação de medo e perda enchia o meu peito e eu praticamente correria de volta para Calder. Quase todas às vezes ele estava fora da cama e vindo em minha direção, também. Nós não estávamos prontos ainda. Afinal, quem estaria ansioso para deixar a cena de um milagre?

Pegamos a comida que Calder tinha em sua cozinha e a comemos na cama - pão com manteiga de amendoim, passas, metade de um saco de salgadinhos de milho. Foi o suficiente. No terceiro dia, Calder disse que sairia e compraria um pouco de comida de verdade, mas depois de se vestir, me beijar se despedir e sair do quarto, comecei a me sentir ansiosa e então eu me levantei para dizer-lhe para não ir. Eu o encontrei na porta do quarto, voltando. Ele não estava pronto para sair ainda também. Ele pegou uma lata de pêssegos da cozinha, abriu-a e trouxe-a para a cama. Despimo-nos e alimentamos um ao outro com pêssegos com os nossos dedos pegajosos, pingando calda em nossa pele. Calder sorriu maliciosamente e pingou mais disso nos meus mamilos e lambeu cada pedacinho até que eu estava me contorcendo e gemendo, pedindo-lhe mais do que isso. Quando ambos estávamos alimentados e satisfeitos, perguntei em tom de brincadeira: — Quanto sexo você acha que pode fazer? — Porque tivemos muito, Calder não era um homem pequeno e meu corpo estava deliciosamente ferido e dolorido. Eu não me importava.

Calder se virou para mim, seu rosto ainda corado do esforço de minutos antes, parecendo bem feliz. — Bem, eu sou jovem e saudável, e sou desesperadamente apaixonado pela mulher em minha cama. *Então, um monte.*

Eu ri.

A Cama de Cura parecia sagrada - como se nela, tivéssemos renascido de algum modo. E cada segundo era precioso para duas pessoas que sabiam que a próxima respiração nunca era garantida.

— Eden? — Perguntou Calder. — Você disse que tem estudado as religiões. Por quê? — Ele estava olhando para mim como se minha resposta importasse muito para ele. Desta forma, Calder não tinha mudado. Eu me perguntava quanto mais era possível eu me apaixonar por ele ao longo dos anos, porque sua intensidade calma e capacidade inabalável de ouvir, era provavelmente um dos seus melhores atributos. Raro em um garoto, e possivelmente ainda mais raro em um homem. Eu o amava com as profundezas da minha alma.

Eu pensei sobre sua pergunta. — Eu acho que... Eu acho que só quero compreender o que parece certo para mim, sabe? Não o que parece certo para alguém, apenas para *mim*. Que tipo de *Deus* parece certo para mim.

— E o que você descobriu?

— Eu não sei ainda. Estou trabalhando nisso. Tudo o que sei é que, assim como o amor, Deus não deve machucar — Eu suspirei. — Isso é tudo o que eu descobri até agora.

Ele franziu a testa para o teto. — Eu não vou fazer isso — Disse ele. — Eu não tenho nenhum desejo de adorar um deus ou deuses que olharam para baixo e viram o que aconteceu em Acadia sem intervir. Eles não fizeram nada para ajudar.

Fiquei quieta por um minuto. Eu tinha pensado a mesma coisa um milhão de vezes. — Eles levaram a chuva — Eu finalmente disse.

Calder ficou em silêncio por um minuto. — Se eles fizeram, então também viram os quatro meninos de Hailey morrerem numa morte cheia de terror que não mereciam. Eles viram trinta e sete crianças com menos de dez anos de idade como seus pequenos pulmões cheios de água e se debatendo e perguntando aos deuses por que eles não estavam ajudando-os. Eles eram muito mais inocentes do que eu. Os deuses ignoraram *seus* gritos — Ele olhou para mim. — O menor dos meninos de Hailey, ele ainda chupava o dedo, Eden. Ele ainda chupava o dedo. Como posso acreditar em qualquer poder que permitiria que isso acontecesse? Eu não consigo.

Eu balancei a cabeça tristemente. — Eu não sei. Eu não entendo isso também.

Depois de um minuto com cada um de nós perdidos em nossos próprios pensamentos, eu disse: — Eu vou lhe dizer uma coisa. Naqueles últimos momentos, no meio dos gritos e do terror, ouvi mães confortarem seus filhos. Ouvi palavras de amor chegarem até mim através das paredes — Eu balancei minha cabeça, lembrando-me. — Nesses últimos momentos, sim havia terror e havia medo. Mas havia também amor. Tão inimaginável como é, Calder, havia amor naquele lugar. E talvez... Talvez seja onde Deus estava. Talvez se você encontrar o amor em qualquer situação, mesmo nas mais terríveis, talvez seja onde Deus está.

Calder não disse nada, mas me puxou para ele e me segurou com força.



Na quarta manhã, nós acordamos e Calder enrolou-se em volta de mim, como fazia todas as manhãs. Ele não tinha acordado de um pesadelo em duas noites e agora parecia feliz, descansado e bem bagunçado.

— Mmm — Ele murmurou pressionando o nariz contra a parte de trás do meu pescoço. — Você cheira bem — Sua voz era deliciosamente grave. Eu amava a sua voz da manhã até mais do que a sua voz regular.

Eu ri baixinho. — Tenho certeza de que eu *não cheiro*.

Ele balançou a cabeça, esfregando o nariz contra o meu ombro. — Você cheira. Você cheira como minha mulher.

— Devemos realmente tomar um banho — Eu sussurrei. Embora na verdade, eu amava o jeito que ele cheirava também, mesmo que estivesse suado, e sujo e sem-banho. Eu poderia ter meu nariz preso em sua axila e inalar feliz. Era uma daquelas coisas muito humanas que era meio sexy e meio bruta ao mesmo tempo.

Calder ficou em silêncio por um minuto. — Eu acho que sim. Vamos sair da Cama de Cura?

— Você se sente curado?

Ele beijou meu ombro, esfregando os lábios contra ele, levando um tempo para considerar a minha pergunta. — Eu acho que me sinto, sim. O suficiente para funcionar um pouco, normalmente, de qualquer maneira. E você?

Eu balancei a cabeça e puxei seu braço em volta de mim mais apertado. — Eu acho que eu também.

Calder suspirou. — Eu vou sentir falta desta cama.

Eu sorri e olhei para trás por cima do meu ombro para ele. — Bem, nós ainda vamos dormir nela. Somente não viveremos mais nela.

Ele gemeu. — Eu gostei de viver nela.

— Eu também — Eu disse suavemente.

— Então, isso significa que você vai morar comigo? — Ele perguntou, com um nervosismo grave no tom de sua voz.

Eu balancei a cabeça. — Sim — Eu disse. — Eu vou morar com você.

Ele beijou minha pele e sussurrou: — Obrigado.

Nos aconchegamos um pouco mais de tempo com Calder endurecendo contra meu traseiro. Eu estava dolorida, mas não me importei. Precisávamos de

uma última vez antes de levantarmos e enfrentarmos o mundo novamente. Eu mexi minha bunda contra ele e ele respirou fundo, levando a mão ao redor para me massagear bem onde eu precisava. Ele fez amor comigo, lentamente, empurrando para dentro de mim vagarosamente por trás enquanto me tocava com sua mão. Feixes de luz solar filtravam através da sombra, deixando todo o quarto em um brilho mágico de amarelo claro e os batimentos cardíacos de Calder me cercaram, contra as minhas costas e profundamente dentro de mim. Atravessamos o limite juntos - eu gritando e Calder estremecendo atrás de mim, quando ele circulou seus quadris lentamente e mordeu meu ombro levemente, sorrindo contra a minha pele.

— Qualquer coisa que você quiser — Ele sussurrou. — Se existir neste mundo, é seu.

— Hmm — Eu cantarolava. — Há um quadro em uma galeria em Paris de uma menina com um sorriso misterioso. Eu gosto dele.

O sorriso dele contra a minha pele ampliou. — Você gosta dele?

— Mmm — Eu murmurei.

— Eu gosto de *você* — Ele sussurrou. — Eu gosto de você muito.

Eu ri baixinho e ele escorregou para fora de mim quando eu me virei em seus braços e me aconcheguei em seu peito.

— Eu gostaria de juntar algumas estrelas e pendurá-las bem em cima desta cama — Eu disse.

— Eu vou construir uma escada — Disse ele, me puxando para mais perto. — Eu vou subir e laçar algumas para você.

Eu sorri, beijando a pele macia do seu peito.

Ambos nos assustamos quando a campainha tocou alto através do seu apartamento quase vazio.

— Devemos atender? — Eu sussurrei.

— Não — Calder gemeu.

— Eu achei que iríamos levantar. Talvez esta seja uma boa maneira de nos forçar a sair da cama.

Calder riu e depois parou quando o barulho começou.

— Que diabos? — Disse ele, levantando-se e pegando sua calça jeans do chão e colocando-as.

Sentei-me e puxei o lençol contra mim quando Calder saiu do quarto. Então eu me levantei e fui usar o banheiro e rapidamente escovar os dentes.

Vesti minha calça jeans e camisa e, em seguida, puxei o lençol e edredom em cima da cama quando ouvi vozes masculinas fora do quarto e saí para ver o que estava acontecendo.

Quando saí para a ampla sala de estar, Calder estava de pé com os braços cruzados contra o peito nu e Xander estava encostado no balcão, passando a mão pelo cabelo parecendo que ficou acordado a noite toda.

— Ei, Xander — Eu disse, hesitante.

Ele olhou para mim com olhos cansados e avermelhados e me deu um pequeno sorriso. — Ei, E.

Eu andei até Calder que colocou o braço em volta de mim e me puxou com força para ele. Xander sorriu para nós. — Eu sabia que vocês dois resolveriam tudo.

Olhei para Calder, mas depois olhei para Xander preocupada. Ele não parecia bem.

— O que está errado? — Eu perguntei, franzindo a testa.

Ele balançou a cabeça, dando um suspiro. — Sinto muito — Disse ele. — Eu não vim aqui para interromper esse reencontro. Merda. Vocês não precisam disso. Vocês merecem...

— Xander — Disse Calder. — Tudo o que eu tenho...

— Eu tenho metade. Eu sei — Ele disse calmamente. Xander passou a mão pelo cabelo. — Sim.

Calder balançou a cabeça e olhou para mim. — Você sabe o que Xander precisa, certo?

Mordi o lábio, fazendo a minha expressão muito séria. — A Cama de Cura?

— Acho que sim.

Eu balancei a cabeça. — Eu acho que sim, também — Calder me soltou e eu agarrei o braço de Xander e o puxei atrás de nós para o quarto.

— Whoa! Onde você está me levando?

— Para A Cama de Cura — Disse Calder, de pé ao lado dele.

— Venha — Puxei Xander e ele tropeçou e caiu sobre a cama. Calder e eu deitamos, um de cada lado dele, e nós ficamos ali em cima do edredom olhando para o teto. Eu ri.

Xander olhou para Calder e depois para mim e depois de volta para o teto. — Eu não vou fazer sexo com nenhum de vocês — Disse ele, começando a sentar-se. Calder empurrou-o de volta para baixo, colocando seu braço direito no peito dele. — Ok, talvez Eden, mas definitivamente não você, Storm — Acrescentou.

— Definitivamente *não* Eden — Calder disse entre dentes. — Eden, afaste dele um pouco — Eu ri novamente.

— Eu pensei que essa fosse A Cama de Cura. Já sinto raiva aqui — Disse Xander.

Calder riu e jogou uma perna sobre a perna de Xander. — Sem raiva — Disse ele. — Somente cura. E pare com esse negócio de Storm. Você sabe que eu não poderia colocar meu nome verdadeiro. É um nome legal — Mas não havia diversão em sua voz. Xander riu.

— Soa como um stripper.

Não pude deixar de rir e Calder riu também.

Todos nós ficamos lá em silêncio por um minuto. Eu sorri. *Era* uma cama muito confortável. Peguei a mão de Xander na minha e a apertei.

— A Cama de Cura cheira a sexo e... *Pêssegos* — Disse Xander, franzindo o nariz e olhando entre nós dois.

— A Cama De Cura é como uma cama de cura deveria ser — Disse Calder.

— Cara, quando foi a última vez que você tomou banho? — Perguntou Xander.

— Há quatro dias — Calder respondeu, sem constrangimento algum em sua voz.

— Sim, eu posso dizer isso — Xander rolou para perto de mim e eu ri novamente.

Virei o rosto para o dele. — Sério, Xander, o que há de errado?

Ele suspirou e puxou a mão dele da minha, esfregando-a por um segundo na sombra de uma barba por fazer de cinco horas.

— Tem uma garota — Ele disse em voz baixa, parecendo praticamente torturado.

Calder riu. Sentei-me ligeiramente, franzindo a testa para ele. — Desculpe — Ele murmurou. — É só que cada história de desgraça e tragédia começa com essas exatas três palavras "*tem uma garota*" — Então ele gemeu dramaticamente e jogou as mãos sobre os olhos.

Xander riu e eu fiz uma careta de novo, me jogando de volta no travesseiro. — Nem sempre é verdade — Eu disse.

— Ela deixa você todo revirado de dentro para fora? — Calder perguntou, abaixando seu braço.

— Inferno, sim — Disse Xander.

Calder suspirou. — Sim.

— Espere — Eu disse. — Qual é o problema aqui? Você está apaixonado, Xander. Será que ela não te ama também ou o quê?

Xander estendeu a mão e agarrou o cabelo na parte da frente da cabeça. — *Esse* é o problema. Eu acho que ela talvez ame.

— Por que isso é um problema? — Eu perguntei confusa. — Isso é ótimo.

Tormento inundou o rosto de Xander. — Eu poderia ter estragado tudo. Eu não estou pronto para amar alguém.

— Oh, Xander — Eu disse, me virando e aproximando dele, jogando minha perna por cima de Calder.

— Ninguém nunca vai entender isso, exceto vocês dois — Disse ele. — Ninguém me entende. Então, se eu me permitir aproximar dessa garota, como vou explicar o fato de que eu só consigo dormir no chão? — Ele perguntou. — Ou, espere, e quanto a isso - quando ela me pedir para contar a ela sobre a minha família, vou dizer, "Oh - Eles? Sim, você ouviu sobre aquele culto? Acadia? Certo, bem, eles estavam lá e se afogaram, minha mãe, meu pai, minha irmã grávida, todos eles morreram. Aceite isso. Eu ainda não consigo. Ah, e essas cicatrizes nas minhas costas? Sim, isso foi de quando fui espancado com um chicote como um cachorro maldito. Você quer assistir a um filme hoje à noite?"

— Xander — Disse Calder com a angústia evidente na rouquidão de sua voz.

— Sim — Xander disse olhando para cima.

— Talvez ninguém possa entender isso como nós, mas alguém conseguirá, Xander. Outras pessoas já passaram por coisas ruins, também. Ou se não, eles têm compaixão para entender as pessoas que passaram. Dê a ela uma chance — Eu disse.

Ele soltou um suspiro e continuou olhando para o teto. — Eu ainda ouço sua voz na minha cabeça — Disse ele calmamente. — Tipo, todo o maldito tempo. É como se ele me *perseguisse*.

Peguei sua mão e a apertei. — Eu sei. Eu o ouço, também — Eu disse entendo a situação.

Calder limpou a garganta e disse: — Eu também.

Ficamos em silêncio por um minuto. Eu os ouvia respirando bem perto de mim, gratidão passando por mim somente pela presença deles. — Então, tudo bem, aqui estamos — Disse eu. — Três pessoas confusas, mas estamos vivos. E nós temos uma segunda chance. E então, eu não sei — Eu me levantei sobre um cotovelo e olhei para os meninos: — Eu pelo menos vou me agarrar a isso. Eu gostaria de pensar que não, mas se essa é a única vida que temos para viver, *se for isso*, então não vou vivê-la sendo infeliz. *Especialmente* agora que eu tenho vocês dois de volta. O que acham? Tentaremos o nosso melhor? Juntos?

Calder sorriu para mim e Xander mordeu o lábio e depois soltou uma pequena bufada de ar. — Sim.

— Eu também — Disse Calder novamente, esticando o braço do outro lado de Xander e pegando minha mão. Sorri para os dois e, em seguida, apoiei minha cabeça no peito de Xander e envolvi meu braço em volta dele e Calder. Calder deitou sua cabeça no peito de Xander ao meu lado e passou o braço em volta de nós dois, também. Xander começou a rir enquanto todos nós nos abraçamos de forma meio ridícula, mas ainda apropriada na denominada Cama de Cura, e lá sempre estaria curando através do riso, e assim aquela cama fez o seu trabalho, mais uma vez, pelo menos naquele momento.

— Aliás, onde você a conheceu? — Eu perguntei depois de um minuto.

— No site ex-membro do culto socializam ponto com — Disse Xander, inexpressivo.

Uma gargalhada explodiu de Calder e eu olhei para Xander, que estava tentando não rir também. Ele falhou e começou a rir também, assim como eu. Calder e eu rolamos de novo ficando deitados de costas, ainda rindo.

— Bem, ela definitivamente entenderá você. Não se preocupe — Eu sorri.

Todos nós paramos de rir e Xander olhou para Calder. — A propósito, Calder Raynes, se todos nós estamos realmente nos curando, você precisa confessar seu estranho hábito de acumular Coca-Cola. Eu sei que você as esconde por todo apartamento.

Calder parou de se mover completamente e se virou para Xander. — Tudo bem — Disse ele lentamente, arrastando a palavra para fora e olhando para mim. — Mas eu nem sequer a bebo.

— Sim, bem, isso na verdade não o torna menos estranho.

Eu soltei uma risada e depois de um minuto, Calder o fez também, virando o rosto para o teto e rindo sozinho. — Tudo bem. É só uma coisa que eu tenho...

— Sim, nós dois estamos bem cientes de todas as suas "coisas" — Disse Xander, incapaz de reprimir outro sorriso. Eu ri e assim o fez Calder, olhando para mim sobre o peito de Xander.

— Ok, vocês dois, sério, hora de tomar banho — Xander riu.

Calder e eu sentamos com Calder balançando as pernas para fora da cama. — Ok, mas primeiro vamos pegar um pouco de comida. Eden e eu não comemos corretamente em quase uma semana.

Xander e eu saímos da cama e Xander assentiu, passando a mão pelo cabelo. — Tudo bem, vamos lá. Eden, você ficará bem aqui por meia hora mais ou menos?

— Sim, eu estou bem — Sorri para Calder. Eu realmente estava. Calder sorriu de volta para mim, parecendo um pouco inseguro. Eu andei até ele e passei meus braços ao redor da sua cintura e o puxei para perto. Ele me apertou de volta e beijou o topo da minha cabeça, e então ele e Xander saíram do quarto, fechando a porta atrás deles.



Quinze minutos mais tarde, eu estava de banho tomado e me sentindo como uma nova pessoa. Eu tinha lavado meu cabelo duas vezes, e depilado todos os lugares. Eu estava em pé na frente do espelho com uma toalha enrolada em volta de mim, escovando a bagunça do meu cabelo, uma vez que Calder não tinha qualquer condicionador em seu chuveiro. Imaginei que garotos não usassem esse tipo de coisa.

Ouvi uma batida forte na porta e puxei a toalha mais apertada em volta de mim. Calder tinha esquecido a chave? Ou talvez eles apenas tivessem muitas sacolas para carregar em suas mãos para alcançá-la.

Corri para fora do quarto e fui para o corredor. — Espere — Eu falei. Abri a porta e Madison estava ali. Meu sorriso desapareceu e minhas bochechas aqueceram quando eu percebi que estava apenas de toalha.

Madison me olhou com seu rosto pálido quando ela respirou fundo. — Oh — Ela disse.

Eu recuei um pouco e puxei a toalha mais firmemente ao meu redor. — Desculpe — Eu murmurei. — Eu pensei que você fosse Calder.

Ela ergueu as sobrancelhas. — Então ele não está aqui?

Eu balancei minha cabeça. — Ele e Xander saíram para comprar comida.

Ela ficou olhando para mim e eu me movia de um pé para o outro, ainda segurando minha toalha no lugar com uma mão e a porta com a outra. — Hum, você quer entrar? — Eu perguntei. — Ele deve estar em casa a qualquer minuto.

Madison franziu a testa um pouco, mas caminhou passando por mim e eu fechei a porta atrás dela. Eu me virei para ela que estava me observando de cima a baixo de novo com um olhar magoado por todo o rosto. Bem, isso foi horrível. Eu sabia melhor do que ninguém o quão difícil era não amar Calder. Eu podia entender o quão difícil isso deveria ser para ela. Afinal, eu tinha sentido essa mesma devastação quando percebi que ele tinha uma namorada na galeria.

— Hum...

Madison riu suavemente. — Eu sei, isso é estranho, certo? — Ela balançou a cabeça. — Eu não vou deixar isso mais estranho. Eu só vim deixar as poucas coisas que Calder tinha na minha casa e perguntar-lhe o que devo fazer com o dinheiro que ele ganhou na sua mostra. Ele não tem uma conta corrente. Você provavelmente sabe disso. Eu planejei pagá-lo em dinheiro, mas isso foi antes que ele vendesse todos os quadros em uma noite.

Eu balancei a cabeça, mordendo meu lábio. É claro que ele não tinha uma conta corrente. Ele não tinha qualquer identificação. Eu também não. *Ainda*. Mas eu poderia conseguir alguma coisa. Eu sabia o meu nome.

— Você poderia preencher o cheque para mim — Eu disse suavemente.

Madison pareceu considerar isso e depois deu de ombros. Ela realmente era muito, muito bonita. Ela tinha olhos verdes expressivos e escuros, cabelo sedoso que caiam até seus ombros. Ela estava usando uma saia vermelha justa com uma blusa branca e sua maquiagem era perfeita. Eu puxei minha toalha com força contra mim novamente, sentindo-me pequena e simples, o meu cabelo molhado aderindo na lateral do meu rosto. — Eu acho que poderia fazer isso — Ela finalmente disse.

Eu balancei a cabeça enquanto ela abaixava a bolsa no balcão da cozinha de Calder e começou a vasculhá-la.

— Meu sobrenome é Everson — Eu disse calmamente.

Madison olhou para mim, batendo a caneta que ela tinha acabado de pegar contra seu queixo. — Eden Everson? Sério? Você era a menina desaparecida em todos os noticiários quando eu era apenas uma garota. Havia cartazes seu em todos os lugares pela cidade. Foi a primeira vez que eu compreendi o que uma "criança desaparecida" era.

Eu concordei, franzindo minha testa. — Sim, aquela era eu. Aquela sou eu.

Ela olhou para mim. — Uau — Ela finalmente disse. — Por que não apareceu no noticiário que você está de volta?

Eu balancei minha cabeça. — Nós ainda não dissemos à polícia — Eu disse. — Se você pudesse manter isso em sigilo até que façamos...

Madison acenou a caneta em frente a ela, balançando a cabeça. — Eu não vou dizer nada. Eu não disse nada sobre Calder ter saído de Acadia. Isso é seu para fazer o que quiser. Quero dizer, é a sua vida.

Eu balancei a cabeça. — Obrigada — Eu disse calmamente.

Ela olhou para o talão de cheques que tinha removido, colocou-o sobre o balcão e, silenciosamente, preencheu o cheque enquanto eu esperava. Quando ela terminou, empurrou o cheque de lado e enfiou o talão de cheques e a caneta de volta na bolsa, colocando no ombro e virando-se para mim. — Bem, é isso. Há um cartão de visita sob o cheque. É uma galeria do centro que está interessada nele. Está claro que fazermos negócios juntos não é uma boa ideia — Seus olhos foram para baixo. — Pelo menos para mim.

— Sinto muito — Eu disse sem convicção. — Estou realmente muito grata a você por ser amiga dele — Ela franziu as sobrancelhas e os lábios se contorceram em uma careta, como se mal conseguisse conter a dor, e eu imediatamente me arrependi da escolha da palavra amiga.

— E, por ensiná-lo alguns novos truques no quarto? — Ela riu friamente. Eu fiz uma careta com a dor perfurando meu coração. Madison fez uma careta, também, e olhou para baixo por um segundo e depois de volta para mim. — Me desculpe. Eu disse isso para ser uma cadela.

Eu balancei minha cabeça. — Eu sei que esta é uma situação realmente terrível para você. Eu sinto muito.

— Jesus, você é doce, também — Disse ela. — É claro que seria — Ela respirou fundo, parecendo considerar suas próximas palavras. — Eden, aqui

está a coisa, eu esperava mais de Calder. Eu não vou mentir. Isto dói, muito — Ela fez uma pausa. — Mas, acho que se eu olhar para trás, posso ver que eu o empurrei para um relacionamento comigo. Deveríamos ter sido apenas amigos. Isso era o que eu deveria ter lhe oferecido. Mas, Calder... Bem, você sabe como Calder é e, Jesus, qual é a aparência dele — Ela encolheu os ombros. — Eu o queria. Eu pensei em mim mesma, não nele. E espero que eu não a magoe por dizer isso, mas eu deveria saber que quando ele se levantava para ir pintar depois de cada vez que estivemos... Juntos, que era porque ele se sentia culpado e precisava estar com você de alguma maneira. Eu vejo isso agora. E isso é uma merda. Ele não estava pronto para seguir em frente. Eu gostaria de ter percebido isso antes. Eu realmente gostaria.

Eu balancei minha cabeça. — Fazia três anos. Todos achavam que eu estava morta, pelo amor de Deus. Encorajando-o a seguir em frente não era a coisa errada a fazer.

Ela considerou-me por um segundo. — Mas foi. Com Calder, foi. Tenho a sensação de que ele poderia ter vivido até os noventa e nove e ainda não superaria você. Valorize isso.

Virei a cabeça quando ela passou por mim com um cheiro, de algum perfume floral flutuando.

Quando ela chegou à porta, virou seu corpo no meio caminho em minha direção mas não me olhou. — Eu acho que você deveria dar uma olhada em seu estúdio. Eu não vi o que está lá, mas acho que você deveria — Então a porta se fechou silenciosamente atrás dela.

Fiquei ali por alguns minutos, apenas olhando para a porta fechada. Então eu me virei para ir até o quarto, parando em frente da única porta que eu não tinha ultrapassado em seu apartamento. Deveria ser seu estúdio. Eu respirei fundo e a abri.

# CAPÍTULO NOVE

**Calder**

Xander e eu empurramos a porta aberta e entramos no apartamento, batendo-a atrás de nós, e colocamos todos os sacos de comida no balcão.

Notei imediatamente um cheque em cima com o nome de Madison sobre ele, endossado para Eden. Minha respiração ficou presa, não só com o conhecimento que Madison esteve aqui enquanto eu estava fora, mas também o valor escrito no cheque. Isso poderia estar certo? *Puta merda*.

— Eden — Eu chamei. Fiz uma pausa, sendo recebido pelo silêncio. Eu fiz uma careta e comecei a andar em direção ao quarto. Eu me perguntei onde ela estava com o mesmo terror que me agarrou na pista de boliche quando ela ficou fora da minha vista por três minutos, mas isso não me fez perder o controle agora. Bem, isso era um bom sinal.

No entanto, eu estava um pouco preocupado que Madison tinha dito algo que iria magoá-la. Madison não era uma pessoa má, mas eu também nunca a vi em uma situação como esta.

Virei-me para o corredor que levava aos dois quartos e imediatamente vi que a porta que eu usava para o meu estúdio estava aberta. Meu coração começou a bater mais rapidamente. *Oh não, Eden*. Deixei escapar um suspiro quando me virei para a porta. Eden ainda estava de pé no meio do quarto, enrolada em uma toalha branca, a cabeça movendo-se lentamente em todas as direções, olhando as pinturas ao redor dela, algumas encostadas nas paredes, algumas penduradas, algumas descansando em cavaletes. Havia centenas delas. E todas dela... E o pequeno começo de uma nova vida que eu tinha imaginado ser nossa filha, a menina ao lado dela na tela com o cabelo e os olhos azuis escuros, aquela que foi roubada da segurança do corpo de Eden. Expulsaram quem ela carregava. Meu coração se encheu de medo sobre o que ela deveria estar pensando, o que sentia pelo que estava olhando.

— Ela teria cerca de dois anos e meio agora — Eu disse muito calmamente. Ela deve ter me ouvido entrar e não se surpreendeu ao ouvir a minha voz atrás dela.

Eu me senti tenso, com medo enquanto a observava. Seus ombros caíram muito ligeiramente. — Ela? — Perguntou.

Eu balancei a cabeça. — Eu sempre imaginei que era uma menina. Eu não sei por quê. Eu apenas achava.

Ela assentiu com uma lágrima deslizando pelo seu rosto, mas sorriu suavemente e limpou-a. — Eu também, na verdade — Disse em voz baixa. — Eu imaginei que você soubesse sobre ela, porque estava com ela. Eu imaginei vocês juntos - isso me acalmou.

Ela continuou olhando em volta, não apenas para as suas imagens e quem eu imaginei que teria sido a nossa filha, mas Eden, uma jovem garota e ao longo dos anos. Uma dela jogando derrubar a lata com um olhar feroz de alegria em seu rosto enquanto ela deslizava até parar, atingindo um pé em direção à lata de segurança com uma garota maior e rápida logo atrás. Uma dela sentada na frente do Templo, um longo fio de cabelo entre os dedos, enquanto seus olhos contemplavam acima com um pequeno sorriso sonhador no rosto. Uma de seus olhos meu encontrando, um rubor nas faces, uma glória da manhã em sua mão que ela tinha acabado de pegar debaixo de sua cadeira.

— Eu iria mostrar-lhe... — Eu parei. Eden não se mexeu.

Eu timidamente me aproximei dela e ela se afastou, passando por cima de uma pintura das suas mãos como eu me lembrava delas. Meu maior medo era que eu iria me esquecer dos detalhes dela. E então, eu os pintei, não apenas os momentos que tínhamos compartilhado, mas ela. Cada parte dela, como fotos instantâneas da minha mente. Criar imagens de Eden me trazia uma verdadeira serenidade desde que eu a perdi.

— Eu me perguntava por que meu rosto não estava em nenhum dos quadros pendurados na galeria — Ela disse suavemente.

Eu balancei a cabeça, olhando para o chão de madeira. — Eu não podia compartilhar tudo de você — Eu disse. — Eu não estava preparado.

Ela andou até uma pintura de rosto e virou-se para o sol, o início de um sorriso apenas começando a florescer. Ela passou a dedo por sua própria bochecha, mais para baixo para a pequena onda de sua barriga de grávida, como poderia parecer se tivesse continuado carregando o nosso filho. Seu dedo parou e o levantou, um olhar de tristeza ficou óbvio para mim até mesmo em seu perfil.

— Eu só... Eu não tinha quaisquer fotografias. Eu me sentia como se o mundo simplesmente pudesse... Esquecer você — Eu disse com a minha voz mais rouca. — Era a minha maneira de *mantê-la* viva — Eu terminei. — Por favor, diga alguma coisa, Eden.

Ela se virou para mim com lágrimas brilhando em seus olhos e agarrando-se aos seus cílios. Ela balançou a cabeça lentamente, os lábios se separando, e em seguida, fechando-os novamente. Ela caminhou lentamente

para mim e olhou para o meu rosto com lágrimas lentamente rolando pelo seu. — Obrigada — Disse simplesmente, envolvendo os braços em volta de mim e me puxando para perto.

Eu apertei de volta. — Pelo quê? — Eu perguntei.

— Por me amar tanto. Por manter-me viva quando eu não estava.

Soltei um suspiro alto. — Você nunca tem que me agradecer por isso. Eu fiz exatamente o que tinha que fazer.

Ela fez um som de meio riso e meio fungada contra a minha camisa e depois olhou para mim, com um sorriso muito calmo em seu rosto. — Eu também — Disse ela.

— Glória da Manhã — Eu sorri e levantei minhas mãos para cima, acariciando seu cabelo ainda úmido.

— Você acha que sua mãe gostaria de algum destes... De quando era mais jovem? Ou acha que a faria triste pelo que perdeu?

Ela olhou para mim. — Eu acho que ela gostaria — Disse ela em voz baixa. — Eu acho que ela iria apreciar isso.

Eu balancei a cabeça. — Ok, então, vou dar-lhe algumas. Precisamos buscar as suas coisas, de qualquer maneira. Você acha que ela vai ficar bem com você se mudando para cá?

Ela soltou um suspiro suave. — Provavelmente não. Mas vou estar do outro lado da cidade. Nós vamos nos arranjar com isso. Ela quer que eu seja feliz.

Eu balancei a cabeça. — Sim.

Ouvi os passos de Xander atrás e virei-me para encontrá-lo parado na porta. — Vocês estão prontos para comer? — Ele perguntou.

Olhei para Eden que assentiu.

— Vejo que você se deparou com o santuário Eden — Disse Xander. — Eu disse a ele que isso era estranho e assustador — Mas a expressão em seu rosto era gentil.

— Cale a boca, Xander — Eu disse.

Eden riu baixinho. — É a coisa mais incrível que eu já vi em toda minha vida.

Eu soltei Eden e caminhei para o fundo do quarto e peguei uma pequena tela. Eu trouxe-a para Xander e entreguei a ele, observando seu rosto com cuidado. — Para o próximo “Throwback Thursday” — Eu disse calmamente.

Xander deu um passo para trás, deixando escapar uma pequena risada agarrando seu cabelo da testa. — Puta merda — Disse ele com a emoção em seu rosto.

Eden caminhou até ele e olhou para a tela que ele estava olhando. Era uma pintura dele quando garoto, 10 anos de idade ou mais, em pé em cima da rocha que costumávamos brincar de várias maneiras entre as nossas cabanas. Ele estava rindo, provavelmente de sua própria piada, conhecendo-o. Eu sorri e me juntei a eles.

— É... — Ele parou, parecendo estar tentando se recompor.

— Veja, eu tenho um pequeno santuário Xander, também. Agora você não precisa ficar com ciúmes.

Ele encontrou meus olhos. — Obrigado, irmão — Ele disse.

Eu pisquei para ele e sorri. Saímos do meu estúdio e depois que Eden se vestiu, ela nos encontrou na minha cozinha, onde comemos, Eden e eu gemendo de felicidade com a primeira mordida de alimentos verdadeiros que comemos em quase uma semana.



Xander saiu um pouco mais tarde, parecendo se sentir melhor. Aparentemente, ele não tinha dormido muito na noite anterior e por isso foi para casa descansar um pouco. Eu me perguntei se ele ia conseguir se recompor o suficiente para dar à garota uma chance. Eu esperava que ele o fizesse. Se alguém merecia ser amado, era Xander. Ele era uma das melhores pessoas que eu conhecia. Eu esperava que ele fosse descobrir isso também. E esperava o inferno que a menina o conhecesse tão bem. Mas essa era a sua história, e no final, somos nós que decidimos como fazer esse jogo.

Tomei banho e fiz a barba de quatro dias e depois coloquei uma calça de brim limpa e uma camiseta cinza escura de mangas compridas.

Quando saí do banheiro, vi que Eden tinha tirado os lençóis da cama. Se alguma vez houve qualquer lençol que precisava ser trocado, aquele era ele. Eu ri baixinho sozinho.

Quando eu saí, Eden estava em pé no balcão da cozinha, com o cabelo em um nó no topo de sua cabeça, com seu telefone. Ela sorriu e inclinou a cabeça, seus olhos se movendo sobre mim. — Com certeza você se limpa muito bem, Calder Raynes — Ela disse provocando.

Aproximei-me, abaixei-me e beijei a lateral do seu pescoço, sentindo a pulsação constante debaixo dos meus lábios. — Mmm — Eu murmurei, recuando e sorrindo. — Assim como você. Mas eu ainda prefiro você suja e pegajosa com calda de pêssego.

Ela riu e se virou para o telefone, pressionando o botão enviar.

— Sua mãe? — Eu perguntei, balançando a cabeça em direção ao telefone.

Ela franziu a testa e balançou a cabeça. — Sim. Eu não mencionei isso, mas suas mensagens têm sido cada vez mais frenéticas — Ela se virou para mim. — Ela é superprotetora. Eu acho que não posso culpá-la, e tentei ser compreensiva, mas... — Ela suspirou. — De qualquer forma, eu deveria voltar, tranquilizá-la e passar algum tempo com ela. Você tem que trabalhar ou qualquer coisa? Seu telhado?

Eu balancei a cabeça, franzindo os lábios e sentindo-me culpado por perturbar sua mãe. — Não, eu tirei algum tempo para que pudesse me concentrar na mostra — Passei a mão pelo meu cabelo meio úmido — Agora — Eu inclinei minha cabeça para o cheque ainda no lado do balcão. — Eu acho que não tenho que fazer isso por, pelo menos, um pouco de tempo.

— Ou nunca — Disse ela, virando-se completamente em minha direção e colocando as mãos em meus quadris quando inclinou a cabeça para trás para encontrar meus olhos. — Calder, claramente o seu trabalho é procurado. Organize outra mostra, se você quiser. Madison deixou um cartão de visita sob o cheque. E, certamente, há galerias por toda a cidade que gostariam do seu trabalho, o trabalho de *Storm* — Seus olhos brilharam, dançando com malícia. — Eu consigo o stripper — Eu ri e ela sorriu como se não conseguisse evitar. Meu coração pulou uma batida com a beleza repentina da sua felicidade. — Estou tão orgulhosa de você — Ela sussurrou.

Eu sorri de volta. — Lembra-se de quando eu costumava desenhar no chão com um pedaço de pau?

Ela riu. — Sim, me lembro — Então seu rosto ficou sério. — Se alguma vez alguém deveria fazer alguma coisa, é você, que estava destinado a criar arte. Você faz as pessoas sentirem as coisas com o seu dom — Ela encolheu os ombros. — Se isso não é uma verdadeira vocação, eu não sei o que é.

Olhei para ela por um segundo e assenti. — Tudo bem, vou ligar para umas galerias. Mas hoje... Hoje, nós vamos até a casa da sua mãe e dizer a ela nossos planos — Inclinei-me e beijei seus exuberantes lábios rosados. — E então

nós vamos ao supermercado estocar comida para a nossa casa - pelo menos as coisas que não precisam ser refrigeradas — Eu sorri e empurrei um pedaço de sua franja para o lado de sua testa. — E então nós vamos voltar aqui e vou trabalhar na parte elétrica para que possamos viver com energia e comer comida fresca — A imagem na minha cabeça de nós dois fazendo coisas normais, todos os dias, me fez sentir... Alegria. E pelo sorriso doce no seu rosto, acho que ela sentia, também. — Talvez amanhã possamos ir a uma loja de móveis e comprar algumas coisas. Você acha que sua mãe iria nos ajudar com dinheiro desse cheque?

Ela assentiu. — Sim, acho que sim — Ela franziu a testa ligeiramente. — Calder? — Ela mordeu o lábio e fez uma pausa.

— O que, Glória da Manhã?

Seus olhos voltaram para os meus e um pequeno vislumbre de um sorriso surgiu em seus lábios antes de desaparecer. — Nós vamos precisar ir à polícia — Ela piscou para mim, parecendo preocupada.

Deixei escapar um suspiro. — Eu sei que *você* precisa, Eden. Para pegar o seu nome de volta, eu sei que você precisa — Eu balancei minha cabeça. — Mas eu e Xander não precisamos.

Ela olhou para mim e arregalou os olhos. — Você não acha que seu nome é importante, também? — Perguntou ela. — Você não quer seu nome de volta? Você merece ter uma identidade, Calder. Quero dizer, Madison entendeu sobre você não ter qualquer identificação - ela estava disposta a fazer o que fez para contornar isso porque você dois... — Ela respirou profundamente, aparentemente decidindo não expressar o resto desse pensamento. — De qualquer forma — Continuou ela depois de alguns segundos. — Nem todo mundo vai. E se você for parado e tiver que mostrar sua habilitação? Você seria obrigado a contar a sua história. Vamos fazer isso em nossos próprios termos. Vamos fazer isso juntos.

Preocupação atingiu meu corpo. Eu sabia que ela estava certa. Eu sabia que a maior parte da razão pela qual não havia nos encontrado mais cedo foi porque nenhum de nós estava disposto a ir à polícia. Mas, ainda assim, o pensamento aumentava a ansiedade em minhas veias. — E se eles tentarem nos separar de alguma forma? — Perguntei. — E se fizemos alguma coisa errada por não ir até eles imediatamente? Eu não conheço todas as leis. Eles podem nos colocar na cadeia ou algo assim.

Eden balançou a cabeça. — Não, eu não penso assim. E a minha mãe tem uma boa relação com o departamento de polícia de Cincinnati depois de todos esses anos. Há pessoas em que ela confia lá. Eu acho que há pessoas que podemos confiar.

— Clive Richter... — Eu comecei.

— Eu sei. Mas todos estes anos... Todos estes anos e ele escapou do que fez naquele dia. Ele sempre alegou que ele viveu lá, em Acadia, mas que estava trabalhando no dia da inundação e não fez parte em nada daquilo. Ele diz que não estava lá. Nós sabemos que não é verdade.

Eu soltei outra lufada alta de ar e agarrei meu cabelo em minhas mãos, afastando-me dela. Além de Hector, Clive Richter foi um dos primeiros homens que aprendi a desprezar. Eu não conhecia a desconfiança e animosidade antes dele colocar as mãos covardes em mim. E ele usou seu distintivo para aterrorizar, desmerecer e humilhar Xander, Eden e eu, fez pouco para incentivar a minha confiança para com a polícia. Minha mão foi inconscientemente para a cicatriz feia na minha coxa sob o jeans. Eu precisava tanto proteger Eden desta vez. O pensamento de colocar-nos nas mãos da polícia me encheu com um medo louco que eu não tinha certeza de como controlar. Na minha mente, eu entendi que as pessoas confiavam na polícia em geral, que a polícia estava lá para ajudar, mas o meu coração gritava algo diferente. — Podemos apenas falar sobre como vamos fazer isso? — Eu perguntei a Eden baixinho, virando-me e deixando cair as minhas mãos. — Podemos descobrir isso?

— Claro — Disse ela. — Não há pressa. Vamos falar sobre isso com a minha mãe, e depois um com o outro e com Xander. Nós vamos chegar a uma decisão em conjunto, tudo bem?

Eu balancei a cabeça, sentindo-me melhor. — Sim.

Eden deu um pequeno sorriso para mim. — Está bem — Ela inclinou a cabeça e sorriu. — Nós vamos ficar bem, você sabe disso, certo?

Eu não consegui segurar o pequeno sorriso que veio aos meus lábios. Porque ela estava na minha frente, real, inteira e *aqui,* e ela era tão linda que fez o meu interior apertar. — Sim, eu sei — Eu disse, na maior parte acreditando nisso. Peguei-a em meus braços e beijei-a profundamente, me perdendo no seu sabor doce.

— Minha mulher — Eu rosnei, quebrando o beijo para respirar e colocando meus lábios contra seu pescoço enquanto eu sorria e fingia rosnar um pouco mais. Ela riu e se contorceu contra mim, tentando se afastar.

— Cuidado ou nós vamos voltar para a Cama de Cura — Ela riu.

— Esse é o objetivo — Eu disse.

Nós nos beijamos e rimos por mais alguns minutos, trazendo calma para minha alma.

— É melhor eu ir embora — Eden suspirou.

— Eu sei — Eu disse, arrastando beijos em seu pescoço e, em seguida, roçando contra ela. Tivemos tanto sexo nos últimos quatro dias, mas eu teria alegremente voltado para a cama e afundado de volta nela por um pouco mais.

Nós finalmente conseguimos nos afastar. Eden saiu e foi se refrescar enquanto eu rapidamente coloquei outro conjunto de lençóis que havia comprado para nossa cama. *Nossa cama*. Essas duas palavras me encheram com tanta felicidade que eu quase me sentia inebriado com isso.

Peguei duas pequenas telas de Eden como um pré-adolescente do meu estúdio, envolvi-as em papel pardo e lacrei. Eden me encontrou no corredor quando eu estava fechando a porta. Eu sorri para ela e peguei sua mão.

— Pronta? — Perguntei.

— Sim — Disse ela, pegando sua bolsa do balcão.

Eu tranquei a porta atrás de nós e pegamos o elevador até o lobby. Eu não gostava de elevadores; não gostava de pequenos espaços em geral. Não depois de Acadia. Mas eu também estava ansioso para levar Eden de volta para casa e arrumar as coisas dela para que pudéssemos começar a nossa vida juntos.

Abrimos a porta para a rua, um pequeno sorriso no rosto de Eden apareceu quando ela olhou para mim.

De repente, o mundo desabou.

Girei minha cabeça quando uma grande multidão avançou e eu agarrei Eden e a puxei para mim, tropeçando para trás e soltando as pinturas que eu tinha em mãos.

— Lá estão eles! — Ouvi gritos. — Eden Everson! — Alguém gritou. — Por que você não disse à polícia que está de volta? Você estava realmente em Acadia durante o suicídio em massa?

— Para trás! — Eu gritei, minha voz estourando antes que eu pudesse formar um pensamento coerente. Dois homens me empurraram para a frente, quebrando as telas sob seus pés. Girei meus punhos, o mundo girando vermelho em volta de mim, pulsando com sangue e pânico.

— Calder Raynes! Storm! — Alguém gritou. — É verdade que você é de Acadia, também? Como vocês fizeram isso? É Eden em todas as suas pinturas?

Eu fui abrindo caminho através da multidão de pessoas, quase incapaz de dar sentido às suas palavras gritadas, segurando Eden firmemente ao redor dos seus ombros, com nossas cabeças abaixadas. Eu agitava um braço na minha frente, empurrando as pessoas para fora do caminho, que não se moviam por conta própria. As vozes gritavam ao nosso redor. Meu coração estava batendo o

que parecia um milhão de quilômetros por minuto e a adrenalina estava bombeando através do meu sangue.

— Saia de perto dela! — Eu gritei quando um homem tentou puxar o braço de Eden. Quando ele se recusou a soltá-la, eu deixei Eden brevemente e me movi em direção a ele, balançando meu braço e dando um soco em seu rosto, o sangue voando no ar ao nosso redor. Eu soltei um grito alto, chutando-o enquanto ele bateu no chão. Ouvi Eden gritar e o mundo ao meu redor parecia ficar borrado, soando como se tudo viesse debaixo d'água.

Eu senti algo dentro de mim estalar e, de repente, meus punhos estavam voando e eu senti uma dor distante explodindo em meus dedos, mas eu não me importei. *Eden gritando. O sangue em suas roupas. Homens puxando-a para longe de mim. Eden gritando. Eu não conseguia ficar com ela. Eu não conseguia protegê-la. Eden gritando. O sangue em suas roupas. Homens puxando-a para longe de mim. Eden gritando. Eu não conseguia ficar com ela. Eu não conseguia protegê-la.*

Quando voltei a mim, a multidão havia se afastado e eu estava debruçado sobre Eden na calçada com a respiração em meu peito pesada de exaustão. Olhei em volta descontroladamente para avaliar mais ameaças e vi vários homens com sangue em seus rostos e dois ainda esparramados no chão. Eu fiquei em pé rapidamente, levando-a comigo e puxando-a com força para o meu peito enquanto minha cabeça girava em todas as direções. Palavras vinham de minha boca enquanto eu tentava acalmar meu sangue furioso. Então percebi quem eram eles. — Nunca mais, nunca mais, nunca mais.

— Calder? Calder? — A voz de Eden. Sua voz suave, angelical. Engoli em seco e olhei para baixo com a minha visão limpando completamente. Eden chorava baixinho contra mim. Puxei-a contra um carro estacionado na rua e corri minhas mãos para cima e para baixo do seu corpo, inclinando sua cabeça para que eu pudesse colocar os meus olhos sobre todo seu corpo, avaliando se ela estava ferida.

— Eu estou bem, Calder — Ela engasgou. — Estou bem. Estou bem. Eu juro — Ela assentiu para mim, estendendo a mão timidamente como se estivesse tentando acalmar um animal selvagem. — Eu estou bem. Você me protegeu. Eu estou bem.

Minha frequência cardíaca pareceu desacelerar um pouco enquanto eu ouvia as palavras dela e vi que estava bem. Puxei-a contra mim de novo, me acalmando com a sensação do seu corpo em meus braços, em minha posse. Tornei-me consciente de que a multidão de pessoas que agora reconhecia como jornalistas, e vários outros que tinham se reunido na rua, estavam todos em silêncio me observando, alguns com câmeras viradas em nossa direção. Eu provavelmente parecia selvagem, fora de controle.

Soltei outro suspiro abatido quando ouvi um carro parando atrás de mim. — Calder. Eden. Entrem no carro — Eu ouvi chamar, me virei e vi a garota que estava com Eden na galeria na semana anterior. Sua prima, Molly.

Puxei Eden ao redor do carro que estávamos encostados e me movi em frente a ela, lançando a cabeça de volta para a multidão que estava ainda imóvel atrás de nós agora.

Abri a porta e praticamente empurrei Eden para dentro antes de entrar atrás dela. O carro deu uma guinada na rua e andando rapidamente. Do lado de fora das janelas do carro, o dia escureceu, nuvens de tempestade movendo-se rapidamente através do céu.

Puxei Eden contra mim no banco de trás e tentei ficar sob controle, inspirando e expirando lentamente, envolvendo minha mão em seu pulso para que eu pudesse sentir a batida do seu pulso direito sob meus dedos.

# CAPÍTULO DEZ

**Calder**

Entramos na garagem da mãe de Eden e saímos do carro.

Tínhamos vindo em silêncio, Molly olhando várias vezes no espelho retrovisor para nós com uma expressão preocupada no rosto. Eden tinha simplesmente me deixado abraçá-la, estava com a cabeça apoiada no meu peito. Ela sabia exatamente do que eu precisava.

Eu não podia ter certeza, mas percebi que Molly tinha rodado por um tempo antes de ir para a casa da mãe de Eden, talvez dando-nos tempo para nos acalmarmos. Meus punhos estavam ensanguentados e me sentia em estado de choque.

Assim que o carro parou e nós saímos, segurei firmemente Eden enquanto caminhávamos para a casa, olhando em volta para me certificar de que não fomos seguidos por qualquer um desses jornalistas. Como no inferno eles tinham descoberto sobre nós?

A mãe de Eden veio correndo para fora quando estávamos quase na porta. — Oh meu Deus! Está em todos os noticiários. Venham para dentro, venham para dentro. Estou tão feliz que eu mandei Molly até vocês.

Ela nos apressou e depois deu uma olhada atrás dela antes de fechar a porta e trancá-la.

— Carolyn, Calder precisa de um kit de primeiros socorros para os dedos — Disse Molly.

Carolyn colocou suas mãos em seu rosto e depois pegou em minhas mãos machucadas e sangrentas. — Oh não, oh não. É claro — Disse ela, correndo para Eden e verificando o corpo dela duas vezes antes de apertar os ombros e correr para fora da sala.

Eden e eu afundamos no sofá e eu coloquei a palma das minhas mãos para baixo no meu colo para que eu não sangrasse em todo o mobiliário bonito.

Molly saiu da sala dizendo algo sobre chá gelado e quando ela se foi, eu me virei para Eden. — Eu sinto muito — Eu murmurei, colocando minha testa na dela. Eu balancei a cabeça lentamente. — Era como se eu estivesse lá por um minuto. Eu... Surtei. Droga, eu sinto muito.

Eden levou a mão ao meu rosto. — Eu entendo. E, na verdade, Calder, eles eram como um bando de abutres. Eles praticamente nos atacaram.

Eu respirei fundo. — Ainda assim, eu tremo só de pensar como as imagens aparecerão nos noticiários. Eu devo parecer maluco.

— Nós não vamos ver — Disse ela com um vislumbre de um sorriso em seus lábios. Ela beijou-me suavemente no momento em que Molly voltou para a sala com uma bandeja com copos cheios de chá gelado.

Peguei o que ela ofereceu e bebi profundamente. Eden bebericou o dela e Molly colocou a bandeja na mesa de centro e ocupou a cadeira em frente de onde nós estávamos no sofá.

— Então, quem diabos deu a notícia sobre vocês? — Ela perguntou com os olhos arregalados.

Olhei para Eden e balancei a cabeça. — Eu não sei — Eu disse. — Madison?

Eden balançou a cabeça, mordendo o lábio. — Eu acho que poderia ter sido, mas não sei. Eu falei com ela hoje de manhã e ela parecia sincera quando disse que não o faria.

Eu balancei a cabeça. Eu não achava que fosse Madison. Ela sempre foi confiável pelo que a conhecia. Ainda assim, as pessoas faziam coisas que talvez normalmente não fariam, quando se está ferida. Eu a tinha machucado.

— Como você soube para ir nos pegar? — Perguntei a Molly.

Seus olhos se moveram para os meus. — Eu não sabia. Carolyn me enviou — Ela levantou as mãos. — Eu juro, eu ia tirar um selfie com Eden apenas para provar que ela estava viva e depois ir embora — Ela baixou a voz. — Ela ficou um pouco louca nesses quatro dias, pensando que Eden foi raptada de novo ou algo assim. Eu tenho tentado ajudá-la a manter uma perspectiva racional — Ela ergueu as sobrancelhas, como se não tivesse certeza se havia sido eficaz. *Droga*. Eu não poderia deixar de me perguntar se Carolyn avisou a polícia. O pensamento em si me fez sentir culpado. A mãe de Eden não faria isso com ela.

Molly tomou um gole de chá e, em seguida, o colocou de volta em cima da mesa na frente dela. — Quanto a quem foi que disse a mídia, eu acho que poderia ter sido qualquer um de uma centena de pessoas. Essa festa... Pedimos aos convidados para não dizerem nada, mas o garçom poderia ter ouvido o suficiente e entendido tudo. Quem sabe? Nós não estávamos fazendo exatamente uma operação secreta — Ela levantou as mãos e as deixou cair. — Pensando nisso agora, estou realmente surpresa que demorou todo esse tempo para que a mídia viesse bater à nossa porta.

Eu me surpreendi rindo. *É verdade*. Gostei da prima de Eden.

Eden sorriu para Molly e mordeu o lábio. — Você está certa. Quero dizer, isso realmente importa? — Ela olhou para mim. — Eu só gostaria que tivesse acontecido no *nosso* tempo.

— Está tudo bem — Eu disse calmamente. — É provavelmente melhor. Você vai ser capaz de reivindicar o seu nome agora e tudo o que vem com isso — Coloquei da melhor forma possível o meu medo de lado. Não havia nada que eu pudesse fazer agora, além de esperar para ver o que aconteceria. Eu coloquei minhas mãos sangrando em minhas coxas novamente, ainda me sentindo um pouco em estado de choque.

Carolyn veio correndo de volta para a sala com um kit de primeiros socorros e olhou interrogativamente para Eden. Eden concordou e pegou o kit das mãos dela e moveu-se para ajoelhar-se diante de mim. Quando passou o álcool em meus dedos, a ardência cortante serviu para me trazer completamente para o presente. Enquanto Eden enfaixava minhas mãos, Carolyn nos disse que tinha falado com um dos detetives do caso de Eden enquanto ela estava no andar de cima e que a polícia estava vindo. Eles tinham ligado quando viram os noticiários na TV.

— Será ruim para nós? — Eden perguntou, olhando por cima do ombro para sua mãe.

Sua mãe balançou a cabeça. — Parece que ele compreendeu a razão do porque levamos nosso tempo. Eu acho que a forma como os jornalistas atacaram vocês é prova suficiente de que tínhamos uma boa razão para manter isso para nós mesmos por um tempo — Ela franziu a testa, olhando fixamente para mim. Depois do que Molly nos disse, eu não a culpo por me olhar assim. Eu tinha levado Eden para longe dela durante quatro dias depois de dizer a ela que a traria de volta, e depois fiquei completamente agressivo batendo nas pessoas quando elas representaram uma ameaça para nós. Ou o que eu pensava que seria uma ameaça no momento. Eu tentei pensar de novo no acontecido e mal conseguia me lembrar dos outros detalhes quando senti como se a segurança de Eden estivesse em risco. Sua mãe provavelmente pensava que eu era um boçal agora, na melhor das hipóteses, apesar do fato de que eu pensei que tinha feito uma boa impressão para ela em sua festa do jardim.

— Eu realmente sinto muito por... Tudo — Eu murmurei, olhando para Carolyn.

Ela franziu a testa e balançou a cabeça. — Eu sei — Disse ela. — Eu posso ver que você está. E sinto muito que aconteceu com você, também. Se você só tivesse trazido Eden de volta mais cedo — Um olhar acusador passou sobre seu rosto e eu me senti ainda mais culpado. Então, novamente, Eden e eu precisávamos desse tempo juntos desesperadamente. Como eu poderia sequer

começar a explicar para a mãe, de todas as pessoas? Carolyn respirou fundo, olhando para longe de mim. — A boa notícia é que a polícia vai colocar alguns policiais aqui para que ninguém nos incomode ou chegue até a porta da frente sem nos conhecer. Você está segura aqui, comigo — Achei que ela estava falando sobre nós dois, mas ela só estava olhando para Eden.

Eu franzi a testa ligeiramente. Tudo que eu queria era levar Eden para casa comigo e iniciar uma vida juntos, tê-la para mim, ser capaz de protegê-la eu mesmo, para provar que eu era digno disso.

Carolyn levantou-se. — Eden, farei para você um sanduíche Fluffernutter[1] — Ela sorriu calorosamente. — Eles sempre foram o seu favorito e se alguma situação exige comfort food[2], é essa — Ela correu para fora da sala dizendo. — Sem a casca, é claro.

Molly balançou e em seguida pôs a mão na cabeça como se de repente tivesse uma dor de cabeça muito ruim. O rosto de Eden ficou confuso. Assumi, como eu, que ela não tinha ideia do que era um sanduíche Fluffernutter.

A campainha tocou e as nossas cinco horas seguintes foram gastas sendo interrogados pela polícia, Eden e eu contando as nossas histórias, individualmente e em conjunto, mais e mais até que eu me senti quase insensível a elas. Pessoas entravam e saíam, alguns com uniformes, alguns com roupas normais, todos os policiais tinham o mesmo olhar incrédulo em seus rostos quando ouviram a nossa história. No começo eu fiquei com medo, cauteloso, mas com o passar do dia, eu fui capaz de relaxar um pouco.

A polícia parecia atordoada com a maior parte dos eventos do dia da inundação, especialmente pelo papel desempenhado de Clive Richter, tanto em nos levar de volta a Acadia, aguardando enquanto Hector nos torturava e tentava me matar, quanto depois, atirando na minha perna. Eu não sabia o que iria acontecer com ele, e apesar das muitas pessoas que ouviram a nossa história com horror e compaixão em seus olhos, eu não conseguia me esquecer do fato de que meu interior se apertava nervosamente quando considerei que Clive agora saberia que estávamos vivos, se ele já não soubesse por causa da cobertura dos noticiários.

Eu mantive meus olhos focados em Eden quando eu podia e olhei para ela o mais rápido possível quando foi mandada embora por algum motivo. Eu a observei falar com um detetive que parecia jovem de terno e ela parecia se sentir

---

[1] *Fluffernutter* é um *sanduíche* feito com manteiga de amendoim e marshmallow, geralmente servido no pão branco.

[2] Comfort food é tradicionalmente alimentos que muitas vezes proporcionam um sentimento nostálgico: a comida de casa, da mãe, da avó e da tia, aquela que remete à infância. Podem ser consumidos para despertar emoções positivamente, para aliviar os efeitos psicológicos negativos ou aumentar sentimentos positivos.

confortável com ele, até mesmo rindo baixinho várias vezes enquanto ele tomava notas. Ele olhava para ela com uma espécie de reverência em seus olhos. Meu estômago se contorceu de ciúmes e eu tinha que me lembrar de que uma reação como essa, não era normal. Estávamos fora na grande sociedade agora, *no mundo*. Muitos homens iriam olhar Eden e tentar fazê-la rir. Eu não tinha que gostar disso, mas também não tinha que agir como um idiota ciumento.

Eu tinha chamado Xander quando a polícia chegou e umas horas mais tarde, ele tocou a campainha e começou a ser interrogado pela polícia também.

Eu não estava preparado para aquele dia, e apesar do meu nervosismo, algo dentro de mim também parecia aliviado. Isso não estava mais pairando sobre nossas cabeças. E parecia que nós não termos ido até a polícia antes fosse um problema, e ninguém ia pressionar. E talvez agora eu tivesse um nome. Certamente, alguém lá fora sabia quem eu era? Seria possível que alguém, como a mãe de Eden, se importava com a minha ausência todos esses anos? A culpa dava nós em meu estômago quando eu considerei o fato de que poderia ter minimizado a dor de alguém muito mais cedo do que isso. Mas eu não estava pronto, e esse era o simples fato da questão.

Por fim, quando o sol começou a se pôr fora das janelas, nos despedimos de Xander e depois um pouco mais tarde, a polícia começou a juntar suas coisas e deixar a casa de Carolyn, também. Eden veio por trás de mim e se inclinou sobre minha cadeira, envolvendo os braços em volta dos meus ombros e beijando meu pescoço. — Nós fizemos isso, Caramelo — Ela sussurrou. *Caramelo*. Quanto tempo se passou desde que eu tinha ouvido Eden me chamar de Caramelo? Fechei os olhos e acolhi seu conforto físico e emocional. Sua força, sua capacidade de resistência, isso tinha me dado coragem antes e dava-me agora. Nós fizemos isso. Nós. Eu não tinha certeza se poderia ter lidado com este dia sem ela, mas juntos, nós poderíamos, eu poderia.

Eu olhei para trás de volta para ela e sorri. — Sim, nós fizemos.

— E agora — Ela sussurrou em meu ouvido: — Vou cozinhar o jantar e, em seguida, você vai se esgueirar comigo na minha pequena cama rosa — Ela franziu a testa ligeiramente. — Minha mãe arrumou o quarto de hóspedes para você, mas vamos resolver isso — Ela beijou meu ouvido e eu ri baixinho.

Olhei em volta para Carolyn, mas ela deveria ter ido com a polícia até a porta. — O que sua mãe acha que temos feito durante quatro dias? — Eu sussurrei.

— Eu tenho certeza que ela está tentando não pensar sobre isso — Disse ela em pé e vindo à minha frente. — Ela está em uma espécie de negação sobre eu ser uma mulher. Ela não consegue superar, me considera como uma menina, eu acho — Ela franziu a testa. — Estou tentando ser respeitosa com isso. Mas não há nenhuma maneira que você estará sob o mesmo teto que eu, e não estar

na minha cama por pelo menos parte da noite — Disse ela, sentando-se no meu colo.

Eu sorri para ela e inclinei-me, beijando seus lábios e sentindo uma alegria calma descer sobre mim. Isso não era o ideal, mas estávamos juntos. Estávamos seguros.

Uma mulher limpou a garganta e eu olhei para cima para ver Carolyn parada na porta. Eden e eu sorrimos para ela e Eden se levantou e foi até ela, abraçando-a.

— Você fez muito bem — Disse Carolyn quando Eden se afastou. Ela entrou na sala e sentou-se na cadeira em frente a mim. — Agora vai ter a cobertura de notícias sobre este ad nauseam[3], assim como houve depois de Acadia... Apenas como houve após seu pai... — Ela parou, parecendo triste e preocupada, mas depois respirou fundo e continuou. — O telefone não vai parar de tocar, e vocês vão ser perseguidos quando sair de casa — Ela olhou de mim para Eden e voltou. — Nós todos temos que estar preparados. Isso vai parar eventualmente, mas não por algum tempo. Você vai ficar bem com isso?

Inclinei-me para a frente com os cotovelos sobre os joelhos e passei uma mão pelo meu cabelo. — Não, eu não estou bem com isso — Eu disse, sentando-me. — Mas que escolha temos? Nós vamos ter que fazer o melhor possível.

Eden assentiu, vindo ficar ao lado da minha cadeira, a mão dela na minha. Agarrei-a, apertando-a três vezes inconscientemente. E, de repente, a paz encheu meu coração, um sentimento inexplicável que eu não conseguia nomear.

— Sim — Eden disse suavemente, olhando para mim. — Nós vamos fazer o melhor possível — Ela olhou para Carolyn. — Mãe, é óbvio que não quero ver todas as notícias, mas há uma maneira de alguém poder assistir o suficiente para nos dar qualquer informação sobre Clive Richter, ou se alguém procurar por Calder?

Carolyn olhou para mim rapidamente e assentiu. — Claro. Vou me certificar de que isso aconteça. Portanto, por agora, sem TV. E nós vamos nos esconder pelas próximas semanas e esperar até que o pior tenha passado.

Com esse plano em prática, todos nós fomos para a cozinha e Eden insistiu para que eu me sentasse à mesa ao lado da janela enquanto ela cozinhava para mim. Eu observei seu movimento pela cozinha, de alguma forma incrível, eu ficava ainda mais apaixonado por ela. Eu nunca tive o prazer de ver

---

[3] *ad nauseam* (em português, "argumentação até provocar náusea") é uma expressão em latim que refere-se à argumentação por repetição, ou seja, a mesma afirmação é repetida insistentemente até o ponto de causar "náusea" a crença incorreta de que quanto mais se insiste em algo e mais se repete algo, mais correto algo se torna.

Eden fazer algo tão normal como ferver macarrão e misturar uma salada, e era quase mágico para mim, mesmo o quão ridículo isso poderia soar para outra pessoa. Eu vi como ela interagiu com Carolyn e Molly, também, rindo e ouvindo atentamente o que elas tinham a dizer. Ela era muito *boa*, muito gentil e cheia de luz. Era o que Hector tinha visto em todos aqueles anos atrás, com certeza. E sim, ele tinha explorado isso para sua própria ideia doentia e distorcida, mas ele não estava errado com seu reconhecimento disso, em primeiro lugar. Era a qualidade que nos atraiu para ela. Mas eu jurei, por tudo o que eu amava no mundo, que gostaria de fazer a sua luz brilhar ainda mais intensamente, e nunca, nunca diminuí-la como ele tinha feito.

Ela sorriu para mim e eu sorri de volta. Desde que estive fora de Acadia, notei como poucas pessoas tinham a mesma verdadeira gentileza de espírito que Eden exalava. E como foi que *essa* garota, minha garota, de todas as pessoas, tinha conseguido manter essa qualidade? Depois de tudo que passou, o trauma do roubo da alma, como se ela tivesse esquecido essa parte de si mesma? Às vezes eu me sentia como se estivesse caindo de joelhos na frente dela em adoração. Ela era tão incrivelmente linda em todos os sentidos possíveis. Até agora. Depois de todo esse tempo, e depois de tudo, *ainda*. Só que agora, ela não só era uma beleza suave, mas a força tranquila que eu sempre tinha visto nela, era ainda mais aparente.

Sentamo-nos para jantar e os olhos amorosos de Eden me observavam enquanto eu comia o alimento que ela tinha preparado, e isso parecia trazer sua alegria e fazê-la brilhar mais forte, então comi três porções mesmo que estivesse cheio depois da segunda.

Mais tarde naquela noite, eu escapei do quarto de hóspedes e fui para o quarto de Eden e subi em sua pequena cama rosa de solteiro.

Puxei Eden em meu peito e sua mão vagou para a minha cueca e eu respirei fundo, instantaneamente duro. Mas, quando me virei para ela, a cama rangeu tão alto que eu congelei. Se eu a pegasse tão forte e vigorosamente como meu corpo estava gritando para fazer, toda a vizinhança seria acordada. Eu deveria saber se Carolyn tinha trocado o colchão enquanto estávamos escovando os dentes.

Os olhos arregalados de Eden encontraram os meus na semiescuridão do quarto e seu rosto se contorceu de tanto rir quando ela levou a mão à boca, para não fazer barulho. Eu sorri para ela, segurando o riso também.

Depois que nós tínhamos parado de sorrir, nos mudamos para o chão. — Nós estamos sempre tendo que nos esgueirar — Eu sussurrei contra seus lábios.

— Isso é diferente — Ela sussurrou de volta.

— Eu sei — Embora, eu ainda não gostasse disso.

Eu fiz amor com ela no chão do seu quarto como dois adolescentes sorrateiros com um cobertor embaixo de nós. Embora nós tivéssemos que ficar quietos, e não fosse a nossa cama, como eu preferia, estávamos juntos e isso era suficiente. Ela colocou a mão em meu rosto e olhou em meus olhos carinhosamente com nossos corpos unidos, e eu encontrei a paz profunda que sempre acontecia quando eu estava ligado a Eden.

Nós dois caímos sobre a borda da felicidade juntos, respirando contra a boca um do outro, a fim de sermos os mais silenciosos possíveis. Eu coloquei meu rosto em seu pescoço enquanto eu lentamente me acalmava e suas mãos corriam sobre as minhas costas, apertando meus músculos. Suspirei feliz e me retire dela.

Ficamos deitados assim por um tempo, eu estava aninhado nela que acariciava a minha pele.

— Eu queria tanto o nosso bebê — Disse ela depois de um tempo.

Eu só podia imaginar que cada vez que eu gozasse dentro dela, uma parte dela iria reconhecer que eu não iria engravidá-la, que não era mais possível. Meu coração torceu e eu me inclinei no braço que não estava sob ela. Seu rosto se encheu de tristeza. Inclinei-me e beijei sua testa. — Eu sei. Eu penso, também — Eu disse calmamente.

— Eu tinha chegado a algum tipo de paz sobre não ser capaz de ter mais — Ela fez uma pausa e eu esperei que ela continuasse. — Pensei comigo mesma que havia algo... *Certo* sobre o fato de que era o *seu* bebê que carreguei, mesmo que não consegui mantê-lo — Ela ficou em silêncio novamente. — Mas agora, tenho você de volta e é como se estivesse sofrendo tudo de novo.

Eu empurrei seu cabelo de lado. — Eu entendo. Eu faria qualquer coisa para mudar isso, Glória da Manhã — Inclinei-me e a beijei. — E, como eu disse, vamos ter filhos, se quiser. De alguma forma. Nós vamos adotar. O que você quiser. Qualquer coisa. Eu vou fazer qualquer coisa para lhe dar tudo que você quiser desta vida.

Ela soltou um pequeno soluço. — Eu sei que você vai.

Ficamos deitados abraçados por um tempo, eu olhei na parte de trás da porta do armário, pensando em todas as coisas que ela tinha fixado do outro lado.

— Diga-me mais sobre o que você estava pesquisando sobre Hector — Eu disse calmamente.

Eden se aconchegou contra o meu corpo. Eu sorri em seu cabelo e puxei-a para perto.

Ficamos em silêncio por um minuto antes que Eden finalmente dissesse: — Eu comecei a investigar Hector porque percebi que quem sabe mais sobre a religião que ele criou do que eu? Nós? Os jornalistas sempre pareceram tão perplexos com tudo isso, e eu tinha todas as respostas para suas perguntas, e quase me sentia como se fosse meu dever analisar algumas coisas se eu pudesse, sabe? — Havia quase uma emoção em sua voz, e seu corpo ficou imóvel enquanto ela parecia estar imersa em pensamentos.

Fiquei em silêncio, correndo os dedos para cima e para baixo na pele macia do seu braço. — Você mencionou sobre isso à polícia hoje?

Ela balançou a cabeça. — Não, porque são apenas coisas que eu estava pesquisando. Eu não tenho nenhuma resposta ainda, mas pensei que se continuasse, eu teria.

— Como o que?

— Quem ele realmente era. De onde veio.

— O que você está pesquisando?

Ela inclinou-se ligeiramente para que pudesse olhar para mim. Seus olhos estavam arregalados como sempre ficavam quando falava um assunto que lhe interessava. *Eu te amo tanto, Glória da Manhã.* — Bem, quanto mais eu me lembrava das coisas que o Livro Sagrado ensinava, alguns de nossos rituais, a maneira que Acadia foi organizada, os nomes para as coisas, pesquisava na internet e descobri que muito foi baseada na sociedade grega, religião grega, mitos gregos. Quase tudo se encaixa, cada pedacinho — Sua voz soou mais animada. — Nem tudo, mas muito disso.

— O que mais?

— Bem o nome dele - que sabemos agora que não era realmente o seu nome. Hector. Não é um nome estranho para um homem loiro de olhos azuis?

— Eu não sei. Eu acho — Havia alguns homens latino-americanos com nome Hector que trabalhavam no canteiro de obras com Xander e eu. Eu sempre me encolhia quando ouvia alguém chamar esse nome.

— E seus filhos - Jason, Phineus, Simon e Myles — Sua voz falhou um pouco no último nome e ela deitou a cabeça de volta no meu peito. Puxei-a mais apertado. Ela ainda carregava a dor em seu coração por aqueles meninos inocentes que ela conheceu muito melhor do que eu. Aqueles que ela tinha amado.

— E quanto aos nomes? — Eu sussurrei, inclinando-me para beijar sua cabeça.

— Eles são todos os nomes da história grega ou mitologia grega. Um deles é um deus, um herói, um espírito do mar... Eu não me lembro do outro. Tenho-o na parte de trás da minha porta — Ela disse muito calmamente.

Eu pensei sobre isso por um minuto. — Tudo bem, mas o que isso tudo significa? — Perguntei. — Então, Hector estava obcecado com a história grega, por algum motivo? Tanto é assim que ele criou uma religião com isso? Ou usou-o como uma espécie de inspiração. O que significa?

— Eu não sei. Embora, acho que poderia ter começado em Indiana.

Eu fiz uma careta. — Por que Indiana?

— Porque eu acho que foi onde ele me levou quando me tirou de meus pais. Ele me manteve em algum lugar por quase dois anos antes de eu ir para Acadia. Eu tenho um breve flash de memória de acordar em um carro por apenas uma fração de segundo e ver um cartaz que dizia algo sobre as Crossroads of America. Sempre me lembro disso, mas não tinha ideia do que significava. Eu vasculhei – *Googled isso* — Ela disse, balançando a cabeça como se estivesse concordando com o uso adequado de um novo termo. Eu sorri. — E aquela placa que dizia boas-vindas a Indiana. Chegamos à casa que fui morar com ele pelos próximos anos pouco tempo depois disso. É aí que a minha memória começa a desaparecer novamente.

Parecia que meu sangue congelou. — O que ele fez com você lá? — Perguntei.

Ela balançou a cabeça. — Nada como o que você pode estar pensando. Ele... Me fez ler muito o Livro Sagrado. Falava comigo sobre o meu papel... Constantemente. É nebuloso. Eu estava de luto pelos meus pais. Eu pensei que eles tivessem morrido. Eu estava sozinha... *Muito*. Eu não tinha permissão para sair frequentemente. É tudo muito... Borrado.

— Ele fez lavagem cerebral em você.

Ela pareceu pensar sobre isso por um minuto. — Talvez.

— Só que não funcionou muito bem, minha forte Glória da Manhã.

— Não, isso não aconteceu. Mas em alguns pontos ele *fez*. Eu não conseguia me lembrar de muita coisa...

— Por que você acha que começou em Indiana? Acadia já estava funcionando. Será que ele iria levá-la de volta para a sua casa?

Ela encolheu os ombros. — Eu não sei. Talvez seja onde ele se sentia mais seguro, onde tinha um lugar para me levar, diferente de Acadia. Talvez ele tivesse coisas para terminar em sua vida. Quem sabe?

— Você está considerando em ir lá, não está? — Perguntei.

Ela deu de ombros novamente. — Se eu encontrar mais algumas informações, sim, estou pensando — Ela fez uma pausa. — Parece difícil, apesar de tudo. Como é que eu chego lá? — Ela suspirou. — Não seria tão cedo. Eu apenas pensei, sabe, eu tinha uma vida inteira para entender, e precisava de algo para preenchê-la — Ela soltou um suspiro profundo que senti contra minha pele.

Meu coração apertou dolorosamente com o reconhecimento do pensamento. Isso havia passado por minha cabeça muitas vezes, também. *É um tempo malditamente longo.* — Glória da Manhã — Murmurei, beijando sua cabeça. — Você encontrou uma maneira de viver, de sobreviver. Estou tão orgulhoso de você. Mas agora podemos deixar tudo isso para trás. Não há necessidade de se aprofundar nisso agora. Hector está morto. A polícia conhece a nossa história, eles conhecem a sua história, está tudo nas mãos deles agora.

— Hmm — Ela cantarolou, não soando totalmente convencida.

Virei-a para mim no escuro. — Eden, não há nenhum ponto para isso mais.

— E você? — Perguntou ela. — Que tal descobrir quem você é?

— Isso pode não ter nada a ver comigo. Então nós ficamos aqui e milhões de pessoas em todo o mundo estão ouvindo nossa história e ouvindo as minhas informações. Certamente, alguém relatou o meu desaparecimento. Com certeza alguém me conhece?

— Sim — Ela sussurrou.

— Sim — Eu concordei. — E assim vamos esperar para descobrir. Vamos esperar para saber quem eu sou.

Ela se virou e olhou para mim, o quarto estava iluminado pelo luar. — Nós já sabemos quem você é — Ela olhou para mim. — Vamos esperar para saber de onde você veio. Há uma grande diferença — Ela estava certa. *Eu posso não saber de onde vim, mas sei quem eu sou agora.* Se a minha identidade permanecer um mistério, eu ainda saberei de quem eu sou. *Eden.*

— Eu amo você — Eu disse, puxando-a para o meu peito.

— Eu também amo você.

Entramos sorrateiramente no banheiro e nos limpamos, e depois voltamos para sua cama sibilante e nos abraçamos até a primeira luz do amanhecer entrar em seu quarto, quando eu escapei de volta para o meu.

# CAPÍTULO ONZE

Eden

A bela loira encheu a tela com microfone na mão. — Esta é Sara Celi de Fox Nineteen, Cincinnati, ao vivo da casa de Calder Raynes e Eden Everson. Uma nova descoberta ocorreu no inquérito reaberto da seita Acadia, onde duzentos e noventa e oito pessoas morreram tragicamente em um dos maiores assassinatos / suicídios em massa na história. Tricia, com você para o resto da história.

Depois de passar brevemente de volta para a âncora no estúdio que fez a introdução da afiliada da Fox no Arizona, a tela focou para uma mulher jovem, morena, segurando um microfone, seu cabelo soprando um pouco com o vento. — Michelle Mathis aqui, do lado de fora da sede da polícia de Goodwin, onde o oficial Clive Richter, ex-membro do conselho de Acadia, foi preso por tráfico de drogas e lavagem de dinheiro. Seu ex-parceiro, diretor Michael Owens, foi dado a imunidade e como o delegado Bard disse-me que tem sido muito cooperativo. O delegado também foi capaz de me dizer que as informações que Calder Raynes e Eden Everson deram, Clive Richter agora também é suspeito de tentativa de assassinato de Calder Raynes. Nós vamos continuar a trazer-lhes mais notícias quando recebermos novas informações.

Calder e eu nos sentamos lado a lado no sofá, segurando as mãos e olhando a filmagem. — Desligue — Ele finalmente disse, quando nós tínhamos visto a mesma notícia pelo que parecia ser uma centena de vezes.

A TV desligou e Calder continuou sentado olhando para a frente, um olhar em seu rosto que eu não conseguia ler. — Você está bem? — Ele perguntou apaticamente.

Eu balancei a cabeça, tentando descobrir o que eu sentia exatamente. Por três anos eu tinha sentido um medo paralisante sempre que pensava em Clive Richter, ou até mesmo na polícia em geral. Mas agora, ao vê-lo sendo levado algemado, parecendo pequeno e fraco, as únicas emoções que percorreram meu corpo foi alívio e uma sensação de triunfo.

— *Você está bem?* — Perguntei a Calder, olhando para o detetive Lowe, que estava sentado na cadeira em frente ao sofá. Ele tinha aparecido na casa da minha mãe para nos avisar com antecedência que haveria notícias de Clive Richter. Aparentemente, descobrindo que Calder e eu estávamos vivos, o ex-

parceiro de Clive solicitou imunidade e trouxe à luz os crimes que ele sabia que Clive tinha envolvimento.

Calder ficou olhando a frente por um minuto e, em seguida, acenou com a cabeça, um aceno quase imperceptível e esfregou as mãos sobre as coxas antes de se levantar. — Eu vou pegar um copo de água. Você quer um?

— Sim, claro — Eu tentei ler a sua expressão, mas não consegui.

Ele concordou, um puxão rápido de sua cabeça. — Detetive?

— Sim, com certeza. Obrigado, Calder.

Vi as costas de Calder enquanto caminhava para fora da sala. Inicialmente, ouvindo as notícias sobre Clive tinha me abalado, também. Mas para Calder, eu só podia imaginar que ver o rosto de Clive tinha trazido a raiva e impotência daquele dia, apesar do fato de que havia uma boa chance, que ele pagaria por seus crimes, pelo menos alguns deles. Eu não estava surpresa de que ele estava envolvido em outras atividades ilegais. Aqueles que gostam de destruir vidas geralmente são mais do que felizes para espalhar a sua marca particular de miséria ao redor. Eu só esperava que houvessem provas suficientes para condená-lo pelos crimes que cometeu contra Calder e eu, também. Imaginei que teríamos que esperar e ver.

Voltei minha atenção para o detetive Lowe e respirei fundo.

— Como você está se sentindo? — Ele perguntou.

Eu balancei a cabeça. — Tudo bem, eu acho... É só... Tão estranho vê-lo novamente.

— Eu posso imaginar — Ele se levantou e veio sentar-se no sofá ao meu lado. Ele se virou para mim. — Hey, Eden, você está indo muito bem, dadas as circunstâncias — Ele balançou a cabeça. — Eu não posso nem imaginar como isso é difícil, e você está segurando-se tão bem. Espero que não soe condescendente — Ele deu uma pequena risada. — Mas eu vejo um monte de pessoas em situações difíceis e só queria que você soubesse que estou realmente impressionado com a sua coragem.

Eu sorri, agradecida por suas palavras. — Obrigada, dete... — Eu olhei para cima quando Calder entrou em minha visão. Seu maxilar estava rígido e ele colocou os dois copos de água sobre a mesa de centro com força suficiente para que um pouco de água espirrasse sobre a madeira. Eu olhei para ele e seus olhos se arregalaram e ele parecia envergonhado.

— Desculpe, eu vou pegar um guardanapo.

Quando ele saiu da sala, o detetive disse: — Isto é muito duro para Calder, tenho certeza. Cuidem um do outro.

Deixei escapar um suspiro. — Nós vamos. Agradeço por isso — Eu caminhei até a porta com ele e fiquei lá por um minuto depois de fechá-la atrás dele, considerando a situação agora diante de nós. Eu não sabia o que pensar ainda.

Fui para a cozinha, onde Calder estava de pé, com as mãos apoiadas sobre o balcão. Eu coloquei meus braços ao redor da cintura dele e o abracei. — Hey — Eu disse.

— Hey — Ele disse suavemente, virando-se em meus braços. Ele trouxe seus braços em volta de mim e eu coloquei minha bochecha contra seu peito.

— Tudo vai ficar bem — Murmurei.

— Sim — Ele disse e fez uma pausa. — Bastou ver o rosto de Clive... — Ele soltou um suspiro áspero.

— Eu sei.

Ficamos assim por alguns minutos, dando conforto um ao outro.

— O que você acha que ele pensou? — Perguntou Calder. — Quando ele ouviu que ainda estamos vivos? O que você acha que passou pela sua cabeça?

Inclinei minha cabeça para trás e olhei para ele. — Eu não quero sequer tentar entrar em sua mente. Eu só posso imaginar que é um lugar muito feio para estar — Um arrepio percorreu minha espinha.

O olhar no rosto de Calder me dizia que ele concordava plenamente.

Depois disso, a mídia não mediu esforços para chegar até nós, por agora, era mais seguro e mais conveniente estar na casa da minha mãe. Então uns dias depois que nós chegamos, a polícia nos levou para o apartamento de Calder para que ele pudesse arrumar uma pequena mala e pegar o que precisava para uma estadia prolongada.

Quando todos nós chegamos ao topo da escada, um dos policiais disse de repente: — Afastem-se — E sacou a arma. Adrenalina estourou através do meu sistema e o braço de Calder veio à minha frente, me empurrando para trás, antes que ele posicionasse seu corpo na frente do meu.

Os policiais correram por nós e um deles empurrou a porta de Calder aberta com o pé. Foi então que eu entendi. Sua porta estava entreaberta. Meu coração se afundou. Eu sabia que tinha fechado e que Calder havia trancado quando tínhamos saído uns dias antes.

Olhei ao redor de Calder quando a porta se abriu e engasguei, horrorizada, quando eu vi a destruição.

Calder soltou um gemido sufocado quando os policiais entraram com suas armas em punho. Calder pegou minha mão e me movi para o lado da porta enquanto ouvíamos os oficiais dentro do apartamento à procura dele. Após cerca de cinco minutos, eles saíram. — Eu realmente sinto muito — Disse um dos oficiais. — Prepare-se. Está ruim lá dentro.

Calder segurou minha mão e nós dois entramos no apartamento. Eu coloquei minha mão sobre a boca para me impedir de chorar. Todos os armários da cozinha foram arrancados das paredes, e o belo piso foi arrancado e parecia que uma britadeira tinha sido levada para isso. O balcão foi esmagado e todos os aparelhos elétricos haviam sido derrubados. Oh Deus, oh não. *Por quê?* Calder tinha feito todo o trabalho neste lugar. Eu olhei para ele, que parecia chocado, sua expressão em branco, mas o queixo duro e definido.

Eu movi meus olhos dele e li às palavras escritas em tinta preta em todo o que fora limpo, as paredes brancas: ADORADORES DE SATANÁS, DEMÔNIOS DE ACADIA MORRERAM E O MAL VIVE AQUI.

Eu sufoquei um soluço horrorizado. Meus olhos voaram para Calder e antes que seus olhos encontrassem os meus, eu vi algo que parecia vergonha em seu rosto, enquanto lia as palavras. Hector o havia chamado de mal, também. Cria de Satanás. Em algum lugar dentro dele, ele acreditou que era verdade? *Oh, Calder.*

Calder me puxou pela destruição que era a sala de estar e espaço aberto da cozinha para o corredor, indo para o seu estúdio. Gritei de novo quando vi o que tinham feito. Cada pintura foi esmagada e destruída - completamente obliterada. Olhei em volta, a bile subindo pela minha garganta. A mesma pichação nas paredes do seu estúdio, também, mas quando olhei para Calder, ele não estava olhando para isso. Seus olhos estavam se movendo sobre todo o seu trabalho arruinado. A Devastação me atingiu no interior. — Calder — Eu sussurrei. — Eu sinto muito — Minha voz se quebrou na última palavra.

Calder olhava para a frente por um minuto, abrindo e fechando os punhos, e depois olhou para mim e me puxou para o seu peito. Ficamos ali por alguns minutos, simplesmente respirando juntos com as lágrimas correndo pelo meu rosto.

— Está tudo bem — Calder disse suavemente, passando a mão sobre o meu cabelo. — Essas pinturas eram a minha ânsia por você, Eden. Eu tenho a verdadeira agora, você. Eu não preciso delas.

Eu balancei minha cabeça contra ele. — Mas era o seu trabalho. Seu trabalho lindo.

Ele ficou em silêncio por um minuto. — Eu posso fazer mais. E agora tenho você bem na minha frente para que cada detalhe seja certo e perfeito — Suas palavras eram calmantes, mas a falta de emoção em sua voz me assustou.

Virei o rosto em sua camiseta e chorei um pouco mais enquanto ele me segurava. — Eu sinto muito. Eu deveria estar segurando você agora.

Calder suspirou, dando um sorriso triste para mim enquanto eu olhava para ele. — Você está.

Eu funguei uma pequena triste risada, quando percebi que na verdade eu estava, e com força.

Nós caminhamos para o quarto e olhei em volta incrédula em mais pichações e as roupas que foram cortadas e arremessadas por todo o quarto. E no meio de tudo isso, os lençóis tinham sido tirados da nossa Cama de Cura e o colchão foi cortado em todos os lugares. Eu me sentia como se fosse eu que tivesse sido atingida bem no meio. Eu me sentia violada e doente. A mão de Calder segurou a minha até que era quase doloroso. Seu corpo inteiro estava tenso à medida que se virou e saiu do quarto e voltou para onde os dois policiais estavam à espera. — Não há nada aqui para embalar — Disse Calder quando nós passamos por eles.

— Vamos escrever um relatório quando voltarmos para casa da senhora Connor — Disse um deles atrás de nós.

A polícia criou uma barreira para os repórteres parados em frente quando voltamos para o carro da polícia. Calder olhou pela janela quando nós seguíamos caminho. — Essa foi a minha primeira casa — Disse ele em voz baixa. — Eu queria mantê-la segura lá.

Meu coração se apertou dolorosamente. Eu imaginei a pequena cabana de dois quartos que ele tinha crescido... E depois o cobertor no chão na lavanderia, onde Hector o fez dormir. Ele nunca teve um lugar dele, um lugar para se orgulhar, um lugar para desfrutar da privacidade. E ele queria tornar isso nosso.

Eu não tinha palavras. Eu simplesmente me movi no banco e abracei-o.



As semanas se arrastaram. Calder não falava muito sobre o que tinham acontecido em seu apartamento. Mas eu poderia dizer que tinha afetado

profundamente - não apenas a destruição das suas *coisas,* seu *espaço,* mas o fato de que havia pessoas que nos odiavam por termos sido parte de Acadia. Ficamos ainda mais desconfiados dos meios de comunicação e de fazer qualquer tentativa de sair de casa. Quando ele não estava comigo, Calder passava a maior parte do seu tempo sentado à beira da piscina. Eu não poderia deixar de ver as semelhanças de quando eu tinha olhado para fora da minha janela, no pavilhão principal e via a sombra de um menino sentado em uma pequena varanda. A casa era maior neste momento, mas apenas isso, ele estava olhando para o seu próprio espaço - e não o encontrava.

À medida que os dias passavam, eu poderia dizer que Calder foi ficando cada vez mais impaciente para sair da casa da minha mãe, e o que parecia como um refúgio por um tempo, agora estava começando a sentir como uma prisão. Nós tentamos sair um dia, quando o pátio estava vazio e pensamos que poderíamos sair sem sermos vistos, mas logo que saímos, as portas dos carros se abriram e fecharam na rua e repórteres correram em nossa direção gritando perguntas. Eu senti Calder tenso ao meu lado e o arrastei para dentro.

Xander visitava sempre que não estava trabalhando e minha mãe e Molly se agitavam ao nosso redor tentando se certificarem de que estávamos bem, e entretidos.

Havia quase uma competição entre minha mãe e Calder pelo meu tempo, especialmente minha mãe. Eu fiz o meu melhor para me dividir entre eles. Mas eu era apenas uma pessoa. E estávamos todos presos juntos em uma casa.

A mídia estava sendo inconveniente com Xander, mas eles não estavam perseguindo-o com o grau que estavam perseguindo a gente. A história tripla do meu sequestro e retorno, Calder e eu termos estado em Acadia no dia da inundação e nossa história de amor transformou a mídia em abutres.

A polícia ainda ia e vinha, parando para esclarecer alguma coisa, ou para nos dar informações que pensavam que íamos gostar de saber, como o fato de que todos os bens de Clive foram congelados pelas as acusações de lavagem de dinheiro. Ele não seria capaz de fazer nada - estaria na cadeia até o julgamento. De alguma forma, eu duvidava que ele tivesse amigos que estavam dispostos a ajudá-lo.

Era óbvio que minha mãe tinha uma afinidade especial pelo detetive Lowe, o jovem detetive bonito, que eu me sentia mais confortável para falar também. Um dia depois de ter respondido algumas perguntas, minha mãe entrou na cozinha, onde eu estava fazendo pipoca para um filme que Calder e eu planejávamos assistir.

— Eden — Minha mãe disse, pegando uma taça no armário ao lado dela e entregando-a para mim. — Bobby é tão bonito, não é?

Fiz uma pausa. — Bobby?

— Oh — Ela riu. — Detetive Lowe.

— Uh, sim, ele é, mãe.

Ela sorriu, feliz, inclinando-se sobre o balcão e tomou uma respiração profunda. — Eu acho que ele gosta de você — Disse ela.

Parei na abertura do saco de pipoca e olhei para ela. — Eu estou com alguém, mamãe, você esqueceu? Calder? Ele vive em sua casa, aqui, com a gente?

Minha mãe riu desconfortavelmente. — Bem, é claro, eu nunca esqueceria Calder. Como poderia? — Ela apertou os lábios, mas então sua expressão suavizou e respirou fundo. — Eu só espero que você perceba o quão atraente outros homens acham você. Você nunca experimentou nada disso — Ela olhou para baixo. — Eu sei que estou me intrometendo, Eden, eu sei. É só... Eu nunca cheguei a dar-lhe algum conselho maternal quando se tratava de namoro, ou... — A dor tomou conta do seu rosto, mas eu não senti pena dela. — Eu só acho que é sempre bom para uma mulher reconhecer todas as suas opções — Ela parou por um breve segundo. — Calder é um garoto tão bom, e muito bonito obviamente, mas, sabe, você não precisa se sentir culpada se pensar que experimentar um homem que poderia dar-lhe mais segurança, alguém que não lembre a você constantemente do passado terrível. Eu te juro, só estou dizendo isso por amor.

*Então por que não a sinto amorosa*? Eu abri minha boca para dizer alguma coisa para ela, não tinha certeza exatamente o quê, quando eu ouvi o movimento atrás de mim. Virei-me para ver Calder em pé na soleira da porta com um olhar magoado por todo o rosto.

— Calder... — Eu comecei, olhando entre ele e minha mãe que estava evitando seu olhar.

— O filme está começando — Ele disse, virando-se e saindo da cozinha.

Eu dei a minha mãe um olhar matador. Ela encolheu os ombros, mas teve a graça de parecer envergonhada.

— Hey — Eu disse, quando cheguei à sala de estar onde ele estava me esperando no sofá. — Eu não estou dando desculpas para ela, mas você sabe que minha mãe é apenas muito controladora comigo porque está com medo de me perder de novo, certo? — Deus, eu *estava* inventando desculpas por ela. Frustração me encheu pela situação, comigo mesma. Eu não tinha certeza do que eu deveria fazer.

Calder ficou em silêncio por alguns instantes. — Sim — Ele olhou para mim. — Esta é uma situação difícil. Vai passar.

Eu balancei a cabeça, mas ele ainda parecia magoado. Com certeza ele sabia que eu ia sempre amá-lo? Os três anos que vivi com Felix, eu nunca sequer olhei para outro homem, nunca tive interesse em outro homem. Ele tinha que saber que ele era tudo para mim. Aproximei-me dele e me aconcheguei no sofá pelo resto da tarde, ignorando a minha mãe, mas não sabendo se isso iria tornar as coisas melhores ou piores.

# CAPÍTULO DOZE

**Eden**

Alguns dias depois, acordei bem cedo, apesar do fato de que eu mal tinha dormido na noite anterior. Eu estava preocupada com Calder. Passamos todo o nosso tempo juntos, e ainda assim eu senti que ele estava se distanciando de mim. E, pela primeira vez desde que tinha chegado à casa da minha mãe, ele não tinha vindo para o meu quarto. A tempestade que teve a noite inteira não tinha ajudado.

Quando desci, eu ouvi uma voz masculina na cozinha e entrei para ver Xander sentado na mesa da cozinha com Molly.

— Hey — Eu disse para os dois.

— Hey — Xander disse, levantando-se e dando-me um abraço.

— Bom dia — Molly sorriu

— O que você está fazendo aqui tão cedo? — Perguntei a Xander. Servi-me uma xícara de café em cima do balcão e voltei para a mesa, para sentar-me com eles.

— Eu trabalho nesta manhã — Disse ele. — Eu só queria checar Calder. E eu estava esperando ver você antes para que pudéssemos conversar.

Dei um sorriso pequeno. — Sim, ele ainda está dormindo — Eu disse, despejando um pouco de Half and Half[4], que estava na mesa em uma xícara. — Você estava preocupado com ele?

— Sim. Ele me ligou ontem à noite — Disse ele. — Parecia que ele estava em um momento difícil.

Eu parei meu copo na metade do caminho até meus lábios. Meus ombros caíram e senti o peso da situação. Eu coloquei a minha xícara para baixo. — Isso é tão difícil. Eu nunca esperei que as coisas fossem assim. Eu não estava *preparada* para esta situação, especialmente logo depois de me encontrar com Calder — Fiz uma pausa. — Ele não está lidando bem com isso.

[4] Half and Half - é uma bebida com 50% de leite e 50% de creme.

Xander balançou a cabeça. — Eu não posso culpá-lo. Ele está preso novamente, reprimido, sentindo-se sem valor.

Deixei escapar um suspiro. — O que eu faço?

Xander olhou pela janela por um minuto. — Você pode sair daqui por um tempo.

— Oh Deus — Interrompeu Molly. — Carolyn iria enlouquecer.

Eu gemi e coloquei meu rosto em minhas mãos. Quando olhei para cima, eu disse: — Eu sei, ela o faria. Mas ela não quer me dividir com ele também. E ela ainda acha que eu tenho doze... Ou seis... Ou, às vezes, eu não sei.

Molly parecia simpática. — Sim, eu sei — Ela fez uma pausa. — Ambos viveram sem você por um longo, longo tempo.

Eu suspirei. — Eu sei. Onde ela está, afinal? — Minha mãe era geralmente uma madrugadora.

— Ela saiu mais cedo com sua amiga Marla. Eu insisti que ela saísse de casa e fosse a uma feira de antiguidades que fica algumas horas de distância, e Marla me ajudou a convencê-la. Eu acho que vai ser bom para ela. Ela está enfurnando-se nesta casa, também.

— Obrigada por sugerir isso para ela, Molly — Deus, o que eu faria sem Molly?

Ela sorriu calorosamente para mim e piscou. — Eu faço o que posso. Eu imaginei que você apreciaria ter Calder sozinha em uma casa tranquila — Ela sorriu e se levantou. Isso era certo. Eu olhei para ela, agradecida. — Eu tenho que ir para a aula. Xander, foi bom ver você.

Xander e eu demos o nosso adeus para ela quando saiu da cozinha. Xander olhou para mim. — Como *você* está?

Deixei escapar um grande suspiro. — Eu quero dizer que estou bem, porque, como eu poderia não estar com vocês dois de volta na minha vida — Fiz uma pausa. — Por um lado, sinto que estou vivendo um milagre, e por outro, sinto-me frustrada que não sou capaz de apreciar o presente que me foi dado. E eu vejo Calder sentindo essas mesmas coisas — Franzi minha testa. — Isso faz sentido?

— Completamente.

Eu balancei a cabeça. — E depois há a minha mãe. Eu a amo e quero tanto ter um bom relacionamento com ela, e fico me lembrando de que ela não é Hector — Eu fiz uma careta. Comparando alguém com Hector, até mesmo dizer o seu nome, deixava o meu corpo tenso. Xander olhou para mim com a

compreensão sobre o seu rosto. — Ela me ama, eu sei disso. Mas a maneira como trata Calder me faz querer gritar. É como se ele estivesse de volta no alojamento dos cães no pavilhão principal — Fiz uma pausa, mordendo meu lábio, sentindo desgosto com a lembrança. — Mas eu não sei se isso irá ajudar ou piorar a situação, se eu der a ela uma espécie de ultimato. Adapte-se ou nós vamos morar com Xander — Eu ri baixinho.

Xander riu. — Uau. Não há Cama de Cura no meu apartamento. Não há pêssegos também — Ele ergueu as mãos e sorriu.

Eu ri e me senti bem. — Você deveria repensar isso.

Ele riu. — Além disso, sem piscina e sem proteção policial.

— Ugh. Eu abriria mão de conforto por um pouco de liberdade — Mas, na verdade, eu sabia que a segurança não seria garantida, e isso provavelmente iria acabar causando a Calder ainda mais ansiedade. A preocupação passou por mim. Eu passei minhas mãos ao redor da xícara de café quente na minha frente.

— Como é a sua *namorada?* — Eu levantei minhas sobrancelhas esperançosamente, mudando de assunto.

Xander parecia um pouco envergonhado e passou a mão pelo cabelo. — Ela é boa — Disse ele, sorrindo para mim.

Eu sorri de volta. — E? — Eu perguntei.

Ele riu. — Sim. O nome dela é Nikki, a propósito.

— Nikki — Eu repeti, pensando na garota que tinha roubado o coração de Xander - *um coração tão bonito*. Ela era uma garota de sorte. Inclinei a cabeça. — Quando é que vamos conhecê-la?

— Em breve. Eu só quero apresentá-la a vocês dois quando uma parte dessa loucura acabar, sabe?

Sim, eu sabia, e não o culpava.

Xander me estudou por um minuto. — Estou tão feliz por ter você de volta, Eden — Ele parecia um pouco desconfortável, mas continuou. — Tem sido difícil, sabe? Eu faria qualquer coisa por Calder, e sei que ele faria qualquer coisa por mim, mas... Todo esse tempo, eu não queria sobrecarregá-lo com tantas coisas — Ele esfregou a parte de trás do seu pescoço. — Eu fui capaz de avançar nos últimos anos mais do que ele. Mas agora... Temos nossa equipe de volta e sinto as coisas... Certas. *Todos* nós vamos ser mais fortes por causa disso.

Lágrimas saltaram aos meus olhos. Agarrei sua mão por cima da mesa. Eu me sentia mais forte, também. Eu tinha as duas pessoas de volta que poderiam me deixar *completa* novamente. Eu tinha uma casa agora por causa

de minha mãe, mas minha *verdadeira* casa - meu coração - sempre tinha pertencido a Calder, obviamente, mas certamente à Xander também.

Ele sorriu. — No que diz respeito às coisas difíceis... Nós já passamos por pior que isso, certo?

Eu lhe dei uma pequena risada. — Eu acho que seria o eufemismo da década.

Ele riu também, e olhamos para cima quando Calder entrou na cozinha, parecendo cansado, mas lindo como sempre.

— Ei, irmão — Xander disse gentilmente.

— Bom dia — Calder resmungou, sentando-se à mesa com a gente. Ele olhou para mim, a expressão em seu rosto cheio de remorso. — Desculpe — Ele disse calmamente.

Eu imaginei que ele estava se desculpando por não ter ido para o meu quarto, mas eu não disse nada, apenas balancei a cabeça. Levantei-me e lhe servi uma xícara de café e coloquei-a na frente dele. Beijei sua bochecha, e sentei-me.

— Eu realmente tenho que ir — Disse Xander, olhando para o relógio na parede da minha mãe e ficando em pé. — Eu só queria ver você e Eden bem rapidinho — Disse ele, olhando para Calder.

— Eu agradeço. Posso te enviar uma mensagem mais tarde?

— Sim — Xander sorriu e piscou para mim, parecendo menos preocupado do que ele estava apenas há vinte minutos antes. — A propósito, o Throwback Thursday foi um grande sucesso — Ele sorriu. — Eu tenho cerca de mil likes.

Calder riu baixinho. — É uma pintura incrível — Ele sorriu presunçosamente.

— Foi o tema que deixou a pintura incrível. Deus, eu era ainda mais bonito com dez anos.

Calder caminhou com Xander até a porta enquanto eu ria atrás deles e, em seguida, ele voltou e sentou-se. Ele pegou minha mão sobre a mesa. — Eu sinto muito. Eu fui para a cama enquanto você estava assistindo aquele filme com sua mãe ontem à noite e não acordei até esta manhã. Eu prometi que nunca iríamos dormir separados uma única noite outra vez — Ele olhou para baixo, balançando a cabeça. — Eu só... Eu senti como se fosse derreter... Tantas coisas rodavam através do meu cérebro. O sono parecia ser a melhor opção.

Eu suspirei. — Eu sei que é difícil, mas quero conseguir ajudá-lo.

Ele recostou-se na cadeira, soltando minha mão. — Eu sei que você quer. Eu sei disso. E isso significa tudo para mim. Sinceramente, não sei se há alguma coisa que qualquer um de nós possa fazer agora.

Levantei-me da mesa e fui até ele, sentei-me em seu colo e puxei sua cabeça em meu peito, acariciando seus cabelos. Eu beijei sua testa. — Tudo vai ficar bem.

— Quando? — Perguntou ele.

Eu suspirei. — Essa é a parte que eu não sei.

Ficamos em silêncio por alguns minutos.

— Madison me ligou ontem — Disse ele.

Eu congelei. — É?

— Sim, ela ligou para que ficássemos sabendo que foi seu assistente que vazou a notícia sobre você, sobre nós. Ela confiou nele e... Enfim, isso não importa. Como Molly disse, iria sair mais cedo ou mais tarde. Eu só gostaria que tivesse sido em nossos termos, em nosso cronograma. Madison se sente mal. Ela queria que eu me desculpasse com você.

Eu balancei a cabeça, continuando a acariciar seu cabelo. — Você está certo, o que está feito está feito. Eu não culpo Madison — Embora por dentro, só de pensar em Madison ainda trazia uma pontada de ciúme. Mas eu precisava passar por isso.

Calder encostou a testa na minha, então, a campainha tocou.

Nós dois fomos atender, Calder de pé um pouco atrás de mim, e quando eu abri a porta, Detetive Lowe estava lá com outros dois oficiais. — Eden, oi — Ele disse, seus olhos varrendo para baixo do meu corpo. Eu ainda estava vestida apenas em um pequeno roupão de banho. Puxei-o mais firmemente em torno de mim. Detetive Lowe pareceu pegar isso e limpou a garganta.

— Uh, entrem — Eu disse. Ele entrou e eu olhei para Calder que estava olhando furiosamente para o detetive.

— Desculpe incomodá-los, mas temos algumas perguntas para Eden sobre Clive.

— Oh — Eu disse. — Tudo bem. Deixe-me trocar de roupa e estarei de volta.

Calder me seguiu lá em cima. — Eu vou entrar no chuveiro — Disse ele, com o rosto ainda tenso.

— Ei, você está bem? — Perguntei.

Calder virou, falando em um sussurro alto. — Eu odeio a maneira que o cara olha para você — Disse ele. — Deus, talvez ele deva apenas se mudar para cá, também. Ele está aqui o suficiente.

Relaxei meus ombros e inclinei a cabeça. Eu abri minha boca para falar, mas o riso do detetive flutuou até as escadas, os policiais conversavam em voz alta. Meus olhos se moviam em direção à escada e, em seguida, de volta para Calder.

— Vá responder às suas perguntas — Disse mais suavemente, voltando-se para o banheiro. Suspirei e virei para o meu quarto. Eu responderei às suas perguntas e vou tirá-los daqui.

Uma hora mais tarde, quando o detetive e oficiais foram embora, ouvi sons espirrando provenientes da piscina exterior e olhei para fora da janela de trás para ver Calder dando voltas na piscina.

Subi e troquei por um biquíni. Quando eu saí pela porta lateral para o pátio, Calder estava fora da piscina e sentado em uma das espreguiçadeiras ao lado do bar de pedra. A água estava escorrendo em seu peito nu, liso, musculoso em pequenos riachos e seu cabelo estava empurrado para trás de seu rosto em mechas molhadas. Deus, ele estava ridiculamente lindo. E havia algo especialmente bonito nele quando estava molhado. Eu tinha pensado isso antes e pensei que agora, era como se a água fosse o seu elemento pessoal e ele usava isso melhor do que qualquer outra pessoa na face da terra. — Ei, bonitão. Pensei que você fosse tomar banho.

Seus olhos varreram de cima até embaixo o meu corpo de biquíni e corei apesar de tudo. Este homem tinha me visto nua como o dia em que nasci uma centena de vezes, e de todos os ângulos imagináveis, e ainda assim eu sentia o mesmo pudor que fui ensinada quando eu estava mostrando uma quantidade “indecente” de pele.

— Eu mudei de ideia.

Sentei-me em seu colo e corri meus dedos sobre as maçãs do seu rosto esculpidas e desci para seu maxilar forte, masculino, áspera, com barba por fazer de um dia inteiro. Eu me inclinei para a frente e beijei seus lábios. Estava doce. — Hmm, o que você andou bebendo?

— Apenas Coca-Cola — Disse ele, parecendo envergonhado, como se isso fosse algum tipo de crime. Eu sorri para ele.

— O que o detetive queria? — Ele perguntou com o maxilar enrijecido.

Estudei-o. Eu corri um dedo sobre as sobrancelhas escuras, uma por uma. — Apenas mais perguntas sobre o papel de Clive no conselho - o que eu

vivi com ele no pavilhão principal — Eu disse em resposta à sua pergunta. — Você não tem que não gostar do Detetive Lowe. Ele é realmente muito bom.

O maxilar de Calder apertou uma vez, mas ele não negou não gostar do detetive. Ele respirou fundo e estudou o meu rosto. Eu olhei em seus olhos. — Eu só me preocupo — Ele começou. — Às vezes acho que talvez você queira saber... Ou talvez você *vá* saber...

— Então me pergunte — Eu disse suavemente. — Tudo o que você tem a fazer é perguntar-me.

Vulnerabilidade patinou sobre sua expressão. — Você já se perguntou como seria estar com outro homem? Um homem com quem você poderia começar de novo? Um homem que poderia dar-lhe mais do que eu? Um homem que seja *melhor* do que eu?

— Não. Ninguém pode me dar mais do que você. Ninguém é melhor do que você — Eu disse sem hesitar.

Ele sorriu perplexo, um sorriso torto cheio de esperança e meu coração deu uma guinada no peito. Um flash dele como um menino olhando para mim depois de eu colocar uma bala de caramelo na sua mão correu pela minha mente, e todo o amor e carinho que eu sentia por ele encheu tanto meu peito que eu sofria com isso.

O rosto dele ficou sério. — Eu nem sequer tenho um nome, Eden. Ninguém nem mesmo veio me procurar. Ninguém nunca mesmo relatou meu desaparecimento.

— Oh, Calder — Eu disse. — É por isso? — Ele parecia tão quieto ultimamente, perdido em sua própria cabeça, e saia da sala toda vez que a polícia vinha, e agora eu sabia o porquê. A notícia que eles estavam trazendo nunca era sobre ele. — Deve haver uma explicação — Eu disse.

Ele deu de ombros.

— A polícia disse que iria ajudar você e Xander a conseguirem a documentação necessária para obter as identidades.

— Sim, mas não seria realmente eu. Será que Hector me fez. Se eu sou Calder Raynes, sempre vou ser um escravo, um portador de água — Ele disse as duas últimas palavras com o nojo entrelaçando sua voz.

Eu não sabia o que pensar sobre isso. Eu o amava antes, como o amava agora. Seu nome - qualquer um que lhe foi dado - nunca, nunca iria mudar isso. Não mudaria o que estava sob sua pele. E nem sabíamos com certeza de que ele havia sido sequestrado, de qualquer maneira. — Calder — Eu comecei hesitante.

— É possível que Hector estivesse falando baboseira? No final, você tem que admitir, ele estava louco — Eu terminei em silêncio.

Ele balançou a cabeça. — Mãe Willa...

— Não podemos colocar muita importância no que ela disse, também.

Calder puxou seu lábio inferior entre os dentes e chupou por um minuto. — Talvez. Mas a minha família, Eden, você tem que admitir, eu não parecia nada com nenhum deles, nem na cor e nem nas características.

Olhei de volta para ele, tentando imaginar sua mãe e seu pai. Eu não poderia criar uma imagem clara dos seus rostos em minha mente. Mas lembrei-me de fazer nota do fato de que ele não se parecia com sua família muitas vezes no Templo enquanto eu o observava interagindo com eles. — Isso não é prova definitiva de qualquer coisa — Eu finalmente disse.

Ele soltou um suspiro frustrado e foi então que eu percebi que ele não queria acreditar que eles eram seus pais verdadeiros. Ele não queria acreditar no que a sua própria mãe e pai fizeram com ele no final. Ele estava à procura de esperança. Ele estava imaginando que tinha alguém lá fora que o amava e iria lutar até a morte por ele. Alisei meus polegares sobre as maçãs do seu rosto mais uma vez, olhando em seus olhos cheios de dor. — Eu te amo, Caramelo — Eu disse, sentindo a emoção da declaração na minha garganta.

Seus olhos encontraram os meus cheios de calor. — Eu amo você, também.

Ele desviou o olhar. — Toda esta situação, isso está me fazendo alguém que eu não gosto. Eu sinto que estamos presos, enjaulados novamente pela segunda vez em nossas vidas — A frustração tomou conta da sua expressão. — Eu não posso trabalhar, não posso cuidar de você. Eu não tenho pintado. Eu não posso nem mesmo acordar na mesma cama que você. E agora eu nem sequer tenho uma casa para levar você de volta de uma vez quando isso terminar.

— Vamos encontrar um novo lar juntos.

Seus olhos se aqueceram. — Eu sei — Ele suspirou. — Eu apenas me sinto... Despido, eu acho — Disse ele, dando um sorriso sem humor e erguendo as sobrancelhas.

Estudei-o por mais um minuto, meus olhos apreciando a beleza masculina do seu rosto, a profundidade da emoção e sensibilidade por trás de seus olhos marcantes. Eu nunca me cansava de olhar para ele. Amá-lo nunca deixaria de ser o meu maior prazer na vida. — Eu sempre gostei de você despido — Eu disse, dando um sorriso insolente para ele e tentando fazê-lo sorrir de volta. Funcionou. Eu fiquei séria. — Você sempre foi mais bonito quando está despido — Eu disse, o que significa que em todos os sentidos. — Você, *só você,*

com nada mais, sem emprego, sem casa, sem dinheiro, nada. Nu. *Você* sempre será o suficiente para mim. Você sempre será meu sonho, meu destino.

Calder soltou um suspiro alto com o alívio enchendo sua expressão. Ele se inclinou e beijou meus lábios. — Eu vou dar-lhe mais.

— Eu sei — Eu sussurrei. Inclinei a cabeça. — Quer entrar na água comigo?

Ele me olhou por um minuto e, em seguida, assentiu. — Sim, tudo bem.

— Ninguém está aqui. Nós poderíamos ser impertinentes e ficarmos ainda mais nus — Eu balancei a cabeça em direção a todas as árvores que bloqueavam a piscina da visão de alguém. — Ninguém pode nos ver.

Calder riu e imediatamente começou a tirar sua sunga.

Quando estávamos ambos nus e submersos na água aquecida da grande piscina, eu passei meus braços em volta do seu pescoço e balancei por pouco tempo, suspirando com a deliciosa sensação da água batendo em meus ombros e o corpo duro, molhado e nu de Calder contra o meu.

— Agora, eu posso imaginar que estamos na água em nossa nascente — Disse ele, sorrindo. — Eu posso imaginar que somos somente nós e as estrelas — O olhar em seu rosto era calmo, sereno.

Aninhei-me em seu pescoço, beijando-o suavemente ali. Eu o senti mexer contra a minha barriga e como se meu corpo estivesse respondendo, eu senti um formigamento imediato entre as minhas coxas. — Isto é melhor — Eu sussurrei. — Nós somos livres. Definitivamente não era o que queríamos, mas nós estamos aqui, nós estamos juntos.

Calder virou-se na água e eu ri, inclinando a cabeça para trás. O céu estava nublado acima de nós.

— Às vezes eu sinto falta disso — Disse ele. — Isso é loucura?

Levantei a cabeça e olhei em seus olhos, movendo um pedaço de cabelo escuro da testa. Eu balancei a cabeça lentamente. — Não. Só nós dois sabíamos quem éramos lá. Mesmo que não quiséssemos, sabíamos quem éramos. Sabíamos o que queríamos. Aqui — Eu coloquei uma mão ao lado do seu pescoço e acenei ao nosso redor. — Nem sempre é claro. É confuso e assustador, às vezes.

Ele acenou, sua expressão ilegível para mim quando olhou nos meus olhos. — Você sempre entendeu — Disse ele. — É uma porra de alívio — Ele fechou os olhos brevemente e eu ri baixinho.

Calder usar um palavrão enviou um choque de surpresa por mim, que terminou entre as minhas pernas. — A grande sociedade está afetando você. Agora você está usando palavras sujas? — Eu levantei uma sobrancelha, provocando-o.

Ele sorriu maliciosamente e nos girou novamente. — Só com você. Eu só fico sujo com você — Ele se inclinou e passou a língua pelo meu pescoço e eu gemi. — Vamos ficar sujos — Ele sorriu contra a minha pele.

A emoção percorreu meu corpo e um pulsar começou entre as minhas pernas. Era um pouco vergonhoso o quão pouco Calder precisava fazer antes que eu estivesse praticamente ofegante por ele. Mas não foi sempre assim? Eu imaginei que sempre seria.

Calder olhou para mim, seus olhos movendo-se sobre meu rosto. — Você é dolorosamente linda — Ele sussurrou.

Eu soltei uma pequena risada. — Não é suposto ser doloroso.

— É — Ele empurrou minha franja para o lado. — Seu tipo de beleza faz um homem querer lutar em guerras e saquear vilas cheias de outros homens que poderiam se atrever a olhar para você.

Eu ri baixinho com meu coração falhando uma batida. — Não há saques necessários. Eu sou sua. Eu fui sua desde o início dos tempos.

Seus olhos queimaram e eu me inclinei para a frente e beijei seus lábios suavemente. Ele caminhou até a parede da parte rasa da piscina e me sentei na borda. Ele se inclinou para mim e tomou minha boca, a altura era perfeita para que nossos rostos se reunissem quando ele descansou as mãos no cimento ao lado de meus quadris. Movi minhas coxas envolvendo minhas pernas ao redor de seus quadris.

Ele rompeu com o nosso beijo e olhou para mim com os olhos aquecidos. O pulsar entre minhas pernas se intensificou e minha respiração ficou mais rápida. Seus olhos moveram-se para os meus mamilos e se escureceram de luxúria. *Aquele olhar... Oh Deus, que olhar.* — Por favor — Eu murmurei, levando minhas mãos até sua cabeça e puxando-o para frente. Eu precisava da sua boca nos meus seios naquele segundo. Ele obedeceu e quando a boca quente e úmida se fechou sobre um mamilo, eu gemi alto. Era tão bom. Eu sempre sentia como se estivesse em risco de chegar ao clímax apenas pelo que Calder fazia com a boca nos meus mamilos. Era felicidade. Apoiei uma mão no cimento atrás de mim, e usei a outra para segurar meu seio para Calder lamber e chupar, e observei enquanto ele me dava prazer dessa maneira. A visão dele junto com a deliciosa sensação da sua boca quase foi a minha ruína. — Calder, eu preciso de você dentro de mim. Agora — Eu gemi. Ele sorriu contra a minha pele e, em seguida, olhou para mim com os olhos aquecidos antes de se mover para o meu

outro mamilo. Eu respirava ao mesmo tempo dos movimentos da sua língua, me pressionando em sua ereção que estava bem no meu âmago.

— Eu nunca vou parar de querer você — Eu disse, minha voz quase um sussurro. A boca de Calder parou por um breve segundo, mas então sua língua atacou de novo, mais forte dessa vez. Eu disse ofegante, meu corpo pressionando de forma mais vigorosa.

Ele se abaixou e pegou sua ereção em sua mão. Observei-o acariciar-se algumas vezes, minha respiração presa na garganta.

— Venha um pouco mais para frente — Disse ele, parecendo tenso, sua bela voz rouca ainda mais grave.

Engoli em seco e fiz o que ele pediu, me movendo de um lado para outro até que eu estava na beira da piscina. Eu coloquei um dedo em uma veia que começava no seu abdômen e corria para baixo, imaginando o sangue pulsando em seu membro abaixo. Algo como luxúria corria pelas minhas veias.

Calder soltou um gemido tenso e forrou a ponta da sua ereção com a minha entrada. Eu gemi também, meio frustrada, meio aliviada. Seus olhos encontraram os meus e eles estavam escuros e sem foco.

Ele empurrou para dentro de mim, centímetro por centímetro lentamente, olhando nos meus olhos o tempo todo. Queria fechar os olhos e saborear a sensação do seu corpo preenchendo o meu, mas não conseguia desviar o olhar. Havia algo escuro, profundo e poderoso na maneira como ele estava me observando.

Ele empurrou para dentro até que nossos corpos ficassem totalmente conectados, eu ofeguei e ele gemeu, seus olhos se fechando e seus lábios se separando. Eu envolvi minhas pernas ao redor dos seus quadris quando ele começou a mover-se lentamente, de forma dolorosamente lenta. Ele passou os braços em volta de mim e levou a boca ao meu ouvido, fazendo cócegas com sua respiração e fazendo o meu corpo se inclinar inconscientemente para ele. As sensações que ele causava eram quase demais. Eu não sabia se eu teria um orgasmo ou autocombustão. Possivelmente ambos.

— As coisas que você faz para mim, Eden — Ele sussurrou, sua voz baixa e rouca. *As coisas que eu faço para ele?*

Eu apenas gemia, passando minhas unhas em suas costas quando ele começou novamente a empurrar lentamente.

— Eu amo tanto você que faz meu interior doer — Ele deslizou lentamente, pressionando firmemente contra a minha parte inchada e dolorida com a necessidade. Faíscas de prazer explodiram através do meu corpo e minhas pernas se apertaram ao redor dos seus quadris. — Eu quero foder você e

te amar — Ele deslizou para fora e eu fiz um som borbulhante de perda na minha garganta, excitação atirando através de meu corpo com sua conversa suja. Ele empurrou de novo mais rapidamente, deslizando os polegares sobre os meus mamilos e fazendo mais brilhos de prazer dançarem em volta do perímetro da minha visão enevoada. — Eu quero te amar, enquanto fodo você. Quero foder você até que você sinta o quanto eu te amo — Ele deslizou para fora e, em seguida, empurrou para dentro com várias estocadas rápidas, batendo sua pélvis contra o meu corpo em uma deliciosa provocação que era demais e não o suficiente. — Eu odeio e eu adoro isso, porque eu sei que isso nunca vai mudar. Tem sido assim desde o momento em que coloquei os olhos em você e vai ser assim até o dia em que eu morrer.

— Calder, Calder — Eu gemi. Havia tanta coisa que eu queria dizer, mas não conseguia elaborar no meu cérebro. Ele estava me segurando refém na beira do orgasmo e era glorioso e torturante. Era um processo completamente inútil quando se tratava de uma palavra que não fosse seu nome.

Calder me golpeou novamente várias vezes, os polegares ainda esfregando sobre meus mamilos sensíveis. — Sim — Eu gemi.

— Estou atormentado por você, e sou o homem mais sortudo do mundo — Ele murmurou, finalmente se movendo mais rápido, batendo a junção entre as minhas coxas na velocidade absolutamente maravilhosa que eu precisava. Eu respirei ao seu ritmo, minhas mãos agarrando em suas costas.

— Eu quero que todos na terra saibam que você é minha. E eu — Ele deu duas estocadas rápidas. — Não posso nem mesmo casar com você, porque sequer tenho um nome.

Meus olhos se arregalaram no momento em que meu corpo se apertou e o prazer explodiu dentro de mim, me fazendo gritar seu nome uma e outra vez. Voltei à mim embriagada, enquanto Calder bombeava mais duas vezes mais rápido e forte e, em seguida, pressionou em mim, gemendo seu próprio clímax em meu pescoço.

Deslizei minhas unhas por sua pele macia enquanto ele respirava duramente contra mim, circulando seus quadris muito lentamente para aproveitar seu prazer.

Depois de um minuto ele se afastou e olhou para o meu rosto, sua expressão meio atormentada e meio feliz. Peguei seu rosto em minhas mãos, beijando seus lábios suavemente. — Você quer se casar comigo? — Eu sussurrei.

— Deus, sim — Ele murmurou.

Eu sorri contra seus lábios e trouxe meus braços em volta do seu pescoço. — Então vamos resolver isso — Eu disse com a alegria florescendo em meu

peito. — Porque, se há uma coisa que tenho a certeza absoluta neste mundo, é que eu quero me casar com você.

Calder beijou meus lábios novamente, sorrindo contra a minha boca, e puxou o corpo do meu. Ele ficou em silêncio por um minuto enquanto seus olhos se moviam sobre meu rosto. — Eu estive pensando, Eden — Ele fez uma pausa, passando a mão pelo cabelo.

— O quê? — Eu sondei, colocando meus dedos em seu queixo e inclinando seu rosto para o meu.

Ele encontrou meus olhos. — O que você diria sobre fazer uma viagem para Indiana?

Concordei imediatamente. — Road trip? Sim — Inclinei a cabeça. — Mas você tem certeza sobre Indiana? Por quê?

Ele deu de ombros. — Pelas razões que você mencionou antes. Em parte para ver se você reconhece algo, eu acho. Eu sei que é um tiro no escuro. Mas... Principalmente, só para ficar longe da loucura aqui, mas ainda estar por perto. Para andar por aí sem ser perseguido, para estar juntos, para dormir em uma cama que não anuncia cada movimento meu para sua mãe — Ele sorriu, mas depois ficou sério novamente. — Para ter um pouco de liberdade.

Mordi o lábio, aquecendo a ideia imediatamente. Seria um alívio maravilhoso não me preocupar com quem estava à nossa porta, pelo menos, um tempo curto. E talvez no momento em que voltássemos, as coisas teriam acabado. — Sim.

Calder pareceu aliviado. — Obrigado.

Eu balancei minha cabeça. — Não, isso é para nós dois. Xander mencionou para a gente escapar esta manhã, também.

Ele acenou com a cabeça. — Nós precisamos. Temos que avisar à polícia?

— Eu penso que não. Eles não disseram que não podíamos deixar a cidade — Eu encolhi os ombros. — Quero dizer, nós poderíamos mesmo assim, apenas sermos atenciosos, eu acho, mas não penso que nós somos obrigados. E não necessariamente quero que eles saibam para onde estamos indo.

— Você já disse a eles sobre reconhecer a placa de Indiana.

Eu balancei a cabeça. — Eu sei, mas eu não quero que eles pensem que estamos indo em alguma missão de coleta de informações. São boas as chances de que nada aparecerá, de qualquer maneira.

Calder assentiu. — E isso é bom. Parecia que fazia sentido tanto quanto um local.

— Isso faz — Eu sorri. — Agora vá pegar meu biquíni antes que a minha mãe chegue em casa e me encontre sem roupa.

Calder riu e depois nadou para o outro lado da piscina, onde minha roupa estava à direita na extremidade.

Eu sorri e então olhei para cima, com o sol rompendo as nuvens, lançando uma luz repentina no dia sombrio. Senti isso adequado, porque, antes parecia como se uma nuvem estivesse sobre nós, nos rodeava, agora, tudo parecia mais claro, mais brilhante. O homem dos meus sonhos queria casar comigo, tinha mais esperança em seus olhos e a luz começou a brilhar no meu coração mais uma vez.



Mais tarde, na cama enquanto eu acariciava o cabelo de Calder enrolada em seus braços quentes, à deriva para o sono, de repente, ele disse: — Naquele dia, Hector continuou me chamando de cria de Satanás. Ele disse isso várias vezes. O que você acha que ele quis dizer com isso?

Eu tremi, embora eu estivesse longe de sentir frio. — Eu não sei — Eu disse. — Quem sabe o que estava acontecendo em seu cérebro doente? — Algo dentro de mim me dizia que eu não queria saber. Então me aconcheguei mais profundamente no abraço de Calder.

# CAPÍTULO TREZE

**Calder**

Uma vez que Eden e eu decidimos fazer a viagem para Indiana, meu humor melhorou imensamente. Eu me senti preso, confinado e inútil por quase um mês. E estava tentando tanto sair dessa. Afinal, eu tinha Eden volta. Se alguém me tivesse dito dois meses antes que Eden estaria de volta em meus braços, eu teria alegremente concordado em viver em uma caverna escura com ela para o resto da minha existência. E agora, aqui estava eu, nervoso e frustrado. Eu sentia vergonha de mim mesmo. Mas a verdade era, eu ansiava por cuidar dela. Eu ansiava ser o homem que ela merecia. Eu queria desesperadamente dar-lhe coisas, trabalhar por ela, nos dar um lar, *casar com ela*. E eu não podia, precisamente, fazer nada disso do quarto de hóspedes na casa de sua mãe, especialmente se considerasse como bem vindo a mãe dela me fazia sentir. *Ou não*.

Tudo isso, além de meu apartamento ser destruído, e ver Clive na televisão tinham me deixado em um profundo desespero. Eu não esperava que a simples visão do seu rosto Weasley[5] me levasse em uma espiral de raiva e sentimentos de derrota. Mas levou. Apesar da pequena estatura de Clive Richter, ele sempre ocupou um lugar de autoridade e poder sobre mim. Fisicamente, eu sempre fui mais forte. Mas emocionalmente, ou melhor, o conhecimento, ele sempre me controlou, e em certo ponto, isso ainda era verdade.

Nós definitivamente precisávamos fugir.

O dia depois que tínhamos decidido fazer a viagem para Indiana, e antes que pudéssemos planejar algo, o FBI apareceu na porta de Carolyn. Meu coração ganhou velocidade e a adrenalina pulsava em meu corpo quando Molly saiu para o pátio, onde Eden e eu estávamos sentados esperando que nos dissessem algo. Trocamos olhares confusos, o meu muito provavelmente mais preocupado do que o dela, e seguimos Molly para dentro, onde um homem corpulento com cabelos escuros e outro homem alto, afro-americano, ambos vestindo ternos esperavam.

— Olá — O homem corpulento disse, sem sorrir. — Eu sou do FBI, agente Rivera — Ele acenou com a cabeça para a direita. — Este é o agente Glenn. Você

[5] Os *Weasleys* são uma família fictícia de bruxos que aparecem frequentemente na série Harry Potter.

deve ser Calder Raynes? — Ele perguntou, estendendo a mão para mim. Eu balancei a cabeça e apertei ambas as mãos.

— Por favor, me chame de Calder. E esta é Eden — Eu disse quando Eden veio logo atrás de mim. Ela apertou as mãos também.

— Prazer em conhecer os dois — Agente Rivera disse, o olhar sério ainda em seu rosto. — Nós precisamos que vocês venham até o escritório de campo do FBI local, onde podemos entrevistá-los. Está bem para vocês?

Minhas mãos estavam de repente úmidas, mas eu estendi a mão para Eden de qualquer maneira. Eu não tinha ideia o que isso significava. Quando segurei a mão na dela, ela olhou para mim com uma pequena ruga entre as sobrancelhas.

— É necessário? — Eu perguntei.

— Isso realmente é. Nós somos responsáveis por inúmeros casos de crianças desaparecidas e precisamos fechar o seu caso. Além disso, precisamos discutir algumas outras coisas que prefiro fazer quando chegarmos ao nosso escritório.

Essa última parte fez o meu sangue bombear rapidamente em minhas veias, mas eu assenti. Que escolha nós tínhamos? *Isto não é como da última vez. Isto não é como da última vez.* A última vez que tivemos em um carro de polícia, por razões que não inteiramente entendemos, nós fomos coagidos, enganados - e nos levou direto para o inferno. *Isto era diferente*.

Carolyn entrou correndo na sala e se apresentou para os detetives. Molly deve ter dito a ela que eles estavam aqui. — Será que a minha filha precisa de um advogado? — Carolyn perguntou, seus olhos correndo entre eles e Eden. Notei que ela não tinha mencionado meu nome.

— Se ela se sente mais confortável com seu atual advogado, ele pode nos encontrar no escritório de campo — Disse o Agente Rivera.

— Mãe — Eden disse. — Eles só querem fechar o nosso caso — Ela olhou nervosamente para mim.

Carolyn balançou a cabeça. — Eu vou pedir ao meu advogado para encontrá-la no escritório. Isso vai me fazer sentir melhor. É a coisa mais inteligente a fazer.

Os detetives assentiram e Eden parecia irritada com seus lábios se contraindo enquanto apertava a minha mão.

— Você quer chamar um advogado, também, Calder? — Perguntou Agente Rivera. Olhei para Eden e balancei a cabeça e, em seguida, olhei para Carolyn.

— Eu não tenho nada a esconder — Eu disse.

Meus nervos cravaram novamente quando fomos escoltados para a garagem de Carolyn, onde um carro da polícia esperava. *Isso não é como da última vez, isso não é como da última vez,* eu repetia. Apenas a visão do carro da polícia fez a minha luta ou meu instinto dar um pontapé e eu puxei Eden para mim. Ela agarrou-me de volta. Se ela estava com medo também, ou se estava me segurando com tanta força porque sabia que eu precisava, eu não tinha certeza. Pensei que eu tivesse perdido um pouco do medo da polícia depois de me sentar recentemente com a polícia nos depoimentos sobre Acadia. Mas, nesse momento, a ansiedade me agrediu porque eu não entendia o que estava acontecendo. Mais uma vez, eu senti como se todos, exceto eu, tivesse controle.

Sentamos amontoados na parte de trás do carro enquanto o oficial na frente nos levava para o escritório de campo do centro, os agentes seguiam atrás. Eu só podia imaginar que, se a minha pressão arterial fosse aferida, estaria nas alturas.

Quando chegamos lá, nos guiaram para uma porta dos fundos e fomos levados para uma pequena sala com nada mais do que uma mesa onde estávamos sentados em duas cadeiras, uma TV no canto e outra mesa com uma máquina de café e ingredientes sobre ela.

Eu deslizei minha cadeira para mais perto de Eden e segurei a sua mão por debaixo da mesa. — Você está bem? — Eu perguntei, olhando para ela e me forçando a tomar uma respiração profunda.

Ela apertou minha mão. — Sim, estou bem. E você? — Ela parecia preocupada.

— Eu vou ficar — Eu disse com a sugestão de um pequeno sorriso.

A porta se abriu e as nossas cabeças se viraram ao mesmo tempo para o Agente Glenn que entrou na sala.

Ele acenou para nós enquanto uma mulher entrou pela porta atrás dele. Agente Glenn disse: — Esta é a agente Malloy. Ela estará entrevistando Eden.

Eu fiz uma careta e olhei para Eden. — Eu pensei que íamos ser entrevistados juntos.

— É mais fácil se nós entrevistá-los separadamente — Disse o agente Glenn. — E isso fica mais rápido também. Além disso, o advogado de Eden acabou de chegar.

Eden se inclinou e beijou meu rosto, apertando meu braço. — Tudo vai ficar bem. Eu vou ver você lá fora, ok?

Deixei escapar um suspiro áspero. — Ok — Virei-me para a Agente Malloy. — Ela vai estar por perto?

Agente Malloy sorriu. — Sim, bem ao lado. Isso não deve demorar muito — Eu fiz uma careta, mas assenti e a Agente escoltou Eden saindo pela porta. Eden me deu um pequeno sorriso encorajador antes de sair.

Olhei para o Agente Glenn. Ele veio e se sentou em uma cadeira na ponta da mesa, diretamente à minha direita.

— Calder, eu aprecio que você esteja disposto a dar uma declaração adicional para nós. Estamos felizes em conseguir encerrar um caso que muitos de nossos agentes estavam envolvidos quando Eden foi raptada — Ele me olhou muito diretamente. — Nós não encontramos nenhuma evidência de que você foi sequestrado por uma família diferente, mas eu sei que você acredita que seja o caso.

Limpei a garganta. — Eu acredito, mas não tenho nenhuma prova concreta. Somente comentários de outras pessoas que já não são capazes de lançar alguma luz sobre o que disseram para mim. Sinceramente, Agente Glenn, metade do tempo eu não sei o que pensar.

Ele acenou com a cabeça. — Por favor, me chame de Floyd. E eu sei, que estamos tendo problemas, também. Não há registros de quem viveu em Acadia, Hector mantinha somente dos membros do conselho. Como você já sabe, faz três anos, mas nós ainda não identificamos muitos dos adultos, e identificar as crianças que nasceram lá é quase impossível. Até onde a sociedade sabe, eles sequer existiram.

Meu coração se apertou com a dor. Senti-me responsável por isso. — Se eu tivesse aparecido anos atrás... — Eu parei.

Ele balançou a cabeça. — Você não teria sido convidado para tentar identificar os corpos. Eles não foram reconhecidos — Ele parecia aflito. — A lista que você deu para a polícia de todas as crianças que se lembrava, suas idades e descrições, foi muito útil. E entre você e Eden, você foi responsável por todos eles. Nós podemos, pelo menos, dar alguns nomes a eles agora — Ele me estudou por um minuto e, em seguida, levantou-se e foi para a TV no canto e apertou alguns botões, trazendo um controle remoto de volta à mesa com ele. — Nós não temos a mais avançada tecnologia aqui — Ele riu. Eu forcei um pequeno sorriso de volta, meu coração ainda batendo rápido demais no meu peito.

— Eu vou gravar essa entrevista, tudo bem para você?

Eu balancei a cabeça, trazendo minhas mãos em cima da mesa na minha frente.

— Você gostaria de uma xícara de café ou um pouco de água antes de começarmos?

— Não. Obrigado.

Ele virou-se para a TV e apertou um botão no controle remoto e, em seguida, virou-se para mim.

— Você pode dizer o seu nome, por favor?

— Calder Raynes.

— Obrigado, Calder. Eu sei que você deu um depoimento à polícia local sobre o que aconteceu em Acadia há várias semanas atrás e que antecederam o assassinato / suicídio que aconteceu lá — Ele olhou para mim. — Por favor, nos leve por aqueles passos, começando em quando o oficial Richter e oficial Owens o localizaram e levaram-no de volta para Acadia?

Eu respirei fundo e contei os detalhes de novo, começando como fui coagido a entrar na viatura do policial Clive, sendo devolvido para Acadia, vivendo naquela pequena cela, sozinho por duas semanas. Deixei minhas emoções, narrando as semanas como se eu fosse um estranho olhando de cima para baixo.

O agente fez várias perguntas aqui e ali para que eu explicasse alguma coisa ou desmentisse algo para ele. Quando cheguei ao fim da história, e embora eu só tivesse passado através dos fatos, eu me senti como se tivesse corrido uma maratona. Eu estava exausto. Esfreguei minhas mãos em minhas coxas quando o Agente pegou o controle remoto e desligou o gravador de vídeo.

— Isso foi bom. Obrigado, Calder — Sua expressão era neutra. — A outra razão que queria falar com você é porque estamos investigando o caso contra Clive Richter por um tempo. Como você sabe, foram vocês dois aparecendo que incentivaram seu ex-parceiro o oficial Mike Owens, a buscar imunidade e oferecer o seu testemunho. Sem isso, não teríamos o caso que temos, tanto o tráfico de drogas como a lavagem de dinheiro — Ele balançou a cabeça. — Quando se trata de policiais corruptos, ele ganhou o prêmio.

Deixei escapar um suspiro. — Então ele vai pegar um longo tempo?

— Por esses crimes, eu apostaria que sim — Ele inclinou a cabeça. — No entanto, agora que o oficial Owens prestou testemunho contra o oficial Clive Richter que acrescenta a sua conta de ele estar em Acadia no dia da inundação, o oficial Richter está alegando que você planejou e executou as mortes em Acadia naquele dia.

Eu fiquei boquiaberto, meu corpo congelando. — O quê? — Eu resmunguei. Meus piores temores estavam acontecendo. Visões de ser levado

embora para a prisão enquanto Eden gritava, estendendo os braços para me agredir encheram meu cérebro. *Acalme-se, Calder. Se controle.* Meus punhos fechavam e se abriam em minhas coxas. Coisa muito, muito pior tinha acontecido comigo antes. Será que isso aconteceria novamente, agora, de uma forma totalmente nova?

Agente Glenn franziu a testa. — O oficial Richter está dizendo que ele pegou Eden por solicitação de Hector - acreditando que ela fosse uma menor fugitiva - e que ela voltou de bom grado para Acadia. Ele afirma que no caminho até lá, você estava discursando sobre matar todos e sair com Eden assim pareceria que vocês dois estavam mortos, juntamente com todos os outros.

— O quê? — Eu resmunguei, passando os dedos pelo meu cabelo, minha luta ou instinto de fuga chutando. — Isso é uma mentira! — Meus olhos voaram freneticamente ao redor da sala quando eu trouxe minhas mãos em punhos em minhas coxas novamente. Eu estava preso aqui dentro.

Agente Glenn balançou a cabeça, seus lábios se unindo por um segundo. — Ele diz que você chutou o sistema de água, quando começou a chover. Ele não entendeu na hora o que você estava fazendo, mas nos certificou que foi você que o construiu, que você o fez. Ele diz que ele foi embora, mas uma vez que todos se abrigaram em um porão, você deve ter trancado a porta com todas essas pessoas e saiu com Eden como tinha ameaçado.

O pavor frio percorreu meu sistema. Eu estava suando. — Eu chutei o sistema — Eu disse. — Eu falei isso à polícia. Isso é verdade. Eu fiz. Eu não queria machucar ninguém — Pavor disparou pelo meu corpo. Eu estava sendo culpado pelo crime agora? Será que eles acreditavam em Clive?

— Estou sendo acusado de alguma coisa aqui? Eu preciso de um advogado?

Ele se inclinou para a frente e colocou a mão no meu ombro por um breve momento. — Não, nós não o estamos acusando de nada. Deixe-me esclarecer isso, filho. Eu pessoalmente conheci Clive Richter. Eu o interroguei. Eu tenho observado a investigação dos crimes que ele estava envolvido - nem mesmo metade dos quais foram relatados no noticiário. Entre você e eu, tenho um pressentimento que você concordaria de todo o coração, que Clive Richter não é apenas um policial corrupto, mas é um mentiroso, conivente, oportunista e manipulador. Não só não acreditamos em suas afirmações, mas o oficial Owens está confirmando a *sua* história, e não a dele — Ele me estudou por um minuto antes de continuar: — Nós não lançamos esta notícia ainda, mas exumamos o corpo de Heitor e encontramos a chave. Ele trancou essas pessoas. Nós sabemos disso. Sua história e a de Eden se somam e acreditamos que finalmente podemos encerrar este caso — Ele fez uma pausa enquanto eu digeria a notícia

de que o corpo de Heitor foi exumado. As emoções estavam correndo pelo meu corpo. Eu não sabia o que pensar.

Agente Glenn continuou. — No entanto, é improvável que nós vamos ser capazes de processar Clive Richter pelos crimes contra você e Eden. Simplesmente não há provas suficientes após três anos. É Eden e sua palavra contra a dele. Eu sinto muito por isso — A expressão dele me dizia que ele realmente sentia.

Engoli pesadamente e respirei fundo.

— Ele atirou em mim — Eu disse.

Ele balançou a cabeça, franzindo a testa ligeiramente. — Eu sei. E se apenas você tivesse guardado a bala, isso seria outra história.

Eu pisquei para ele. — Guardar a bala? — Perguntei.

Ele acenou com a cabeça. — Sim, cada bala é específica para uma arma. Se tivéssemos a bala, poderíamos combiná-la com a arma de serviço de Clive. Essa seria a prova que tornaria mais fácil acusá-lo de crimes contra você.

Eu olhei para ele. — Eu tenho a bala, Floyd — Eu disse. — Ela ainda está na minha perna.

Seus olhos se arregalaram de surpresa. Ele parou por um instante e depois um lento sorriso surgiu em seu rosto. — Bem, isso muda tudo — Disse ele.

Soltei um enorme suspiro. O amigo de Kristi tinha dito que, pela localização da bala na minha perna, seria mais seguro deixá-la onde estava. O que era sorte, considerando que ele não tinha nenhum equipamento necessário para retirá-la — Você está disposto a submeter-se a uma pequena cirurgia? — Ele perguntou.

— Claro que sim — Eu disse, correndo a mão pelo meu cabelo.

Floyd voltou a sorrir. — Tudo bem, então — Ele balançou a cabeça em concordância.

Estudei-o por alguns minutos enquanto ele escrevia algo. Ele parecia confiável. *Ele estava do nosso lado*. Algo dentro de mim me fez relaxar e subitamente me sentir livre.

Ele olhou de volta para mim. — Você provavelmente vai ter que testemunhar contra Clive no tribunal.

Olhei firmemente para ele. — Felizmente — Eu disse.

Ele balançou a cabeça, parecendo satisfeito. Ele inclinou a cabeça, me estudando. — Venho através de uma série de casos em meu trabalho, Calder. O que você e Eden passaram... — Ele balançou a cabeça. — É difícil imaginar. E eu posso contar em uma mão o número de crianças desaparecidas que eu vi retornar em meus 20 anos como agente — Algo se moveu por trás de seus olhos, tristeza talvez. Ele me olhou incisivamente. — A segunda chance que lhe deram é um tesouro. Fique orgulhoso de si mesmo. Você não tem culpa de nada - nenhuma. Vocês foram vítimas. Mas não viva como vítima. Viva como sobrevivente. Eu espero que você receba minhas palavras de coração.

Eu pensei que movi minha cabeça para cima e para baixo, mas não podia ter certeza. — Obrigado, Floyd — Eu disse, gratidão me oprimindo e adicionando rouquidão a minha voz.

Ele acenou com a cabeça uma vez, e quando me levantei, ele estendeu a mão para mim. Apertei, olhando para seu rosto amável. — Estou orgulhoso de apertar sua mão — Disse ele. Ele sorriu rapidamente e, em seguida, virou-se e caminhou em direção à porta. Eu o segui, sentindo-me oprimido e subjugado.

Fora da porta, Eden estava sentada em uma cadeira esperando por mim. Ela sorriu do lugar que estava, e eu a recolhi em meus braços e a abracei. — Pronta para ir? — Eu resmunguei.

— Sim — Ela sorriu.

Voltamos para o carro da polícia nos esperando do lado de fora e fomos levados de volta para a casa da mãe de Eden. Segurei sua mão frouxamente na minha, pensando em Clive Richter e Agente Glenn, pensando em como havia pessoas boas e ruins em todos os lugares, e que de alguma forma hoje, eu tinha largado a última peça do medo que eu estava carregando por tanto tempo. Poderia demorar um pouco mais para a culpa perder o seu domínio malicioso em minha mente, mas o Agente Glenn tinha dito que iria ajudar, também, eu imaginava. Era hora - hora de seguir em frente. Sem medo, sem culpa, apenas com a minha Glória da Manhã. Inclinei-me para trás no banco e exalei um suspiro.

# CAPÍTULO QUATORZE

**Calder**

Após a reunião com os Agentes do FBI Glenn e Malloy, outro peso sumiu. Mais tarde naquele dia, Eden esperou por mim em uma sala privada, enquanto eu me submetia a uma cirurgia rápida de trinta minutos, que resultou em uma pequena bala abstraída da minha coxa. Sempre odiei essa cicatriz feia - uma lembrança física do pior dia da minha vida. Mas, de repente, o que era feio para mim antes, agora parecia vitória.

Eu senti como se estivesse realmente usando dois pulmões para respirar novamente. E agora Eden e eu poderíamos finalmente colocar os nossos planos em andamento. Acordei cedo na manhã seguinte, cheio de energia e propósito.

Sim, o processo contra Cliver por seus crimes contra nós poderia levar um pouco de tempo, e nós teríamos que depor, eventualmente, mas a vitória para nós era que não estávamos mais com medo dele. A liberdade veio de muitas formas - finalmente fomos libertados do medo.

E, assim, começamos a planejar a viagem.

Eden não concordou quando eu lhe disse que achava que precisava ser eu a dizer a sua mãe que estávamos saindo por um tempo, mas ela permitiu mesmo assim. Eu já havia tentado ser compreensivo quando se tratava da sua mãe - Carolyn tinha ficado sem Eden por muito tempo. Eu tinha dito a ela que eu sabia como ela se sentia, e obviamente eu sabia melhor do que ninguém. Então, eu gostava dela querer compensar o tempo perdido. Mas lidar com isso 24 horas por dia era cansativo - e eu tive que acreditar que era verdade, não só por mim, mas por ela também. Eu estaria na vida da sua filha por muito tempo, portanto, era necessário ter algum tipo de paz, ou pelo menos, um entendimento.

Carolyn estava sentada no pátio com Molly na manhã seguinte e me juntei a elas, já de banho tomado e vestido.

— Bom dia — Eu sorri e me sentei com elas.

— Bom dia — Elas disseram. — Você tomou café? — Perguntou Carolyn.

— Eu vou daqui um minuto — Passei a mão pelo meu cabelo. — Na verdade, eu queria falar com você — Olhei para Carolyn.

Ela ergueu as sobrancelhas e Molly parou de tomar o gole do seu café. — Devo deixar vocês dois sozinhos? — Perguntou ela.

— Não, está tudo bem. Você deve saber isso, também, uh... — Eu respirei. — Eden e eu vamos fazer uma pequena viagem, sair daqui um pouco.

Carolyn piscou para mim e Molly sorriu. — Oh não, não — Disse Carolyn, sacudindo a cabeça.

Eu respirei fundo. — Eu acho que você sabe melhor do que ninguém o quão difícil isso tem sido para Eden e para mim. Não apenas como um casal, mas individualmente. Tem sido difícil para todos nós — Eu olhei para Molly e ela sorriu, encorajando. — Nós apenas pensamos que ficarmos afastados um pouco aliviaria a pressão sobre todos e nos daria a chance de ter algum tempo juntos depois de estarmos separados por tanto tempo.

Carolyn se endireitou, olhando para mim. — E quanto a mim? Ela foi roubada de mim. E o tempo que eu preciso com a minha filha? — Ela balançou a cabeça com firmeza. — Não, você não vai levá-la para longe de mim.

Droga. Isso não estava indo bem. — Eu não quero tirar Eden de você — Eu balancei minha cabeça. — Eden ansiou por você a vida toda. Eu sei melhor do que ninguém, e eu nunca faria alguma coisa para ficar no meio do seu relacionamento com ela. Eu sei que você tem muito para recuperar, também, uma grande quantidade de tempo perdido para compensar — Eu respirei fundo tentando reunir os meus pensamentos. — Eu estava mesmo esperando que talvez você e eu pudéssemos... — Eu parei, sentindo-me frustrado e perdendo as palavras, tentando pedir algo que eu não sabia como nomear. E Carolyn olhando para mim não estava ajudando. *Eu deveria ter ensaiado isso*. Houve um silêncio constrangedor.

De repente, Molly jogou os braços para cima e os soltou pesadamente sobre a mesa à sua frente. Carolyn e eu nos assustamos e olhamos para ela. — Jesus, Carolyn! Ele está sentado aqui pedindo para você ser uma mãe para ele, também. Caso você tenha esquecido, ele perdeu todos que amava — Ela se inclinou para a frente. — Você tem aqui uma oportunidade não só para ser a minha mãe, que não tenho mais, mas Eden *e* Calder... E Xander, também! Você tem a seus pés pessoas que precisam de mãe e você poderia ser recompensada por isso, pessoas que iriam absorvê-la. E, em vez disso você está escolhendo agir de uma forma que acabará por não fazer nada além de nos empurrar para longe. Desculpe-me, mas eu não posso ficar quieta sobre isso por mais um minuto. Olhe para si!

Carolyn olhou para ela com os olhos arregalados. Molly respirou fundo e baixou a voz. — Você mesmo disse que olhou para o outro lado e enterrou a cabeça na areia com o que aconteceu com o tio Bennett, e depois com Hector — Sua expressão estava cheia de simpatia. — Não faça isso de novo, Carolyn. Por

favor, não fique alheia ao que está acontecendo ao seu redor. Sua filha é uma mulher. Sinto muito se você não consegue ver isso. Mas você não pode transformá-la em uma menina tirando as cascas do seu pão e escovando o cabelo antes de dormir todas as noites, contestando que ela se apaixonou por alguém e você não chegou a ser uma parte disso. Você pode ser uma parte disso agora — Ela recostou-se na cadeira. — Eden, ela tem essa... *Força* sutil sobre ela. Ela tem sido paciente com você porque te ama, mas não vai ser paciente para sempre. Se você não vê isso, então não está vendo sua filha e vai perdê-la apenas quando a encontrou novamente. E Calder — Ela olhou para mim. — Calder está sentado na sua frente pedindo-lhe para aceitá-lo.

Eu olhei para Molly por um minuto, chocado e grato. Limpei a garganta. Molly estava certa. Eu realmente não tinha reconhecido o quanto eu sentia falta do amor da minha mãe, não tinha falado disso com Eden ainda. Apesar do profundo e dolorido sentimento de traição, no final, *eu sentia falta da minha mãe*. Era confuso e doeu como o inferno. Eu queria que a mãe de Eden me aceitasse como filho ou como namorado de sua filha? Qualquer coisa, meu coração estava tão agradecido pelo comentário de Molly, e por tudo o que ela havia dito.

— Molly... Obrigado — Eu disse a ela, esperando que ela pudesse ver a sinceridade nos meus olhos e então olhei para Carolyn, que ainda estava em silêncio, olhando para a mesa. Ela ficou sentada sem dizer nada por tanto tempo que eu me perguntei por um minuto, se ela responderia algo. Ela não o fez. Em vez disso, ela se levantou - sua cadeira raspando sobre o pátio de pedra - virou as costas para nós, e atravessou as portas francesas, fechando-as.

Deixei escapar um suspiro e passei a mão pelo meu cabelo. Eu olhei para Molly, que tinha uma expressão de dor no rosto. — Eu quis dizer cada palavra que eu disse a ela — Molly disse. — Eu só espero que tenha feito algo de bom.

Eu balancei a cabeça. — Eu aprecio isso, Molly. De qualquer forma, eu agradeço todas as vezes que você foi tão favorável a Eden e a mim.

Molly sorriu tristemente. — Vocês dois passaram por tanta coisa. Se alguém merece encontrar o seu lugar neste mundo Calder, são vocês dois. Espero ter ajudado.

— Você ajudou — Eu disse, e isso significa cem por cento. Agora eu só podia esperar que Carolyn entendesse também.



Carolyn passou o dia em seu quarto, não saindo nem mesmo uma vez. Apesar do fato de que nós não tínhamos a bênção dela, Eden e eu decidimos que ainda continuaríamos com a nossa viagem. Não começaria exatamente com a mesma felicidade que esperávamos, mas era necessário para nós e iríamos de qualquer maneira.

No final daquela tarde, quando eu estava na cozinha para pegar um copo de água, eu me virei quando ouvi alguém entrar atrás de mim. Era Carolyn. Meus olhos se arregalaram ao vê-la com seu cabelo puxado para trás e sem maquiagem. Eu nunca a tinha visto sem parecer perfeitamente arrumada, independentemente da hora do dia. Seus olhos estavam com as bordas avermelhadas, como se tivesse chorado. Ela me ofereceu um pequeno sorriso. — Podemos falar? — Perguntou ela.

Eu balancei a cabeça e caminhei lentamente para a mesa onde nos sentamos. Eu olhei para ela com cautela, sem saber onde isso daria.

— Calder — Ela começou, e depois fez uma pausa. — Eu lhe devo um pedido de desculpas — Deixei escapar um suspiro. — Eu devo um pedido de desculpas a Eden, também.

— Carolyn... — Eu comecei.

— Não, espere — Disse ela. — Deixe-me apenas dizer isto e então você pode dizer o que precisa para mim. Eu posso imaginar que você precisa desabafar algumas coisas, também — Ela olhou para baixo, estudando suas unhas.

— Eu estive no meu quarto pensando muito sobre o pai de Eden, Bennett, hoje. Eu... Eu estive pensando sobre as maneiras que eu gostaria de ter sido mais para ele quando ele precisou de mim — Ela balançou a cabeça. — Molly tinha razão ao me fazer perceber que, apesar de eu ver que enterrei minha cabeça na areia, em seguida, eu não *estava* vendo que estou fazendo isso agora, também — Ela fez uma pausa, mas eu não disse nada. Eu podia ver que ela precisava organizar seus pensamentos.

— Tê-la de volta, e ainda assim estou tão cheia de tristeza sobre os momentos que eu perdi. Eu queria tanto experimentar as várias fases que perdi em ser mãe dela, e que incluía estar lá para orientar a experiência dela em se apaixonar por alguém — Ela balançou a cabeça. — Essa é a maior desculpa que lhe devo. Eu podia ver naquele dia no jardim da festa o quanto você a ama e adora... O quão profundamente os seus corações estão entrelaçados, e ainda... — Ela tomou uma grande e instável respiração. — Eu tentei empurrá-la em direção a outro homem.

Ela olhou para baixo, com uma expressão de vergonha no rosto. — Eu tenho ciúmes do quão profundamente vocês se amam, quão profundamente

vocês se *conhecem*. Eu tenho ciúmes que você tem todos esses anos e eu não. Mesmo que eu saiba que é irracional, e agora vejo como tem afetado o meu comportamento e me fez agir de forma tão egoísta — Ela encontrou meus olhos com lágrimas brilhando nos dela. — Por favor, grite comigo. Diga-me como horrível que eu fui.

Eu respirei fundo. — Eu não quero gritar com você. Eu entendo — Imaginei-me de pé sobre uma cadeira na pista de boliche em pânico porque Eden saiu do meu campo de visão por alguns minutos. Tinha que ser da mesma forma para a mãe dela. — Não há manual para Eden e minha situação e não há nenhum manual para a sua, também — Fiz uma pausa. — Espero que você saiba que o que Molly disse sobre Eden ter uma força sutil... É mais do que verdadeiro. Eu amo tanto isso nela. E essa força veio de você. Eden foi capaz de segurar essa qualidade porque ela nunca deixou sua crença no amor. Você deu isso a ela. Ela guardou todo o amor que você deu a ela nos primeiros anos de sua vida e nunca deixou acabar. Isso a manteve viva. Todos esses anos, você estava com ela, porque o seu amor ainda estava em seu coração.

As lágrimas estavam correndo pelo rosto de Carolyn e ela estava balançando a cabeça. — Obrigada — Disse ela. — E sinto muito, sinto muito. Eu nunca considerei que você precisasse de uma mãe, também. Eu estou aqui para você — Ela estendeu a mão por cima da mesa e eu a peguei, sorrindo com alívio enchendo meu peito.

— Eu vou tentar parar de tratá-la como uma menina e vê-la por quem ela é — Disse ela. — Eu vou tentar o meu melhor. Vou focar no que eu *tenho*, não o que não tenho.

Eu sorri novamente. — Eu sei que Eden será grata por isso — Fiz uma pausa. — Só para você saber, não há nenhuma razão para parar de fazer esses sanduíches Fluffernutter — Eles são muito bons.

Carolyn riu e enxugou as lágrimas e foi quando Eden entrou na sala. Ela parou, compreendeu o que acontecia e um enorme sorriso tomou conta do seu rosto, fazendo-a parecer radiante de felicidade, enquanto correu para a frente e colocou um braço sobre meus ombros e outro sobre Carolyn. Ela se inclinou e beijou minha bochecha e depois se inclinou e beijou Carolyn. Nós rimos e algo dentro de mim se encaixou. Era como se a mistura de cores na tela estivesse finalmente perfeita para a imagem que eu queria tão desesperadamente criar.



Mais tarde, no quarto de Eden, abrimos seu laptop e começamos a descobrir para onde iríamos.

Olhamos alguns locais turísticos de Indiana e todos recomendavam o mesmo resort - French Lick Springs[6] Hotel. Nós não poderíamos não escolher o lugar que tinha a palavra "nascente" nela. Parecia perfeita ótima como escolha de um refúgio para nós. Tínhamos ido para outra nascente para fugir uma vez, também. Parecia a coisa certa. Além disso, era apenas uma viagem de três horas. Nós não teríamos que arriscar muito por estar na estrada por muito tempo. Nenhum de nós tinha uma licença, embora Molly concordasse em nos emprestar seu carro.

— Carolyn disse que precisamos abrir uma conta em seu nome para descontar o cheque da minha mostra para que eu possa financiar a nossa viagem — Eu disse quando Eden entrou na parte de informação pelo computador, reservando nosso hotel.

Ela assentiu com a cabeça, vincando a testa. — Eu tenho outra conta em meu nome, também, que Felix deixou para mim — Ela olhou para mim. — Nós podemos acessar isso, também, agora que tenho uma certidão de nascimento.

— Ok, mas eu vou pagar por esta viagem.

Ela colocou a mão na minha bochecha. — Tudo bem. Ainda assim, Felix deixou-me dinheiro, porque ele queria que eu tivesse. Não seria certo deixá-lo lá.

Eu balancei a cabeça, agradecendo Felix na minha cabeça toda vez que seu nome vinha à tona. Eu estaria sempre em dívida por cuidar da minha garota quando eu não fui capaz.

No dia seguinte, ambos acompanhamos Carolyn ao banco onde a boca de Eden se abriu quando soubemos que Felix tinha deixado várias centenas de milhares de dólares para ela. Quando chegamos em casa, ela caiu no sofá, com o rosto entre as mãos, sufocando os soluços. Puxei-a para perto e a segurei enquanto ela chorava. Eu mal podia acreditar. Que homem generoso. *Obrigado Felix.*

E então, Eden e eu estávamos saindo de Ohio no carro de Molly assim que o céu começou a escurecer. Nós tínhamos escapado com sucesso através dos arbustos de trás enquanto Xander fazia sua primeira declaração à imprensa em frente à casa de Carolyn. Era o desvio perfeito.

Com os quilômetros voando, meus ombros começaram a relaxar, e eu senti como se finalmente fosse capaz de respirar completamente pela primeira

[6] spring - nascente

vez em pouco mais de um mês. Eden lançou-me um sorriso sedutor e piscou, colocando seus pés em cima do painel. Meu coração virou no meu peito e eu quase ri sozinho. Será que eu nunca deixaria de ser um adolescente apaixonado perto dela?

Seu sorriso desapareceu e ela apertou minha mão. — Como você está se sentindo?

— Melhor — Eu sorri para ela. — É muito mais fácil agora que temos um pouco de liberdade — Olhei para a estrada a nossa frente.

— Sim — Ela concordou, apertando a minha mão de volta. — Tudo parece mais esperançoso quando você está livre. Quem sabe isso melhor do que nós?

Eu balancei a cabeça lentamente, mantendo os olhos na estrada e olhando para o velocímetro para me certificar de que eu estava indo no limite de velocidade. Eu não ia arriscar a liberdade por nada.

Ela ficou em silêncio por um minuto. — Acha que a mídia vai nos procurar?

— Eles não vão saber que saímos. Nós não saímos da casa da sua mãe em um mês, então eles vão pensar que ainda estamos escondidos. E mesmo se eles souberem que saímos, no momento em que forem nos procurar, teremos o carro de Molly estacionado em uma garagem em algum lugar. Os noticiários usam as mesmas imagens nossas difusas saindo do meu prédio. A outra que eles têm de você é de quando era uma menina. Eu acho que ninguém vai nos reconhecer, especialmente se eu colocar um boné e você prender o seu cabelo — Eu sorri para ela e ela sorriu de volta, balançando a cabeça.

Ficamos em silêncio com nossos pensamentos, apenas observando a paisagem passar. Depois de alguns minutos, eu disse: — Sabe o que eu fico pensando, Eden? Você sabe o que pensei sobre todos esses anos?

— Hmm? — Ela olhou para mim e inclinou a cabeça de volta no banco.

— Eu chutando o sistema de água foi apenas azar - um ato aleatório, não planejado que acabou inundando o porão.

— Sim — Ela disse suavemente.

— Sim. Como Hector sabia? Todos esses anos, como ele sabia que haveria uma inundação *naquele dia*, sob um eclipse? Se ele não *planejou* isso, como é que ele o previu?

Olhei para Eden e ela estava me estudando em silêncio, com a sobrancelha franzida. — Eu não sei — Ela disse finalmente. E inclinou a cabeça para o lado. — Você sabe que eu quero dizer, é possível que Hector tivesse algum tipo de dom psíquico e que ele... — Ela suspirou, parecendo frustrada antes de

continuar. — Eu não sei... Você acha que eram as vozes dos deuses falando com ele? — Ela virou-se mais plenamente para mim, com o olhar brilhante nos olhos que fez o meu peito apertar - querendo saber o que eu pensava.

— E se Hector tinha algum tipo de — Ela acenou as mãos em volta. — Precognição? Eu não sei. Eu vou ter que procurar isso, mas e se ele já tinha isso e era um pouco louco e por isso ele interpretou mal como uma espécie de mensagem dos deuses? — Ela franziu a testa. — É isso... Isso parece totalmente louco?

Eu suspirei. — Eu não tenho ideia. Sim, isso soa meio louco, mas não significa que ele era, sabe? Eu não tenho uma explicação melhor. A não ser que ele planejou chutar meu sistema e aconteceu coincidentemente de eu fazê-lo por ele.

— Ou que todos os fatores se uniram no caminho certo. Coincidência - a chuva, o eclipse... — Ela mordeu o lábio sem parecer convencida. Ela virou-se em seu banco e olhou para fora da janela. — Eu acho que nós nunca realmente saberemos.

— Não, não vamos. E de alguma forma, eu acho que está bem.

Eden suspirou. — Sim, essa é a parte mais difícil. Eu ainda não consigo acreditar que eles exumaram seu corpo — Ela estremeceu.

Ficamos em silêncio por um minuto. Eden se virou para mim novamente. — Sabe o que mais eu quero saber?

— Hmm?

Ela mordeu o lábio. — Bem, Hector sempre proclamou que o prenúncio dizia que eu seria sua única esposa legal. Mas no nosso casamento, eu nunca assinei nada. E nem sequer sabia meu sobrenome naquele momento. Ele não poderia ter feito isso legal. Poderia?

Eu pensei sobre isso. — Eu não sei muito sobre as leis do casamento, mas, não vejo como ele poderia ter feito isso legalmente, considerando o fato de que você era uma criança desaparecida — Fiz uma pausa. — Apesar de tudo, um dos membros do conselho era um juiz no Arizona. Ele poderia ter planejado uma maneira de forjar documentos? — Algo veio até mim. — *Ou* talvez fosse apenas uma forma de *não* ter que se casar com Miriam ou Hailey. Ele estava usando um nome falso. Ele realmente não podia se casar com ninguém. Talvez ele usasse os prenúncios dos deuses como uma maneira de contornar as coisas que simplesmente não se encaixava com suas mentiras.

Os olhos de Eden pareciam tristes quando olhei para ela. — Tantas mentiras — Ela sussurrou. — É tão difícil diferenciar às vezes.

Eu segurei a sua mão. — Nós sabemos o que é verdade e o que não é, Glória da Manhã — Fiz uma pausa. — Isso soa como algo entre um sentimento e um sussurro. Lembra?

Eden sorriu suavemente para mim e apertou minha mão.

Depois de um minuto, eu disse: — Em um papo mais casual — Eu sorri para ela. — Quem você acha que eu peguei dando uns amassos no lado de fora da casa quando fui para a garagem pegar as malas da sua mãe?

A boca de Eden se abriu e ela olhou para mim por um minuto antes que seus olhos se arregalassem. — Bentley e Molly? — Ela disse entusiasmada.

Eu fiz uma careta. — Como você sabe?

— Eu sabia! Eu tinha um pressentimento. Será que eles viram você?

— Não, eu me abaixei ao redor da casa. Eu me senti como um voyeur. Eu só vi o cara uma vez.

Ela riu, mas depois seu rosto ficou sério. — Espere, você tem certeza que ele não estava se aproveitando dela?

Olhei para ela, sorrindo. — Se uma mulher for abordada com as pernas em volta do quadril de um homem, então sim.

Ela riu, jogando a cabeça para trás. Meu coração virou. Apenas rindo com ela, falando sobre coisas casuais parecia como um pequeno milagre. Por um lado, eu esperava que o sentimento fosse diminuir e, por outro, que ele nunca fosse embora.

Depois de um minuto, Eden ponderou: — Há histórias por toda parte, certo? — Ela se inclinou para trás, parecendo feliz com isso.

Chegamos a French Lick, Indiana, por volta das oito horas da noite e segui as instruções que tinha escrito até o resort onde tínhamos reservas sob o nome de Molly, junto com sua identificação.

— Uau — Eden sussurrou quando entramos pelos portões e dirigimos por uma estrada longa e sinuosa para West Baden Springs Hotel, logo a diante estava a estrada do French Lick Hotel e Casino.

Mesmo que estivesse escuro, eu podia ver que os jardins eram a perfeição paisagística, com arbustos floridos e uma abundância de enormes árvores antigas.

Ficamos em silêncio quando o hotel entrou em nossa visão, um enorme, resort histórico pintado de um amarelo suave, com um edifício circular no centro com uma colossal cúpula de vidro. Todos os locais turísticos que eu tinha

olhado diziam que o prédio foi decorado seguindo os SPAs mais luxuosos da Europa. Eu nunca fui para a Europa, mas poderia concordar com a parte do luxo.

Eu virei para um estacionamento embaixo da colina e parei no canto, ao lado de alguns grandes arbustos. Nós saímos e eu peguei as malas do porta-malas e enfiei um boné de beisebol na minha cabeça. Eden tirou da sua bolsa um tipo de faixa de cabelo e colocou seu cabelo longo e loiro em um coque apertado na parte de trás de sua cabeça. Caminhamos de mãos dadas a curta distância até o hotel.

— Oh — Nós dissemos quando entramos pela porta principal. Olhei para Eden e nós dois rimos baixinho. Do lado de dentro, a cúpula era ainda mais impressionante. Nós andamos através do grande átrio com nossas cabeças girando em todas as direções. Havia varandas dos quartos de hotéis ao redor do perímetro da cúpula com portões de ferro forjado para fazê-los parecer antiquados. A enorme sala aberta tinha grandes áreas de estar em todos os lugares, com um bar e algumas lojas em lados opostos. Eu nunca tinha visto nada parecido. Eu me sentia como se estivéssemos em outro mundo ou pelo menos outro país. Isto era exatamente o que precisávamos.

Sentei-me num pequeno sofá no hall de entrada e fingi olhar em um folheto enquanto Eden foi até a recepção para o check-in. Poucos minutos depois, ela estava vindo em minha direção, sorrindo com um cartão chave na mão. Demos as mãos enquanto íamos até o elevador para o nosso quarto, eu não conseguia evitar o sorriso que tomou conta do meu rosto e a emoção que brotou em meu peito. Eu me sentia como se tivéssemos um círculo completo.

Seguimos as indicações para o nosso quarto e quando vi uma máquina de Coca-Cola por um corredor, eu puxei Eden comigo, soltando as malas, tirando duas notas de dólares e comprando duas latas. Eu entreguei uma para ela e, em seguida, abri a outra, encostei-me à parede enquanto engolia toda a coisa em longos goles, a doce efervescência enchendo minha boca, o gosto que eu ainda associava à felicidade proibida. Quando olhei para cima, Eden estava me olhando com um sorriso enorme no rosto. Ela riu alto e piscou para mim, inclinando-se e beijando-me rapidamente na boca.

— Bom? — Perguntou ela.

Eu respirei fundo. — Muito bom.

Cinco minutos depois, estávamos trancados com segurança dentro do nosso quarto de hotel.

# CAPÍTULO QUINZE

**Calder**

— Aqui diz que há um pequeno museu na cidade, que conta a história do hotel — Disse Eden, dando uma mordida na torrada com manteiga e geleia com uma mão e segurando o folheto com a outra.

Eu me inclinei na cadeira, tomando meu café e deixando os olhos vaguearem sobre ela. — Tudo o que você quiser fazer — Eu disse. — Eu aceito — Eu levantei uma sobrancelha. — Nós poderíamos apenas ficar na cama por alguns dias.

Ela sorriu, mas não olhou para mim. — Você ainda não teve o suficiente de mim? — Ela perguntou, ainda lendo o folheto.

— Nunca.

Ela levantou uma sobrancelha e, finalmente, colocou seus olhos em mim. — Nós fizemos isso uma vez antes, lembra? Foi... Pegajoso.

— Foi maravilhoso.

Seus olhos ficaram gentis. — Foi. E necessário. Mas esta semana eu quero sair e andar por aí com você, sentir o sol no meu rosto.

Eu sorri. — Então coloque sua bundinha perfeita no chuveiro.

Ela se levantou e caminhou em direção ao banheiro, me lançando um olhar por cima do ombro. — Você não vai se juntar a mim?

Não precisa perguntar duas vezes. Eu me levantei e sai da minha cadeira antes que ela pudesse dar mais um passo. Sua risada soou quando eu cheguei por trás dela e a peguei para que pudéssemos entrar no chuveiro o mais rápido possível. Nós deixamos a porta do banheiro aberta e não tentamos ficar quietos. Eu me sentia muito bem em não me esgueirar mais.

Uma hora depois, estávamos vestidos e de mãos dadas, quando andávamos entre as lojas no átrio. Eden tinha sua franja penteada para trás, com um grande lenço rosa claro amarrado em um nó na parte de trás de seu pescoço e óculos de sol. As pessoas ainda olhavam em sua direção, mas eu percebi que era só porque ela era muito bonita, não porque alguém a reconheceu.

Eu tinha o mesmo boné de beisebol, mas não muito mais para me disfarçar. Parecia o suficiente. Ninguém olhou duas vezes para mim.

O tempo estava fresco e claro e nós dois levamos casacos, mas naquele dia, o sol brilhava e estava quente o suficiente para caminhar até o casino um pouco mais afastado e almoçar na varanda de um restaurante local.

Meu corpo relaxou e minha alma encontrou a paz e serenidade de apenas estar com Eden, desfrutando da nossa liberdade. Tinha levado todo esse tempo, e finalmente tivemos uma pequena porção disso. Apesar de tudo o que tinha perdido, apesar de todas as maneiras em que *ambos* fomos despidos, tínhamos um ao outro e poderíamos finalmente comemorar isso. Eu poderia finalmente começar a deixar-me acreditar a manter as promessas nessa vida - para mim, para ela, *para nós*.

Essa semana nós relaxamos. Nós andamos por aí apreciando os pequenos locais da cidade, onde escolhemos surpreender um ao outro com o que pensamos que o outro gostaria com pequenas quinquilharias das lojas turísticas, fizemos passeios a cavalo uma vez, fazíamos amor sempre que queríamos, e nós acordamos todas as manhãs emaranhados um no outro. Era o paraíso. Eden foi para o SPA uma vez, e nós nadamos na pitoresca piscina grande. Enquanto nós descansávamos ao lado, Eden pegou um livro e eu olhei para ela, observando a capa.

— His Rockin' Heart[7]? — Eu perguntei, levantando uma sobrancelha.

Eden riu, colocando o livro na sua barriga por um minuto e olhando para mim com o rosto assumindo uma coloração rosa. — Pode soar como um título bobo, mas é tão bom. E eu não consegui ler romances por todo esse tempo — Sua expressão assumiu um breve toque de tristeza. — Eu simplesmente não podia — Ela balançou a cabeça. — Doía demais. Aquele que eu li na Kristi, foi à última vez que eu me lembro de ter *esperança* — Ela parou por tanto tempo que me perguntava se ela continuaria. — Mas agora — Ela deitou a cabeça para trás na espreguiçadeira e mordeu o lábio. — Eu posso, e gostei do primeiro. *Muito* — Ela deu um sorriso sedutor para mim.

Lembrei-me daquele dia no apartamento de Kristi, o olhar doce de esperança no rosto de Eden... Nosso último momento verdadeiramente feliz antes de sermos arrastados de volta para o inferno. Olhando para a mesma expressão esperançosa suave em seu rosto agora, fez a gratidão bater em meu coração com uma força súbita que quase me sacudiu. De algum modo... *De alguma forma*, nós tínhamos encontrado o nosso caminho de volta. E eu nunca, nunca queria que esse olhar desaparecesse do seu belo rosto. Eu sorri de volta para ela. — Oh, eu me lembro daquele livro — Eu disse. — Era uma obra-prima.

---

[7] His Rockin' Heart – Seu Coração Torturante.

Eden riu. — Na verdade, depois de ler um pouco nos últimos anos, eu vim a perceber que era realmente um livro ruim — Ela colocou a voz em um sussurro dramático sobre as três últimas palavras.

Eu levantei uma sobrancelha. — Quem disse? Eu não, isso é certo. Eu daria a classificação mais alta, isso é o que eu dou a uma obra de arte.

— Cinco estrelas — Ela sorriu.

— Cinco mudanças de vida de estrelas *extremamente* satisfeitas — Eu disse, sorrindo e levantando as duas sobrancelhas.

Eden riu. — Nós vamos ter que esperar essa medida, então — Ela sorriu animadamente para mim novamente e voltou à leitura.

Mais tarde, fizemos um passeio pelos jardins e falamos sobre onde iríamos com a nossa vida. Eu ligaria para várias galerias quando voltássemos e Eden daria aulas de piano. Nós compraríamos uma nova Cama de Cura e contrataríamos alguém para limpar e reparar o meu apartamento bagunçado para que eu pudesse entregá-lo para o cara que tinha alugado para mim. Então nós teríamos que procurar um novo em uma parte boa da cidade, um que nós escolhêssemos juntos. Eu ia comprar um sistema de alarme de alta tecnologia no mercado. E casar com a minha garota. Eu não mencionei essa parte com ela novamente, mas na minha mente, era a minha prioridade quando voltássemos. Eu não seria capaz de comprar um anel muito extravagante de imediato, mas não achava que Eden se importaria.

Frequentemente nós mandávamos mensagens e muitas fotos para Xander, Carolyn e Molly atualizando-os sobre o que estávamos fazendo.

No quinto dia em que estávamos lá, Molly enviou a Eden uma mensagem que parecia importante e então Eden ligou de volta. Eu estava deitado de costas na cama passando pelos filmes. Foi o dia em que tínhamos ido andar a cavalo e então nós dois estávamos cansados, doloridos e ansiosos para relaxar a noite.

— Ei, Molly — Eu ouvi Eden dizer.

Ela ouviu por um minuto e quando a vi a cor sumir do seu rosto, sentei-me, olhando para ela.

— Tudo bem — Disse ela em voz baixa. — Obrigada por nos avisar... Não, eu sei... Sim, estou bem. Estamos bem — Eden olhou para mim e depois para longe. — Ok. Eu também amo você. Tchau, Molly — Ela desligou e ficou olhando para a frente por um minuto.

— Eden? — Eu perguntei, o medo rastejando em minha voz. — Você está me assustando. O que há de errado?

— Clive Richter foi assassinado na prisão esta manhã. A polícia veio nos dizer. Molly disse que estávamos com um amigo por uns dias. Disse-lhes que ela ligaria para nós — Sua voz soava plana e o alarme disparou através de mim.

— Como?

Os olhos de Eden encontraram os meus. — Esfaqueado.

Eu pisquei para ela por um minuto, absorvendo a notícia, tentando descobrir se eu estava chateado com isso. Inclinei a cabeça. — Será que eles sabem por quê?

Eden mordeu o lábio e veio sentar-se na cama ao meu lado. Ela balançou a cabeça. — Ela disse que não tinha sequer um suspeito. Embora ele estivesse na prisão com várias pessoas que ele havia prendido. Conhecendo a personalidade de Clive, ele fez inimigos por todo o lugar.

Franzi minha testa. Eu não poderia discordar disso. Clive era o tipo de homem que fazia a vida das pessoas miseráveis, especialmente quando ele tinha poder. Eu pensei no momento que eu o tinha dominado fisicamente no pavilhão principal antes que eu soubesse que ele era um policial. Eu já sabia que ele era o tipo de policial que precisava de uma arma para mostrar alguma força. E ele não tinha qualquer vantagem ou uma arma na cadeia. Ainda assim, eu estava desapontado que ele nunca cumpriria pena por seus crimes? Eu estava desapontado que ele nunca ia ser oficialmente acusado dos crimes contra Eden e eu? Flashes dele parando em seu carro de polícia, segurando Eden e eu de costas... Observando como Hector começou a por fogo em meus pés... Batendo em Xander... — Bom — Eu finalmente disse.

Os olhos de Eden fixaram nos meus. Ela procurou meu rosto por vários segundos e, em seguida, inclinou-se e colocou os braços em volta de mim, me puxando para perto. Ela sabia exatamente o que eu estava pensando, como ela sempre fazia. E ela me perdoou. Soltei um suspiro e puxei-a contra mim.

Quando nos soltamos, ela disse. — Não haverá um julgamento agora. Sabemos disso com certeza.

— Bom — Eu repeti, percebendo que, apesar de eu ter passado pelo julgamento e encarado isso sem medo, era outra formas que nós fomos libertados. — Eu não sei se ele merecia morrer, Eden. Eu acho que não é o meu trabalho determinar isso, embora se eu tivesse tido a chance de matá-lo naquele dia, eu o teria feito. Mas ele era culpado, e era um homem mau, não há nenhuma dúvida em minha mente nisso. Então, eu não tenho um problema com o que aconteceu com ele. E talvez nós não tenhamos justiça no sistema judicial, mas a justiça que temos por estar livre dele? Isso é suficiente.

Ela assentiu com a cabeça. — Para mim, também.

Tomamos um banho longo e quente juntos e quando saímos vimos através das luzes uma chuva constante caiando lá fora. Ficamos debaixo das cobertas e assistimos filmes pelo resto da noite. Lá dentro, eu me sentia bem, mas ainda segurei Eden firmemente naquela noite. E pela manhã, ficamos na cama até bem depois das onze horas.

— Vamos para o museu hoje — Eden sugeriu quando nós estávamos nos vestindo. — É realmente a única coisa que não fizemos.

— Tudo bem — Eu concordei. — Devemos pensar em voltar para Cincinnati?

Ela parecia triste. — Talvez apenas mais alguns dias? Eu não estou pronta para ir ainda.

Eu sorri. — Nem eu.

Lá fora, o ar cheirava fresco e eu respirei fundo. A chuva tinha lavado tudo e de alguma forma, o mundo parecia mais brilhante.

Nós passeamos no centro da cidade e fomos para o pequeno edifício que ocupava o Museu French Lick West Baden e esperamos o guia terminar com mais uma turnê. Nós éramos os únicos no próximo grupo e eu segurei a mão de Eden enquanto caminhávamos através do edifício com o guia turístico expondo todos os artefatos.

Enquanto estávamos em pé e olhávamos para um cartaz de um anúncio de uma empresa que vendeu água da fonte como um elixir no ano de 1800, nosso guia explicou. — Pluto Water é o que fez o resort French Lick famoso. Ela foi vendida como um remédio para doenças crônicas do estômago, o fígado, os rins. Foi declarado que estas águas tinham poderes milagrosos para curar tudo, desde asma ao alcoolismo até doenças venéreas — Ele riu. — As casas foram construídas ao redor das nascentes para que as pessoas pudessem beber e mergulhar na Pluto Water.

Eden inclinou a cabeça. — Por que era chamado Pluto Water? — Perguntou ela.

— Oh, ele foi nomeado para o deus do submundo, porque as águas vieram do subterrâneo e eram escuras como o mítico rio Styx.

Olhei de relance para Eden, que tinha uma pequena expressão feia em seu rosto e, em seguida, voltei ao cartaz. *Descanso para os cansados, cura para o mal,* eu li. — Será que as coisas realmente funcionavam? — Perguntei.

O guia riu novamente. — Bem, eles testaram a água em algum ponto e foi descoberto que era cheia de duas coisas — Ele olhou para nós quando continuou através do museu. — Sal e traços de lítio.

— Lítio? — Eu perguntei quando ele parou em outro monitor.

— Sim, eles usam isso agora como um estabilizador de humor para as questões de saúde mental. Claro que você tem que beber muito dessa água para obter os efeitos, mas um pouco, com certeza deixaria a pessoa de bom humor, e o sal limpa muito rápido algumas doenças e provavelmente você se sentiria melhor. Temporariamente, pelo menos — Ele continuou, minha frequência cardíaca acelerou. Olhei para Eden e eu podia ver que ela estava pensando a mesma coisa que eu.

— Senhor — Eu interrompi. — Existem outras nascentes? Quero dizer, em outras partes do país? É possível?

— Oh, eu suponho que é possível. Eu não conheço pessoalmente quaisquer outras, mas poderia ter.

Eu balancei a cabeça e continuamos, minha mente girando em um milhão de direções. Quando finalmente agradecemos o guia e retornamos para a grande varanda da frente do museu, Eden sussurrou. — Hector, ele esteve aqui, não esteve?

— Acho que sim — Eu disse, olhando em volta como se de repente eu o visse andando em nossa direção na calçada. Eu tremi, apesar do sol de outono e puxei Eden para o meu lado.

— Será que ele encontrou uma nascente que tinha os mesmos elementos? — Ela perguntou, franzindo a testa.

Eu balancei minha cabeça. — Isso ou ele acrescentou, se isso é mesmo possível. Eu não sei. Tudo que eu sei é que Pluto Water — Eu olhei para ela. — Era o mesmo que a nossa água sagrada.

# CAPÍTULO DEZESSEIS

**Calder**

Nós andamos um pouco mais e em seguida Eden saiu para o compromisso no SPA para fazer massagem, enquanto eu voltava para o quarto para assistir a outro filme. Fiquei com aquela coisa da água da nascente na minha cabeça, mas não consegui chegar a nenhuma conclusão. Seria possível que fosse apenas uma coincidência? O que conectou Hector a este lugar diferente do fato de que Eden tinha certeza de que ele a havia trazido a este Estado depois que a raptou? Achei que faria sentido que o primeiro membro do conselho que tentou recrutar - o pai de Eden – estaria próximo. E seria mais provável que Hector teria ouvido a história do pai de Eden - isso era praticamente local.

Deitei-me na cama sem me preocupar em ligar a TV. Minha mente continuava dando voltas e voltas na ligação de Heitor com Indiana, e agora, este lugar em particular. Era o nome Pluto Water - uma conexão grega - como todas as outras conexões gregas na nossa religião e tantas outras partes de Acadia. Mas o que isso significava? Eu não tinha ideia. Seria possível que Hector simplesmente viajou por essa parte do país e tinha gostado da ideia da nascente e procurou-a em outro lugar - no Arizona? Tantas coisas eram possíveis. E nós provavelmente nunca realmente entenderíamos nada disso.

Eu enviei uma mensagem rápida a Xander sobre a água e lhe disse para procurá-la on-line e me dizer o que pensava. Ele mandou uma mensagem de volta e me disse que estava trabalhando, mas que faria quando chegasse em casa.

Antes que percebesse, eu tinha adormecido e Eden estava correndo os dedos pelo meu cabelo delicadamente. Abri os olhos e olhei para seu rosto bonito, sorrindo sonolento. Havia algo quase como medo em sua expressão. — Oi — Eu resmunguei.

— Oi — Ela disse em voz baixa.

Sentei-me um pouco. — Você está bem? Como foi a sua massagem?

— O quê? Oh, isso foi bom. Bom — Ela se levantou e foi em direção ao banheiro. — Eu vou tomar banho e tirar toda essa loção de cima de mim e depois podemos jantar? — Ela falou atrás dela, fechando a porta do banheiro.

Franzi a testa ligeiramente. — Sim, tudo bem — Eu respondi.

Pegamos um ônibus para o restaurante a poucos quilômetros do nosso resort que a recepção recomendou. A atmosfera era romântica e a comida excelente, e ficamos de mãos dadas durante toda a refeição, mas Eden parecia distraída. Quando eu perguntei a ela o que era, ela apenas disse que a massagem anterior deveria ter embaçado seu cérebro. E então ela me ofereceu um sorriso caloroso e apertou minha mão.

Voltamos para o hotel mais cedo, Eden ficou na cama e pegou seu livro, e então coloquei um programa de TV, e eu adormeci antes mesmo do programa terminar.

Fui acordado pela mão de Eden mergulhando abaixo do cós da minha cueca e eu gemi.

— Eu terminei o meu livro — Disse ela no meu ouvido. — Você estava dormindo?

— Não — Eu menti, não estava disposto a colocar qualquer tipo de impasse com o que ela estava fazendo.

Ela deslizou a mão para baixo e me apertou suavemente. Eu gemi novamente. Ela desceu a mão mais baixo e segurou minhas bolas na sua palma. — Oh Deus, Eden.

Rolei e peguei seu rosto em minhas mãos, beijando sua boca profundamente até que os pequenos gemidos doces que eu tanto amava surgiram da sua garganta.

— Fale-me sobre seu livro — Eu sussurrei quando liberei sua boca. Eu sorri contra seu pescoço antes de passar meus lábios sobre ele levemente. Luxúria passou por mim quando ela inclinou a cabeça para trás e arqueou o corpo contra o meu.

— Hmm — Ela cantarolou enquanto eu puxava sua blusa para cima e sobre a cabeça. Minha boca foi imediatamente para o seu doce mamilo rosa. Eu sabia que ela adorava e eu também. Enquanto eu chupava e brincava com o pico duro, ela passava os dedos pelo meu cabelo.

— Hendrix Cooper, viciado em drogas, bebidas alcoólicas e vocalista da Devout Wenches, tem uma noite de sexo com quem ele pensa que, em seu estado embriagado, é uma groupie enlouquecida.

Eu levantei a minha cabeça. — Devout Wenches?

Eden fez um som frustrado em sua garganta e agarrou minha cabeça, empurrando-a de volta para seu seio. Eu sorri e retomei o que estava fazendo. Ela suspirou.

— O que ele não percebe até mais tarde é que era, na verdade, sua assistente, Polly Honeycutt, uma menina pobre do sul, cuja família inteira morreu quando um tornado veio rasgando o pequeno parque de trailers. Ela foi forçada a encontrar o primeiro emprego que podia e é claro, ficou secretamente apaixonada pelo bad boy danificado, mas adorável.

— Danificado? — Eu zombei, movendo-me para o outro seio e beijando-o uma vez, suavemente. — Ele parece mais como uma completa bagunça.

Eden gemia enquanto eu chupava seu mamilo em minha boca, passando minha língua ao redor dele. Ela enrolou as pernas em volta dos meus quadris e roçava contra a minha dureza. Eu fiz um som estrangulado na garganta. Deus, ela era boa. Eu movia meus quadris em círculos lentos contra ela ao ritmo da minha boca. Ficamos em silêncio por vários minutos, o desejo nos deixando sem palavras.

— Não somos todos, da nossa maneira?

Fiz uma pausa, tentando lembrar onde estava. — É verdade — Eu concordei, ajoelhando-me para que pudesse retirar seu short.

Enquanto eu deslizava seu short e calcinha por suas pernas, ela disse: — De qualquer forma, ele tinha suas razões. Ele foi abusado pelo diretor no colégio onde seus pais o enviaram porque não podiam ser incomodados por ele, e embora ele gritasse por socorro durante anos, nunca ninguém foi em seu socorro — Ela balançou a cabeça com a tristeza passando sobre sua expressão. Fiz uma pausa. Eu deveria confortá-la ou continuar aqui? Mas Eden tirou a calcinha e o short e sentou-se, trazendo sua boca para a minha.

Nós nos beijamos nessa posição até que eu estava pulsando tão forte que não poderia suportar mais um minuto. — Eden — Eu gemi.

Ela piscou para mim com os olhos brilhantes e semicerrados. Então, ela me empurrou na cama e tirou minha cueca rapidamente.

Ela ficou em cima de mim e segurou minha ereção em sua mão quando se empurrava para baixo, empalando-me. Eu gemi ao sentir seu aperto molhado.

Eden fechou os olhos e começou a se mover para cima e para baixo muito lentamente. — Era um longo caminho para eles — Disse ela, com os olhos ainda fechados. — Hendrix teve que ir para a reabilitação e demitir sua empresária, Naomi Garnet, que estava constantemente tentando entrar em suas calças e estragar as coisas para ele e Polly de forma perspicaz e má — Ela começou a se mover mais rápido e eu senti que poderia desmaiar de tão bom que era sentir isso. Eu me inclinei e peguei seus seios pequenos perfeitos em minhas mãos e passei os polegares sobre os mamilos até que ela jogou a cabeça para trás e começou a cavalgar mais rápido.

Eu senti meu orgasmo rodopiando e minhas bolas enrijecendo firmemente contra o meu corpo. E então isso me atingiu e eu gemi muito alto com o súbito e intenso prazer, contraindo meus quadris para dentro dela. Eden engasgou e depois tombou para a frente, em mim, gemendo seu próprio clímax. Deus, eu adorava isso.

Eu coloquei meus braços em volta dela, envolvendo suas pequenas costas e apenas a segurei ali, respirando seu perfume doce e amando-a tão intensamente, que fez meu coração acelerar.

— Polly — Disse ela com uma voz um pouco acima de um sussurro. — Você merece um homem que vai amá-la de maneira que faz você se sentir como o anjo que é. Algum dia talvez eu seja esse homem, mas agora, eu não sou. E eu te amo muito para oferecer algo menos que isso. Espere por mim, Polly. Acredite em mim. Seja minha razão de lutar.

Ela ficou em silêncio por um segundo enquanto eu esperava.

— Sinto muito, Hendrix — Ela sussurrou. — Eu não posso — Senti a umidade de uma lágrima cair no meu ombro enquanto eu esperava novamente.

Quando ela permaneceu em silêncio, eu disse: — E então?

Ela balançou a cabeça no meu ombro. — E depois nada. Esse foi o fim.

— Que diabos? — Eu perguntei, sentindo um ultraje que não teria admitido.

— É um cliffhanger[8] — Disse ela. — Nós vamos descobrir o que acontece em três meses.

— Pode apostar que vou — Eu disse.

Eden começou a rir e eu saí dela com o movimento. Ela levantou a cabeça e olhou para mim. — Estou grávida — Ela sussurrou.

Meu corpo inteiro congelou. Ela continuou a me observar de perto quando fiquei boquiaberto para ela. — Eu... O quê? Eu pensei... Você disse...

Ela assentiu com a cabeça, movendo-se de cima de mim e deitando-se de lado. Eu me virei para ela. — Eu sei. Estou chocada, também. O médico disse que seria altamente improvável que eu engravidasse sem ajuda. Eu não sei o que dizer. Eu sinto que enganei você ou algo assim — Ela continuou me olhando com os olhos arregalados e cheios de preocupação.

---

[8] Cliffhanger: é um gancho, quando se termina a história em momento crucial, mantendo em suspense, a espera de conclusão.

— Eden — Eu disse suavemente quando meu coração finalmente bateu de volta à vida. Eu coloquei uma mão em sua barriga. Ela respirou fundo.

— E você... Você está feliz?

Fiquei chocado, não completamente me sentindo pronto para ser pai de um bebê. Mas eu sabia o quanto Eden tinha sofrido de ter o nosso bebê roubado, o quanto nós dois tínhamos sofrido. E pensando que ela nunca seria capaz de ter outro. Uma sensação de alívio, seguido rapidamente por alegria, encheu meu coração. Eu coloquei minha mão em sua bochecha e sussurrei: — Sim, eu estou feliz. E você?

Lágrimas encheram seus olhos e ela assentiu. Puxei-a para perto e respiramos juntos por alguns minutos. — De quanto tempo? — Perguntei.

— Cerca de cinco semanas, eu acho. Eu não sei. Eu comprei um teste na drogaria quando paramos hoje e fui ao banheiro no SPA — Ela fungou contra meu peito.

— Será fizemos este bebê na Cama de Cura? — Eu perguntei com um sorriso.

Eden deu uma pequena meia risada e meio grito. — Eu acho que nós fizemos.

Eu deixei a notícia ser absorvida. — Parece certo. Sinto como se fosse uma segunda chance — Eu sussurrei.

Eden balançou a cabeça e fungou novamente.

Uma parte minha parecia inadequada... Eu ainda não tinha um nome, uma identidade, muito menos a capacidade de apoiá-los ainda. Mas eu sabia de uma coisa. — Eu vou te proteger, ambos — E disse. — Eu não vou deixar nada acontecer com vocês.

Eden recostou-se e estudou o meu rosto com seus olhos perturbados. — Eu sei que você vai — Disse ela. — Nunca, nem por um segundo, duvidei disso.

Eu respirei profundamente e puxei-a para mais perto. Nós adormecemos nos braços um do outro - uma pequena nova vida, aninhada entre nós, na segurança do corpo de Eden.

Na escuridão da noite, Eden me balançou para acordar. — Você está sonhando, Caramelo — Ela disse suavemente com gentileza em sua voz. — Você está sonhando com eles.

Deixei escapar um suspiro forte, tentando controlar meu batimento cardíaco. Eu coloquei minha mão em meu cabelo e segurei-o. Um sentimento de

medo profundo tinha se instalado em algum lugar dentro de mim e não ia embora. — Sim — Eu disse ofegante.

— Você não teve pesadelo por um bom tempo — Disse ela baixinho, colocando a cabeça no meu peito e envolvendo o braço em volta da minha cintura nua.

— Eu sei — Eu disse começando a relaxar um pouco.

— É por causa do bebê? — Ela perguntou.

— Eu... Talvez — Puxei-a para mais perto. — Mas só porque eu quero muito mantê-lo em segurança — Ela beijou minha pele suavemente.

— Você vai nos manter seguros. Eu confio em você, Calder — Disse ela com a ternura em sua voz.

Pela primeira vez em muito tempo, eu fiz uma oração ao Deus da Misericórdia. Eu queria desesperadamente não decepcioná-la.



O dia seguinte estava mais frio do que o anterior e Eden colocou um grande suéter e eu duas camisas de mangas compridas antes de sair para o café da manhã. O ar estava frio, mas o céu estava sem nuvens e azul, e havia um leve cheiro de folhas queimadas no ar que eu tinha aprendido a associar com outono desde que estava no mundo aqui fora.

Eu segurei a mão quente de Eden na minha e nós permanecemos assim durante a nossa refeição. O temor do pesadelo liberou suas garras na luz do dia e eu estava me sentindo esperançoso. Deveria ser normal que eu tinha alguns sonhos ruins, os pesadelos voltariam temporariamente. Eden tinha me dado boas notícias e isso tinha me abalado, e naturalmente, trouxe à tona lembranças da primeira vez que tínhamos gerado uma vida e como cruelmente essa vida foi tirada de nós.

— Devemos pensar em ir embora hoje ou amanhã — Eu disse, olhando para Eden. Ela estava com seu cabelo puxado para trás do seu rosto e os óculos escuros descansando em cima da sua cabeça. Seu suéter grosso preto cobria até o queixo e a malha escura contra sua pele a fazia parecer mais clara que o normal. Ou talvez ela simplesmente estivesse brilhando. — Eu acho que você deveria ir ao médico o mais rápido possível para garantir que tudo esteja bem.

Seus os olhos encontraram os meus e ela balançou a cabeça.

— Assim que voltar, vou pedir à polícia para me ajudar a conseguir um número de segurança social, como eles estão fazendo para Xander. Eu não posso sempre esperar que alguém venha me procurar. Isso provavelmente não acontecerá nunca e eu tenho uma vida para construir para nós — Casar com ela era ainda mais importante do que nunca agora. Perguntei-me vagamente como Carolyn iria receber esta notícia.

Eden balançou a cabeça, olhando para mim preocupada. — Tudo bem.

Eu a observei separar sua comida e depois de alguns minutos, ela disse: — Eu tenho uma ideia — Ela me olhou um pouco nervosa.

— Uh oh — Eu brinquei, um lado da minha boca curvando-se.

Ela riu. — Eu sei, certo? Não, realmente — Sua expressão ficou séria. — Eu sei que não tive muita oportunidade de falar sobre essa coisa de água desde ontem, e as chances são de que seja uma coincidência, eu acho. Mas não consigo evitar e me pergunto se Hector não só passou por aqui, mas... Oh, eu não sei mesmo — Ela apertou os lábios. — Eu pensei que talvez pudéssemos ir à biblioteca local e procurar algumas coisas.

Eu fiz uma careta. — Que tipo de coisas?

Sua expressão ficou pensativa e ela mordeu o lábio inferior. — Eu não sei. Mas acho que vale a pena tentar. Se não descobrirmos algo, é porque não tem nada. Mas nós somos os únicos que sabemos sobre esta possível conexão com a French Lick, Indiana. A polícia não vai ter um palpite sobre água da nascente. Se não tentar, ninguém mais o fará. E quem sabe se um dia nós voltaremos para cá.

Eu sorri do outro lado da mesa para ela. — Minha pequena pesquisadora de conhecimento — Eu disse.

Ela soltou um suspiro e depois riu baixinho. — Isso é culpa sua — Ela piscou. — O que você acha?

Eu considerei isso por um minuto. — Sim. Tudo bem — Cruzei os braços na frente do meu peito. De repente, senti mais frio.

Meu celular apitou e eu olhei para o texto.

***Xander: Cara, Pluto Water? Soa como nossa água sagrada??***

***Eu: Eu sei. Nós também pensamos assim. Não sei o que fazer com isso. Verificando algumas coisas. Vou falar com você depois.***

***Xander: Okay. Você está bem?***

***Eu: Melhor do que nunca. Você está bem?***

***Xander: Sim***

***Eu: Falo com você em breve***

***Xander: Até mais tarde***

Perguntamos o garçom sobre a biblioteca mais próxima e, em seguida, reunimos nossas coisas. Ficava a uma curta distância.

Menos de dez minutos depois, estávamos andando através das portas da biblioteca pública.

— O que estamos esperando encontrar aqui? — Eu perguntei em um tom moderado enquanto Eden olhava em volta.

Ela dirigiu-se para uma bibliotecária que descarregava um carrinho e eu segui. — Eu não tenho certeza — Disse ela. — Como eu disse, talvez nada. Eu pensei em olhar alguns jornais da época, quando Hector levou-me de Cincinnati e me trouxe para Indiana, talvez algum lugar perto daqui.

Franzi minha testa, mas a segui.

Trinta minutos mais tarde, estávamos procurando através do computador interno da biblioteca, passando pelo jornal local procurando o que, eu não tinha certeza. A bibliotecária tinha explicado que as cópias de outros jornais poderiam às vezes ser encontrados on-line, mas era uma cidade tão pequena que os jornais só foram catalogados lá. Eden se sentou e rolou através das principais notícias enquanto eu me sentei ao lado dela, apenas observando. Eu estava feliz o suficiente apenas para me sentar e olhar para ela. Além disso, o silêncio era bom, enquanto eu considerava muitas coisas que nós precisávamos fazer quando voltássemos para Cincinnati.

Depois de um tempo, Eden deixou escapar um suspiro e virou-se para mim com um pequeno sorriso envergonhado no rosto. — Eu nem sei o que estou fazendo, ou o que estou procurando. Eu estou disperdiçando as nossas férias.

Eu me inclinei na cadeira, vendo sua expressão decepcionada. Eu balancei minha cabeça, pensando por um segundo. — Tudo bem, espere, vamos rever o cronograma. Aquele que tinha na parte de trás da sua porta? Você memorizou?

Ela deu um riso suave. — Infelizmente, sim. Por quê?

— Ok — Eu me inclinei para a frente e coloquei os cotovelos em minhas coxas. — Então, nós vamos procurar artigos que saíram no tempo que você foi sequestrada. Mas — Eu considerei as coisas por um minuto. — Acadia foi formada anos antes disso. Não seria mais seguro assumir que se algo aconteceu, eu não sei, *inspirou* Hector para formar Acadia, que esse evento teria acontecido antes?

Eden olhou para cima, considerando as minhas palavras. — Pode ter alguma coisa ligado lá. Então, pelo que sabemos da polícia e quando o terreno foi comprado, Acadia foi formada um ano antes de você nascer, você nascendo lá ou não — Ela olhou para mim e depois para longe novamente. — Então, talvez devêssemos olhar antes, artigos de poucos meses antes disso? — Seus olhos estavam brilhando. Eu não pude deixar de sentir como se fosse uma pequena aventura, também, apesar do tema.

— Vamos fazer isso.

Eden olhava para frente do computador novamente, concentrando-se, e eu me sentei na minha cadeira enquanto ela rolava.

Enquanto ela se concentrava no que estava fazendo, olhei em volta da biblioteca, vendo as pessoas por alguns minutos. Havia um jovem casal em um dos computadores discutindo em vozes sussurradas. Havia uma mãe escolhendo livros de cores brilhantes de papelão com seu filho. Meus olhos pousaram sobre a criança que estava animadamente alcançando os livros que sua mãe lhe entregava, mal podendo acreditar que teríamos uma daquela em breve. Eu me perguntei se teríamos um menino ou uma menina... Se ele ou ela seriam parecidos. Quando eu olhei de volta para Eden, ela estava inclinada para o computador, focando intensamente em algo. Quando ela olhou para mim, seu rosto estava sem cor.

— O verdadeiro nome de Hector era Thomas Greer.

Meu corpo inteiro congelou. Imediatamente olhei em volta e depois me levantei e movi o meu corpo para proteger Eden, como se Hector, de alguma forma materializasse pelo que ela acabava de dizer. — Como você sabe? — Eu sussurrei asperamente, inclinando a cabeça na direção dela.

— Isso — Ela guinchou, apontando para a reportagem sobre a tela.

Inclinei-me e olhei por cima do ombro. Meus olhos rolaram rapidamente através do artigo e depois voltei e lê-lo de forma mais lenta, algo gelado enchendo minhas veias.

Havia um retrato que era claramente um jovem Hector no topo da página, com cabelos curtos e vestindo uma camisa e gravata. O título do artigo dizia: “Professor de História tem Família Assassinada em Assalto”.

— Oh, Deus — Eden resmungou com seus olhos não deixando a tela. Ela levou os dedos até os lábios enquanto nós dois líamos.

*A família do professor da* Indiana University Southeast *de História grega, Thomas Greer, foi encontrada morta na madrugada de domingo. O professor Greer voltou para casa de uma conferência para descobrir que sua mulher, Alice, e sua filha de cinco anos de idade, Danae, foram esfaqueadas em*

*sua casa. A polícia não tem nenhum suspeito neste momento, mas estão especulando que foi um assalto a casa. Nossa fonte no departamento de polícia nos disse que a casa de Greer poderia ter sido alvo porque a esposa de Thomas, anteriormente Alice Lockwood, era a herdeira de uma fortuna de mineração australiana e os ladrões provavelmente anteciparam a presença de dinheiro e joias. A família tinha planejado acompanhar Thomas Greer em sua viagem, mas sua filha ficou doente no último minuto e elas ficaram para trás.*

Nós rolamos para a frente com os olhos grudados na tela. Nós paramos em alguns artigos curtos, mas não havia mais informações oferecidas. Depois de alguns meses, o caso tinha estagnado. A polícia não tinha nenhum suspeito e Thomas tinha um álibi infalível. Ele esteve na conferência durante todo o fim de semana e se apresentou várias vezes.

Minha mente correu. Uma fortuna de mineração australiana. Bem, isso respondia à pergunta de onde o dinheiro de Heitor veio.

Eu observei quando Eden fez uma busca pelo nome de Greer e mais artigos surgiram.

— Olhe para isso — Eden disse calmamente, apontando o dedo para o final de um pequeno artigo na tela. Olhei mais de perto e li em voz alta. “Alice Greer (anteriormente Lockwood) e Danae Greer serão sepultadas neste sábado, cemitério de Nossa Senhora da Misericórdia”.

— Não, esta parte — Eden disse, movendo o dedo para baixo.

Eu li rapidamente os nomes “sobreviventes”, a maioria com o nome de solteira de Alice e depois parei quando cheguei à sua sogra. Willa Greer.

— *Willa*... Ela era sua mãe — Eu disse suavemente, imaginando os olhos azuis, envelhecidos.

*Vá para longe, muito longe. É o único lugar onde você vai viver.* E em algum lugar na minha mente pouco lúcida, essas palavras voltaram para mim. E por causa disso, eu tinha sobrevivido.

— Sim — Ela disse com uma nota de incredulidade em sua voz. — E olha para isso.

Eu olhava para a tela novamente, para outro artigo onde eles tinham conseguido uma declaração de Willa Greer. Ela estava em pé na frente da sua empresa, uma loja de adivinhação no centro de French Lick ao lado de outra pequena loja de turismo. “Senhora Willa conta seu Passado, Presente, Futuro. Entre.”. Engoli em seco, não completamente compreendendo o que isso significava. Outra placa em sua vitrine declarava: “A medicina holística aqui - o tratamento de doenças de todos os tipos.”

*Há espaço para mim aqui. Aqui eu sou útil.*

Voltei para o presente quando Eden pressionou para imprimir com as mãos trêmulas, levantou-se calmamente e agarrou as cópias do artigo quando elas saíram da impressora. Dobrou-as e empurrou-as em sua bolsa e, em seguida, fechou tudo e pegou minha mão. Então me puxou para fora da biblioteca.

Quando saímos para o ar quente, paramos e eu respirei fundo. Eu me inclinei para trás contra uma coluna em frente ao prédio e passei meus braços em volta dela, abraçando-a. — Hey — Eu sussurrei. — Você tem que manter a calma. Você tem uma pequena vida dentro de você.

Eden assentiu. — Eu sei — Ela sussurrou contra meu peito. — Foi apenas um choque. Ao vê-lo... Ouvir sobre seu passado. Eu nem sei o que sentir. Oh, meu Deus, Calder, o encontramos.

— Eu sei — Eu disse calmamente. — E não sei o que sentir.

Ela inclinou a cabeça e olhou para mim. — Nada disso... Nada disso supera o que ele fez.

Eu balancei a cabeça, olhando sem ver o estacionamento a minha frente. — Não, não. Na verdade isso pode piorar - fazendo vítimas, levando-a de seus pais quando ele sabia qual era a sensação de perder um filho, provocar o seu aborto — Minha mão foi automaticamente para sua barriga ainda plana.

Eden ficou em silêncio por um minuto. — Ele — Ela mordeu o lábio. — Ficou louco depois do que aconteceu com a sua família, ou...?

— Eu não sei. Talvez a polícia possa olhar para isso quando nós lhe contarmos seu nome.

Ela estremeceu contra mim e eu a puxei mais apertado. — Sim, talvez — Quando ela olhou para mim de novo, perguntou: — Será que devemos ligar para ele e dizer o que encontramos?

Franzi minha testa. — Vamos voltar amanhã. Vamos avisá-los quando voltarmos. A última coisa que eu quero é um monte de mídia aparecendo enquanto nós ainda estamos aqui. É a única coisa de que precisamos fugir.

— Verdade — Disse Eden. — Hector... *Thomas* está morto, de qualquer maneira. Eu acho que podemos esperar mais um dia. Entretanto, precisamos falar para Xander. Ele precisa saber sobre isso.

— Vamos dizer tudo isso para ele amanhã, também. Dessa forma, nós seremos capazes de mostrar-lhe todos os artigos. Além disso, devemos estar lá pessoalmente para soltar essa bomba em cima dele.

Eden assentiu. — Sim, você está certo — Ficamos ali por mais alguns minutos abraçados. Olhei para a bolsa de Eden, a metade do rosto de Willa Greer estava exposto em um pequeno canto de um dos artigos que estava para fora do topo. *Obrigado*, eu disse em minha mente, puxando Eden para perto.

Voltamos ao nosso quarto e tomamos um banho de espuma na grande banheira, a imersão na água morna, apenas apreciando a intimidade, mas principalmente perdidos em nossos próprios pensamentos. — Danae — Eden sussurrou. — Não é comum. Aposto que é uma princesa grega ou algo assim.

Eu beijei seu ombro. — Provavelmente. Você estava certa. Toda a coisa grega... Ele era um professor de História Grega. Deus, minha garota é inteligente — Eu sorri contra sua pele e esfreguei o nariz sobre ela, tentando fazê-la sorrir para diminuir um pouco da melancolia que estava a nossa volta, desde que tínhamos ido embora da biblioteca.

Eden riu suavemente. — Acho que a polícia tem uma vaga aberta para mim.

Eu ri. — Se forem inteligentes, eles têm.

Eden rolou na água e levou as mãos ao meu rosto e me beijou suavemente. Depois de alguns minutos, a água começou a esfriar, e o sangue começou a aquecer. Saímos do banho, eu a sequei e fiz amor com ela na espaçosa cama do quarto de hotel.

Nós pedimos serviço de quarto depois disso, contentes por passar a última noite lá, embrulhados um no outro. Pessoalmente, eu sentia que precisava disso, após o que tínhamos descoberto no início do dia. Eu precisava repor minhas emoções e encontrar o meu equilíbrio novamente e não havia melhor maneira de fazer isso do que bloquear o mundo e me concentrar exclusivamente em Eden.

Na manhã seguinte, eu estava me secando do chuveiro e jogando minhas coisas de volta na minha bolsa quando Eden sentou-se à pequena mesa percorrendo a Internet em seu laptop. Ela se virou para mim. — O que você acha de dirigir atravessando a cidade até Indiana University Southeast? A faculdade que Thomas Greer trabalhou?

Fiz uma pausa. — Por quê?

Ela inclinou a cabeça. — Eu não sei. Eu pensei que poderia reconhecer algo lá... Talvez a casa onde ele me mantinha? Eu ia para o quintal de vez em quando... O que você acha?

Eu fui até ela e agachei-me ao lado de sua cadeira. Ela se virou para mim e pegou minhas mãos nas dela. — Eden, se você precisa, vou fazer isso. Mas eu

não quero que isso perturbe você. Eu não quero arriscar sua saúde de nenhuma forma...

— Eu sou mais forte do que isso, Calder — Disse ela. — E, além disso, o conhecimento, a informação, *sempre* me fez sentir mais poderosa, mais no controle. Além disso, estamos tão perto. Eu não sei se nós vamos estar de volta dessa maneira, sabe? Uma vez que a vida está de formando — Ela colocou a mão em sua barriga em um gesto inconsciente. — Não vamos querer concentrar em nada disso. Vamos querer deixar para trás em todos os sentidos.

Eu respirei e sorri gentilmente para ela. — Sim — Fiz uma pausa. — Claro, nós vamos passar pela cidade e depois vamos para casa.

Ela assentiu com a cabeça. — Tudo bem — Ela inclinou a cabeça, obviamente pensando. — Você acha que... Bem, Hector tentou recrutar o meu pai como o primeiro membro do conselho e ele era basicamente local. Você foi uma das primeiras pessoas que viveu em Acadia. Acha que talvez você fosse local, também? Eu quero dizer, obviamente, ele viajava entre aqui e Acadia, e então me trouxe aqui.

Eu encolhi os ombros. — Sim, mas ele reuniu as outras pessoas que viveram em Acadia. Eu poderia ser de qualquer lugar. Eu provavelmente nunca vou saber — Uma sensação de perda apertou meu peito, mesmo que eu não tivesse ideia do porque eu estava de luto, por quem. Talvez fosse principalmente porque eu sabia que ninguém estava de luto por mim.

# CAPÍTULO DEZESSETE

**Calder**

Nós dirigimos em silêncio por um tempo, seguindo em direção a New Albany, Indiana. O rádio tocava baixinho enquanto observávamos a bela paisagem de outono passar. Fiquei maravilhado com as cores vibrantes das árvores. Este era o primeiro ano desde que eu morava no Centro-Oeste que eu tinha o coração para apreciar a beleza da natureza, e de todas as maneiras essa parte do país era tão diferente daquela paisagem do deserto que eu tinha conhecido em toda a minha vida. Havia beleza lá também, mas era um tipo tão diferente. Olhando através do para-brisa agora os vermelhos, amarelos, e dourados das árvores passando, algo sobre isso pareceu intensamente familiar. Minha mente estava em um estado completamente relaxado quando a sensação veio até mim e eu franzi a testa, sem entender o que isso significava exatamente, se alguma coisa. Talvez eu só estivesse finalmente no ponto em que o Centro-Oeste se parecia como lar. E eu tinha certeza de que estava diretamente relacionado com a mulher sentada ao meu lado. Eu agarrei a mão dela e sorri enquanto a trazia aos meus lábios.

— De que nomes você gosta? — Eu perguntei.

Eden olhou para mim com a preocupação em sua testa.

— Para o bebê — Eu solicitei.

Ela ficou sem responder por um minuto e, em seguida disse. — Eu acho que devemos esperar até sabermos que está tudo bem, antes de planejar qualquer coisa — Ela olhou para mim.

Eu apertei sua mão. — Tudo vai ficar bem — Eu disse.

Ela assentiu com a cabeça. — Esperamos isso. Eu só...

— Você ainda não quer se apegar — Eu disse calmamente. Eu entendia porque, no fundo eu me sentia da mesma forma, apesar do fato de que eu somente tinha descoberto sobre a primeira gravidez de Eden depois que ela já tinha perdido. Meu coração se apertou com a lembrança daquele momento na cela de Hector. Um flash de raiva perfurou minha espinha, fazendo-me sentar um pouco mais reto no lugar.

— Eu já estou apegada — Disse Eden. — Eu só acho que talvez eu não deveria ficar mais ligada.

— Eu entendo — Eu disse, beijando-lhe a mão novamente.

Ela sorriu suavemente. — Eu sei que você entende.

Quando viramos para a cidade de New Albany, colocamos o endereço da universidade no GPS do meu celular e então fomos naquela direção. Nós navegamos lentamente pelos bairros residenciais próximos a faculdade. Não tínhamos o endereço que foi de Thomas Greer e por isso, não conhecíamos exatamente o local, de modo que apenas dirigimos sem rumo. Depois de cerca de uma hora, Eden deixou escapar um suspiro e disse: — Nada parece nem vagamente familiar nesta cidade. E todas essas casas estão começando a parecerem iguais para mim. Eu quero dizer — Ela levantou os braços e os deixou cair. — Mesmo que ele tenha me trazido para cá, para este lugar, mesmo se estivemos no caminho certo e percorremos a casa em que eu morava, o quintal pode ser completamente diferente agora. Faz 14 anos — Ela respirou fundo. — Oh bem, pelo menos tentamos. Tenho certeza de que a polícia será capaz de obter o seu endereço e possam me mostrar uma foto. Talvez eu possa reconhecer isso. Talvez isso sequer importe — Ela sorriu para mim, mas pareceu forçado.

— Por que não paramos pela universidade? — Eu sugeri. — É hora do almoço. Poderíamos comprar alguma comida no refeitório da faculdade e fingir que somos apenas dois adolescentes do subúrbio, que avistaram um ao outro através da arquibancada em um jogo de futebol e se apaixonaram à primeira vista — Eu sorri para ela e ela riu, inclinando-se e beijando minha bochecha.

— Tudo bem. Eu gosto desse plano.

Quando eu pensei sobre isso, percebi que teria sido verdade. Não importava onde Eden e eu tivéssemos sido colocados juntos neste mundo, teríamos nos apaixonado. Se fossemos dois calouros da faculdade, dois fazendeiros, dois ciganos - *dois nadas* - a parte de nos apaixonar na história seria a mesma. Ela teria puxado o meu coração do outro lado do ginásio, por um campo de milho ou uma caravana itinerante.

Paramos no estacionamos de visitantes e demos as mãos enquanto passeávamos pelo campus. Era uma sensação estranha. Por um lado, eu amava apenas estar com Eden, nos misturando entre as outras pessoas próximas a nossa idade, todos andando por aí. Fazia parecer como se realmente *fossemos* apenas dois estudantes universitário normais, e que nos encaixávamos aqui como qualquer outra pessoa. Naquele momento, não tínhamos um passado que era muito diferente do que qualquer outro adolescente americano. Naquele momento, não tínhamos crescido e vivido à mágoa, a batalha e o trauma. Mas, por outro lado, este era o lugar onde Hector havia trabalhado... Onde ele havia

ensinado aos alunos e, talvez, onde a ideia de Acadia foi traçada. Um pequeno calafrio percorreu minha espinha quando pensei sobre o fato de que aqui nasceu a ideia que iria mudar a minha vida e de Eden para sempre.

*E, no entanto*.

Este também foi o lugar onde a ideia faria com que Eden e eu acabássemos juntos. Era difícil saber como se sentir sobre isso. Às vezes parecia que tanta beleza da vida resultou do feio. E como dar sentido a tais coisas? Como você pode ser grato por alguma coisa quando tanto sofrimento foi necessário para trazê-lo para você? Ou era a mesma coisa que definia a verdadeira luz da beleza *após* a escuridão? E talvez esse era o ponto. Se você procurasse constantemente a beleza nos lugares mais óbvios, apenas nas mais brilhantes circunstâncias, talvez você não estivesse realmente procurando por nada disso.

Paramos e perguntamos a alguém o caminho para o refeitório e, em seguida, caminhamos. Depois de esperar na fila para comprar sanduíches, nós nos sentamos em uma das mesas, conversamos e comemos. Eu não pude deixar de notar que todos os caras se mantinham roubando olhares para Eden. Eu não podia culpá-los. Ela era a garota mais bonita no refeitório. Ela era a garota mais bonita de Indiana, inferno, do mundo, tanto quanto eu estava preocupado. E ela tinha o *meu* bebê em sua barriga. Um sentimento feroz de orgulho passou por mim e eu me sentei um pouco mais reto, sorrindo do seu outro lado. Eden levantou uma sobrancelha delicada.

— Que olhar é esse?

Dei uma mordida no meu sanduíche de peru e tentei não sorrir enquanto mastigava. Quando eu tinha engolido, disse: — Eu apenas me sinto bem, orgulhoso. Estou feliz. Mesmo aqui, mesmo sabendo do por que viemos aqui.

Os olhos de Eden suavizaram e ela se aproximou do outro lado da mesa até a minha mão. — Eu também — Disse ela.

Um homem mais velho da manutenção estava trazendo algumas caixas e quando ele pegou o meu olhar, os seus próprios se estreitaram e ele pareceu momentaneamente atordoado. Ele ficou olhando para mim, até que virou a esquina fora da vista. *Bem, isso foi estranho*. Olhei para Eden e sorri. — Pronta para ir? — Eu perguntei, recolhendo todo o nosso lixo.

— Deveríamos perguntar a alguém sobre Thomas Greer? — Perguntou Eden. — Quero dizer, talvez, alguém saiba por que ele partiu... Ou pode nos dar algumas informações sobre ele?

— Faz tanto tempo, Eden — Eu disse, quando viramos para fora do refeitório. — Mas sim, vamos fazer uma tentativa.

Ela assentiu com a cabeça. — É um tiro no escuro, mas provavelmente, há ainda alguns professores que podem ter trabalhado com ele, sabe? Ele não era tão velho.

— Vamos lá. Vamos caminhar pelo prédio. E descobrir onde está o departamento de história.

Eden sorriu. — Ok — Não pude deixar de rir. Quem teria pensado que ela poderia transformar a escavação de informações sobre Hector em algum tipo de aventura? Eu balancei minha cabeça, mas puxei-a para mim e beijei o topo de sua cabeça. Talvez não fosse o mais agradável dos tópicos, mas estávamos no comando aqui, não ele - *nunca ele, nunca mais*. E eu supus que Eden estava certa em perseguir isso, porque essa parte disso parecia poderosa.

Pedimos instruções para um cara com cabelo ruivo encaracolado com uma mochila de grandes dimensões e um grande café em sua mão, e depois seguimos para a parte do prédio que abrigava o departamento de história. Os corredores estavam em sua maioria desertos. Ou as aulas de história eram programadas para início do dia às sextas-feiras ou foram canceladas por algum motivo. De qualquer maneira, não iria ajudar a nossa causa.

Ouvi passos atrás de nós e quando olhei para trás, vi o mesmo homem da manutenção que esteve olhando para mim estranhamente no refeitório. Eu parei e assim o fez Eden, olhando com curiosidade para mim. — O que foi? — Perguntou ela.

Sem responder a ela, eu chamei pelo homem: — Desculpe-me, senhor? — Puxei Eden comigo enquanto caminhava em direção a ele. Seus olhos ficaram mais amplos e parecia que ele estava considerando a possibilidade de se virar, mas, evidentemente, decidiu que não, já que ficou parado esperando nos aproximarmos dele.

Quando chegamos mais perto, vi que ele era um pouco mais velho do que eu tinha pensado originalmente com a pele enrugada e endurecida, e cabelo que era muito mais branco do que o loiro que eu pensava que era. Ele era magro e rijo e se levantou levemente no que eu imaginei fosse a sua postura natural. Um de seus olhos estava nublado.

— Oi — Eu disse quando chegamos mais perto dele. — Meu nome é Calder Raynes. Nós esperávamos que você pudesse responder a algumas perguntas a respeito de alguém que costumava trabalhar aqui.

Ele acenou para mim e olhou para Eden rapidamente e, em seguida, de volta para mim. — Morris Reed — Disse ele com sua voz grave e rouca e um ligeiro barulho atrás disso que me dizia que ele provavelmente era um fumante inveterado. Ele não ofereceu-nos o seu nome.

Nós dois demos alguns passos mais perto e eu podia realmente sentir o cheiro de fumaça de tabaco flutuando dele. — Hum — Eden disse, olhando para mim. — Não. Será que você trabalhou aqui, quando um homem chamado Thomas Greer ensinou História Grega?

O homem olhou para ela parecendo um pouco confuso, e, em seguida, virou a cabeça e tossiu com um barulho de muco. Eu quase me encolhi, mas segurei a minha expressão constante até que ele se virou para nós. — Sim, eu conheci Tom — Ele disse. — Ou, pelo menos, sabia dele, conhecia-o de passagem. Não nos associamos muito.

— Oh — Disse Eden. — Bem, você sabe por que ele foi embora?

Ele estudou Eden por um minuto e eu instintivamente agarrei a mão dela. O homem olhou para baixo rapidamente em nossas mãos unidas e, em seguida, de volta para seu rosto. — Esposa e filha foram assassinadas — Disse ele com um tom de tristeza em sua voz. Ele balançou a cabeça. — Há muito tempo, mas... Com certeza foi um caso triste.

— Sim — Eden disse suavemente. — Então foi por isso que ele saiu?

O homem tossiu de novo, e então disse: — Não, eles o despediram –anos mais tarde. Porém mantiveram isso em segredo. O deixaram se demitir. Mas a verdade é que ele foi demitido. Ele piorou depois daquele crime. Sempre discursando em suas aulas, assustando os estudantes, dizendo coisas estranhas sobre deuses falando com ele. Ele estava sempre tirando licenças de afastamento e cada vez que voltava, ele estava mais louco do que nunca. Eu suponho que a tragédia o fez perder o controle. Ele foi embora e eu nunca ouvi nada sobre ele novamente.

Nós dois estávamos olhando para ele. Eu balancei a cabeça. — Certo — Eu disse calmamente. — Bem, obrigado pelo seu tempo. Foi muito útil.

Ele acenou com a cabeça e começamos a nos virar. — Você se parece com ele, sabe? — Disse ele.

Eu me virei de volta. Ele estava olhando para mim. Eu fiz uma careta e balancei a cabeça muito ligeiramente. — Desculpe? Com quem?

— Seu pai. Trabalhou aqui na manutenção comigo. Foi embora do nada alguns anos antes de Thomas se demitir.

Meu coração bateu violentamente e parou e, em seguida, voltou a bater rapidamente. — Meu... O quê?

— Você é um pouco mais moreno, mas definitivamente tem seu rosto. Nunca teve qualquer dificuldade em conseguir senhoras, para ele era assim — Ele riu se engasgando, um som solto, mas se recuperou rapidamente e olhou

para mim com algo que parecia pesar em seu rosto. — Ele me disse que sua mãe veio e levou você com ela para algum lugar. Isso é verdade?

— Qual o nome dele? — Eu o interrompi. — Você sabe onde podemos encontrá-lo?

— Oh sim, eu sei, mas é melhor ser rápido nisso. Minha irmã trabalha no hospital. A casa de cuidados paliativos foi chamada há um tempo. Não acredito que ele tenha muito tempo sobrando. Ele está doente há anos. Seu nome é Morris Reed. Pensei que você estivesse aqui procurando por *ele*, não Thomas — Ele franziu a testa e balançou a cabeça como se tivesse acabado de dar uma má notícia.

Meu coração ainda estava acelerado em meu peito e meus pensamentos estavam todos misturados. Eu estava tentando alcançar isso. *Morris Reed. Morris Reed. Meu pai era Morris Reed.*

O homem continuou. — Ele está a cerca de um quilômetro daqui, em Abaddon Road — Ele soletrou-o e, em seguida, recitou um número de rua e, depois começou a se virar e ir embora.

— Espere — Eu disse. — Você sabe se este homem que acha que seja meu pai conhecia Thomas?

Ele deu de ombros. — Não tanto quanto eu conhecia, mas Morris e eu não éramos colegas fora do trabalho — Ele olhou para baixo, parecendo como se estivesse considerando suas próximas palavras. Ele olhou para mim com aqueles olhos grandes e arregalados. — Eu acho que você não deveria falar mal dos mortos, mas seu pai ainda não está morto, então vou te dizer isso - tanto quanto eu me preocupava, era melhor ficar longe dele. Rosto de algum tipo de deus, mas o diabo estava em seus olhos.

Eu parecia boquiaberto para ele. Parecia que algo frio e grosso estava pingando na minha espinha. De repente, a mão de Eden estava me puxando e eu tropecei para trás, olhando para o homem, quando nós praticamente corremos para a porta e saímos para o sol brilhante do mundo exterior.

# CAPÍTULO DEZOITO

**Eden**

Puxei Calder para fora do prédio atrás de mim tão rápido quanto meus pés poderiam me levar e tão rápido quanto eu podia mover enquanto rebocava seu peso. Parecia que ele estava apenas sendo puxado atrás de mim - ele certamente não estava ajudando muito.

Parei quando chegamos do lado de fora, o ar frio do outono nos dando boas-vindas. Meu coração estava acelerado e senti minha garganta seca. Virei Calder em minha direção e olhei para seu rosto em branco. — O que você está pensando? — Perguntei. — Você está bem?

Ele balançou a cabeça lentamente, com seus olhos acima da minha cabeça, olhando distraidamente para alguma coisa ou para nada atrás de mim. — Eu não sei o que pensar — Seus olhos finalmente se moveram lentamente para o meu rosto e ele piscou para mim, como se eu parecesse diferente de alguma forma — Talvez nem mesmo seja verdade.

— Você quer saber? — Eu perguntei, abaixando o volume da minha voz para quase um sussurro. — Isso é com você.

Calder respirou fundo e expirou lentamente, esfregando a pálpebra. — Algo me diz que não é uma boa ideia.

Mordi o lábio por um minuto. — Poderia ser a sua única chance. O cara lá dentro disse que não há muito tempo — Fiz uma pausa. — Talvez ele possa dizer-lhe o seu nome.

— Meu nome. Sim — Ele finalmente disse, olhando para a minha barriga.

— Eu estou com você — Eu disse, pegando sua mão na minha. — Eu estou aqui. E alguém muito sábio me disse uma vez que você nunca sabe quando um pouco de conhecimento virá a calhar e talvez até mesmo mudar a sua vida — Eu sorri.

Os olhos de Calder aqueceram um pouco e ele apertou a minha mão e começou a andar em direção ao carro.

Vinte minutos mais tarde, depois de fazer várias voltas equivocadas que Calder murmurou que eram provavelmente placas, viramos para uma estrada

de terra e vi o número que o cara da manutenção tinha nos dado pintado na caixa de correio inclinada para fora da frente.

Examinei a propriedade quando paramos o carro lentamente na garagem imunda. Era o sonho de um acumulador: três veículos destruídos despojados da maioria das partes externas estavam acomodados em grandes blocos, um dilapidado sofá marrom apoiado na lateral dos degraus da frente da pequena casa, havia uma sucata irreconhecível e lixo por toda parte.

Meus olhos se moveram para a própria casa - o telhado estava cedendo, a pintura descascando e a persiana estava pendurada lateralmente na janela da frente. Olhei para Calder, sua expressão era de uma chocada repulsa.

Ele desligou o motor e ficou ali sentado por um minuto, imóvel. — Eu acho nenhum de nós irá gostar de onde eu vim, Eden.

Preocupação passou pelo meu corpo. — Ele está doente há muito tempo — Eu disse calmamente. — Ele provavelmente não tem um monte de dinheiro. Isso não significa que não seja uma pessoa decente. E mesmo que ele não seja, ele merece saber quem levou o seu filho, pelo menos, não acha?

Calder passou a mão pelo cabelo e acenou com a cabeça. Ele colocou a mão na maçaneta da porta e eu saí pelo meu lado e nos encontramos na frente do carro, dando as mãos e manobrando silenciosamente através dos resíduos espalhados por toda parte. Eu queria enrugar meu nariz com o persistente cheiro no ar, algo como lixo misturado com enxofre, mas me forcei a não fazer isso. A última coisa da qual Calder precisava, era que eu deixasse as coisas piores por agir repelida de onde ele veio.

Chegamos à porta da frente e tive um breve flash de pegar naquela enorme aldrava de bronze de cabeça de leão. Esse era aquele momento para Calder. Eu apertei sua mão com força e lhe dei um pequeno sorriso, balançando a cabeça para ele. — Você pode fazer isso — Eu disse.

Ele estendeu a mão para cima e hesitou brevemente, mas, em seguida, bateu três vezes forte. Nós dois ali, completamente imóveis, ouvindo o movimento além da porta. Alguém estava vindo em nossa direção do outro lado. Ao alto uma águia gritou, o som perfurante. Eu olhei para o céu brilhante porém nublado, para vê-la circulando acima de nós.

Eu me assustei um pouco quando a porta se abriu e uma mulher jovem de calça jeans e suéter de gola alta verde ficou ali, olhando com expectativa para nós.

— Uh, oi — Disse Calder. A mulher olhou para ele e inclinou a cabeça, algum tipo de entendimento parecendo vir em seu rosto.

— Oi, você é um parente? — Perguntou ela.

— Sim — Disse Calder, falando com as letras de forma espaçada. — Meu nome é Calder Raynes e esta é a minha namorada, Eden Everson.

A mulher sorriu. — Por favor, venha. Eu sou Addy Dover — Seu rosto assumiu uma expressão simpática. — Você sabia...

— Sim — Disse Calder. — E você é da casa de cuidados paliativos?

Addy balançou a cabeça. — Oh não, não — Ela se inclinou para a frente e baixou a voz. — Os funcionários dos cuidados paliativos da casa de repouso não virão aqui. Eu sou da igreja Nossa Senhora da Misericórdia. Entretanto, fui enfermeira domiciliar especializada em saúde — Seus lábios se achataram em uma linha fina por um segundo antes que ela dissesse: — Ninguém deveria ter que morrer sozinho — Mas algo em sua expressão parecia não convencida. Eu não sabia o que isso significava.

Meus olhos se arregalaram e Calder franziu a testa. Começamos a caminhar para dentro, mas antes que entrássemos, Addy olhou para trás e, em seguida, virou-se para nós novamente. — Então você o conheceu antes, certo? — Perguntou ela.

Calder balançou a cabeça. Addy assentiu.

— Oh, bem, bem... Ele é... Bem, ele não é a pessoa mais agradável — A preocupação atravessou sua testa. — Eu não estou dizendo que seja desrespeitoso com sua família, mas, também... Desde que você não o conheceu antes, acho que é bom que esteja preparado. É muito bom você ter vindo visitá-lo. Ninguém mais veio.

Nós dois balançamos a cabeça e começamos a caminhar mais uma vez, mas, novamente, Addy parou. — Oh— Ela disse se virando e pegando algo de uma mesa estreita na parede ao lado da porta. Ela entregou-nos um pequeno recipiente de plástico e apontou para debaixo de seu nariz. Foi então que eu vi que havia um tom azulado muito leve sobre a pele bem debaixo do seu nariz. — O cheiro — Ela explicou simplesmente. — Vocês vão querer isso.

Eu fiz uma careta e olhei para Calder, cujo rosto estava drenado de cor. Ele olhou para mim parecendo envergonhado, como se ele quisesse correr. Eu abri a tampa do recipiente e untei um pouco do material azul debaixo do meu nariz e o entreguei a Calder que hesitante fez o mesmo. Nós entramos.

Apesar do gel com odor forte de cânfora sob minhas narinas, o cheiro da casa me atingiu como uma tonelada de tijolos e eu quase cai para trás. Olhei para Addy. Eu deveria ter um olhar chocado em meu rosto porque ela assentiu com conhecimento de causa, e disse: — Eu sei. Você vai precisar mudar de roupa quando sair daqui, também — Eu engoli a bile que queria subir até a minha garganta e tentei não respirar. Quando olhei para Calder, ele estava

examinando o interior da casa com os olhos arregalados com o que parecia choque misturado com quantidades iguais de desgosto.

Havia caixas, papéis, *coisas*, empilhadas em todos os lugares, moscas zumbiam preguiçosamente pelo ar, e as poucas áreas da parede que se podia ver, parecia molhada e coberta de algum tipo de óleo. Uma pessoa realmente morava aqui?

Addy começou a caminhar através de uma pequena trilha no meio do lixo. Certamente isso deveria ser perigoso e insalubre? Como se para responder a minha pergunta, Addy disse com sua voz baixa. — O Estado ordenou-lhe limpar isso, mas, obviamente, ele não está em condições de fazê-lo. Eles vão entrar e retirar isso se ele não o fizer... Bem, ele não pode viver aqui por muito mais tempo. Eu gosto de dizer que todos merecem morrer em casa, mas, neste caso — Ela olhou ao redor, não se virando para nós. — Eu não sei.

Nós a seguimos até um pequeno corredor sombrio e passamos por uma porta. Addy ficou para trás quando entramos no quarto timidamente. Eu olhei para ela enquanto passava e ela me deu um pequeno sorriso. — Eu vou estar na sala da frente, se vocês precisarem de mim — Disse ela, em seguida, acenou com a cabeça como que para nos encorajar. Eu balancei a cabeça para ela, mas não disse uma palavra.

O quarto no qual entramos era escuro e ao contrário do resto da casa, este quarto estava praticamente vazio, exceto por uma cama de hospital na parede mais distante. Eu pisquei meus olhos tentando ajustar para a mesma iluminação opaca. Eu podia ver uma forma humana na cama, mas não conseguia distinguir os detalhes do homem. Ele estava completamente imóvel e eu pensei que estivesse dormindo.

Calder ficou longe, me segurando quando eu me movi para a frente. — Isso pode não ser bom para você — Ele sussurrou pelo canto da sua boca. Eu não tinha certeza se ele estava se referindo ao cheiro, o possível estresse da situação, ou o quê, mas eu simplesmente me virei para ele e disse: — Eu estou bem.

Seus olhos pareciam um pouco em pânico à medida que percorriam ao redor do quarto. Eu o vi quando eles desembarcaram em uma janela que estava levantada alguns centímetros. Seus ombros pareceram relaxar um pouco enquanto ele verificava aquela janela. Ele estava pensando em algum tipo de saída de emergência? Esta casa era nojenta, não havia como contornar esse fato, e o homem na cama na nossa frente podia muito bem ser extremamente desagradável. Mas eu não imaginava que teríamos que correr daqui.

— Sempre me perguntei se você alguma vez me encontraria — Veio uma voz profunda e suave da cama. Calder e eu nos assustamos. Nós nos entreolhamos e nos movemos para a frente.

— Pai? — Calder disse pausadamente, com a voz embargada. — Você sabe quem eu sou? — Meu coração se apertou.

O homem na cama ficou a vista lentamente, a pequena lâmpada de cabeceira iluminando-o apenas o suficiente para distinguir seus traços assim que chegamos mais perto. Eu suguei uma respiração rançosa de ar, náuseas me atingindo no estômago quase que imediatamente. Ele estava inchado, a pele machucada e com manchas, descamando em algumas áreas, com um tom amarelo subjacente. Ele estava claramente muito doente. Na verdade, eu tive um breve flash dos cadáveres que tinha visto antes de escapar do porão inundado em Acadia. Mas a parte que me fez ofegar com horror era que embaixo da deturpação da doença, eu podia ver Calder. Debaixo da doença e da fealdade, havia beleza. Isso fez o meu interior se agitar e eu agarrei seu braço e forcei o meu olhar para longe do homem, indo para o rosto forte e saudável de Calder. Fechei os olhos por um instante, sentindo-me um pouco mais calma e olhei para o homem. Ele estava morrendo. Ele não podia evitar a forma como ele se parecia.

— Bem se aproxime para que eu possa dar uma olhada em você, Kieran — O homem, Morris, disse.

— Kieran? — Calder perguntou, sua cabeça vacilando ligeiramente para trás. Nós dois demos mais um passo para a frente até que estávamos perto do final da cama.

— Nome que eu te dei. Kieran Reed.

— Kieran Reed — Calder repetiu com uma nota de admiração na voz.

Morris subitamente riu e como a voz, o som era profundo e melodioso, em contraste total e absoluto com a sua aparência. Eu inconscientemente dei um passo mais perto ao som disso, mas Calder me puxou de volta. Supõe-se que os inchados lábios do homem pareciam ter inclinado para cima o que eu assumi que era para ser um sorriso.

— Ele queria lhe dar um nome diferente. Por mim tudo bem, eu disse. Ele é seu agora — Ele olhou para nós e um arrepio passou pela minha espinha enquanto eu tentava não desviar o olhar de nojo.

— Ele? — Calder sussurrou. — Hector?

Morris pareceu surpreso por um segundo. — Não, Thomas.

— Thomas, sim — Calder disse com sua voz ainda equilibrada, mas misturada com confusão. — Você sabia que ele me levou? Eu não... Você o deixou *me* levar?

— Levá-lo? — Morris olhou de soslaio. — Eu o vendi para ele.

Ninguém disse uma palavra por vários momentos cheios de horror enquanto digeríamos essa informação. O sinal sonoro constante de algum tipo de máquina à direita de Morris era o único som enchendo o ar espesso, obsoleto. Morris pegou uma máscara de oxigênio ao lado dele e tomou várias longas inaladas.

— Me vendeu? — Calder finalmente expirou.

Morris recostou-se em seu travesseiro, contemplando Calder com os olhos brilhantes com... Alguma *coisa*. — Disse que precisava de você para equilibrar sua comunidade Whackadoo — Ele soltou outra risada musical. — Não que eu me importava... *Muito*. Você era uma pequena pedra no meu sapato, de qualquer maneira — Sempre me seguindo por toda parte, querendo alguma *coisa*.

— Quantos anos eu tinha? — Calder resmungou.

Meu corpo começou a tremer e eu não conseguia fazê-lo parar. *Oh, Calder*. Eu praticamente podia sentir a dor que emanava dele. Meu coração se apertou com força.

— Três.

— Deuses do céu — Calder sufocou, soltando minha mão e agarrando o cabelo nas têmporas.

— Como você conheceu Thomas? — Eu perguntei, tentando não destruí-lo.

Os olhos de Morris se voltaram para mim. — Olhe para você, coisa bonita — Ele sentou-se para a frente. — Eu costumava ter meninas como você entre minhas pernas o tempo todo — Ele disse com seus olhos caídos ligeiramente.

— Não olhe para ela! — Calder gritou, quebrando o silêncio do quarto e me assustando. Ele me agarrou e me moveu do caminho para trás do seu próprio corpo. — Mantenha seus olhos em mim, você é doente, velho repugnante.

Quando eu dei uma espiada por trás de Calder, os olhos de Morris estavam repletos de diversão. Ele estava gostando disso. Quem *era* essa pessoa? A situação toda parecia irreal, um grotesco pesadelo, algo que se você tentasse descrever para alguém mais tarde não conseguiria encontrar as palavras, porque não havia nenhuma.

— Bem, agora, este é um bom momento — Disse Morris, ignorando o insulto de Calder. — Estou feliz por chegar a contar essa história antes de eu conhecer meu criador — Seu rosto mudou-se para aquela mesma aparência com um sorriso malicioso e eu imaginei exatamente quem o criador deste homem

era. — É uma boa — Seus olhos se estreitaram em Calder e, em seguida, moveram-se entre nós por vários momentos tensos, como se estivesse certificando-se de que estávamos tão interessados como ele queria que estivéssemos. Ele acenou com a cabeça.

— Sim, eu conheci Thomas da universidade. Eu tinha que levar você junto comigo algumas vezes para conseguir o meu salário quando você não mantinha sua boca fechada. Ele viu você. Interessou-se. Veio ver-me um dia e me fez uma oferta que eu não podia recusar — Meu couro cabeludo pinicou e os pelos em meus braços se arrepiaram em alarme. Eu segurei Calder firmemente quando o senti tremer um pouco.

Morris suspirou. — Eu sempre gostei da bebida e do jogo — Disse ele e deu de ombros. — Você gosta da bebida, Kieran? Se gostar, você tem isso de mim — Ele piscou, mostrando-nos a sua pálpebra inchada completa, e depois riu com vontade, como se tivesse feito algum tipo de piada.

— Para o que você pensou que ele me queria? — Calder perguntou, ignorando sua pergunta e sua voz soando morta.

O homem soltou outra risada suave e encolheu os ombros. — Imaginei que ele gostasse de crianças bonitas. O que ele faria com você era problema dele — Ele se inclinou ligeiramente. — Eu lhe fiz pagar. Todos os anos ele me pagou. Vinha pessoalmente me entregar o dinheiro.

— Vinha pessoalmente? — Calder repetiu. Parecia que ele estava em choque. Eu considerei puxá-lo para fora de lá, saindo correndo dessa casa de horror e nojo. Mas minhas pernas não se moviam. Parecia que eu estava colada no lugar enquanto minha mente tentava entender a maldade da história que o homem, *pai de Calder*, estava nos dizendo. E para quê? Para aliviar sua própria consciência? Não, para sua diversão. Era claro que ele estava gostando disso.

— Eu gritei por você — Disse Calder. — Deuses sagrados, eu gritei por você — E agora eu podia ouvir a emoção na voz dele e tudo em mim gritava para protegê-lo. Eu o puxei, mas ele resistiu, ficando preso ao chão. — Tanto que danificou minha garganta — Ele engasgou.

A expressão de Morris assumiu um interesse reluzente. — Ah, é? Sim — Ele disse, como se percebendo o quanto isso fazia sentido. — Você gostava de mim. “Pai isso e Pai aquilo”, até mesmo me limpava quando eu estava bêbado demais para me mover. É por isso que fiz com que eu fosse pago — Ele balançou a cabeça, como se tivesse acabado de fazer um ponto muito válido.

O quarto ao meu redor parecia balançar. Isso era horrível demais para ser verdade. Eu balancei a cabeça ligeiramente no caso de que isso tudo fosse um pesadelo aterrorizante que eu poderia sair dessa.

Calder respirou fundo e se virou para sair. Sua expressão era calma, mas havia uma cobertura clara de pânico em seus olhos. Ele estendeu a mão para enxugar uma lágrima do meu rosto e foi só então que eu percebi que estava chorando em silêncio.

— Quem foi minha mãe? — Perguntou Calder.

Morris parecia confuso com a pergunta. — Oh, *ela?* Uma garota alegou que eu me aproveitei dela — Ele deu de ombros lentamente, e depois deixou escapar um suspiro, como se o pequeno levantar dos seus ombros fosse um esforço. — Eu não me lembro de quem era ela quando apareceu aqui e praticamente te largou na minha porta. Embora eu pudesse ver que você era meu. Você tinha a minha beleza — Ele riu, a melodia profunda tocando por todo o quarto e em meus músculos tensos. — Ela era uma indígena. Você sabe, daquele tipo que usa penas — Ele levou uma mão inchada lentamente até seus lábios e bateu-o contra a boca aberta, fazendo um wow wow wow som. Eu vacilei quando ele riu de novo, profundo e forte. Nós nos viramos novamente.

— Você não quer ouvir o verdadeiro segredo? — Morris levantou a voz.

Nós dois congelamos, nos virando para ele. Seu rosto estava cheio de emoção.

À medida que o encaramos, Morris chiou um par de respirações afiadas e se virou para pegar a máscara de oxigênio de novo e levá-la para o seu rosto, sugando várias respirações ofegantes antes de finalmente tirá-la para longe de sua boca.

— Thomas veio aqui há vários anos atrás, quando você completou dezoito anos para me fazer o pagamento final — Ele colocou a máscara no rosto e respirou fundo e, em seguida, tirou-a de novo. Como a sua voz era tão profunda e clara, se ele mal podia respirar? Segurei Calder com mais força e ele ficou tenso.

— Eu tinha acabado de receber o meu diagnóstico. Eu já estava nessa cama de hospital. Os médicos me disseram que eu tinha apenas seis meses no máximo e ainda estou aqui — Ele riu e eu o encarei. — Imaginei que não havia qualquer razão para não *lhe* dizer a verdade. Você sabe, era hora de limpar minha consciência e tudo isso — Ele riu de novo e vômito subiu pela minha garganta. — Eu matei sua família. Eu invadi a casa do rico professor. Não era para eles estarem na casa — Ele olhou para fora atrás de nós por um segundo e depois deu de ombros. — Eu pensei que ele cairia morto aqui antes que eu tivesse uma chance — Ele suspirou como se essa não fosse a reação que ele estava procurando.

— Você matou a sua família? — Calder disse com sua voz sem vida. — Você os esfaqueou. Foi você. Todos aqueles anos, ele pagou à você por mim, o

homem que havia assassinado sua família — Sua voz soou fria e de modo prático e enviou medo pelo meu corpo. *Era por isso que, oh Deus, era por isso que Hector voltou desgrenhado daquela peregrinação e... Enlouquecido*. Todos aqueles anos atrás. A verdade me atingiu. Eram a última peça que o tinha quebrado.

Morris nos olhava com algo que parecia decepção em seu rosto doentio e inchado. — Sim. Foi dessa maneira. Ele apenas saiu daqui. Não adiantava tentar me matar.

Ficamos todos em silêncio por vários longos momentos. Finalmente Calder falou. — Isso é porque você já está morto — Ele pegou minha mão e começou a caminhar para fora do quarto e eu segui com as pernas dormentes, olhando atrás de mim uma vez. Ele estava na sombra de novo e um forte arrepio passou pelo meu corpo.

— É isso? — Ele falou. — Kieran? Kieran? Volte aqui, rapaz! Seu pai está lhe dando uma ordem. Volte aqui!

Calder pegou ritmo, praticamente me arrastando pelo espaço estreito enquanto a grande voz de Morris, impossivelmente aumentava, chamando-o atrás dele. Addy saiu da sala da frente, ao lado da porta e ela parecia confusa quando passamos voando por ela. Quando chegamos à porta, Calder se virou para ela e disse: — Você deve sair daqui. Ele é um homem perigoso...

Todos nós congelamos quando ouvimos algo cair, a máquina de oxigênio, eu presumi, e depois Morris clamando por ajuda. Exigindo. Todos nós piscamos um para o outro com os olhos arregalados de medo e surpresa. Nenhum de nós se moveu. Em seguida, o som estridente da máquina de coração que estava mostrando a batida constante do seu negro coração de repente ficou com um apito constante. Olhamos um para o outro, ninguém se movendo. Addy respirou fundo e voltou para a sala da frente. Vimos que ela voltou a se sentar em um banquinho de madeira ao lado de uma janela aberta e pegou o livro que estava lendo e virou uma das páginas.

Abrimos a porta e tropeçamos fora, sugando grandes correntes de ar fresco. Segui Calder para o carro e esperei quando ele retirou as roupas de nossas malas. Seus movimentos eram rápidos e espasmódicos e ele lutou várias vezes com a tarefa fácil. — Calder... — Eu resmunguei. Ele balançou a cabeça, não fazendo contato visual comigo.

— Por favor, Eden, retire essas roupas — Disse ele com a voz embargada.

Eu balancei a cabeça, lutando para conter as lágrimas. Nós dois nos despimos atrás do carro e colocamos roupas limpas e Calder chutou as que tinha removidos para o lado, não se preocupando em pegá-las. Ninguém iria notar mais um par de pedaços de confusão naquele lugar, de qualquer maneira.

Nós entramos no carro e Calder virou para a estrada, com as mãos tremendo no volante.

— Encontre um hotel — Eu sussurrei.

Calder não deu nenhuma indicação de que tinha me ouvido, mas vinte minutos depois de sair da cidade, havia uma placa indicando um hotel antes de uma das saídas da estrada, então ele virou para lá. Registramo-nos no hotel, sem falar uma palavra um ao outro. No nosso quarto, Calder foi rapidamente para o banheiro e fechou a porta atrás dele. Eu ouvi o chuveiro ligar e me afundei na cadeira ao lado da janela.

Eu ainda estava tremendo, tentando conter minhas emoções, tentando acalmar meu coração acelerado. Naturalmente, Calder estava devastado pelo o que tinha acabado de saber, eu tinha certeza até mais do que eu. Rezei para que o banho lhe desse um pouco de tempo para se recompor e descobrir o que estava sentindo. Eu estava tão ansiosa para consolá-lo, mas realmente não sabia como. A cada minuto que eu o esperei machucava, mas eu sabia no meu coração que ele precisava ficar sozinho por enquanto. Quanto mais traição, este homem, poderia suportar? Ele foi vendido por seu pai. Em troca de álcool e dinheiro de jogo. Minha mente ainda cambaleava. Como alguém poderia fazer isso com um menino tão lindo? Eu queria cair de joelhos e soluçar. Mas não faria isso. Eu iria me centrar em Calder. Eu seria a sua forte Glória da Manhã.

Quinze minutos depois, Calder saiu do banheiro e olhou para mim. Seus olhos estavam vermelhos em volta e eu achei que ele tinha chorado. Meu coração se apertou com a dor e eu me levantei para ir até ele.

— Você deveria tomar um banho — Ele disse entorpecido. — Lave isso, aquele cheiro, tire de você. Eu não posso suportar isso.

Pisquei para ele, mas assenti. — Você está... — Eu comecei.

— Por favor, Eden — Ele disse com sua expressão miserável e sua voz muito rouca.

Olhamos um para o outro por alguns segundos e então assenti novamente e me movi para fora do caminho quando passei por ele. Quando eu olhei para suas mãos, vi que elas ainda estavam tremendo. *Oh, Calder*. Parecia que meu coração estava quebrando, então eu mal podia imaginar o que estava acontecendo com o dele.

Fechei a porta do banheiro atrás de mim e tomei um longo banho quente, lavando o meu cabelo três vezes e esfregando minha pele com uma toalha de rosto até que começou a arder.

Quando eu abri a porta do quarto, vestindo apenas uma toalha, olhei em volta. Estava vazio. Calder havia partido.

# CAPÍTULO DEZENOVE

**Eden**

Fiquei acordada na cama do quarto de hotel, não movendo um músculo, escutando o zumbido suave do ventilador que eu tinha deixado no banheiro. Calder tinha levado o carro e ido para algum lugar. Eu sabia que ele não iria me abandonar, grávida e sozinha aqui no meio de um estado que eu nunca estive antes. Ele não *faria* isso. Nós tínhamos passado por muito pior do que isso, e Calder sempre tinha procurado me proteger. Recusei-me a acreditar que isso o tivesse quebrado para sempre. Sim, era terrivelmente ruim, impensável, devastador, e doente em tantos níveis que eu não tinha sequer tentado contar. Mas nós lidaríamos com as emoções daquilo juntos – nós o faríamos. Que outra opção tínhamos?

Eu pensei em mandar uma mensagem de texto para Xander, mas não poderia dar-lhe uma parte da história e deixar o resto em suspenso. Isso não seria justo. E eu não podia suportar falar com ele sobre Morris, quando eu ainda não tinha falado com Calder.

Fiquei ali deitada, sentindo-me abalada. Eu coloquei minha mão sobre a barriga e retirei a força daquela pequena parte minha lá no fundo, o pequeno grupo de células que formavam um ser humano, outro coração batendo nas profundezas do meu corpo. Minha mão parecia quente na minha própria pele.

Horas mais tarde, eu finalmente ouvi passos vindo em direção à porta sobre a passarela de cimento do lado de fora. Eles soavam instáveis e fora de equilíbrio e eu estreitei os olhos. A porta clicou e Calder empurrou-a aberta, balançando muito ligeiramente, uma sombra escura em frente à luz pálida do corredor iluminado atrás dele. Sentei-me, segurando um travesseiro no meu colo com meus braços ao redor dele.

Calder entrou no quarto e fechou a porta atrás de si. — Oi — Ele murmurou, caminhando em minha direção. Ele obviamente tinha bebido, seu andar era cambaleante e seus olhos sonolentos. Ele caiu na beira da cama e gemeu baixinho. Eu permaneci quieta. Depois de um minuto ele olhou para mim, piscando com um olho. — Você está com raiva de mim, Glória da Manhã?

Eu deixei escapar um suspiro. — Será que isso ajuda? — Eu perguntei. — Beber sozinho em um bar? Será que isso ajuda?

Calder continuou piscando para mim, olhando como se estivesse montando um quebra-cabeça em seu cérebro. — Eu não sei mais o que fazer.

— Você poderia ter ficado aqui. Você poderia ter falado comigo sobre seus sentimentos.

Ele riu. — Meus sentimentos? Onde posso começar? — Ele balançou a cabeça para a frente e para trás lentamente. — Como você pode não estar enojada por mim? Você viu de onde eu vim? — Ele começou a dar uma risada rouca que morreu e se transformou em uma careta. — Puta *merda*. Viu o que eu tenho correndo em minhas veias, Eden? Você *viu*? O que era aquilo? Era mesmo humano?

— Calder... — Eu disse sob a minha respiração com meu coração apertando com tanta força que eu levei a minha mão ao peito.

Calder se apoiou em seus cotovelos atrás dele, abaixando o queixo, e olhando para a minha barriga antes de se concentrar em meu rosto. — Esse bebê em sua barriga, o bebê tem o mesmo sangue correndo por ele como aquela *coisa* naquela casa hoje. Nós dois temos. Como isso faz você se sentir? Você sempre foi tão pura e eu sempre fui tão sujo. Hector estava certo. Eu *sou* a cria de Satanás. Nenhuma fodida maravilha — Seu rosto estava profundamente triste.

Joguei o travesseiro para o lado e caminhei de joelhos para onde ele estava no final da cama. Peguei seu rosto em minhas mãos, segurando firmemente, e olhei em seus olhos. — Você me escuta, Calder Raynes — Eu disse com meus lábios apertados. — Você não é nada como o homem que conhecemos hoje. Eu não me importo se o seu sangue corre em suas veias ou não, eu não me importo que o seu DNA gerou você. *Isso não define o seu coração*. E tudo o que me diz é que até alguém repugnante, do mal e lascivo pode fazer algo bonito. Aquele humano medonho e horrível, *até ele*, fez uma coisa maravilhosa para este mundo. Ele gerou você. E. Você. É. *Bom* — Eu soltei seu rosto e me inclinei para trás em meus calcanhares.

Sofrimento passou por seu rosto. — Não, eu *sou* ruim. Eu sou o mal. Todo mundo vê isso. Hector viu. Meus pais viram isso - eles tentaram me queimar, Eden — Sua voz engasgou com a última palavra. — Oh Deus, eles tentaram me queimar.

Engoli de volta um soluço, me movendo até ele tão rápido que nem sequer foi uma escolha consciente em fazê-lo. De repente, meus braços estavam em volta dele e eu estava embalando-o para mim, com a cabeça entre os meus seios, minha bochecha descansando no topo da sua cabeça. Foi a primeira vez que ele mencionou seus pais. Mesmo naquela bela Cama de Cura ele não estava pronto para ir para lá, tinha dado a volta no tema. Mesmo depois de três anos, e apesar do álcool em seu sistema, quando ele olhou para mim, a devastação e desgosto estavam claros em seus olhos castanhos profundos. Ele não derramou

uma lágrima, mas eu sim, me lembrando do horror daquele momento. Eu o segurava agora, porque eu não poderia não fazê-lo. Eu chorei por ele. Chorei pela agonia que eu sabia que vivia em seu coração por causa da traição final daquele momento, um momento que o deixou cheio de cicatrizes e uma sensação de não ser amado. Jogado fora, sacrificado de uma maneira que ainda o fazia sangrar por dentro.

— Às vezes — Ele sussurrou. — Eu sinto que, embora o fogo não tenha me tocado, me queimou mesmo assim. Eu sinto como se tivesse derretido a minha pele e que o mundo está olhando para o meu interior cru, carbonizado. Essa é a sensação, Eden. E agora eu sei que não foi mesmo a primeira vez que fui queimado. Eu me senti *cru* novamente hoje. Isso é como eu me senti, ali de pé diante do meu *pai* dizendo que ele me vendeu. Ele me *vendeu* quando eu tinha três anos.

Apertei-o com toda a minha força, desejando que eu pudesse me abrir e derramar meu amor direto em seu coração, que eu poderia arrancar minha própria pele e lhe dar para envolver ao redor das suas feridas.

— Eu somente vejo bondade — Eu sussurrei. — Eu só vejo beleza.

— Eu pensei que poderia apenas dirigir esta noite e nunca mais voltar — Disse ele. Eu fiquei tensa. — Só assim você nunca seria capaz de me amar de novo. Então, você poderia continuar sem mim e esquecer que alguma vez eu existi.

Fiz uma pausa. — Obviamente você não seguiu com esse plano — *Ele deve saber que é o meu maior medo. E uma impossibilidade completa.*

— Não — Disse ele. — Eu nunca faria isso. Nunca — Ele balançou a cabeça contra o meu peito como se a própria declaração fosse ridícula. E era.

Eu suspirei, relaxando. — Maldade — Eu disse.

— Você está rindo de mim?

— Meio que sim.

Eu me inclinei para trás e segurei seu rosto em minhas mãos de novo, os olhos vagando sobre suas belas feições. — Você nem mesmo é bom em ficar bêbado — Eu disse. — Eu acho que você está falhando epicamente se o seu plano mestre é seguir os passos do seu pai.

Calder fez uma pausa e então começou a rir baixinho. — Isso não pode ser engraçado — Disse ele, fazendo uma careta. — Não há nada engraçado nisso. É apenas trágico e terrível — Ele caiu de costas na cama. Deitei-me ao lado dele e olhei para o teto.

— Às vezes, trágico e terrível podem ser engraçados também. Às vezes, tem que ser.

Olhamos para o teto texturizado por alguns minutos. Finalmente, Calder disse: — Não que seja o meu plano me tornar como o meu pai. Mas e se... Se eu não puder evitar e me transformar nele? — Ele estremeceu. — E se simplesmente for meu destino?

Eu respirei fundo, purificando o ar. — Alguém tentou me dizer como seria o meu destino uma vez. Eu sabia no fundo do meu coração que não era verdade. Parecia errado. Eu acho que outras pessoas não podem nos dizer como será o nosso destino, Calder. Você sente no seu coração que o seu destino é ser mal, um monstro nojento?

Ele suspirou e então ficou em silêncio por um minuto — Não.

— Não — Eu confirmei. — Não é possível. Eu te conheço toda a minha vida. Eu conheço você em todas as partes, completamente, Calder Raynes. Isso é impossível.

Ele ficou em silêncio por um minuto. — Esse nem mesmo é meu nome verdadeiro.

— Kieran Reed — Eu disse calmamente, me lembrando. Eu fiz uma careta para o teto, me perguntando se eu poderia me acostumar a chamá-lo por outro nome.

Ele balançou a cabeça ao meu lado. — Eu nunca usaria esse nome.

— Então, é Calder.

— Eu acho que sim.

Ficamos em silêncio por um minuto. — Eu não estou nem mesmo bêbado — Disse ele. — Eu gosto de Coca-Cola mais do que eu gosto do rum.

Eu bufei baixinho, estendi a mão entre nós e segurei a dele na minha. Ficamos deitados assim por alguns minutos. Eu não olhei para ele, mas pensei que ele provavelmente tinha adormecido, por isso fiquei surpresa quando ele falou. — Eu tenho que dizer que eu sou épico em uma coisa, pelo menos.

— No que?

— Deixar você grávida.

Ergui as sobrancelhas e olhei para ele. Ele olhou para mim e nós dois começamos a rir ao mesmo tempo. — É verdade — Eu disse.

Calder sorriu, com os olhos ainda um pouco vidrados e pálpebras pesadas. — Eu sou fodão quando se trata de engravidar você. — Disse ele,

parecendo excessivamente satisfeito consigo mesmo. E então ele prontamente caiu da cama.

Olhei para o lado para vê-lo olhando para mim com um olhar chocado em seu rosto e inclinei a cabeça para trás e ri tanto que pensei que faria xixi nas calças. Eu caí de costas na cama segurando minha cintura e uma gargalhada, meio alegre e meio histérica. E por alguma razão, parecia tão bom quanto gritar. Foi uma libertação, uma que eu precisava.

Calder pulou sobre mim e eu ri mais e assim o fez até que não podíamos rir mais. Nós deitamos de lado, cara a cara, tentando manter nossa respiração e deixando o riso desvanecer. — Eu te amo tanto — Disse ele, empurrando meu cabelo para fora do meu rosto.

— Eu também te amo — Eu disse.

— Ei, Eden — Calder murmurou depois de um minuto.

— Sim? — Eu sussurrei.

Ele sugou seu lábio inferior em sua boca e franziu sua sobrancelha. — Você se lembra de quando disse que, no final, naquele porão, havia amor? E que, talvez, fosse onde Deus estava? — Eu balancei a cabeça.

— Bem — Ele continuou com a tristeza inundando sua expressão. — Quando eu estava amarrado naquele poste, quando o meu pai... — Ele sugou uma respiração instável.

— Sim? — Eu sussurrei, colocando uma mão em seu rosto e deslizando meu polegar sobre sua bochecha.

— Eu tentei não pensar sobre isso por tanto tempo porque doía muito. E pergunto-me, naquele momento, onde Deus estava? Onde estava o amor, então? — Seus olhos encontraram os meus, procurando algo que eu não tinha certeza de como nomear. Esperança? Algum tipo de iluminação que iria torná-lo melhor?

Meu olhar se moveu sobre suas feições, aquele maxilar forte que eu tanto amava, aqueles olhos castanhos profundos que poderiam encher-se com a dor ou com amor em um instante. Eu deixei minha mente viajar de volta para aquele momento, embora eu tivesse tentado não fazer isso ao longo dos últimos três anos também. Eu pensei sobre o horror que tinha me inundado - o desamparo e a incomensurável dor - e pensei sobre a promessa de Calder de me encontrar em uma nascente em Elysium. Eu pensei em como que ele achava que seria seus últimos momentos e ele tinha pensado em mim. Ele havia tentado me proteger da única maneira que poderia. *Não veja isso, Eden. Desvie o olhar.*

Estudei o homem deitado ao meu lado, aquele que eu tinha me apaixonado porque me deu as coisas que estavam em sua mente como se eu tivesse todo o direito a elas, porque ele era digno e justo e bom. Eu tinha me apaixonado por ele, enquanto ele carregava o seu melhor amigo por trinta quilômetros para a segurança. Eu tinha me apaixonado por ele, porque ele sabia importunar de uma forma que parecia amorosa, porque ele ria com facilidade e amava profundamente, e porque ele olhava para mim de uma forma que me fazia sentir preciosa. O amor golpeava pelo meu sangue. — Nós éramos o amor — Eu sussurrei. — Naquele momento, éramos o amor.

Seus olhos se moveram sobre o meu rosto, procurando a verdade disso e parecendo encontrá-la. Ele deu aquele hesitante e torto sorriso que eu tinha amado da primeira vez que vi, aquele que me acalmou quando eu era uma menina de nove anos de idade aterrorizada, sentada em frente a um Templo cheio de estranhos que esperavam algo de mim que eu não entendia.

— Será que as minhas emoções sempre se parecem como "um passo para a frente, um passo para trás"? Será que vou ser sempre essa bagunça insuportável? — Ele perguntou.

— Provavelmente — Eu respondi.

Ele se inclinou para trás e soltou uma risada suave. Eu sorri para ele.

— E eu estou bem com isso — Eu sussurrei, falando sério. — Vamos criar uma Cama de Cura, Versão 2.0. Sempre será o lugar onde podemos ser tão bagunçados quanto precisamos ser, em todos os aspectos — Eu pisquei para ele.

Ele riu e eu também, nos apoiando um no outro, afundando todo o caminho.

E eu pensei comigo mesma, mesmo que a vida fosse horrível e catastrófica, terrível e trágica, também era repleta de momentos de beleza de tirar o fôlego. E às vezes você só tinha de rir.

Era verdade o que eu disse uma vez sobre as estrelas - algumas coisas são vistas mais claramente na luz... E algumas coisas são vistas de forma mais clara na escuridão. Porque em algum lugar na escuridão da noite, Calder me puxou para perto dele e nós concordamos em ambas as formas faladas e não faladas que o mundo era feio e quebrado, e o amor era ridiculamente perigoso e absurdamente inseguro... *E que nós nos amaríamos de qualquer maneira*. Gostaríamos de manter nossos ferozes e ternos corações abertos. Parecia bobo, ridículo e *certo*. Parecia ser a coisa mais corajosa que faríamos.

# CAPÍTULO VINTE

**Eden**

Voltamos para a brilhante estrada no início da manhã seguinte. Estávamos prontos para deixar Indiana para trás. Estávamos prontos para ir para casa. Nossa nova vida acenava para nós e, finalmente, tínhamos tudo o que precisávamos para começar a construí-la.

Enquanto estávamos na estrada, ficamos de mãos dadas, em silêncio em nossos próprios pensamentos. Calder parecia mais calmo esta manhã, mais ele mesmo. Paramos no Starbucks e compramos cafés e muffins e nos sentamos no estacionamento. Eu senti que o mundo estava diferente hoje. Algo havia mudado. Talvez fosse o fato de que tínhamos todas as respostas, ou pelo menos todas as respostas que precisávamos. Eu destruiria todos os papéis que eu tinha pregado atrás da porta do meu armário - o projeto que eu tinha feito na tentativa de fazer alguma *coisa* com a minha profunda dor e confusão. Eu não precisava mais disso.

— Sabe o que eu estive pensando esta manhã, Glória da Manhã? — Ele perguntou.

Inclinei a cabeça, tomando um gole do meu café Latte de baunilha descafeinado. Ele olhou pela janela da frente, dando-me a beleza do seu perfil. — Xander me disse uma vez que ele acreditava que havia um propósito para que eu sobrevivesse em Acadia naquele dia — Ele fez uma pausa. — E um propósito para todo o sofrimento.

Eu balancei a cabeça. — Sim, eu gostaria de acreditar nisso, também — Eu respondi. — Para todos nós.

Ele sorriu para mim. — Você acha que nós vamos saber isso quando o virmos? Você acha que vamos entender a razão da dor algum dia?

Eu pensei sobre isso por um minuto, sorvendo o doce calor e engolindo. — Talvez não seja tanto sobre uma razão ou um propósito. Talvez seja assim — Considerei minhas palavras, olhando para fora da janela para os campos de milho aparentemente intermináveis na frente de nós e o infinito céu dourado. — Todos nós anexamos coisas ao nosso coração, tipo, quando eu preguei todos aqueles artigos atrás da porta do meu armário, ou como você cobriu seu estúdio com pinturas minhas — Dei um pequeno sorriso para ele. — Todos nós anexamos coisas em nossos corações, as coisas que valorizamos, as coisas que

precisamos, as coisas que nos fazem ser quem somos. Mas talvez... Talvez seja somente quando nossos corações estão quebrados, que essas coisas podem cair para dentro. Talvez seja só depois que essas coisas realmente tornam-se parte de nós, e é só então que realmente entendemos e reconhecemos a dor nos *outros*, porque passamos por isso também. E permitimos que nos façam *melhores*, mais amorosos. Talvez isso seja o que realmente a misericórdia é. Talvez seja esse, o propósito da dor.

Calder me observava, parecendo absorver minhas palavras e estudá-las em sua mente. Depois de um minuto, ele disse: — Sua profunda compaixão. Isso é o que faz você brilhar.

Eu soltei uma pequena risada. — Isso é o que faz *você* brilhar.

Um olhar de dor passou pelo rosto de Calder, apesar do pequeno sorriso que ele me deu. — Às vezes eu gostaria que não brilhássemos tão intensamente.

Estendi a mão e toquei seu rosto. — Eu também não. Mas o que podemos fazer. Nós merecemos. Então, vamos aproveitá-lo ao máximo. Vamos sair e encontrar alguma escuridão, Calder Raynes. Vamos iluminá-la.

Ele riu baixinho, pegou a minha mão e beijou-a.

Ele se recostou no banco e olhou para fora da janela da frente por um minuto. — Hector tentou me matar — Um suspiro escapou de sua boca. — Mas ele salvou a minha vida, também. Uma vez, independentemente dos seus motivos, ele acabou me salvando de uma vida no inferno com o monstro que era meu pai de verdade.

Ele olhou pela janela por um minuto enquanto eu o esperava organizar seus pensamentos, suas emoções.

— Eu não sei o que fazer com isso. Eu odeio-o no fundo da minha alma pelo o que ele fez para mim, para você, para todas aquelas pessoas inocentes, e ainda assim... — Ele balançou a cabeça e olhou para mim, todo o seu coração em seus olhos. — O que abateu no coração de Hector quando ele se partiu, Eden? Que coisas ele teve anexado à ele, que se tornou parte da sua estrutura de quem ele era quando se rompeu?

Eu vinquei minha testa, meus olhos procurando seu rosto. — Vergonha, tristeza, raiva — Eu disse. — É difícil imaginar. Adicione alguma insanidade e apenas um toque de carisma... — Eu tomei uma respiração profunda. — Nós nunca saberemos completamente o que estava em sua mente, e eu acho que isso é uma coisa boa. Se entendêssemos isso, seríamos como ele.

Ele acenou com a cabeça. — Sim...

— Eu acho... Eu acho, Calder, que temos que descobrir como perdoar, não as pessoas que nos fizeram mal, mas nós mesmos. Não podemos guardar a amargura anexada aos nossos corações porque, eventualmente, poderia tornar-se parte de nós - tão profundamente enraizada que não conseguiríamos tirá-la. Eu acho que temos que nos concentrar na beleza que nos foi dada nesta vida, e fazermos disso a coisa que nos define. Porque as pessoas definidas pela amargura acabam se destruindo de dentro para fora, e, eventualmente, elas destroem todos que tentam amá-las também. Conosco não será assim.

Calder olhou para mim com puro amor em sua expressão. Ele se inclinou e me pegou em seus braços. — Você é tão malditamente inteligente. Você deve ter tido um professor realmente bom.

Eu ri e funguei. — Eu tive. E ele era gostoso, também. Eu queria fazer coisas sujas com ele.

Calder sorriu e se aninhou em meu pescoço. — Talvez você possa descrever isso para mim com mais detalhes quando voltarmos para casa.

Eu ri baixinho e me afastei, sorrindo em seu rosto e deslizando meu polegar sobre seu lábio inferior carnudo. — Eu vou — Minha expressão ficou séria. — Eu te amo, Caramelo. Você tem o mais belo coração que eu já conheci. E talvez você se sinta uma bagunça às vezes, e a *vida* é uma bagunça às vezes, mas o modo que eu vejo, você é a beleza que veio da bagunça.

Calder soltou um suspiro e encostou a testa na minha. — Eu te amo, Glória da Manhã. Sempre foi seu coração que me manteve vivo. Seu amor. Sua doçura. Eu pintei você para manter isso vivo, e é isso que me manteve respirando, também.

Olhei para sua expressão terna, amando-o tão profundamente que eu mal podia respirar. Beijei-o suavemente nos lábios.

Nós voltamos para a estrada e Calder fez um telefonema para a polícia. Ele perguntou pelo Detective Lowe e quando ele pegou no telefone, respirou fundo e disse-lhe tudo o que tínhamos descoberto em nossa viagem. Fiquei parada ouvindo e apertando sua mão. Detetive Lowe deveria estar atordoado porque não houve muitas pausas na conclusão de Calder, então ele estava apenas ouvindo. Ouvi Calder dizer ao detetive que estaríamos em casa por volta das três. Uma pequena e inocente mentira. Uma última declaração - eu sabia que estaríamos bem, mas que seria bom ter mais algumas horas para nos prepararmos. Além disso, precisávamos informar Xander antes da polícia. Ele merecia isso.

Nós entramos na garagem da minha mãe ao meio-dia.

O sol estava alto no céu nublado e o ar caiu poucos graus desde que tínhamos partido. Quando saímos do carro, nenhuma câmera veio em nossa

direção, nenhum jornalista veio correndo. Eu respirei profundamente. Uma porta de um carro se abriu e fechou, e nós olhamos para trás para um jovem usando jeans e uma jaqueta de couro marrom que andava lentamente em nossa direção.

— Hey — Ele disse, com um sorriso simpático no rosto. — Desculpe incomodar vocês — Ele passou a mão pelos cabelos e olhou para baixo como se estivesse um pouco envergonhado. — Eu sei que vocês são importunados o tempo todo. Isso deve ser péssimo.

Calder riu e me puxou para o seu lado, envolvendo seu braço sobre meu ombro.

— Eu só, uh — Ele estendeu a mão. — Meu nome é Ryan Scott e...

— Papai? — Uma garotinha chamou, saindo do banco de trás do carro e caminhando em nossa direção.

— Kelsey, querida — Ryan falou. — Eu estarei aí em apenas um segundo. Volte para o carro, ok? — Então, virou-se para nós. — Desculpe, eu estava levando a minha menina ao parque quando vi você estacionar. A minha emissora de notícias me fez ficar acampado aqui durante semanas — Cor subiu em seu pescoço. — Eu vi você e parecia como destino ou algo assim.

A pequena menina, não tendo escutado seu pai, se juntou a ele e olhou para nós timidamente. Seu cabelo loiro estava em tranças, ela usava uma jaqueta rosa, e estava segurando uma pipa nas mãos. Ela claramente tinha Síndrome de Down. Ela piscou para Calder, adoração instantânea em sua expressão. Quando eu olhei para seu rosto doce, aquilo trouxe lágrimas aos meus olhos. Ela parecia tanto com Maya, e seu sorriso de confiança deve ter derretido o coração de Calder, também. Ele gentilmente se abaixou ao nível dela e a olhou diretamente nos olhos.

— Ei você aí — Disse Calder estendendo a mão para ela. — Eu sou Calder. Essa é Eden — A menina olhou para mim, seu olhar inocente e direto, e depois de volta para Calder. Ela pegou sua mão e apertou-a e vi como os olhos de Calder se arregalaram.

Ela ergueu a pipa com a outra mão. — Você gosta de empinar, não é? — Perguntou ela.

— Sim — Ele disse com sua voz rouca e cheia de uma nota de admiração. Ele limpou a garganta. — Eu gosto — Ela sorriu para ele, como se soubesse qual seria sua resposta.

Ryan sorriu para sua filha e disse: — Portanto, não vamos incomodá-lo, e eu não estava perseguindo você, juro. Quero dizer, eu estive perseguindo você por um tempo — Ele deu um sorriso envergonhado, mais cor aparecendo em seu

rosto. — Mas eu não estava hoje — Ele balançou a cabeça e eu não pude deixar de sorrir. — De qualquer forma, eu tive que parar e perguntar se você estaria interessado em dar uma entrevista.

Calder se levantou e eu olhei para ele, algo não dito movendo-se entre nós. Calder olhou para Ryan. — Sim, eu acho que estaríamos bem com isso. Eu não sei o quanto nós seremos capazes de falar. Algumas coisas ainda estão sendo investigadas.

Os olhos de Ryan se arregalaram. — Certo. Sim, claro. As pessoas realmente só querem ouvir a sua história, sabe? — Ele fez uma pausa, franzindo a sobrancelha. — Embora eu tenha que ser honesto com você. Nós somos um canal pequeno. Você obterá melhores ofertas dos grandes. Eu não me sentiria bem se eu não mencionasse isso. Eu sei que vocês são um jovem casal, apenas começando — Ele passou a mão sobre a cabeça de sua filha. — Minha esposa e eu estamos no mesmo barco. E eu entendo perfeitamente se você precisasse de um negócio maior, nós...

— Nós gostaríamos de fazer isso com você — Disse Calder. — Você está certo. Alguma coisa nisso se parece como o destino — Ele sorriu de volta para baixo, para Kelsey e depois para mim.

— Sim — Eu disse. — Eu não poderia concordar mais com isso.



Algumas semanas mais tarde, Calder e eu ligamos para minha mãe da sua sala de estar para lhe dizer que tínhamos alugado uma pequena casa apenas dez minutos dela. Ela parecia cabisbaixa, e sinceramente, eu estava um pouco triste também, porque o ambiente em sua casa tinha estado cem vezes melhor desde que tínhamos voltado de Indiana. E eu finalmente senti como se o nosso relacionamento estivesse seguindo em frente. Molly tinha me contado sobre sua conversa com minha mãe sobre acolher Calder e Xander, e parecia que ela tinha realmente levado isso a sério. Mas já era hora. E em breve, precisaríamos de pelo menos um pouco de espaço extra.

Calder levantou-se para pegar algo que estava trabalhando no quarto de hóspedes utilizando os materiais que tínhamos comprado quando chegamos em casa.

Quando ele voltou, ele entregou a minha mãe duas pinturas embrulhadas e me olhou nervosamente antes de se sentar.

— O que é isso? — Minha mãe perguntou, sorrindo enquanto abria a que estava em cima.

Nenhum de nós respondeu, apenas observamos enquanto ela rasgou o papel pardo e levou a mão à boca, olhando para uma pintura minha quando eu tinha quatorze anos, um pequeno sorriso secreto no meu rosto e uma glória da manhã na minha mão. Ela olhou-a, com lágrimas correndo pelo rosto. Quando ela levantou os olhos para Calder, abriu a boca para falar, mas nada saiu. — Obrigada — Ela murmurou, levantando-se e indo em direção de onde ele estava sentado. Ele levantou-se, também, e abraçou-a enquanto ela chorava. Limpei as lágrimas dos meus olhos também e ri quando ela se afastou, rindo e abanando o rosto como se isso fosse parar as lágrimas.

— Abra o outro — Eu disse, balançando a cabeça para ela e mordendo meu lábio.

— Mais uma? Eu não sei se posso lidar com mais uma — Ela riu baixinho e olhou para aquela pintura minha novamente com um pequeno sorriso alegre no rosto. Mas ela rasgou o papel pardo da segunda pintura e sentou-se desviando o olhar para ela com a confusão em sua expressão. Era ela, segurando um bebê enrolado em um cobertor branco, seu cabelo escuro espreitando para fora.

— Aquela primeira foi o passado... Essa é o futuro — Disse Calder com a sua voz rouca e uma nota de nervosismo nela.

Minha mãe levantou a cabeça com os olhos arregalados, indo e voltando entre nós dois. — Eu... Você está... — Ela guinchou, olhando para mim. — Eu vou ser avó? Você vai ter um bebê? — Ela perguntou, mais lágrimas correndo por suas bochechas.

Eu balancei a cabeça e Calder olhou para mim, sem dizer nada. — Nós esperamos que você nos ajude, mãe — Eu sussurrei. — Nós vamos precisar de muita ajuda.

O rosto da minha mãe franziu e ela chorou em silêncio por um momento, mas havia um sorriso em seu rosto sob as lágrimas.

Ela se levantou e correu para mim, curvando-se e pegando-me em seus braços. — Um bebê — Ela continuou dizendo. — Você vai ter um bebê! — Ela agarrou a camisa de Calder e puxou-o em nossa direção e colocou os braços ao redor de nós dois. — Obrigada — Ela sussurrou para Calder. — Obrigada por todos os presentes que você me deu hoje — Todos nós nos abraçamos, rimos e choramos, o meu coração explodindo de alívio e felicidade.

Um mês depois, estávamos sentados de mãos dadas em um pequeno estúdio onde contamos ao mundo a nossa história. Nós não fornecemos todos os detalhes. Aqueles eram nossos e somente nossos. Mas nós falamos sobre crescer

em Acadia e viver com Hector. Nós falamos sobre a religião na qual tínhamos acreditado e porque tínhamos começado a duvidar. Nós falamos sobre a natureza proibida da nossa história de amor e o que tínhamos arriscado para ficarmos juntos.

Também falamos sobre o dia da inundação e o que foi mais difícil. Mas estávamos juntos, o que deixou isso suportável. E havia cura no fato de que não havia mais segredos, mais nada a esconder.

Dissemos ao mundo sobre como tínhamos vivido sem o outro por três longos anos cheios de tristezas. E como milagres acontecem às vezes, até mesmo para aqueles que se sentem menos merecedores.

Deixamos claro que era a única entrevista que estávamos interessados em fazer e, então, a imprensa nos deixou em paz depois daquele dia.

Agora que a polícia e a imprensa tinham um nome verdadeiro, investigaram o passado de Hector e seus possíveis motivos, o seu estado mental, e sua história. Os artigos e livros foram escritos sobre ele, e ele foi adicionado à lista de líderes de cultos que tinham convencido grandes grupos de pessoas inteligentes a acreditarem em suas mentiras. Todos os tipos de especulações se seguiram sobre como Hector previu o desastre que aconteceu naquele dia, e seu papel na tragédia. Fiquei fascinada, também, e passei mais tempo do que Calder teria gostado lendo e estudando casos. No entanto, ele aceitava. Conhecimento me fazia sentir poderosa e iluminada, sempre o fez. Ele tinha me dado esse presente, então eu sabia que nunca levaria para longe.

Algumas coisas nunca teriam respostas, algumas coisas de Hector - se é que ele sabia - levou para sua sepultura.

Inacreditavelmente, pequenos novos grupos apelidados de “hectorites” surgiram em todo o país, pessoas que tentaram imitar a religião e a sociedade que Hector havia criado. Eu estava perplexa com aquilo. A humanidade me surpreendia algumas vezes. A única coisa positiva, Xander brincava, era que ficou claro o novo influxo no site ex-membro do culto socializam ponto com.

Uma coisa maravilhosa resultou da nossa entrevista muito pública e que foi uma jovem mulher que ligou para emissora enquanto estávamos gravando. Deram-nos o seu nome e número depois - Kristi Paulson (ex-Smith), que vivia na Flórida com o marido e a filha de um ano de idade.

Calder, Xander e eu ligamos para ela no Skype mais tarde naquele dia e todos nós choramos e rimos. Levantei-me e me virei de lado, alisando meu vestido sobre minha barriga crescendo. Ela gritou e colocou as mãos sobre a boca e eu ri. Ela nos convidou para ir para a Flórida visitá-la para um

“babymoon[9]” e dissemos que tentaríamos ao máximo. Havia anjos na Terra. E para nós, ela tinha sido uma.

A vida tinha se tornado bastante ocupada desde que tínhamos voltado de Indiana. Nós nos mudamos para a casa que tínhamos alugado, um bangalô charmoso com uma varanda que tinha um balanço almofadado e um grande e luminoso quarto no segundo andar onde Calder tinha transformado em seu estúdio.

Nós compramos uma cama king-size e gastamos muito dinheiro em roupas de cama e oficialmente a batizamos A Cama de Cura, Versão 2.0. Passamos preguiçosos domingos descansando lá até o meio-dia e longas noites aconchegando-nos no calor seguro e com profunda intimidade, sussurrando nossos segredos, e falando sobre os nossos medos e preocupações, as nossas esperanças e sonhos, e, às vezes, as coisas que ainda nos assombravam. Era o lugar onde poderíamos cavar fundo na escuridão da nossa própria dor e nos enrolar no amor que sempre esperava amenizar a dor, e aonde as palavras mais profundamente calmantes sempre vinham do outro: “Eu estou aqui. Você não está sozinho” e sim, havia cura.

Calder me comprou livros de romance e os empilhamos na minha mesa de cabeceira. Eu ria e eventualmente, lia cada um deles. Ele disse que era um dos melhores investimentos que já tinha feito. E finalmente descobrimos o que aconteceu com Hendrix e Polly - e foi tão gratificante quanto nós dois imaginávamos que seria.

Navegamos pelas lojas atrás de coisas que pareciam especiais o suficiente para encher a nossa casa, eu aprendi a cozinhar e assar e Calder começou a pintar novamente.

Em um mágico dia com muita neve de março, dois meses após Calder conseguir o seu cartão de seguro social com o nome, Calder Raynes, nos deslocamos para o tribunal e prometemos o para sempre um ao outro. Parecia uma mera formalidade. Parecia um milagre. *Parecia o destino*.

Mais tarde naquela noite, quando nos aconchegamos na cama, Calder disse sonolento: — Eu acho que me tornei Calder duas vezes na minha vida — Eu me virei para ele e estudei os vales e ângulos de seu rosto no luar atravessando nossa janela. — Uma vez, quando eu tinha três anos — Disse ele. — E agora novamente com vinte e três.

Eu pensei sobre isso por um minuto. — Sim, e você fez isso muito bem nas duas vezes — Eu disse.

---

[9] Babymoon: período de férias, antes que o bebê nasça.

Seus olhos profundos me fitaram na luz fraca, parecendo falar mais do que mil palavras. Ele me puxou para perto e me segurou com força em seus braços.

Quando a primavera chegou, minha mãe me ajudou a plantar varias flores nos vasos na pequena plataforma na parte de trás da nossa casa e ela jorrou sobre revistas de bebê comigo, ajudando-me a montar o quarto do bebê em um tom neutro de amarelo cremoso e branco fresco. Eu me sentava ali a noite na cadeira de balanço estofada e sonhava com os profundos olhos castanhos e sorriso gentil do nosso bebê.

Assim como eu sabia que ela faria, minha mãe aprendeu a amar Calder com todo seu coração, uma vez que ela se permitiu vê-lo por quem ele era e não mais vê-lo como um concorrente. E ele a amava de volta, total e completamente. Meu coração se encheu completamente com o conhecimento de que nós dois tínhamos a mãe que tanto precisávamos. Todo domingo à noite, ela organizava um jantar em sua casa, onde se reuniam Calder e eu, Xander e Nikki, Molly e Bentley. Sua casa se enchia de riso, amor e mais crianças do que ela jamais esperava. Ela se tornou viva. Molly me disse que nunca tinha visto Carolyn parecendo tão contente e despreocupada. Isso deixou o meu coração muito, muito feliz.

Quando o tempo se tornou quente e todas as rosas floresceram, minha mãe e Marissa, juntas, me fizeram um chá de bebê que era ridiculamente extravagante e obscenamente exagerado. Mas eu amei cada minuto disso.

Calder tinha duas exibições em galerias naquele verão, a primeiro apresentando telas maravilhosas de aves e tempestades e vitrais de igrejas - todos os tipos de coisas que ele nunca tinha pintado antes. O segundo foi o meu favorito, uma série de pessoas que tinham vivido em Acadia: Olhos sem idade da mãe Willa, Myles sentado no colo de sua mãe no Templo, chupando o polegar, o sorriso puro e alegre de Maya. Era uma bela recordação. Calder não estava no ponto ainda onde poderia pintar seus pais ou Hector. Talvez ele nunca estivesse. E de qualquer forma, isso estava bem. Ambas as apresentações se esgotaram em uma hora.

Nós ostentamos e compramos um piano de cauda para a nossa sala da frente e eu dava aulas ali às segundas e quartas-feiras.

Nós dois conversamos sobre a obtenção de nossos GED[10] e voltarmos para a escola. Nós tínhamos estudado juntos uma vez, fazer isso novamente parecia bom. Mas isso teria que esperar até depois que o bebê chegasse.

---

[10] O GED é um certificado educacional premiado nos Estados Unidos e Canadá, que atesta que o beneficiário tenha cumprido os requisitos mínimos necessários para terminar o ensino médio

Meu marido plantou um arbusto pequeno de glória da manhã na borda do nosso jardim e quando floresceu, ele deixava flores para mim em lugares que eu não esperava. Eu sempre tinha uma na água em minha janela e isso me trazia alegria.

E eu deslizava balas de caramelo nos bolsos e debaixo do seu travesseiro.

Em um dia agradável no início de julho, a minha bolsa estourou quando Calder e eu passeávamos à noite pelo nosso bairro. Ele me levou para o hospital e eu dei à luz ao nosso filho cinco horas mais tarde. Nós demos o nome de John Grant. Grant por Felix que salvou a minha vida uma vez, e John, que significa que Deus era misericordioso. E então o nosso belo menino piscou para nós com a fragrância do paraíso ainda em sua pele recém-nascida, acreditávamos nisso com todo o nosso coração.

Quando eu acordei tarde, naquela noite, sonolenta, vi Calder no canto de pé e embalando nosso filho naquele balanço de bebê universal. — Hey, Jack — Calder sussurrou, usando o apelido que tínhamos concordado que o chamaríamos. — Eu sou seu pai. Eu vou fazer o meu melhor para ser realmente bom — Ele cantarolou alguma música sem nome por um minuto até que Jack ficou quieto novamente. — Eu tenho certeza que vou estragar de vez em quando. Eu provavelmente vou dar-lhe muitos doces porque gosto deles também, e provavelmente vou fazer você revirar os olhos, porque vou beijar muito a sua mãe na sua frente — Jack soltou um pequeno grito insatisfeito e eu quase ri, mas não queria perturbar o momento, então mordi meu lábio em vez disso. — Eu sei — Calder sussurrou. — Será muito rude — Ele balançou em silêncio por alguns minutos. — Eu não serei sempre capaz de protegê-lo do mundo. Mas vou fazer o meu melhor. E quando eu não puder, o que posso prometer-lhe, amigo, é que eu sempre estarei lá para ajudá-lo nisso. E nunca, nunca serei aquele que irá magoá-lo. Ok? E eu vou sempre, sempre alimentar seus sonhos. O resto... Bem, vamos descobrir, tudo bem? — Jack estava tranquilo, embalado em sonhos cheios de leite, carinho e amor, aninhado na segurança dos braços do pai.

# EPÍLOGO

**Calder**

Meus olhos focaram no lugar onde as montanhas colidiam com o céu quando reduzimos na estrada de terra, poeira enchendo o ar do lado de fora das janelas da nossa minivan alugada.

— É isso, pai? — Jack perguntou do banco traseiro. Eu olhei para ele pelo retrovisor quando ele se inclinou para a frente com seus olhos azuis escuros examinando a paisagem do deserto.

Eu movi meus olhos de volta para a janela onde as cabanas dos trabalhadores estavam aparecendo em torno da curva da estrada. — Sim — Eu disse. — É isso. Isso é Acadia — Meu coração batia forte contra minhas costelas.

Agarrei a mão de Eden no assento ao meu lado e ela me olhou nos olhos e deu um pequeno sorriso encorajador. No banco de trás, a nossa filha Maya de dois anos de idade, soltou um pequeno gemido quando despertou. Ela dormiu a maior parte do caminho do aeroporto.

Tínhamos descoberto há um mês que a terra na qual Acadia foi construída estava sendo vendida para uma construtora que estava planejando fazer um SPA de luxo. A água de cura das duas nascentes estava sendo drenada. Era a nossa última chance de ver Acadia antes que a construção a demolisse. Fazia 10 anos desde que estivemos lá, mas nós dois concordamos que visitá-la uma última vez nos traria a última peça do encerramento.

Cinco minutos depois, estávamos virando para a frente do que foi o Templo. Eden e eu ficamos lá por um minuto, respirando, observando o agora velho e abandonado prédio em frente, imaginando uma pequena, menina bonita andando através das portas e em meu coração. Haveria espíritos em todos os lugares aqui. Eu suguei uma respiração limpa e puxei a maçaneta da porta.

— Papai Mamãe! — Jack disse animadamente, saltando para cima e para baixo em seu assento, ansioso para sair e explorar. Para ele, esta era uma aventura.

Todos nós saímos da van, Eden pegou Maya em seus braços quando o polegar de Maya foi para sua boca e ela deitou a cabeça no ombro de sua mãe, ainda calma do sono. Inclinei-me e beijei sua face suave, ainda pueril e inalei o seu doce perfume. — Como está a minha menina? — Perguntei. — Dormiu bem?

Ela assentiu com a cabeça e sorriu sonolenta ao redor de seu polegar.

— Pai, olha isso! — Jack exclamou. Olhei para trás para vê-lo se agachando, um lagarto verde olhando para ele de uma rocha. Ele estendeu a mão para tocá-lo e ele saiu correndo. Jack se levantou, parecendo desapontado. Eu ri.

— Você tem que ser bem rápido para capturar um lagarto — Eu disse. — Peça a sua mãe algumas dicas. Ela costumava agarrar cobras quando morava aqui — Eu pisquei para Eden.

Os olhos de Jack se arregalaram quando ele olhou para ela. — Você fazia isso? — Ele perguntou, incrédulo.

Eden riu — É verdade — Disse ela. — Eu fazia.

Eden colocou Maya no chão e todos nós passeamos juntos, Maya cambaleando em um ziguezague enquanto seguíamos atrás dela e Jack verificando as coisas que eram interessantes para um menino de seis anos de idade.

Peguei a mão da minha esposa e apertei. — Como você está se sentindo? — Eu perguntei, tomando uma grande lufada de ar do deserto seco.

Eden inclinou a cabeça, considerando a minha pergunta. — Triste, e com um pouco de medo — Ela olhou para os nossos filhos e, em seguida, de volta para mim. — Mas grata. Muito grata.

Eu balancei a cabeça. Isso resumia para mim, também.

Nós caminhamos para o Templo. Ele estava degradado, com vidro no chão e um monte de folhas e detritos espalhados pelo corredor central, mas fora isso, ainda parecia o mesmo. Eden pegou Maya, então, ela não andaria sobre o vidro.

— O que aconteceu aqui? — Jack perguntou, olhando ao redor.

Agachei-me na frente dele e olhei-o bem nos olhos. — Aqui — Eu disse. — Um homem disse um monte de mentiras para as pessoas que estavam muito vulneráveis, pessoas que procuravam fazer parte, pessoas que estavam *desesperadas* para fazer parte.

Ele pareceu pensar sobre isso. — Por que eles já não pertenciam a algum lugar?

— Bem, porque a vida tinha sido muito injusta com eles. A vida tinha tirado tudo o que tinham, e o homem, ele prometeu devolver tudo, e ainda mais. E para aquelas pessoas, suas mentiras soavam como a verdade.

Ele franziu a testa para mim, muito concentrado, parecendo considerar a sua próxima pergunta. Eu sorri - o olhar em seu rosto era idêntico ao de Eden. — Pai? Se a vida for injusta comigo, como vou saber se alguém está mentindo?

Eu sorri e bati em seu peito. — Escute o seu coração, Jack. E escute a voz que vem para você quando fechar seus olhos. Você vai saber isso, porque vai ser algo entre uma sensação e um sussurro. E essa voz? Jack, se o seu coração for bom como o de vocês são, essa voz nunca, jamais mentirá — Olhei para Eden, que estava nos ouvindo enquanto balançava Maya em seus braços. Seu sorriso era de certa forma feliz e triste ao mesmo tempo.

Jack olhou para a mãe e depois de volta para mim. — A voz, pai, será que sempre me dirá a coisa mais fácil de fazer? — Ele perguntou.

Eu sorri. — Não. Mas sempre te dirá a coisa *certa* a fazer.

Ele acenou com a cabeça, mordendo o lábio.

— Você sabe o que mais aconteceu neste edifício? — Eden perguntou, se aproximando de nós.

Jack balançou a cabeça.

— Eu vi pela primeira vez o seu pai neste lugar — Disse ela, e sua voz soava como quando ela dizia as orações com os nossos filhos à noite. O medalhão em seu peito brilhava à luz que entrava pela porta aberta - a joia que a tinha levado para Felix, e sua mãe, e, finalmente, de volta para mim. Dentro havia uma foto dos nossos filhos.

Nós andamos de volta para a luz do sol brilhante e todos nós protegemos nossos olhos. — Onde você morava, pai? — Jack perguntou.

— Venha, eu vou te mostrar.

Andamos um pouco e chegamos à primeira cabana dos trabalhadores. De alguma forma, elas eram ainda menores do que eu me lembrava. — Você morou em todas essas? — Jack perguntou.

Eu ri. — Não, apenas em uma. Desta forma — Jack franziu o cenho.

— Como alguém pode morar em apenas uma delas? Elas não são nem mesmo tão grandes quanto o meu quarto.

Chegamos à porta da minha cabana e fiz uma pausa, respirando fundo. A dor agarrou meu peito enquanto eu empurrei a porta aberta. Jack correu para dentro e através dos dois quartos pequenos. — Você morou *aqui*? — Ele perguntou.

— Sim — Eu disse baixinho, com a voz rouca. Limpei a garganta. Eden e Maya entraram e Eden colocou os braços em volta de mim por trás e me abraçou com força enquanto as crianças exploravam. Embora não houvesse muito para olhar.

Peguei as mãos de Eden nas minhas à frente e as apertei. E enquanto eu olhava ao redor da cabana onde passei a maior parte da minha vida, o que chegou rápido e feroz em meu interior foi que eu perdoei. A dor duraria para sempre, mas não a amargura. Eles haviam feito suas escolhas e eu estava fazendo a minha. Deixei escapar um suspiro, e naquele sopro... Isso tinha ido embora.

— Eu te amo — Eden murmurou, apoiando seu rosto em minhas costas.

— Eu também te amo, Glória da Manhã.

Jack veio andando de volta até nós do outro quarto. — Estou contente que a vida ficou melhor para você — Disse ele, me dando um olhar simpático. Deixei escapar um riso surpreso e passei a mão sobre seu cabelo escuro.

— Sim, eu também, amigo.

Nós saímos da cabana. Era a última vez que eu o faria.

— Onde foi que o tio Xander morou? — Jack perguntou.

Eu olhei para trás e apontei para outra cabana um pouco distante. — Lá — Xander tinha construído uma casa na árvore para Jack em nosso quintal no ano passado que era do mesmo tamanho da cabana em que ele cresceu. Era difícil de acreditar. E agora ele era dono de uma empresa que construía grandes casas em toda Cincinnati. Meu amigo, meu irmão. Eu estava ridiculamente orgulhoso dele.

Todos nós andamos em torno da pequena cabana em direção à trilha. — Uma *fuor* mamãe — Disse Maya, apontando seu dedo mindinho ao lado da minha velha cabana. Todos nós viramos a cabeça e ali, crescendo ao lado da madeira estavam as glórias da manhã, fazendo seu caminho para o topo. Maya as havia reconhecido como as mesmas que Eden sempre mantinha na água na nossa janela da cozinha.

— Legal — Disse Jack, pegando uma e entregando-a para Eden. Ela virou-se para mim com os olhos arregalados e cheios de fascinação e eu olhei para trás por cima do ombro em direção aos campos cobertos de vegetação atrás de nós.

Quando eu pisquei, vi aquelas profundas flores azuis por todo o mato, levando direito à borda do campo. As sementes devem ter soprado sobre as cabanas e agora elas estavam crescendo do lado de fora. Puxei uma respiração chocada. — Isso alastrou — Eu disse muito calmamente, puxando Eden para o

meu lado, imaginando a pequena planta que eu tinha alimentado há muito tempo, cuidando dela para que eu pudesse fazer uma princesa sorrir com esses presentes.

*Tão bonita quanto uma flor... Tão forte como uma erva daninha.*

Viramos para ver a nossa menina cambaleando para longe, seguindo uma trilha de glórias da manhã até a borda do campo em direção ao pavilhão principal.

Jack correu para alcançar Maya e tomou-lhe a mão para que ela não caísse. Enquanto nós andamos atrás deles, Jack se abaixou para pegar glórias da manhã aqui e ali até que ele segurava um buquê delas na mão.

Nossos pés desaceleraram quando caminhamos passando a área que tinha sido uma vez o porão. Estava cheia agora, apenas uma grande área de terra nova, compactada. Mas as glórias da manhã cresceram lá, também. Eden respirou trêmula e apertou minha mão. Enquanto as crianças esperavam por nós, jogando pedras em uma pequena poça, ficamos abraçados, deixando a tristeza passar por nós. Este lugar era solo sagrado.

Uma chuva muito leve começou a cair, quase como lágrimas, arrastando lentamente por nossas bochechas e nutrindo as glórias da manhã polvilhadas em todo o terreno.

Depois de um minuto, estávamos prontos para seguir em frente. Peguei a mão da minha esposa enquanto o céu clareava.

Todos nós caminhamos para o bosque de árvores que estava em frente à entrada para o caminho que levava à nossa nascente. Eden e eu tínhamos conversado se faríamos a descida íngreme com as crianças ou não, especialmente porque Maya era muito jovem, mas logo em seguida, sem falar sobre isso, ambos pareciam concordar que precisávamos disso. Nós caminhamos para baixo lentamente, eu pegando Maya em pontos que eram mais íngremes. Em minha mente eu era um garoto de dezessete anos de idade, correndo pelo caminho, a emoção e a expectativa de ver uma menina bonita iluminando o meu coração.

Quando finalmente chegamos à primeira nascente, Jack soltou um animado grito e Maya riu.

— Se você acha que essa é bonita — Eu disse a Jack. — Apenas espere até ver a outra.

— Outra? — Ele perguntou animadamente.

Eu sorri para ele e Eden apontou para a abertura nas rochas. Toda a área havia sido movida de lado, a primeira indicação de que outros estiveram aqui.

Nós caminhamos através da área aberta entre as nascentes e quando mergulhamos através das rochas novamente, Eden liderou e eu fiquei na parte traseira, estávamos todos de pé e simplesmente olhando para a beleza que nos rodeava: as imponentes rochas, a água azul cristalina com a cachoeira escorrendo e o florescimento das plantas. Era o paraíso. Era o lugar onde nosso amor floresceu pela primeira vez. Emoção tomou conta de mim. Eden se virou para mim com lágrimas nos olhos e um sorriso no rosto. — É ainda mais bonita do que eu me lembrava — Ela sussurrou.

— É — Eu engasguei, puxando-a para mim e beijando o topo da sua cabeça e inalando seu doce perfume, flores de maçã e primavera.

— Mamãe *natente* — Disse Maya com entusiasmo. Eu olhei para ela e ri com a percepção de que ela a reconheceu das pinturas que tínhamos pendurado em nossa casa - aquela que nos lembrava de onde tínhamos nos apaixonado.

— Isso é certo, baby — Eu disse a Maya, sorrindo para ela.

Procuramos as coisas que tínhamos deixado lá, mas não havia nenhum vestígio de qualquer coisa. As crianças brincavam e espirravam na borda da nascente enquanto Eden e eu simplesmente desfrutávamos, observando a sua alegria inocente. Sentamos contra a mesma pedra que eu tinha encostado há tanto tempo quando eu a tinha esboçado. Meu braço estava ao redor de Eden, com a cabeça no meu ombro. Nós olhamos para cima para ver uma águia circulando acima de nós, o céu de um azul suave, tranquilo.

Aqui, eu tinha perdidamente me apaixonado por uma garota e ela ofereceu para mim o seu coração inteiro e belamente sensível. Aqui, nós tínhamos mostrado um ao outro como ser valente, o que era realmente verdadeiro. Aqui, nós tínhamos aprendido a *viver*. Talvez a terra sobre o porão fosse solo sagrado, mas este lugar... Este lugar era sagrado, também. Este era o lugar onde eu tinha encontrado Eden.

Quando estávamos prontos, reunimos os nossos filhos e voltamos através da abertura na rocha. Quando Eden estava abaixando antes de mim, ela olhou para a nascente e, em seguida, até os meus olhos com seu olhar terno e cheio de amor. Minha respiração ficou presa. Ela deu um sorriso que eu tinha visto milhares de vezes nessa nascente, e mil vezes desde então. Eu sorri de volta, percebendo naquele momento a profundidade da mágoa e do amor, dor e perdão que tínhamos experimentado desde a última vez que estivemos aqui. E o meu coração se encheu de gratidão por tudo, até mesmo a dor, porque nos trouxe aqui, a este momento.

Subimos lentamente e pegamos o caminho para o pavilhão principal. Quando chegamos, nós ficamos olhando para o que antes parecia ser o lugar mais grandioso da Terra. Caminhamos ao redor para o outro lado e Eden ofegou suavemente. As glórias das manhãs subiam até a madeira, sobre as janelas e

todo o caminho até o telhado, preenchendo as fissuras, e cobrindo a parte feia. O lado inteiro da casa estava coberto de profunda beleza azul, cada centro amarelo parecendo apenas como uma luz brilhante no meio.

E enquanto eu estava lá com minha família, percebi, no final, que era a beleza que tinha assumido. Era a beleza que contemplamos. E quando nos afastamos de Acadia naquele dia, era a beleza que estava anexada aos corações.

# Agradecimentos

É preciso muitas pessoas para concluir um livro e eu sou tão abençoada por ter a melhor equipe. Especiais, agradecimentos especiais do fundo do meu coração para as minhas editoras de enredo: Angela Smith, que não só discutiu o arranjo da história comigo até o ponto de exaustão, mas desde o vinho até apoio emocional, muitas vezes e de forma incansável, e Larissa Kahle, que passou o pouco tempo livre que tinha para me ajudar a subir até as emoções da minha história e aperfeiçoar o desenvolvimento do caráter. Obrigada a minha editora de desenvolvimento e linha, Marion Archer. Ela é nova no meu processo, mas nunca vou escrever um livro sem ela de novo, nunca mais. Sua experiência e entusiasmo, para não mencionar as pequenas notas que escreveu na margem do meu manuscrito que me fizeram rir e desmaiar, não só me ensinaram coisas, mas deixou a minha história rica e mais profunda. E para Karen Lawson cujos olhos biônicos aperfeiçoaram o meu manuscrito ainda mais.

Eu também tenho a sorte de ter um grupo incrível de leitores beta que forneceram feedbacks sobre a história de Calder e Eden, e torceram ferrenhamente por mim quando eu mais precisava; Cat Bracht, Elena Eckmeyer, Michelle Finkle, Natasha Gentile, Karin Hoffpauir Klein, Nikki Larazo, e Kim Parr. E para minha autora beta, AL Jackson, que leu o primeiro rascunho do meu manuscrito, quando tinha apenas trezentas páginas das minhas divagações e antes que eu verificasse a ortografia. Seu feedback e garantias deu-me a coragem para continuar.

Obrigada também a minha parceira maravilhosa de corrida, Jessica Prince. Muitas destas palavras não teriam sido escritas se não fosse por suas diligentes nove horas de textos que geralmente incluíam uma palavra: Corrida?

Um grande obrigado a minha formatadora incrível, Elle Chardou, por salvar a minha sanidade e meu túnel do carpo.

Amor e gratidão ao meu marido por sua paciência com este processo e por ser compreensivo durante toda noite por três meses, incluído o enredo da conversa. Você fez tudo isso divertido - fez tudo isso possível.